Vaillant Couturier

NO MYSTERIOSO PAIZ de TAMERLÃO

O SOCIALISMO NA ASIA CENTRAL

edições NOSSO LIVRO

EDIÇÕES NO[illegible]RO

PUBLICADOS:

I. Tumeneff

[illegible]istoria do Traba-
[illegible]o (Manual de Eco-
[illegible]mia Politica).

Vaillant-Couturier

No mysterioso paíz
[illegible] Tamerleão (O so-
[illegible]lismo na Asia Cen-
t[illegible]).

A SAíR:

[illegible]. Riazanov

[illegible] doutrina Comu-
[illegible]a sobre o casa-
[illegible]to.

F. Engels

A origem da fami-
lia, da propriedade
privada e do Estado.

Unicos distribuidores
e depositarios:

Editorial Paulista
Rua São Bento, 20
São Paulo

VAILLANT-COUTURIER

No Mysterioso Paiz de Tamerlão

O SOCIALISMO NA ASIA CENTRAL

EDIÇÕES NOSSO LIVRO
SÃO PAULO
1934

FREFACIO

Atravesso a Europa. Uma Europa de crise, ligada a uma America de crise. Uma Europa nervosa, heriçada de phrases guerreiras e de canhões, e, nessa Europa, uma Allemanha atacada de vertigem, uma Allemanha em que a vaga communista sobe, emquanto a social-democracia se exgota em esforços atrozes para salvar o mundo burguez, — um mundo fascista.

Em Berlim, a crise transparece de todos os lados; nos olhares, nas roupas, nas casas, nas fachadas das lojas. Ella passeia, miseravel, na rua, com seus desoccupados, provocante com suas prostitutas, provocadora com seus aproveitadores, armada de seus grupos hostis de NAZZIS *e de jovens communistas sob a guarda dos* SCHUPOS...

Nas casas commerciaes, os preços affixados não são mais os preços em vigor, e si vós os discutis, o dono da casa vos chama para propôr um ultimo abatimento.

Os grandes industriaes allemães acabam de partir para Moscou, onde foram mendigar encommendas. E em Berlim, Moscou está de todos os lados. Impõem-se. No grande escriptorio da INTURIST, *na Friedrichstrasse, nas* WEINSTUBE *onde vos offerecem vinho caucasico, na loja de* KUSTARI, *na Friedrichstrasse, nos armazens repletos de conservas sovieticas, nos mercados de peixe onde vos offerecem peixe defumado do Volga. A grande sombra da U. R. S. S., que cresce sobre o mundo capitalista em crise, já cobre a* SIEGESALLEE.

E' que ás portas da Allemanha doente ha um paiz são, um paiz que desconhece a crise — como o confessam os proprios capitalistas. E' o paiz do Plano Quinquennal.

E' para lá que vou.

E' minha quarta viagem á U. R. S. S.

Fui á U. R. S. S. da revolução, da guerra civil e da fome, em principios de 1921.

Fui á U. R. S. S. da Nep. e da reconstrucção, em 1925.

Fui á U. R. S. S. do decimo anniversario da Revolução de Outubro, em 1927.

Hoje, vou a essa U. R. S. S. do Plano quinquennal, no terceiro anno do Plano, o anno decisivo.

Plano Quinquennal! FÜNFJAHRESPLAN! FIVEYEAR PLAN!

O mundo capitalista ressôa, em todas as linguas, dessas duas palavras.

Negou-se primeiro, depois calumniou-se...

E, de repente, foi-se obrigado a reconhecer a imponencia e a realidade de obra executada.

E a burguezia mundial, terrificada ante a ameaça dessa concorrencia irremovivel que se inicia, entre a economia capitalista e a economia socialista, — essa concorrencia que é o dobre de finados do velho mundo, — agarrou-se desesperadamente ás mentiras do DUMPING, *do trabalho forçado e de outras asneiras em que ninguem mais acredita.*

"FOI AO PREÇO DA MISERIA E DO EXGOTAMENTO DOS TRABALHADORES, OPERARIOS E CAMPONEZES, SOB UM REGIME DE TERROR INAUDITO, QUE A INDUSTRIALISAÇÃO PÔDE SE DESENVOLVER", *acabaram dizendo os socialistas da Segunda Internacional, não podendo negar durante mais tempo o successo do* PLANO QUINQUENNAL, *mas encarniçando-se na preparação da intervenção...*

Teremos occasião de vêr. Ser-me-hia facil julgar no que consiste a "miseria" de hoje, tendo conhecido a vida dos cidadãos sovieticos em 1921, *em* 1925 *e em* 1927.

Não ignoro que o plano de 5 *annos é uma grande revolução economica, e que toda revolução exige sacrificios. Sei, tambem, de que abysmo de ignorancia remontam os* 200 *povos que compõem a immensa União...*

Regulamentar, segundo um plano, todo o conjuncto multiforme e complexo dos elementos componentes de um grande paiz moderno,

regulamentar a exploração camponeza individual — 26 milhões de propriedades de pequena e pequenissima extensão — e fazel-as passar ao estagio da collectivisação, em cinco annos, eis o que não póde ser feito sem tropeços e difficuldades...

E, entretanto, foi o que a U. R. S. S. emprehendeu e está realizando.

E' o que affirmam suas estatisticas.

Durante annos, proclamou-se, nos paizes capitalistas, a derrota da revolução agraria, a degenerescencia do socialismo em democracia burgueza, o renascimento do capitalismo nos campos.

A liquidação dos kulaks como classe — batalha physica e economica, cruel, furiosa, sangrenta — acompanhando a collectivisação, respondeu á calumnia como um trovão.

Durante annos, gritou-se a fallencia da economia socialista na industria, a impossibilidade de desenvolvimento dos quadros sem a iniciativa devida ao interesse individual. O successo das emprezas-gigantes, animadas pela emulação socialista, esmagou com um murro a asserção mentirosa.

Irei, assim que chegue á U. R. S. S., procurar a verdade nas duas grandes fontes de riquezas da immensa União; nas fontes do pão e nas fontes do petroleo.

O extrangeiro grita contra o DUMPING *do trigo? Quer dizer que a collectivisação dá trigo á U. R. S. S.*

Quero vêr em que condições trabalham os camponezes.

E' sabido, na França, que os preços do petroleo e da essencia baixaram, desde que chegou aos mercados o petroleo russo.

Quero vêr de que modo o socialismo explora os poços do Caucaso e como vivem ahi os operarios.

Principalmente, quero ir lá em baixo, tentar desprender os factos das estatisticas, fazer circular o sangue sob as cifras, procurar o novo pittoresco, — o pittoresco do Plano quinquennal —, e, no lugar dos eternos typos de BABA *e do* MUJIK, *fazer viver ante os nossos leitores os heróes da epopéa socialista, o homem e a mulher sovieticos, o* KOMSOMOL (1), *o* OUDARNIK (2), *o revolucionario constructor do mundo novo.*

---

(1) Jovem communista.
(2) Membro duma brigada de choque.

Sem duvida, as difficuldades economicas e culturaes da collectivisação e da industrialisação me reservam algumas decepções e algumas surprezas... Mas o essencial será descobrir si, no fim de contas, pesados os lados bom e máu, o socialismo sahirá vencedor, neste terceiro anno do PLANO QUINQUENNAL, *sobre os campos de trigo e os campos de petroleo.*

Não venho para collocar um marco kilometrico sobre um ponto dado, voltar, e dizer; "Eis em que ponto estamos!"

Não! Sobre a estrada de Lenine, pela qual parto em reconhecimento, quero poder extender a mão para o horizonte e dizer: "Eis para onde vamos!"

P. V. C.

PRIMEIRA PARTE

TERRA DO PÃO, CAMPOS DE TRIGO

1 — Na terra preta, no front socialista

...Chegámos á *Terra Preta* ao mesmo tempo que a primavera.

Quando acordei, na quente fraternidade do duro "wagon", a neve desapparecera dos dois lados da estrada. Em seu lugar, ondulava a perder de vista uma planicie escura, onde longos campos floresciam.

Era o trigo, o trigo de *Tchernoziom* (1); uma Beauce mais ou menos do tamanho da França, e que constitúe uma parte minima da R. S. F. S. R., na immensa União Sovietica.

O trigo: um capinzinho rente, apenas uma relva, maltratado e amarellecido pela longa carga das neves, que o mantiveram bem quente, contra a terra preta, durante todo o inverno.

E que terra! O terreno vegetal o mais rico e o mais leve de nossas culturas floraes, as plantações as mais bem cuidadas de nossos pantanaes — pódem apenas dar uma idéa... E aqui esse terreno se extende sobre milhares e milhares de kilometros quadrados. A lama dos trilhos é terra preta, o cáes da estação é terra preta, e a poeira que entra pela portinhola do trem é terra preta. Ella invade os olhos, estala sob os dentes, atravessa as roupas.

Tudo o que a gente tem em si de camponez — o velho culto

---

(1) A Terra preta.

da melhor terra —, é lembrado pela vista e pelo contacto desse terreno, pela evocação dessa fertilidade, pelo enorme potencial de pão que dorme ahi, nessa terra que, de tão bella, tem-se vontade de abraçar.

Foi ahi, no coração da Terra preta, em Voronéje, que encontrei o secretario da Central dos kolkhozes do Tchernoziom, um organizador emerito e o mais fraternal dos camaradas, Koliesnikov.

Esse camponez do Ural, operario desde os treze annos, hoje membro do V. Ts. I. K., ou seja, do governo da U. R. S. S., tem em seu porte athletico toda a força e a riqueza das pedras da terra em que nasceu. Uma cabeça massiça e sanguinea, labios intelligentes, e, no fundo das orbitas carnudas, uns olhos penetrantes como laminas afiadas... Tem trinta e cinco annos e é sobre seus hombros que repousa, em ultima analyse, a organisação do socialismo em toda a vastidão dum paiz immenso...

O escriptorio de Koliesnikov é um verdadeiro posto de commando. Cartas geographicas de differentes escalas, com os sectores pintados de diversas côres, indicam dia-a-dia os progressos ou as difficuldades do socialismo no front dos cereaes.

Aqui accorrem os estafettas camponezes; aqui estão centralisadas as communicações dos 144.000 leitores da *Aldeia Nova* e dos 102.000 da *Communa;* aqui chegam os pedidos de reforços politicos, os appelos á artilheria camponeza das machinas, aqui formam-se os quadros, registram-se as perdas, inscrevem-se as victorias.

E Koliesnikov, deante de nós, faz desenrolarem-se todas as peripecias duma batalha gigantesca, que se extende de Sedan a Bayonne e de Dunkerque a Menton, batalha pró e contra o socialismo, em que formigam, trabalham, lutam, vivem e morrem 10 milhões de camponezes.

— *Aqui não se passa o mesmo que no Caucaso do Norte,* diz-nos elle. *Lá, a collectivisação já attinge a quasi* 100%... *Aqui estamos em pleno periodo de organisação. Mas veja...*

E elle nos mostra com o dedo, sobre o mappa, os sectores do sul da *Terra preta,* pintados de vermelho, onde a collectivisação já attingiu 95% e se atira ao assalto dos sectores vizinhos, verdes e brancos.

— *Veja, a onda cresce, augmenta, e já conseguimos levar* 49% *das economias camponezas para os* kolkhozes, (*Economias collectivas*), *perto de um milhão de familias...*

"E lembre-se que a Terra preta *é, apesar de sua fertilidade, um dos paizes mais atrazados da R. S. F. S. R., aquelle em que, antes da revolução, vivia um dos mais desgraçados proletariados agricolas, esmagado sob os dois punhos reunidos do pomiechtik* (1) *e do* kulak (2).

"Hoje o pomiechtik *desappareceu, mas o* kulak *persiste, e a collectivisação não tem peiores inimigos que elle e seu alliado — o pope...*

— Como luctam elles?

— *Ora pela propaganda desmoralisadora, óra pela entrada no* kolkhoze, *óra com o fusil ou o incendio.... Então, segundo os casos, os kulaks "deskulakisados", quer dizer, expropriados, são deportados ou julgados e condemnados pelos tribunaes regulares...*

"E' preciso accrescentar que são os proprios membros dos kolkhozes que nos relatam os actos hostis e as sabotagens dos kulaks, *e que nos pedem para agirmos. Sua consciencia de classe augmenta rapidamente.*

Um *kolkhoze* se forma quando, na aldeia, o total ou uma parte dos camponezes resolve se reunir e emprehender o trabalho collectivo... Nunca devem ser convidados a isso administrativamente. O trabalho do Partido é um trabalho de persuação. Ninguem é obrigado a entrar no *kolkhoze.*

O papel principal é representado aqui pelo exemplo.

A assembléa tendo decidido a formação dum *kolkhoze,* os bens dos *kolkhozianos* (3) são ahi agrupados, juntamente com as terras tomadas aos *kulaks,* de maneira a não formarem que um só "conjuncto". Os *kolkhozianos* põem, então, em commum seus instrumentos aratorios e cavallos, afim de começar o trabalho do *kolkhoze.* Repartem-se em equipes, em brigadas, como na industria socialista, revezando-se de modo a garantir as 8 horas de trabalho, em periodo normal.

---

(1) Proprietario territorial.
(2) Camponez rico.
(3) Membros dum kolkhoze.

O centro adiante ao *kolkhoze* as machinas e os cavallos de que necessita, e póde, mesmo, fornecer-lhe um rebanho collectivo ou uma porcada collectiva. Assegura-lhe, além disso, o concurso dos especialistas necessarios e da estação de tractores mais proxima. Transformado em *kolkhoziano*, o camponez individual de hontem conserva sua casa, seu jardim, suas gallinhas, e, querendo, seu porco e sua vacca.

Feita a colheita, o *kolkhoziano* recebe seu "ordenado" segundo o numero de dias que trabalhou. Recebe primeiro, em dinheiro, a parte que lhe cabe sobre a venda dos productos, feita pelo *kolkhoze* ao governo...

Em seguida, recebe, em productos da terra, sua provisão de trigo, de batatas, de sarrasin, de kacha, etc., que vão se juntar aos produtos de seu gallinheiro, de seu pomar, de seu estabulo, e de sua horta. E póde dispôr livremente desses productos, que tem liberdade de vender ou de trocar na cooperativa.

Qual o resultado que se tem obtido?

O resultado tem sido que, do facto do trabalho em commum, do reagrupamento da terra, do melhoramento dos methodos de cultura e da introdução dos processos de tracção mechanica, o camponez pobre que entra para o *kolkhoze* obtem no fim, em dinheiro e em productos, um lucro que não obteria como camponez individual. Mais ainda: o proprio camponez médio ganha mais entrando num *kolkhoze* que continuando a trabalhar fóra do *kolkhoze*.

Esse é o ponto principal, o ponto que serve de exemplo. Um *kolkhoze* bem dirigido accumula reservas de trigo para o proletariado das cidades, contribue para o desenvolvimento da industria pela exportação, augmenta o nivel de vida do camponez, garante, por meio das estações de tractores, seu desenvolvimento cultural e politico ao mesmo tempo que economico, emancipa a mulher pela creação de jardins da infancia e de cozinhas collectivas e despoja o campo, pouco a pouco, de sua velha avareza individualista, para fazel-o entrar completamente nivelado no socialismo. Quando um *kolkhoze* não resiste ou se esvasia, é que está mal administrado.

Aqui, neste ponto de commando de Voronéje, respira-se um heroismo simples, completamente isento de burocracia.

Em redor de Koliesnikov estão reunidos communistas, technicos, agronomos, tractoristas (conductores de tractores) que se preparam para partir, afim de reforçar os quadros dos *kolkhozes*...

Homens e mulheres que embarcam para o front socialista, tranquillos, resolutos, sabendo que em tal sector os *kulaks* mataram o anno passado quinze dos seus, que em outro destriparam uma de suas camaradas, não ignorando nenhuma das difficuldades de seus trabalhos, mas estando certos do triumpho final do socialismo.

E, de facto, escutando-os falar, a uns e a outros, senti que estava assistindo naquelle instante mesmo, á Revolução mais profunda, mais extraordinaria da historia do mundo. A' vista dos resultados já obtidos, as difficuldades inherentes á lucta de classe que continua, são insignificantes.

Transformar um camponez individualista, por meio da persuasão e do interesse, em camponez collectivista, é fazer o mundo dar o maior dos passos para a frente, aquelle a que os opportunistas de todas as collaborações negavam ainda hontem a possibilidade.

E é, entretanto, o trabalho que executam estes homens daqui, ferteis e grandes como a Terra preta, — um trabalho em que o romantismo revolucionario já não mais toma parte, mas que é o maior de todos.

Esta tarde, na festa que nos reune fraternalmente e nos enche dos velhos cantos e das velhas dansas da Russia, emquanto com uma especie de devoção enthusiasta, parto e como o pão socialista, Koliesnikov se inclina para o meu lado e me diz:

— *Em* 1913, *A Terra preta, cultivada individualmente, produziu* 16 *milhões de puds de trigo. Em* 1930 *ella deu* 120 *milhões de puds ao mundo...*

II — O kolkhoze mediocre e a aldeia resuscitada

— Receio que a inundação produzida pela enchente de Don nos impeça visitar a "Aldeia da Morte" — diz o camarada Koliesnikov.

Gostariamos entretanto, de ir até lá, a essa aldeia de Jevotinoie, a cujo respeito Chingariov, um escriptor do partido cadete, escreveu, em 1913, que estava fatalmente destinada a morrer em sua sujeira e incultura.

E isso, tanto mais quanto Koliesnikov nos declarou, falando do *kolkhoze* "Outubro Vermelho", constituido em Jevotinoie:

— Não é um bom *kolkhoze.*

Indo até lá, poderiamos, portanto, vêr de perto as difficuldades que se oppõem ao desenvolvimento duma economia collectiva.

Insistimos. Resolvemos que, caso seja preciso, atravessaremos a pé os campos inundados. Fretamos três Fords e partimos.

Depois da estrada, depois do caminho de terra preta, entre as palhoças, as hastes fantasticas dos girasóes seccos e o trigo que amadurece, surgem as torres da igreja de Jevotinoie, que se erguem sobre o lençól de aguas do Don trasbordando.

O automovel escorrega um instante sobre alguns lagos de lama e torna a subir a encosta. Alto!

A' direita, a quinhentos metros, uma longa fila de arados, atrelados a dois cavallos, lavra a terra preta.

— *Os kolkhozianos,* diz Koliesnikov.

Assim, de improviso, a Aldeia da Morte nos acolhe pelo espectaculo da vida nova... Isso nos choca como um murro.

Da aldeia chega, atropelando-se, toda uma multidão de mulheres, de moças e de crianças, numa cacophonia de gritos, de risos de balalaikas e de suspiros de accordeon...

Dirigimo-nos para os campos dos *kolkhozianos.* Num segundo, nossos automoveis são assaltados pelos camponezes vestidos com suas roupas nacionaes multicôres... Rapazes e moças se maravilham ante os metaes rebrilhantes, o vidro dos pharóes e do para-brisas, o calor do radiador, o brilho das peças nickeladas. Querem vêr o motor e os organs do automovel... Toda a velha cultura se precipita para a nova, apaixonadamente. E então, em honra da machina e dos que vêm nella, emquanto um accordeonista se senta sobre o para-choque e toca, as moças cantam uma *katchucha,* com vozes agudissimas, e dansam apenas mexendo com os pés.

Reparo que os trabalhadores não abandonam o trabalho. Traçam seus sulcos sem interrupção. Sua brigada de 17 arados contorna o grande campo quadrado, levando seus trinta e quatro cavallos, sem ceder á curiosidade. Sómente quando chegam perto de nós é que páram, afinal, no meio dos cantos e das dansas.

— Porque toda essa alegria, hoje?

— Porque é o dia em que começamos as semeaduras da primavera, responde-me uma rapariga. Acabamos de realisar um "meeting", depois do qual os homens da primeira brigada partiram para o trabalho e nós os acompanhámos cantando...

— A emulação dará a victoria ao plano de cinco annos, diz um jovem.

"Meeting", "brigada", "emulação".

...E é um domingo!

Então é esta, a "Aldeia da Morte"?

Os trabalhadores nos cercam. Na primeira fila está Vassili Androvitch Ouskov, que entrou precisamente esta manhã para o *kolkhoze.* Seus camaradas de brigada o exhibem como uma bandeira tomada ao inimigo...

— Porque não entrastes antes no *kolkhoze?*

— Porque era burro. Trabalhava sózinho. Agora, trabalhamos todos juntos e é mais alegre.

— Eu tinha onze sagenes e nenhum cavallo, diz um outro. Comprei um cavallo e só acabei de pagal-o o anno passado. Mas quando vi o que se podia fazer trabalhando em commum, dei meu cavallo ao *kolkhoze.*

Um homem fez isso na "Aldeia da Morte"!

— Eu sahira do *kolkhoze,* mas, como vês, voltei diz um outro. Actualmente somos 137, e os individualistas apenas 16.

— Porque tinhas sahido?

— Porque a organisação era má.

Viro-me para o camarada Pietrine, director do *kolkhoze.*

— E' verdade, diz elle, nem sempre se faz como é preciso.

— E os kulaks?

Os kolkhozianos explodem em risos.

— Eram cinco. Nós os expropriámos. O *kolkhoze* vendeu seus moveis e suas terras são boas.

Os homens voltam para os arados. Com uma perfeita disciplina de trabalho, os *kolkhozianos* do "Outubro Vermelho" retomam seus lugares na fila e os arados se afastam rapidamente, rasgando a terra á fecundação da primavera.

Minusculo e tocante, um busto de Lenine nos acolhe no meio dos

grandes canteiros de gramma que separam as casas fronteiras da Aldeia da Morte...

Esse pequeno busto se levanta ali, inteiramente branco, entre suas paredes de madeira, como o signal palpavei da vontade da vida socialista da Aldeia da Morte, como um verdadeiro pharól. Depois do predio da escola fica a antiga residencia do *pomiechtik* Vinievitchinov, a quem pertencia o Dominio da Morte.

As juventudes communistas da *Terra Preta* quizeram fazer dessa casa a casa da esperança socialista. Crearam ali o primeiro instituto da U. R. S. S. de pesquizas sobre o trabalho das crianças nos campos. Será ali que as crianças do *kolkhoze* "Oltubro Vermelho" tomarão o gosto do trabalho collectivo e serão protegidas contra a exploração familiar. Ali serão formados os futuros quadros das brigadas *kolkhozianas*...

Entramos em casa de Krolov, camponez individual. Uma verdadeira tóca. Vi casas identicas entre os camponezes pobres de nossas montanhas. No "grande canto" — os iconos, a lampada e as toalhas bordadas... Um banco baixo em redor do quarto, até o fogão; sobre o banco, um pote, pão, cobertas, e, num berço de vime, um menino monstruoso, quasi nú, agitado pela dansa de São-Guido.

O homem só tem úa mão. A outra está sendo roida por uma doença.

— O poder sovietico nos trouxe uma nova luz, diz a mulher.

— Eu trabalhava 17 horas por dia para o *pomiechtik* e ganhava cinco rublos por mez, diz a velha. Depois da revolução, pudemos comprar uma vacca e um cavallo.

— Porque não entras para o *kolkhoze?*, pergunto ao homem.

Elle aponta a mulher e o filho:

— Sei, diz que ganharia melhor minha vida si pudesse ter meu ordenado; mas ha a minha mão e o pequeno... Eu não poderia trabalhar como os outros.

— Nosso filho tem cinco annos, e não ha meio de morrer, diz a mulher, com lagrimas nos olhos...

O camponez individual Krolov, em sua tóca miseravel e fétida, me faz vêr a vista antiga da "Aldeia da Morte".

Entro agora na casa dum *kolkhoziano*. Uma casa mais alegre, com as paredes brancas enfeitadas de desenhos vermelhos.

— Quanto recebeste, o anno passado, de ordenado?

— 12 puds de trigo e 300 rublos.

— E teu vizinho Krolov, o camponez individual?

— Si ganhou cem rublos sobre seu trigo, foi tudo Tenho muito mais pão que elle — eu que antes da revolução era obrigado a mendigar. Nosso *kolkhoze* tinha 48 porcos, o anno passado, e este anno terá 300... Amanhã o tractor virá nos ajudar. Vamos fazer todo o possivel para eliminar nossos erros. Conseguil-o-emos e sobrepujaremos os paizes capitalistas...

A "Aldeia da Morte" resuscitou verdadeiramente. Sobre a velha aldeia cresceu o homem novo forjado pelo socialismo...

— Isso ainda não basta, camaradas, grita Koliesnikov, na reunião que termina nossa visita. Vossos cavallos estão sujos. Vossos palheiros não estão em ordem, vossos quintaes estão mal conservados.

— E' verdade... é verdade, diz a multidão. Devemos nos transformar num bom *kolkhoze*... Vamos melhorar...

Preparamo-nos para partir... Os sinos da igreja badalam um domingo inutil. Quando os automoveis se põem em movimento, as mulheres velhas rompem repentinamente em gritarias. Falam de suas vaccas, de suas gallinhas, das camisas, dos sapatos e do assucar.

Toda a propaganda que o pope e o kulak tentam por seu intermedio, sae desse estranho rebanho como um suor mal cheiroso. Dir-se-ia que os sinos se obstinam em tocar o dobre de finados da aldeia, ao mesmo tempo que a encorajar essas mulheres á volta á morte.

Mas os homens levantam os hombros, os jovens acclamam a revolução mundial e as moças riem com todos os dentes, sob seu *platok* de luz...

III — Khokhol, aldeia socialista

Desde a entrada, uma impressão de commodidade e de calôr. Perto do fogão, terna e delicada, uma bezerrinha recem-nascida se esquenta, ao mesmo tempo que esquenta um leitãozinho que se deitou sobre seu corpo.

E, entretanto, o quarto está limpo. O chão foi varrido cuidadosamente. A parede está pintada de vermelho até metade e caiada. Na parede, cartazes de educação agricola alternam com appelos á reali-

sação, em quatro annos, do Plano Quinquennal. Num canto, úa machina de costura. Estou no fundo da provincia de Voronéje, a três horas de teléga, (1) de toda estrada de ferro, no centro da *Terra Preta*, em casa do camponez Kozlov, membro do *kolkhoze "Leninski pout"*, (A Estrada Leninista), uma das 18 explorações collectivas do Khokhol, uma povoação de 11.000 habitantes.

Koslov não é communista, mas é um velho *kolkhoziano*. Encontrei-o ao acaso de minhas conversas na aldeia e pedi-lhe que me levasse á sua casa.

— E's, diz elle, o primeiro francez que vem aqui. Ainda nenhum extrangeiro estivera em nossa aldeia. Mas eu já vi um francez. Era soldado em 1914 e desfilei deante de Poincaré durante a revista, quando elle veiu preparar a guerra com o tsar. Desfilei deante desses dois canalhas.

No quarto estão nosso hospedeiro, seu pae, sua mãe, sua mulher, e sua filha com uma criança vermelha e chorona nos braços.

Estamos sentados.

A mulher foi buscar leite e collocou-o em chicaras, na nossa frente dizendo:

— Bebe, bebe, o leite de nossa vacca é bom.

— Faz dez annos que estou no *kolkhoze*, diz o hospedeiro, mas elle só andou direito quando conseguimos nos desembaraçar dos *kulaks*. Houve um que conseguiu — devido á nossa fraqueza —, tomar a direcção do *kolkhoze*... Com elle a coisa não ia. Provocára de proposito o fechamento da igreja para fazer as mulheres gritarem. De accordo com os outros *kulaks*, não organisava o trabalho e ameaçava as pessoas que não entravam para o *kolkhoze*, mas era tudo para fingir zelo!

"A carta do camarada Stalin chegou, o partido reagiu e expulsámos o *kulak*. Então, todos os *kulaks*, iniciaram a guerra contra nós. Puzeram fogo a algumas casas, atiraram num *komsomol*. Prendemo-los, uma noite. E hoje o mal está reparado. Aqui, quasi todo o mundo é *kolkhoziano* e a gente trabalha alegremente.

(1) Carro de camponez.

— Olhe, camarada, diz a mulher virando-se.

Puxa uma grande coberta e vejo surgir sobre os bancos do fundo uma verdadeira montanha de pão. Bellos pães tostados, com a casca ainda quente, e que se empilham uns sobre os outros, numa profusão absurda de pão. Uma verdadeira cascata de pão. Meus hospedeiros riem de meu espanto.

— Não se sabe disso, nos paizes capitalistas, hein? perguntam.

— Dirás aos camponezes de teu paiz que lhes mentem!

— Prova-o, prova o nosso pão! diz a mulher, que morde um pedaço. Dirás tambem aos operarios da França, que, si têm fome, nós lhes enviaremos nosso pão. Dentro em pouco faremos que dê para todos os trabalhadores do mundo.

— Só começámos a ter pão em abundancia depois que nosso *kolkhoze* adquiriu machinas. Temos mais do que precisamos. Dezoito puds, é a nossa parte, aqui, por cabeça, sem contar o sarrasin, a kacha (1) e as batatas á vontade.

18 puds! 298 kilos de trigo por cabeça, ao que se ajunta tanto ou mais de trigo preto. Quer dizer, mais de 600 kilos de cereaes panificaveis por anno, por homem do *kolkhoze Leninski pout!*

— Come! bebe!, insistem a mulher e a filha junto á criança. Si querem ovos, tambem temos. Fiz um contracto pelo qual devo entregar, por anno, trinta ovos por gallinha aos operarios, em troca de productos que recebo na Cooperativa; mas tenho bastante gallinhas para alimentar a familia e meus convidados. Come! Bebe!

— Antes da Revolução, ereis "batraks" (2), ou camponezes pobres?

O hospedeiro se exalta. Elle tem seu orgulho de *kolkhoziano*.

— Absolutamente! Eramos camponezes médios e possuiamos uma vacca, um cavallo e bastante terra. Mas nunca teriamos conseguido o que temos hoje, não fosse o trabalho collectivo; e o que é que teriamos podido entregar aos operarios?

Queremos conhecer as difficuldades que ainda existem. Falamnos da escassez de certos productos manufacturados, cuja procura se

(1) Farinha.
(2) Operarios agricolas.

tornou formidavel com a elevação do nivel de vida das massas na U. R. S. S., mas fala-se disso sem muita amargura, com a certeza de uma melhora proxima.

Bebemos, comemos, e elles me interrogam sobre a crise, o desemprego na França, a lucta pela defesa da U. R. S. S. Esses camponezes que nunca viram extrangeiros fazem perguntas precisas, denotando uma educação politica que é espantosa, nessa aldeia perdida.

Começa a escurecer. A mulher ascende a luz electrica, e percebemos que a habitação foi se enchendo, pouco a pouco, de vizinhos e de vizinhas que vieram vêr e ouvir um francez.

Emfim, como nos levantemos para sahir, o velho, que estivéra quasi todo o tempo silencioso, no canto do icono esquecido e da lampada ritual extincta, nos extende a mão e diz:

— *Sem a ajuda da classe operaria dos paizes capitalistas, jamais teriamos vencido. Obrigado!*

Quem teria esperado essas palavras desse velho! Assim, o socialismo vive, todo vibrante de consciencia internacionalista, até mesmo por traz desse rosto hirsuto, onde só agora reparo esses dois olhos limpidos como gottas de agua... Aqui, até mesmo a velha geração quasi já está conquistada!

. . . .

— Nossas armas, diz orgulhosamente o camponez Anokine.

Na praça da aldeia, em frente á igreja, trinta e oito tractores roncam, estouram, escarram, no meio da multidão amorosamente atabalhoada: a estação de machins e tractores de Khokhol.

Uma festa furiosa de explosões. Os tractores Deere, côr de folha, trouxeram a machina ao *kolkhoze*. Os arados de varias relhas, as semeadoras, as ceifadoras-enfeichadoras, as batedouras chegaram, e, dentre em breve, chegarão as *combinadas*.

O sonho dos moços e das moças de Jevotinoié, que acariciavam nosso Ford e que dansavam em sua honra, já se realisou aqui.

A machina se installou na aldeia. Os tractoristas chegaram e os jovens da aldeia se transformam em conductores e mechanicos. Aqui está uma rapariga de 20 annos que é chefe de equipe. Ah!, a essa, póde-se bem falar-lhe do pope!

Um rapaz de 18 annos, membro das Juventudes communistas, se dirige para meu lado e me diz:

— Camarada, li teu ultimo livro. Si quizeres, poderemos conversar. Ha certas coisas nelle que me agradam, outras não.

E, na velha aldeia da *Terra Preta*, onde antes da Revolução não chegava nenhum jornal, um jovem tractorista faz a critica politica a mais sã e a mais justa do *Baile dos Cégos*.

Os tractores proseguem em seu tumulto, estourando no meio da multidão dos camponezes e dos tractoristas.

A machina operaria fecunda a aldeia camponeza. Um rolo compressor monumental mistura a cidade e os campos, o mechanico e o lavrador, o aço e a terra, a usina e a isba, o livro e o arado — fabricando esse producto humano ainda unico no mundo, aquelle que não é mais nem o camponez nem o operario, mas o heroico constructor do socialismo. A aldeia caminha, insensivelmente, do *kolkhoze* para a communa e da communa para o *sovkhose*, a grande fabrica de pão.

Infatigavel, a electrificação, alliada do partido, arrasta-o sempre mais para a frente, a caminho da industrialisação da vida e da fórma superior da cultura socialista.

A aldeia se emancipa da cidade, e a cidade, progressivamente desembaraçada do cuidado da aldeia, póde subir a escala da producção industrial.

Aqui está o "combinado" de Khokhol. Já não é mais apenas o tractor ou a batedoura que chegaram aqui, é a usina completa. Surgiu da terra em alguns mezes, pelo milagre do plano dos cinco annos.

Cumprimento Sergio Cherzikov, camponez e director do combinado, um homem das steppes, moreno e magro, ao mesmo tempo electricista, moleiro, feculista, tijoleiro, vaqueiro e criador de porcos.

Úa immensa construcção reune todas as industrias accessorias do *kolkhoze*.

Lá está Sergio Cherzikov na central electrica, explicando o motor Diesel. Eil-o deante da fecularia em construcção, onde serão tratadas as batatas da proxima colheita. Eil-o em frente ao curral, onde 600 vaccas fornecerão, dentro em pouco, o leite para os typographos de Voronéje, patronos da aldeia. Eil-o diante do chiqueiro,

onde 300 porcos de Yorkshire engordarão este verão, á custa dos restos do moínho.

Mas onde é preciso vêr Sergio Cherzikov, é no moínho. Ali, elle volta a ser o camponez amoroso do cheiro do trigo e do sarrasin (1) moídos. E' preciso vel-o apresentar a flôr da farinha no concavo de suas mãos, como uma offerenda, acariciar o grão e enfiar os braços na doçura rica e dourada dos saccos de trigo.

— Lucro de tempo para todos, diz. Antigamente o moleiro roubava ao camponez o trigo e o tempo. Hoje, não se perde mais tempo, e o proprio *kolkhoze* organisa o transporte do trigo até aqui e a volta da farinha. E a confiança do camponez é tamanha, elle adaptou de tal modo á vida collectiva, que em lugar de levar outra vez, ciumentamente o trigo para sua casa, deixa-o agora em deposito, retirando apenas as porções de que necessita.

Assim, cada passo que dou em Khokhol, me revela uma victoria do socialismo sobre o que já foi o individualismo camponez. E por toda a parte, em todas as casas, encontro o tropheu dessa victoria; o pão, o pão que trasborda dessa Terra Preta onde o socialismo transformou os homens.

Organisar o socialismo no campo, era para a Revolução o obstaculo mais perigoso e o obstaculo decisivo. Ella o transpoz.

E agora comprehendo. Eu acclamára a linha do partido communista como theoricamente verdadeira, e estava convencido de seu successo. Mas, o que era minha convicção, ao lado da constatação que faço hoje!

Eis que essa linha vive, para mim, em sua realidade concreta. Enganar-se sobre essa linha, desviar-se uma pollegada em sua realidade, seria fatal.

Não havia mais que um caminho possivel entre os dois precipicios, o esquerdismo brutal e o opportunismo liquidador: dois abysmos de fallencia.

Stalin viu o caminho certo, o partido o indicou resolutamente, e a sexta parte do mundo fez o socialismo seguir por essa estrada: a estrada de Lenine.

---

(1) Trigo preto — (N. do T.)

Ah! Eu bem comprehendo, agora, a angustia do capitalismo em crise! E elle ainda não conhece nada da verdade profunda, humana, do que se passa aqui! E' unicamente aqui que se póde descobril-a. Quaesquer que sejam as difficuldades que persistam, — e são sérias —, vejo, ante os operarios e camponezes collectivisados, o caminho livre.

Tão livre e repleto de possibilidades quanto esta planicie immensa, por onde segue agora nossa caravana de telégas, esta planicie de terra preta e de herva verde, onde, como sobre um peito que respira, se levantam e se abaixam, durante a nossa passagem, os seios redondos, avelludados de trigo, dos tumulos tartaros.

IV — Zernograd, fabrica de trigo

1929. Nada. A steppe.

Mas, por intermedio do Plano, o proletariado falou: "Aqui se levantará uma das 175 fabricas de trigo do *Trust dos Cereaes!*"

E, em dois annos, a uma hora de Rostov, surgiu ali uma cidade, base do *sovkhoze "Verblud"*: Zernograd, a cidade do trigo.

Os trabalhadores chegaram no deserto. A cem metros de profundidade, encontraram agua. Traçaram ruas. Construiram grupos de casas modernas, fabricas, garagens, um elevador, refeitorios, um theatro, um jardim da infancia, escolas, um instituto technico, uma cidade universitaria, laboratorios, um clube, escriptorios, uma caixa-d'agua, uma central electrica, reservatorios de gazolina, um hospital, uma coopeartiva, um correio, — todos os orgãos da cidade. Plantaram arvores, desenharam jardins, quarteirões, parques. Estenderam os fios da electricidade, animando a noite com seus milhares de lampadas, galvanizando as machinas e fazendo, do mundo inteiro, falar no telegrapho, telephone e radio.

Todo um povo empilhou tijolos, amassou o barro, encaixotou o cimento, levantou andaimes, ajustou, talhou e torceu o aço, serrou a madeira, malhou e soldou o chumbo — ao rytmo do enthusiasmo socialista.

E, por cima das difficuldades, dos erros, dos inevitaveis passos em falso, cresceu irresistivelmente a cidade nova.

Não a cidade cogumelo-venenoso, a cidede sobre-valor para titios da America.

Muito menos a Cidade-nova nebulosa dos sonhos oratorios de nossas mocidades jauresistas. Mas a verdadeira cidade, de ferro, de carne e de pedra, do proletariado socialista vencedor.

Os tractores já estavam lá. Emquanto a cidade crescia, elles incançavelmente, acompanhados de suas aldeias de vagões, traçavam, em redor da cidade nova, os circulos immensos de sulcos iguaes a ondas; e, á noite, continuavam seu trabalho sob os feixes de luz dos pharóes, no meio da steppe virgem.

Cem kilometros de norte a sul, cem kilometros de este a oeste. 80 tractores, dos quaes 67 de 60 c.v., e centenas de arados, de ensilhos, de semeadoras; 80 *combinadas*, e enormes ceifadoras-batedoras esperando a colheita, enfileiradas em seus parques como machinas de guerra desconhecidas.

E' o *sovkhoze*, vertice technico da pyramide da collectivisação agraria.

Aqui, a estatistica toca ao lyrismo. 7 milhões e meio de rublos invertidos na empreza. 108.000 hectares a cultivar. Um exercito de 2.000 homens, com seus quadros de agronomos, de engenheiros, e seus 600 estudantes. O alojamento, o aquecimento e a illuminação gratuitas para os trabalhadores. Três refeições por dia por 70 kopeks (1). As oito horas de trabalho e a semana de cinco dias. Úa machina, servida por três equipes, lavra de 100 a 150 hectares cada 24 horas.

O anno passado, 22.000 hectares foram clltivados. 1 milhão e meio de puds, ou sejam, 95.550 quintaes de trigo. Este anno, 65.000 hectares foram semeados e prevê-se uma colheita de 188.550 quintaes, 3 milhões de puds!

Acabam de semear-se 390.000 puds de trigo escolhido.

Partimos de Ford atravez dessa estatistica.

Na nossa frente, as cifras se levantam como arvores.

Aqui está a *unidade numero 3*, a dos *komsomols*, das Juventudes communistas. E' uma villa pequena, mas uma villa moderna, com seus dormitorios, sua cozinha clara e limpa, seu refeitorio enfeitado

---

(1) Um kopeck vale mais ou menos 75 réis — (N. do T.)

com cartazes, seus escriptorios, seu deposito de sementes, seus hangars de machinas, seus banhos, seu clube e sua bibliotheca.

São 8 *unidades* iguaes a esta, ligadas á base do *Verblud*, englobando de 2.500 a 7.000 hectares, por entre as quaes circulamos sob uma ventania de tempestade.

As miragens surgem e desapparecem incessantemente dos dois lados de nosso caminho, lençóes de agua, moveis no horizonte verde e escuro.

Em redor das duas velhas aldeias espantadas, abraçando-se em seus *kolkhozes*, as *unidades* estendem ao infinito seus sulcos parallelos.

E o esforço do homem em jogo, sob o impulso do partido de Lenine, na emulação socialista, é tão ilimitado quanto esta planicie.

Eis a 5.ª *unidade*, a brigada que devia lavrar 2.645 hectares em 14 dias e que os lavrou em 9 dias. Aqui está a equipe dos "tractoristas", que devia lavrar 150 hectares em 21 horas e que lavrou 220 no mesmo espaço de tempo. Eis Lubianov, *komsomol* de 20 annos, que ama seu tractor mais que a tudo no mundo, e que, findas suas 8 horas, vem trabalhar com os companheiros da tarde, para poder limpar, auscultar, acariciar sua machina.

— Ficastes contente, Lubianov, quando fostes citado á ordem de Lenine?

— Joguei meu barrete para o ar, gritando "Hurra!", e voltei á leitura de meu livro de geologia.

Lubianov é o *Udarnik* (1), typo da usina de trigo. E' o homem novo, simples e sem romantismo, que só tem como côr local seu enthusiasmo socialista.

O plano de cinco annos em quatro annos!

Eis a *unidade* leiteira, com seu director cosaco, seus 2.500 hectares, suas 400 vaccas, seus 350 porcos e suas 750 gallinhas.

Aqui está, passados os bréjos que estão sendo seccados, a aldeia de Kameniliborov, uma das 14 em que os trabalhadores de *sovkhoze* estão dando aos *kolkhozianos* a ajuda de suas mãos, de suas machinas e de sua emulação enthusiastica.

---

(1) O membro da brigada de choque.

¡E é assim que o *sovkhoze "Verblud"* investe de todos os lados os *kolkhozes*, que aperta e sustenta com seus longos tentaculos estendidos sobre o mappa. 20 *kolkhozes* recebem seu exemplo, sua ajuda, seu contagio gigantesco.

¡Nesta aldeia ha flôres por detraz de todas as janellas. As crianças, as mulheres, as moças, têm todas ramalhetes nas mãos. Aqui, os velhos costumes locaes foram abandonados. O pittoresco sae perdendo? Tanto melhor! Já não se reconhece mais o mujik, por detraz desse operario de paletót e de calça vincada, sob o gorro citadino. Quanto á *baba* (2), foi submergida pela vaga crescente da *komsomol* e da pioneira, que a trabalham e a levam para a frente.

O *kolkhoze* lavra e semeia. Sobre seus campos, dois tractores traçam sulcos com seus arados de varias relhas.

Um mechanico, as chaves no bolso, recto sobre seu pequeno garanhão cosaco, está prompto a intervir em caso de necessidade. Atraz da ronda dos 60 H.P. do *sovkhoze*, atravez da nuvem da poeira e dos escapamentos, dois pelotões de cavallos *kolkhozianos* puxam 22 ensilhos em sentido inverso. Duas etapas do socialismo nos campos se defrontam e se completam: o trabalho collectivo da cavallaria *kolkhoziana*, ligada, ainda, ás velhas casas da velha aldeia, e o rendimento industrial das machinas monumentaes da cidade nova, a usina de trigo.

Semea-se.

O grão escorrega dos saccos para as semeadoras de discos e desce racionalmente para o seu leito de terra fresca. Atravez desse trigo prenhe de germes atravez o rytmo accelerado do trabalho conjugado dos lavradores do *kolkhoze* e dos operarios do *sovkhoze*, fico pensando, no meio desse calor torrido do verão, — no trabalho alegre da multidão socialista durante a colheita, povoando esses 62.000 hectares, misturando seus cantos, seus risos, seus gritos, ás explosões e roncos das machinas, no meio da poeira e da casca do grão, instantaneamente sacudido e colhido. Imagino as montanhas de trigo se levantando sobre esta immensidão virgem. Perto de Zernograd, como perto do *Gigante*, seu vizinho, as grandes herdades americanas

---

(2) Nome da "avó" no campo.

surgem no mappa das explorações gigantes como parentes pobres da U. R. S. S.

Emquanto voltamos para Zernograd, que levanta no horizonte, no lugar dum sino, as torres novas dum elevador de trigo, fico pensando nos nossos cultivadores, presos aos seus "pés de meia", velhos servos dum capitalismo cruel e estupido, envilecendo-se num individualismo esteril, esperdiçando a terra e dispendendo suas forças em culturas absurdas e parcelladas, emquanto se levanta sobre este deserto, no paiz que já foi o mais atrazado da Europa, uma civilização socialista irresistivel.

V — Selmachstroi, arsenal de pão

— Soffri durante doze annos, mas agora vivo bem e podeis vêr o que construimos!

— Mesmo quando ainda fosse necessario viver mal, nós o acceitariamos, pois sabemos que construimos para os operarios do mundo inteiro.

Assim falavam dois ferreiros, orgulhosos de serem operarios, um velho e outro jovem, num dos restaurantes da usina *Selmachstroi*, em Rostov.

Lá fóra, um furioso vento das steppes levantava em turbilhão poeira, palha, papeis e gralhas espantadas. Na *stolovaia* (1), cada operario acabava de comer o peixe defumado e o pão branco sobre mezas limpas.

"Construir!" Aqui, essa palavra volta a cada instante, e salta da bocca aos ouvidos e dos ouvidos aos olhos. Toda a U. R. S. S. é uma superficie heriçada de andaimes, de madeirames, de armações. No meio das mais asiaticas das peripherias, esguicham de repente, por cima das casas miseraveis de outr'ora, blocos inteiros de construcções modernas, com seus terraços, suas janellas largas, suas linhas simples, suas fachadas sem floreios. Outras vezes, são fabricas resplandescentes de tijolos novos, ou quarteirões inteiros, ou ainda, como aqui, em Rostov, cidades completas.

---

(1) Restaurante.

"Selmachstroi", o grande arsenal dos *kolkhozes* e dos *sovkhozes* do Caucaso do Norte, é um gigante recem-nascido.

Aqui, apenas o gigantesco corresponde ao esforço dos homens. Como a fortaleza do pão, o *Verblud*, seu irmão dos campos, o *Selmachstroi* cresceu na steppe, ás portas de Rostov, sob o rytmo socialista. Isso quer dizer que uma grande cidade operaria nasceu ao mesmo tempo que uma usina immensa, em quatro annos, ali onde não havia coisa alguma.

O que os operarios quizeram, elles o fizeram. E apesar das sabotagens dos velhos technicos e das esmagadoras difficuldades da empreza, chegaram a termo. Mais ainda: terminaram oito mezes antes da data prevista pelo plano. E nós agora andamos, ali onde já existiu a desolação da steppe, sobre calçadas de asphalto e de betume de cincoenta metros de largura, no meio de dois massiços de arvores e de jardins, entre as construcções e as fabricas monumentaes.

Penetrar as minucias do *Selmachstroi?* Seria necessario um mez. Não. Não podemos percorrel-o, podemos apenas respiral-o como a emanação da nova éra e da nova vida collectiva, em que, pela primeira vez na historia do mundo, o trabalho não é mais um castigo.

Foi por meio de livros que *Selmachstroi* nos recebeu. E, na U. R. S. S., é assim por toda a parte. A producção do livro quasi não póde attender á sêde de cultura dos trabalhadores, e a procura é tanta que o papel começa a faltar.

Logo em seguida, depois do acolhimento dos livros, *Selmachstroi* atirou-nos, pela bocca dum subterraneo, no tumulto vivo de aço, de couro e de carne de suas praças, no ar de fogo de seus fornos, na poeira de suas fabricas de moldagem. Por toda a parte, entre as machinas bem isoladas, os homens e as mulheres se apressam, se movimentam, apenas curiosos de nossa passagem por suas brigadas. E' que não ha um minuto a perder! O plano de cinco annos em quatro annos! Baku, para a naphta, realizou-o em dois annos e meio! *Selmachstroi* não póde ficar atraz. E' preciso produzir! *O plano de cinco annos em quatro annos!* E isso, sob a ameaça dos canhões imperialistas de três continentes!

De todas as partes chegam pedidos a *Selmachstroi*, uma das maiores usinas do trust das machinas agricolas. Automiveis, ceifadoras, ancinhos, ensilhos, semeadoras, arados! Charrúas! Arados para os cavallos! Arados para os tractores! A terra, sobre a qual a neve acaba de se derreter, está impaciente por ser aberta. Ha milhares e milhares de kilometros quadrados de steppes a fecundar. Ha milhares e milhares de homens, reunidos pelo trabalho collectivo, que esperam as munições para a batalha do trigo, e que volvem os olhos e extendem as mãos para *Selmachstroi.*

A campanha das semeaduras da primavera teve inicio. Cada operario sabe disso, sente isso, realisa isso. Cada operario, ainda perto da terra, sabe que fabrica pão. E a emulação socialista se atira á producção com um enthusiasmo que nenhuma fadiga — treze annos de esforços! — consegue abater. E que obstinação, e que teimosia! Nenhum ou quasi nenhum operario qualificado. Machinas extrangeiras que ninguem conhece, mas que a massa sabe que fôram adquiridas á custa de privações heroicas. Materias primas mal adaptadas á producção. A usina nasceu, é verdade. Mas é preciso fazer surgir, para movimental-a, dez mil, doze mil, vinte mil trabalhadores, e sem demora... E de onde tiral-os? Da aldeia. Quer dizer que é preciso confiar a machina a camponezes e pastores. São esses os homens que devem ser transformados em operarios especializados. Em quanto tempo? Immediatamente. A terra collectivisada não póde esperar.

E então começa o milagre do trabalho socialista. O homem deve domar-se a si proprio, para conseguir domar a machina que fecundará a terra. E elle vae fazel-o.

Entre a machina e elle tem inicio, então, o mais encarniçado dos combates. E', na escalada do mundo novo, a velha lucta do homem primitivo e da natureza que recomeça. A machina é forte e inflexivel. Não perdôa ao homem erro algum. E' preciso, para que obedeça, que elle lhe preste toda a attenção que espera delle, que elle se purifique ao contacto de suas engrenagens, regule-se pelas batidas de seu coração mechanico, que aprenda amal-a, tratal-a, e comprehendel-a.

A estréa é cruel. A machina, maltratada, ás vezes ferida gravemente, vomita desarranjos em série. E de todos os lados os inimigos da U. R. S. S. triumpham. Aqui, em *Selmachstroi*, no começo do anno, 40% de desarranjos na fundição, 42% no aço. Cifras que dão medo! Pois bem, são affixadas!

Ninguem se desencoraja, ninguem deserta. Sob a direcção dos mais qualificados, os melhores operarios se associam aos mais fracos. Compromettem-se a não abandonar a usina antes de terminado o Plano Quinquennal. E a brigada de choque, disciplinada, ardente, solidaria, surgiu. Seus membros se ajudam, se educam, se encorajam reciprocamente.

O camponez inutil de hontem adquire o orgulho do trabalho socialista. Quer que seu nome seja affixado na lista dos bons combatentes, na lista vermelha. Sonha conquistar a bandeira reservada á melhor brigada. E de brigada em brigada, a emulação se desenvolve. A bandeira caberá a quem diminuir o numero de desarranjos, obtiver no minimo de tempo o maximo de peças, fornecer as peças mais bem acabadas e conformes ao modelo. Cada membro da brigada quer fazer *melhor* que o outro, cada brigada *melhor* que a brigada vizinha, cada fabrica *melhor* que a outra fabrica, cada usina *melhor* que a outra usina.

Em *Selmachstroi,* em janeiro, a fabrica de grandes arados para tractores produzira sete unidades. A direcção, em seu plano, previra 22. Março viu sahir 77!

Em fevereiro, a fabrica de aço para fundir, á qual chegára um contigente massiço de camponezes, fornecera apenas 2.800 moldes, a metade do que previra o plano, muito embora tivesse o titulo de "secção de choque". Foi resolvido retirar seu titulo. Toda a fabrica ficou consternada. Para o mez de março haviam-lhe pedido 6.500 moldes. Produziu sete mil.

E é isso, sem duvida alguma, o que burguezes e social-fascistas chamam trabalho forçado!

Mas, na verdade, quem poderia imaginar, num paiz capitalista, sem castigos, sem ameaças de despedida, sem outra sancção que uma sancção moral, — restaurações identicas? Sómente operarios donos de sua fabrica, e sabendo que trabalham para si mesmos, são capazes de taes arrancadas. Em dezoito "communas de producção" constituidas em *Selmachstroi,* os camaradas, que recebem salarios differenciados, põem todos os seus ganhos em commum, e repartem entre si, depois, um salario médio.

O salario médio dos operarios de *Selmachstroi* — por sete horas de trabalho e com a semana de cinco dias —, é de 100 rublos por

mez, o que equivale a uma renda de 70 rublos por anno, incluindo impostos, agua e electricidade. Os trabalhadores têm seus chuveiros em cada fabrica. Possuem, perto da usina, uma horta collectiva, de 850 hectares, dirigida technicamente por dois agronomos. Têm sua cooperativa, onde compram as roupas e os generos alimenticios aos preços mais baixos, ao preço da "primeira categoria"; seu restaurante, onde são servidas 17.000 refeições a 30 kopeks, e, como em todos os lugares, seu clube e seu stadio, e, as mães, suas creches.

Arrastado pelo delirio da emulação, o arsenal produz com uma febre de formigueiro. De fabrica em fabrica, acompanhamos todo o processo da producção, desde a fundição até as secções de pintura, onde as machinas terminadas se enfeitam com as côres alegres dos campos de verão, — verde, vermelho, amarello e azul.

E eis agora os armazens e a estação!

Não ha stocks. Que são esses milhares de rodas, essas centenas de arados e de ensilhos, para a enorme producção (82 milhões de rublos este anno), da usina gigante? Não, não ha stocks! O que ha é um corredor, atravez do qual, levadas pela furiosa corrente de ar do "tempo", passam incessantemente as machinas, das secções de acabamento para os wagons.

A terra avida espera suas munições.

A locomotiva apita e os wagons, pesadamente carregados, partem, sendo immediatamente substituidos por wagons vazios, que são por sua vez carregados a um rytmo de corrente.

E' tudo? Não.

A usina não abandonará a machina que produziu. O arsenal da terra collectivisada estará ligado á terra. A usina saberá, do *kolkhoze* ou do *sovkhoze* longinquo, o que sua machina está fazendo, suas qualidades ou seus deffeitos de fabricação, como ella lucta, como ella trabalha para o plano de cinco annos.

E no jornal do *Selmachstroi,* que tira 17.000 exemplares, os operarios das secções que fundiram, construiram e ajustaram a machina, lerão a carta dos trabalhadores dos campos, contando-lhes como ella realizou a conquista socialista do pão.

VI — Entre os Tcherkesses libertados

Montmartre, Landres, Berlim e New-York, sem falar em suas irmãs balcanicas mais moças, estão cheias de Tcherkesses. *Kinjal* (1) na cintura, cartucheiras atravessadas no peito, cantam e dansam nos cabarets nocturnos, abrem as portas dos restaurantes, — são todos principes e vivem de gorgetas.

Verdadeiros ou falsos, são tcherkesses brancos, quer dizer, mortos.

Aqui, estou entre os outros, entre os tcherkesses vivos, entre os vermelhos, no territorio autonomo dos Adigue, que se extende ás margens do rio Kuban, a cadeia de seus três districtos povoada por 80.000 tcherkesses.

Dois camaradas nos acompanham. Vestem trajes nacionaes e têm, na cabeça, o barrete. Um, Ibrahim, escriptor, antigo partidario vermelho, cavalleiro monumental; outro, Chtchalatov, ferreiro, filho de ferreiro, coronel e commissario militar, pequeno e desembaraçado como um grande lince, do qual aliás, tem os olhos.

Os camponezes de Medjerda ou os montanhezes do Atlas...

Ha quinze annos atraz estava-se, aqui, em plena idade-média. Era a Africa do Norte de nosso imperialismo francez, com sua politica de divisão das raças, a feudalidade de seus caids, o encorajamento interessado do obscurantismo islamita. O analphabetismo organisado ao serviço dos grandes proprietarios territoriaes.

O imperialismo tsarista arrastava atraz de si, em seu triumpho, os cavalleiros tcherkesses de punhal de marfim, como o nosso arrasta os spahis de mantos vermelhos. E, para toda consolação; o povo adigue, do mesmo modo que o povo kabardine e o povo tchetchéne, tinha apenas os melancholicos queixumes cantados pelos côros de homens sentados no chão, as melopéas que contavam as façanhas de Koadtje Berkva Mahomed, na guerra contra os russos, e as que choravam os heróes mortos.

Antes da Revolução, 53.000 hectares desse territorio pertenciam aos principes. Hoje, depois da expropriação dos *pomiechtiks* (2), e, o anno passado, de 1.500 *kulaks*, 175.000 hectares estão nas mãos dos camponezes pobres e médios, nos 152 *kolkhozes*, 12 *sovkhozes*, e 7 communas. Nestes três ultimos annos, 40.000 hectares foram tomados aos bréjos.

Entre os adigues, só se come pão branco. E os *aúls* (1) do territorio autonomo, collectivisados a 100%, estão se transformando em grandes centros de juta, de tabaco, de fructos e de legumes do Caucaso do Norte.

Em 1917 sómente 6% da população adigue sabia lêr o alphabeto russo ou arabe. Em 1929, eram jáj 34% que liam o alphabeto latino. Hoje, o analphabetismo, atacado pelos 2.500 *kularmetz* (soldados da cultura) adigues, está liquidado, a 35.000 crianças frequentam 200 escolas de sua lingua.

Ao mesmo tempo que os institutos e as universidades, nasceram os hospitaes e as usinas. Uma industria surgiu no territorio autonomo.

Em 1917 a mulher era apenas aquillo que o Islam lhe permittia ser — uma fêmea. Hoje, as mulheres compõem 33% dos Soviets locaes, 200 pertencem ao partido e 900 moças militam nas juventudes.

Todo um povo que, por culpa do imperialismo russo estava paralysado pela religião, levanta-se ao appelo do Partido bolchevik e caminha a passos de gigante.

Nunca me esquecerei da tarde que passámos na Casa da Cultura, entre os alumnos das escolas tcherkesses. Orgulho nacional que a formação marxista sabe deter nas fronteiras do nacionalismo. Jovens rostos longos, de olhos pretos bordados de cilios sedósos, tez de azeitona, dentes brilhantes, cabellos espessos, narizes afilados.

Na tribuna, sob um chale vermelho, uma jovem adigue, saborosa como um figo, fala, em sua lingua, a linguagem dos bolcheviks.

Conclama a revolução mundial em nome dos 15.000 estudantes da cidade universitaria adigue.

Depois della, uma pioneira de sua raça, do alto de seus dez annos petulantes, celebra a liquidação do analphabetismo.

Falamos no meio de uma tempestade de enthusiasmo.

---

(1) Grande punhal caucasiano.
(2) Grandes proprietarios territoriaes.

(1) Aldeia caucasica.

Quando se pensa nos abysmos de ignorancia de que acaba de emergir esse povo, suppõe-se estar sonhando.

Em face desses restos attentos, desses olhos brilhantes duma intelligencia nova, dessas mulheres misturadas aos homens, dessas moças de hombros e pernas núas tisnadas pelo sol, entrevejo, no fundo de minha memoria, as crianças lamentaveis e os meskines imundos das ruas de Alger, de Bône, de Oran e de Tunis; os duars sem escola, as mulheres veladas, as tribus expropriadas, prezas da fome, sob a civilisação de chicote e de absyntho dos colonizadores francezes. Perto desse operario tcherkesse, commissario da guerra, orgulhoso de ter contribuido para libertar seu povo, que fala nervosamente, torcendo com a mão o cabo de seu punhal, sobre a libertação revolucionaria do mundo, lembro-me dos lamentaveis caids, subordinados pelo imperialismo francez, prevaricadores e servis, inimigos natos de seus irmãos de raça.

Em face desta festa da liberdade e da cultura, vejo a Exposição colonial, reunindo em Vincennes, como num jardim zoologico, todo um rebanho de povos vencidos, todo um confronto de mercados de escravos.

. . . .

E' hoje que se realiza, no aul de Staro Bjkakai, no terceiro dia do Purban, uma das grandes festas religiosas do Islam.

A tradição manda que esse dia, que commemora o sacrificio de Abrão, seja passado todo elle em rezas, em visitas e em sacrificios. Principalmente, nenhum trabalho nesse dia!

Ora, por unanimidade, os aldeiões inscritos no kolkhoze decidiram ir aos campos.

Dois terços dos homens plantam batatas. O outro terço, misturado ás mulheres — escandalo religioso que a solemnidade do dia ainda aggrava mais —, planta couves e rega-as a um tythmo accelerado, desconhecido de nossos camponezes.

A emulução socialista penetrou nos campos adigues.

Risos, canções, sol, Alegria do trabalho em commum. Nenhum nos labios, trabalhando ao lado dos homens bem vestidos, de calças traje nacional, ou quasi nenhum. E, coisa apenas crivel, mulheres tcherkesses faceiramente vestidas, de saias curtas, algumas de rouge de vincos pronunciados e de chapéus de panno.

Interpello uma rapariga:

— O que irá dizer o mullah?

Ella rí.

— Queixar-se-á ao velhos, si lhe agradar.

— Mas não a todos! grita uma velha camponeza. Tenho quasi 70 annos e poderia receber meu ordenado sem trabalhar, mas tambem quero luctar junto dos jovens em nosso *kolkhose*. Por isso alistei-me como voluntaria em nossa brigada de choque.

O que dirá o mullah? Percebe que está sendo attingido e seus pulos são identicos aos de um pedaço de cobra decepado do corpo. Neste dia de festa, não ha nem dez fieis na mesquita.

— O anno passado, conta-nos Irahim, os mullahs disseram: "Si entrardes para os *kolkhozes*, tereis apenas uma tenda para todos os *kolkhozianos*".

— Tinham dito tambem, ajunta Ahmed, que si as mulheres puzessem seus filhos na créche e entrassem para os *kolkhozes*, os bolcheviks tomariam seus filhos e suas filhas e os entregariam aos chinezes, afim de obter a paz no Extremo-Oriente.

— Foram ao ponto, diz kolokulok, de tentar attrahir as mulheres para a mesquita, essa mesma mesquita que lhes é interdicta.

— Com todas as suas campanhas, retoma Ibrahim, prestaram-nos, afinal de contas, um grande serviço, pois cada *kolkhoziano* poude ver que consevava sua tenda e cada mãe seus filhos. Mas é culpa nossa que ainda possa haver em nosso povo elementos tão atrazados que acreditem e propaguem, ainda qle apenas durante pouco tempo, asneiras desse kilate.

— Por isso não, disse eu. A civilização franceza, quando, por intermedio de sua imprensa, fala da U. R. S. S., geralmente não se exprime de outro modo que o mais estupido de vossos mullahs.

"E dão-lhe credito!"

Visitámos ao acaso varias habitações, todas muito bem conservadas, caiadas, dispostas em redor de um vasto terreno, e flanqueadas por outras construcções, e chegámos á casa de nosso hospedeiro, o *kolkhoziano* Maghi, antigo camponez médio. Maghi, hoje, vive melhor como membro do *kolkhoze* que como cultivador individual. E não o esconde.

Mas, terão, verdadeiramente, desapparecido todos os preconceitos

e erros do passado? Naturalmente que não. Tal casa enfeita a cerca de seu jardim com craneos de cavallo, para conjurar o demonio. Na cabeceira de certas camas ha sourates (1) emoldurados, pintados de ouro, de vermelho, de verde.

— Porque não te sentas para comer perto de nós?, perguntava eu a um jovem adigue, vindo de Krasnodar para nos acompanhar.

— Porque Ibrahim é um amigo de meu pae e está sentado comvosco. Por isso devo esperar que acabe de comer, para poder comer por minha vez, como faria si fosse meu pae.

Insistimos, mas nada o convence. Encolhe-se atraz do respeito que deve a nosso hospedeiro. Os incidentes dessa espécie dão uma idéa das profundezas da vida patriarchal de que resuscita esse povo.

Nosso hospedeiro, lma soberba cabeça de sarraceno, bigodes longos e barba em ponta, tendo elle proprio derramado a agua e offerecido a toalha, fica de pé durante nossa refeição, que faz servir por suas filhas, e recusa sentar-se á mesa.

Desculpa-se, não tendo sido prevenido, não poder offerecer-nos um carneiro inteiro tostado.

Emquanto comemos o saboroso *cheuneleraja*, o cabrito guizado com tomate e pimenta, a sopa *lepse* que vem depois da carne, os *halichs* que são simplesmente as oreillettes de nossos pyrineanos, interrogo os *kolkhozianos* presentes.

— Por 33 jornadas de trabalho effectuadas no *kolkhoze* o anno passado, diz Tchich Kadi Poch, recebi 18 puds de trigo e todas as especies de productos. Feitas todas as contas, restam-nos, a familia alimentada, 260 rublos liquidos sobre a venda da colheita feita pelo *kolkhoze*, sem contar o que produziram o pomar, as gallinhas, a vacca, e a horta.

— Qual é o tamanho de tua horta?

— Quasi um hectare.

"E a Bochosauzi, que fez mais jornadas de trabalho, sobraram 600 rublos, para uma familia de três pessoas, sendo todos os productos pagos sobre a colheita.

---

(1) **Sourates, nome dos capitulos do Alcorão. (N. do T.)**

— E antes da collectivisação?

— Antes? Antes eu não percebia nem a metade.

No fundo da campina pastam 250 cavallos do *kolkhoze*. Deante da multidão das mulheres e moças, das crianças e dos homens do aúl — todos cavalleiros —, depois de um "meeting", os jovens recrutas tcherkesses, em traje nacional, repetem fortemente, de duas em duas palavras, as palavras que lhes diz o commissario politico: é o juramento dos soldados vermelhos.

Depois, seu commandante toma a palavra:

— Não esquecei jamais que sois, antes de tudo, os soldados do proletariado internacional!

A cerimonia finda, um dos cavalleiros passa perto de mim e me diz em francez:

— Bom dia! camarada Vaillant!

— Elle estava em Bizerte, evacuada com a frota de Wrangel ha 15 annos, quando fui, em 1922, á Tunisia, fazer agitação. Hoje é um combatente do exercito vermelho, orgulhoso de ser o defensor da revolução mundial.

Depois da *djiguitovka* (1) — uma verdadeira *djiguitovka*, ao ar livre, e não uma *djiguitovka de circo* — com suas acrobacias e seus bellos golpes de sabre, irmanamo-nos sobre o capim jovem.

Na tarde de primavera que cae, ao som dos accordeons, formamos um grande circulo que gira durante muito tempo, batendo com o pé no chão rythmicamente, na dôce embriaguez collectiva de lado-a-lado.

No meio desses camponezes tcherkesses, sentimo-nos como em casa. O Oriente, preza do internacionalismo, tendo recuperado sua nacionalidade, dansa sua alegria e grita:

— "Viva o plano de cinco annos em quatro annos!"

Esse é o trabalho do Poder sovietico.

E que é que póde oppor a isso como confronto a França colonialista, orgulhosa de seus milhões de subditos negros, morenos ou amarellos?

---

(1) **Dança com punhaes, caracteristica do Caucaso (N. do T.)**

— O trabalho forçado, o opium obrigatorio, e, para esmagar a cultura revolucionaria communista e nacional das massas opprimidas, o chicote, o fusilamento e a guilhotina.

VII — Anna-Makharevna, a enthusiasta

Foi no aúl de Tachtamukai que encontrei Anna-Makharevna Rietchichkina.

Depois de transposto o Kubam numa velha balsa, lá está Tachtamukai, no fim de uma bôa estrada de pedra, por cima dos bréjos aterrados pelo esforço dos trabalhadores socialistas, é um grande tcherkesse, cercado por uma povoação de colonos gregos, um dos mais importantes *kolkhozes* de tabaco do territorio autonomo dos adigues.

Aqui, como em todas as circumvizinhanças de Krasnodar, lutou-se encarniçadamente, e até 1924 bandos armados percorreram o paiz: a metade das roupas dum tcherkesse são suas armas.

Guerra sem artilheria, que deixou menos cicatrizes na terra que na carne e no coração dos homens.

Os tractoristas de *Ziernosovkhoze,* — o primeiro sovkhoze para a cultura desse milho doce que se come na America —, falam-nos.

— Quando as tropas de Kornilov penetraram aqui, diz Mironov, pegaram meu pae e meus dois irmãos e os enforcaram.

— A mim, foram meu pae e minha mãe que as quadrilhas de Denikine massacraram.

E elles me contam detalhadamente, no meio dos trigaes verdes, onde cantam as codornas, como combateram nas guerrilhas, e como continuam hoje, com a machina, a llcta pelo socialismo nos 16.000 hectares de seu pequeno *sovkhoze.*

Homens como esses são invenciveis.

Mas, e a geração que os seguiu? E aquelles que nasceram depois da guerra civil, os que naquelle tempo não eram mais que crianças?

Em Tachtamukai devemos visitar a escola da juventude camponeza.

No burgo, todos os pomares estão em flores. Entre as casas espaçadas e os quintaes adigues com seu estabulo, seu gallinheiro e suas multiplas construcções de ramos entrelaçados, dir-se-ia que nevou. Ha flores nos pomares, ha flores nos tectos, ha flores nas janellas. Ha em toda á rua mulheres e crianças, co mlenços de côres vivas, com diademas feitos de botões dourados e toucas enfeitadas.

No topo de duas casas vizinhas, duas bandeiras vermelhas emolduram a mesquita e seu minarete, erguidos sobre o horizonte phantastico dos Malinkigora.

No grande recreio da escola da juventude camponeza, em frente a um busto de Lenine (um monumento de pixe, um dos melhores no genero), envolvido em cadeias de flores, sentamo-nos nos bancos de madeira do cinema de verão, em frente á téla de projecção, feita em estylo oriental, justo e sóbrio.

Rodeados pelas crianças da escola — 12 a 18 annos — conversamos com um dos professores, — um sem-partido —, sobre o trabalho dispendido entre os tcherkesses em pról da cultura, desde a Revolução.

Atraz de nós está úa mulher, úa moça, em quem não reparámos no começo. Levantamo-nos e ella nos seguiu atravez das salas de aulas. Julguei que fosse a mulher do professor.

Acompanha-nos com uma insistencia curiosa, uma insistencia habitual entre os jovens adigues mais ferozes.

Olho-a um pouco mais attentamente. E' uma russa.

Entra comnosco no dormitorio dos moços. Não fala. Escuta, apenas. Absorve tudo o que dizemos, como uma terra de verão avida de agua. Está com um vestidinho de algodão azul com desenhos brancos, de meias pretas e com umas botinas horriveis. Vinte e cinco annos, sem duvida alguma.

Sinto-a de tal modo perto, que sua insistencia sequioza me obriga a interrogal-a.

Mas é o professor quem responde:

— Uma de nossas alumnas.

Apresentada, extende a mão. Interrogamo-a. E, num repente, ella transborda:

— Chamam-me Anna-Makharevna Rietchichkina. Sou russa e estou terminando aqui, entre os camaradas tcherkesses, meu segundo anno de estudos agronomicos. Tenho dezesete annos.

Dezesete- De facto, agora que a olho melhor, vejo que é quasi uma menina. Mas, em seus olhos marron-claros côr de palha, e nas

rugas de sua testa, ha qualquer coisa de reflectido, de sério, de maduro, quasi de doloroso.

E, entretanto, isso não a envelhece. Torna-a maior.

Ella sóbe no automovel junto comnosco.

— Não vos deixo mais, diz.

E, numa avalanche de palavras, expressa-nos sua alegria por encontrar, pela primeira vez, representantes dos revolucionarios extrangeiros! Faz parte das Juventudes communistas e pertence ao Soccorro Vermelho Internacional. Não os conhecia, mas soffria profundamente com os operarios esfomeados da America, com os communistas torturados nas prisões fascistas, com os desempregados allemães, inglezes, francezes. E eis que agora nos encontrava! Ia contar-nos tudo, os successos, as difficuldades e o enthusiasmo com que se lucta! Depois, poderiamos repetir aos operarios do mundo inteiro o que se faz por elles aqui, como a gente os ama, como a gente se bate por sua liberdade. Ella aperta nossas mãos, nos dá o braço, ri com seus dentes brancos, devora-nos com seus olhos marrons. Despedindo nossos guias tcherkesses, faz-se expontaneamente nosso cicerone atravez da aldeia, explicando-nos a Central electrica e, o moinho, o funccionamento do *kolkhoze*, mostrando-nos os pioneiros e os velhos partidarios vermelhos. Chama uma jovem mulher adigue, uma mulher-criança com uma criança nos braços:

— Venha vêr nossos amigos, venha!

E emquanto a outra nos cumprimenta:

— Seus paes são crentes. Ella quiz adherir ás Juventudes communistas e elles lhe bateram. Mas eu a tomei commigo e agora ella trabalha para o *kolkhoze* e contra o mullah.

Decididamente Anna-Makharevna é bonita. Seu enthusiasmo, sua saúde revolucionaria, a transfiguraram. E' uma combatente, uma partidaria explendida.

— *Nossos kolkhozes!*

E' preciso ouvil-a dizer nossos *kolkhozes!*

— Nossos *kolkhozes* precisam de technicos, de tractoristas, de agronomos. Aprendemos com uma sêde de conhecimento inexgotavel! E, todos misturados, russos, adigues, gregos, estudamos dia e noite. E' preciso andar depressa, muito depressa. Damos a aula pratica no *kolkhoze*. Encorajamos os que se abatem, duplicamos os esforços, semeamos e ceifamos cantando.

"Sou uma camponeza da aldeia de Koch, entre as florestas de Kurgo-Nasmalinski e da Ribeira Branca... Sempre que posso, vou até lá para ajudar os de nosso *kolkhoze*. Fica a trinta verstas daqui, o que são trinta verstas a fazer a pé, quando ha tanto trabalho! Além do que, ás vezes mandam-nos mais longe, — em todos os lugares em que somos necessarios para o successo do plano, para a defesa da Republica, para a preparação da Revolução, que fareis logo. não é verdade, camaradas?

Ah! como está longe a revolucionaria russa convencional de meus vinte annos: intellectual, romantico e doentio. A camponeza Anna-Makharavna é sã, athletica, alegre. A fadiga apparente de seus traços é apenas a mascara da sériedade revolucionaria: o estigma do trabalho socialista apaixonado. Nossos adeuses não acabam mais. De uma parte e de outra, nós os prolongamos de proposito. Mas nossos camaradas adigues se impacientam; ainda temos que ir ao clube das mulheres tcherkesses da aldeia.

Adeus, Anna!

Nosso automovel parte. Agitamos nossos chapéus e seguimos, pulando de buraco em buraco numa estrada que é um campo de lama mais ou menos secco. Nosso automovel derrapa, enguiça, escorrega, torna a andar, e, depois de uma dezena de minutos, pára em frente a um clube-pharmacopéa.

Logo depois de termos chegado, — imaginae, em nossos aldeias arabes, um grande local de reunião para as mulheres, tendo ao lado uma sala de consultas e de necessidades urgentes! — es estarmos conversando com a doutora, surge ás nossas costas Anna-Makharevna. Veiu correndo atraz do nosso automovel, furiosamente, numa só arrancada.

Está quasi sem respiração e sorri.

— Voltei, sim. E como poderei ficar lá, sabendo-vos em Tachtamukai? Quero saber ainda muitas coisas sobre os operarios e os camponezes de vossos paizes. Falem! Falem!

Lança-nos uma multidão de perguntas.

— Dentro em breve, diz, teremos tanto e tanto pão, que não haverá mais esfomeados no mundo!

Tiro um retrato de Anna-Makharevna entre úa mulher tcherkesse e uma criança grega que passava, carregando um grande pão branco.

— Veja, diz, dirigindo-se á mulher, onde vamos parar.

"O francez vae levar-nos dentro de seu apparelho para mostrar-nos aos operarios e aos camponezes, afim de que conheçam o bom pão que fazemos e para que, por sua vez, construam o socialismo".

"Elle vae levar-nos". E' verdade. Anna-Makharevna ficou comnosco. Acompanha-nos por todas as partes em nossa viagem. Encontramos centenas e centenas de Anna--Makharevna, de jovens operarias, de jovens camponezas, construindo a technica nova, transfiguradas pela revolução.

Identicas a ella são essas estudantes do Instituto agronomico de Krasnodar, com as quaes, tendo cahido de repente em seu dormitorio — uma grande casa moderna —, trabalhamos, cantamos e dansamos, ao som das guitarras, toda uma noite.

Identicos a ella, esses rapazes do Instituto cooperativo da stanitsa cosaca de Pachkovskaia, que encontrámos, cantando, bandeiras vermelhas na frente, voltando do trabalho que effectuaram nos *kolkhozes*, durante todo o feriado do Primeiro de Maio.

Identicos, esses jovens tcherkesses da cidade universitaria adigue, que, arrancados da prisão do Islão e do feudalismo, se atiram agora, por cima dos seculos, á conquista do socialismo.

Identicos, esses aprendizes da *Fabzautch* (1) do deposito da estrada de ferro de *Mineralnie-Vody*, preparando-se para os trabalhos de operarios qualificados.

— O problema dos technicos e dos especialistas? Os bolcheviks se atiram a elle como bolcheviks. E esse problema central dos quadros, a ultima esperança de toda uma burguezia espantada, elles o estão resolvendo implacavelmente.

Penso nos estudantes de nossa burguezia, fructos de estufa, productos da magra cozinha intellectual duma casta, e em seu desprezo pelos estudos precoces do proletariado daqui. Que resposta lhes está dando a Historia!

---

(1) Escola de fabrica.

Dentro de um reservatorio unico de 150 milhões de sêres humanos e de 200 raças, 1.206.000 homens e mulheres, iguaes em direitos, donos da economia da sexta parte do mundo, estão se transformando num exercito technico sem precedentes, ao mesmo tempo que são abertas, este anno, 518 novas usinas e 1.040 novas estações agricolas e de tractores.

Com taes homens e taes mulheres, numa tal terra, quem poderia resistir ao socialismo? Dentro de dois annos, a victoria será definitiva e nós poderemos construir a vida nova, por cima das fronteiras dos imperialistas, a mão na mão de Anna-Makharevna Rietchichkina.

VIII — O plantador de soja e o vinhateiro do Tsar

Encontrei-os, um, L. Roueste, em Krasnodar, no Instituto experimental agricola do Kuban, outro, Ernesto Sauvion, no *sovkhoze* de Tempelhof, na aldeia de Prikomskoie, no sector de Mineralnie-Vody.

Não passa um dia sem que a imprensa burgueza deixe de se lamentar sobre as difficuldades que encontram os especialistas extrangeiros na U. R. S. S. Não seria inutil, portanto, tentar conversar com essas "victimas".

Os dois homens com os quaes estive não são jovens. Um tem 58 annos, o outro 60. Quer dizer que passaram a idade em que se acredita em cantigas. Um está na U. R .S. S. ha um anno; outro ha trinta e dois. Representam, pois, dois typos de quadros bastante caracteristicos: quadro de importação recente, quadro dos tempos tsaristas. Um, emfim, é communista, o outro, sem-partido.

Luciano Roueste: uma cabeça energica, massiça, traços fortes, um bigode branco e duro. Typo do francez pequeno, rechonchudo e de olhos penetrantes.

— Sou um velho parisiense de Paris, ex-alumno do Museum, ex-professor e chefe de pratica agricola da Escola de agricultura. Depois da guerra, fixára-me na Provença, onde tentava a aclimatação do soja, planta alimenticia duma riqueza incomparavel, e que, sob o ponto de vista industrial, póde fornecer a caseina, o azeite, a margarina e numerosos sub-productos para a alimentação do gado.

Mas, o que é que se póde fazer na França, nesse paiz cujos terrenos de cultura têm o tamanho de lenços?

Aqui, comprehendera-se a importancia do soja, do qual, até hoje, a Inglaterra tinha na Mandchuria o monopolio para todo o commercio do Extremo Oriente.

Mandaram-me buscar: cheguei com 5 especies seleccionadas e comecei a trabalhar immediatamente, primeiro em Rostov, depois aqui, no Kuban, a região mais rica e que já foi tambem a mais "branca" da R. S. F. S. R.

Proporcionaram-me todas as facilidades, e ouso affirmar que poderei cultivar, a partir de 1932, 1.500 hectares de soja, cujos grãos poderão ser propagados da Ukrania á Russia asiatica, por Voronéje, Saratov e Oremburg. Segundo o plano, dentro de alguns annos um dezena de milhões de hectares estarão plantados de soja, e o soja russo estará apto a concorrer victoriosamente com o soja mandchú e a alimentar as usinas chimicas da Russia européa.

— Não encontrastes nenhuma difficuldade?

— E' bem verdade que encontrei algumas — aliás todas de ordem secundaria—; mas o que são ellas, ao lado do esforço que se despende aqui, e da grandeza da empreza? Pergunta a um operario russo si é preferivel que haja alguns milhares de camisas de menos na U. R. S. S., e um tractor a mais, e verá que prefere o tractor ás camisas.

E, depois, as difficuldades em materia de alimentação este inverno acham-se bastante atenuadas. Pensas que era possivel passar da economia individual á economia socialista sem contra-golpes, sem combates de classe? A's matanças collectivas de gado, executadas pelos kulaks em resposta á collectivisação, o poder sovietico replicou por uma politica de extensão systematica do cheptel, pela creação de vastos *sovkhozes* para creação de porcos e pelo desenvolvimento das culturas forrageiras. Emfim, immensas hortaliças collectivas foram plantadas em redor das cidades, afim de assegurar seu abastecimento pelas cooperativas; isso de tal modo, que já no proximo anno o mercado privado não estará em condição de fazer-lhe concorrencia.

Emquanto que o kulak ou o camponez individual vende o ovo a 36 kopeks, a cooperativa já o fornece a 6 kopeks aos operarios! Mais barato que na França!

Quanto ás difficuldades de ordem technica ou burocratica, não tardei em descobrir sua fonte essencial.

A agronomia sovietica estava infestada de elementos contra-revolucionarios do antigo quadro.

Os processos de sabotagem deste inverno? Vivi os episodios que os originaram. Vi os sabotadores trabalhando.

Foi da parte delles que encontrei maior opposição. A lentidão burocratica de um funccionario do apparelho era nada, ao lado de suas medidas dilatorias, de suas proposições absurdas, de seus veridictos pronunciados do alto de sua competencia injuriosa.

— Esses quadros foram definitivamente eliminados?

— Não de todo, ainda. Mas os damnos que pódem causar estão grandemente limitados, pois foram postos sob o controle vigilante das massas.

— E quanto aos jovens?

— Excellentes. E' verdade que, sendo necessario andar depressa, têm que acabar sua formação no trabalho pratico; mas o plano, com a collaboração de todos, collaboração que suppõe e exige, é a melhor das escolas. E ahi está o segredo do desenvolvimento irresistivel da producção sovietica: um plano, no qual cada trabalhador póde vêr a fracção de responsabilidade que lhe advem. A mais alta technica moderna, servida, na emulação socialista, pelo trabalho enthusiasta e consciente. Eil-a, a nova vida!

Diga aos operarios e camponezes da França que um velho engenheiro francez, que, si quizesse, poderia aspirar á aposentadoria, só lamenta uma coisa: dispôr de poucos annos para dar á construcção do mundo novo socialista — o sonho de toda sua existencia — essa construcção em que está trabalhando com todas as suas forças.

No fundo do Causaco ao Norte, entre um *kolkhoze* allemão, um *kolkhoze* tartaro e um *kolkhoze* cigano, aos pés da Montanha do Camello, está o *sovkhoze* de Tempelhof, qle cobre 175 hectares com suas plantações de *silvaner* e de *riesling*. Depois do trabalho pelo trigo, aqui está o oasis do vinho.

Ernesto Sauvion, especialista na fabricação dos cognacs do *sovkhoze* vinicola, é um vinhateiro typico: pequeno, muito avermelhado, roliço, solido, de olhos brilhantes e de labios glutões. Nasceu em Cognac. E fala o russo com o acento de Cognac...

Entre o jovem director russo, o viticultor polaco e o chefe dos vinhos allemão, elle é, no pensar de todos, o mais qualificado dos trabalhadores e o mais fino degustador de cognac da U. R. S. S. Um titulo invejavel!

— Fiz hontem 60 annos, diz, e ha trinta e dois que trabalho na Russia. Ha 22 annos que estou em Tempelhof.

"Cidadão, estás nas antigas adegas da familia imperial!

E, de tonnel em tonnel, Sauvion nos faz provar os mais maravilhosos dos seus productos...

— Assim, pergunto-lhe, viveste a revolução em Tempelhof?

— Sim, tambem aqui houve combates. E foi terrivel!

— Soffreste muito?

— Mas absolutamente! Todo o mundo me conhecia; não tocaram nem na casa em que eu morava nem em ninguem de minha familia. Mas o cognac, cidadão!, pensa um pouco!, o cognac!, meus cognacs!, minha "bibliotheca!"

Uma "bibliotheca" unica na producção russa! Cognacs até de 1909!

Brancos e Vermelhos se disputaram ferozmente a posse de Tempelhof. Tempelhof não tinha nenhum valor estrategico, mas Tempelhof era a capital, a metropole do cognac!

Ora eram os partidarios brancos, ora os partidarios vermelhos. Havia de tudo, no meio daquella confusão. Os brancos me beberam tonneis inteiros, e os vermelhos tambem tiveram sua parte de meus cognacs!

Ah! posso garantir-vos que não era nada facil reter aquelles desordeiros deante das cavas de Tempelhof! Então, um dia, um commissario vermelho teve a idéa de fazer explodir o cognac! E elle o fez! Des annos de minha vida! Um milhão de decalitros!

— Era cruel, mas necessario!

— Si era cruel! O maior desgosto de toda a minha vida! Mas eu comprehendi, apesar de tudo, esse homem. A revolução não podia andar bebeda.

— Não pensaste em partir, nessa occasião?

— De modo algum. Gostava demais de meu trabalho para fazer isso, e, já que o novo proprietario era o povo, decidi continuar a prestar-lhe meus serviços.

— E agora?

— Muito simples: agora, posso fazer aqui coisas que jamais teria podido realizar antes da Revolução. Agora tudo anda depressa, aqui.

— Depressa e bem?

— Sim, depressa e bem. Temos machinas que jamais teriamos obtido antigamente. Cada anno a vinha se extende mais. A "propriedade" terá 70 hectares de cultura a mais este anno. A Allemanha reclama insistentemente nossos cognacs e nossos vinhos. Todos os annos chegam-nos jovens do Instituto de Vladicaucaso, que formamos. Ensino-lhes os segredos da fabricação e exercito seu paladar no discernimento dos aromas e dos cheiros dos vinhos.

— E os operarios? Mais felizes que antigamente?

— E' a mim que perguntas isso, a mim que os conheci incultos, miseraveis, perseguidos! Em valor absoluto, ganham 25 por cento a mais do que antes da Revolução, além de vantagens sociaies sem numero. E depois, o que é novo, é que em lugar de dirigir mecanismos humanos, trabalhamos com verdadeiros collaboradores, cheios de idéas e de iniciativas felizes na execução de seu plano. Sabem que é para si proprios que trabalham.

— Nunca pensas em voltar para a França?

— Isso nunca! Já me offereceram lugares de 1.000 rublos por mez e eu os recusei. Sob pretexto algum voltarei lá para baixo. E minha mulher, que é franceza, pensa do mesmo modo que eu.

A' vossa saúde, cidadão, e á saúde do "nosso plano de cinco annos!

. . . .

Eis como se dirigiram a mim, nesse mez de maio de 1931, dois especialistas francezes de agricultura, um deante de suas culturas de soja do Kuban, outro nas adegas que a montanha do Camello domina.

Si quizerdes informações mais detalhadas, escrevei-lhes. Tendes seus nomes e endereços.

IX — Maria a Governante, ou os ciganos lavradores

Nas gaiolas de madeira dos pequenos leitos azues e brancos dormiam pequenos corpos escuros. Duas mulheres de traços com-

pridos, olhos grandes e cabellos azulados aleitavam sorrindo dois gorduchinhos avidos.

No quarto vizinho, úa multidão de crianças limpas, vestidas com aventaes claros, brincava, sapateava e gritava deante das mesas envernizadas, ou comia com appetite digno de cachorrinhos não desmammados.

Uma jovem côr de azeitona, de blusa immaculada, circulava entre os pequenos, activa e séria sob sua touca vermelha, attenta ás menores necessidades da nursery.

Ha apenas três annos, Maria a Governante, era uma unidade sem importancia entre as outras moças de sua tribu, offerecendo aos sedentarios o attractivo dum corpo nervoso, sujo e magro sob seus farrapos, dansando e cantando entre dois canalhas, mendigando por olhadellas, aureolada do vicio legendario, procurando lêr na mão das camponezas o lugar em que estavam escondidos o pão e o dinheiro das casas, — esfomeada, selvagem e cynica. Maria a Governante dirige hoje o jardim da infancia e a créche do *kolkhoze Trabalhador cigano*, conjuncto de 86 familias cultivando 1.280 hectares, no sector de Mineralnie Vody.

Bohemios que trabalham? Ciganos lavradores? Vagabundos sedentarios? Carmem enfermeira e Dancaire cultivador? Alguma aposta? Num mundo renovado pelo socialismo, num mundo em que as prisões são escolas e dão férias, em que os bezprisorni, (1) recolhidos pela Guepeu, pódem, terminado o trabalho nos refugios, sahir á cidade, porque tambem o vagablndo não poderia ter sua opportunidade? Seu nomadismo não tem coisa alguma do romantismo que se lhe empresta. Sua vocação para a aventura, cara aos poetas baratos da especie de Richepin ou aos policiaes da liberatura do genero de Mérimée, — é apenas a expressão de sua civilisação atrasada.

Hoje, descubro aqui tribus que se transformaram em *kolkhozes* sem ter passado pela podridão individualista da aldeia, tribus ciganas que procuram apaixonadamente seu equilibrio economico e nacional.

— Caminhavamos pelas estradas — conta-me Grigori, um grande zarolho que já foi um celebre ladrão de cavallos — emquanto

(1) Crianças abandonadas.

podiamos. Isso, desde que o mundo é mundo. Pouco pão esta tarde, nenhum amanhã, e nunca outro tecto que a tenda e outro leito para morrer que a neve. Diziam que roubavamos, as autoridades nos perseguiam e os camponezes tinham mêdo quando viam passar nossos carros.

Uma tarde, sempre andando pela estrada, alguem leu para nós um jornal de Moscou, no qual estava escripto que os ciganos que quizessem trabalhar em commum poderiam receber grandes terras. Caminhavamos, longe daqui, numa parte do Kuban devastada pela secca, e onde, como só existisse o pão estrictamente necessario para camponezes, não havia nenhum para os ciganos. E todas as familias de nosso grupo tinham fome, e as mulheres não tinham mais leite e as crianças morriam mais depressa que de costume. Decidimos, então, vir para cá e pedir a terra.

— E agora estamos aqui, temos um tecto, uma casa, um fogão e pão, conclúe, radiosa, a mulher de Grigori.

Vou de casa em casa, recebido em toda a parte com uma alegria curiosa, por entre perguntas, respostas e risos, escoltado pelos rostos os menos asseguradores do mundo, guiado por jovens komsomols (1) morenos, e morenos de dentes brancos.

As casas dizem, em sua decoração, do esforço dispendido pelo *kolkhoze* cigano na procura de seu equilibrio. Quadros roubados não se sabe onde, pequenos cofres furtados, relogios bonitos demais para serem honestos, tapetes ricamente decorados, as velhas rapinas das tendas, — commungam com as photographias queridas, os retratos politicos e as affirmações dos cartazes de propaganda. As camas estão bem feitas. Os travesseiros se amontoam, sobre o leito, os pães se amontoam sobre as caixas. E os louvores, á nova vida, tambem se amontoam.

— Antigamente eramos homens abandonados.

— O Poder sovietico nos resuscitou.

— Diga aos operarios da França que estaremos nas primeiras linhas para defendel-os e defender nossa patria socialista, grita úa mulher robusta, de vestido florido e de grandes pregas.

(1) Jovens communistas.

— Somos 24 membros das juventudes communistas, diz orgulhosamente Andrioucha o Komsomol.

— Quando chegámos, cada familia recebeu 827 rublos adiantados para se installar. Comprámos vaccas e cavallos aos cosacos. Comprámos charruas do governo.

— Só que foi preciso aprender a trabalhar, diz, pensativo, um velho.

— Foi úa moça de vinte e dois annos, uma agronoma, que veiu aqui e nos ensinou a lavrar.

— Veja, temos um jornal escripto em lingua cigana...

— Cada familia, além do que ganha, póde ter sua vacca, suas gallinhas, seu porco.

— Póde até matar seu porco e vendel-o.

— O seu, sim, mas não o dos outros!, afirma gravemente Grigori, olhando para mim.

Grigori, o ladrão de cavallos, novo campeão duma moralidade que acaba de descobrir, acentúa vigorosamente a honestidade cigana.

A nação cigana procura seu equilibrio entre as velhas tentações, as tentações novas da propriedade e o *kolkhoze*. Ninguem mendiga, no *kolkhoze*, mas ainda apalpam com interesse a fazenda de nossas roupas. Ninguem mais lê o futuro, no *kolkhoze*, mas numa das casas vi, num canto, um pequeno icono de viagem. Uma cigana, aqui, faz com que a Virgem diga sua buena dicha.

— E' para não desgostar babuchka (1), diz mordicando sua gravata vermelha, envergonhada, uma pioneira já grande.

— Tivestes difficuldades, aqui?

— No começo sim. Era bom demais, ter um tecto e um leito quando fazia muito calor ou muito frio lá fóra. Mas, agora, todo o mundo trabalha e todo o *kolkhoze* é *udarnik* (2) para realisar o plano de cinco annos em quatro annos.

— Isso tudo está direito. Mas, será que ainda sabeis dansar?

Explosão. Soltei a palavra magica. E todo o velho sangue cigano se poz a ferver.

---

(1) Avó.
(2) Brigada de choque.

Além do mais, o dia está muito chuvoso para trabalhar. Vae-se dansar, e dansar immediatamente! Levam-me quasi correndo para o Jardim da infancia, em frente á escola.

A roda se fórma, se alarga, se fecha, se alarga outra vez, o accordeon tóca, as mãos batem e as vozes sóbem a escala das notas.

Ao som dessa musica, as crianças saem de sua nursery, aos pares, e, a começar pelos menores, entram na dansa. Estão apenas aprendendo a andar, mas já dansam. Os meninos mexem os pés, as meninas remexem os hombros ao compasso do rythmo que se accelera.

E eis que a febre ganha os adultos.

Olho Maria a Governante.

Maria a Governante começou fazendo as crianças de sua nursery, cada uma por sua vez, entrarem na dansa. Depois, cantou com toda a sua voz e bateu as mãos sorrindo para seus pequenos. E, subitamente, começou a dansar.

De repente, um grande cigano sãe da róda e se approxima della. Maria a Governante deixa a roda e o segue. E sob a blusa estreita de pagem, Maria a Governante faz estremecerem voluptuosamente seus hombros e dansa, desabrochando por entre gritos quentes, sua dansa ardente de jovem cigana.

E depois, então?

Esses ciganos estão definitivamente presos á terra. Suas dansas são as de uma nacionalidade como qualquer outra, um phenomeno de cultura nacional, a origem, sem duvida, de seu theatro e de sua litteratura de amanhã.

Generalisando, posso dizer que assisto aqui, e com uma nitidez captivante, á transfiguração de um povo, cujas bases de existencia economica se transmutaram repentinamente. E' o que cantam esses ciganos, aproveitando uma velha musica:

Todos juntos
Amanhã cêdo
Nós iremos trabalhar
Todos juntos
No kolkhoze

Muito embora desgoste aos amadores de pittoresco, era isso que cantavam e era com essas palavras, que, com uns olhos, hombros e

mãos lubricas que mettiam mêdo, dansava Maria a Governante, quando, repentinamente, uma tempestade rebentou, atirando seu granizo na balança. Equilibrio.

Com uma precipitação de gallinha ajuntando sua ninhada. Maria a Governante, interrompendo sua dansa, retomada pelo pelo dever que lhe impunha sua blusa, tornou a levar suas crianças para a nursery.

— Em 1929 cultivámos 620 hectares, diz Gregori, o ladrão de cavallos, e colhemos 25.000 puds de trigo, sem contar os outros productos. O anno passado, com 918 hectares, colhemos 35.000 puds; e este anno faremos muito mais, pois agora temos tractores.

Da tenda do nomade ao tractor da edificação socialista! Uma visão que atordôa como um raio e da qual Maria a Governante, com seus olhos ciganos e sua blusa sanitaria, é a imagem singularmente viva. Aqui, nada é impossivel.

X — Porque Djimuran quer um mullah...

Djimuran quer um mullah.

Vozes agudas entrecruzadas — mulheres, jovens, velhos —, discutem apaixonadamente na sala de leituras de Kagli, a aldeia tartara que se extende na confluencia do Surku.

No começo, a recepção se passára de accordo com o programma official: falára o presidente do Soviet, falára o director da escola.

Aquillo estava monotono e eu já pensava em fugir, como de costume, para as casas dos camponezes, quando, incidentemente, levantou-se a questão da religião.

E como poderia deixar de surgir, nessa aldeia nagai em que a religião — como aliás no Islam inteiro — desde seculos, regia nos seus menores detalhes a vida dos habitantes? Então, bruscamente, o scenario ruiu e a sessão extraordinaria do Soviet tartaro se transformou numa assembléa tumultuosa, que a voz fina do presidente não conseguia mais disciplinar.

Ha dois grupos bem distinctos na sala. No fundo, á esquerda, do lado do banco e do muro cobertos de tapetes do Kuban, o grupo dos velhos, empilhados, cabeça contra cabeças. Olhos apertados, rostos vulgares, cabellos raros e rudes, tunicas nacionaes usadas com as

cartucheiras vasias. Arcados, quasi deitados sobre úa mesa, a mão sobre o chicote, acompanham com uma placidez attenciosa as palavras de Djimuran, o Nagai que acredita em Deus e que grita sua fé.

Do outro lado, do nosso, do lado da luz da janella, o grupo dos jovens e das mulheres. Jovens vestidos de komsomols, mulheres trazendo o véu aberto ou a touca vermelha.

— Deve-se ser religioso? Sim! Diz Djimuran o Piedoso. Existe um presidente do *kolkhoze?* Existe! Existe um presidente do Soviet? Existe! Existe um presidente dos commissarios do povo? Existe! Pois bem! já que é preciso ser-se religioso, é preciso tambem que exista um presidente da religião. E' preciso um mullah!

— Si queres um mullah, pague-o! grita um komsomol. Ninguem te impede de ter um.

— Impedem-me, sim! O mullah não tem direitos civis. O mullah está sobrecarregado de impostos. E, desse geito, o mullah tem que desapparecer. Além do que, os jovens não comprehendem a religião. Não a aprendem mais. E, é vergonhoso dizel-o, ha tambem muitos velhos que esquecem os ensinamentos de Deus!

Djimuran virou-se para o lado dos velhos. Ha um movimento de mal-estar no seu grupo. Abaixam os olhos, e com seus grandes dedos camponezes, torcem os punhos das mangas de suas tunicas. E' verdade que muitos delles esqueceram a religião que tinham seguido machinalmente durante toda a vida, e que agora passam perfeitamente bem sem ella...

Emfim, um delles se decide a falar:

— Tenho 63 annos, diz, e vou á escola, junto com as crianças, quando o trabalho o permitte; á mesquita, era preciso ir cinco vezes por dia si se era um bom mussulmano e o que era feito do trabalho, emquanto isso?

— Sim, sim, dizem as mulheres, o que era feito do trabalho durante esse tempo?

— A religião era a pobresa e a escravidão, diz atirando o véu para traz Djimla Yangalicheva. Eu vivia na escuridão porque não sabia lêr. Era céga, ao passo que agora leio e vejo o mundo sob uma nova luz.

— Antes, diz Aicha, eu não podia sahir sem meu véu, não

podia falar com meu marido quando elle estava com meu irmão. E si elles estivessem conversando, tinha que voltar as costas. Si queria falar com meu marido, não podia interpelal-o. Tinha que me avançar e tocar-lhe na mão. Agora tenho os mesmos direitos que todos esses homens.

Como está longe, o respeito hypocrita das tradições mussulmanas, com que se cobre nosso imperialismo para melhor explorar o Islam!

"Tenho os mesmos direitos que todos esses homens!", disse Djilma Yangalicheva. Nenhuma franceza poderia dizer o mesmo!

Viro-me para os velhos e pergunto-lhes:

— Está bem, assim?

Silencio. São os jovens que respondem com seus risos tumultuosos. Mas é dos velhos que quero arrancar uma resposta. Elles se consultam com um imperceptivel movimento de olhos.

Orgulhosamente, Djimuran se calla e cobre-os com seu olhar.

Emfim, Mahmet Murliev, um velhinho completamente secco, com bigodes de macaco, diz:

— Antes da revolução a mulher não trabalhava. Agora, no *kolkhoze*, ella trabalha. Isso augmenta os lucros da familia e está bem.

Os velhos concordam com a cabeça.

Mahmet Murliev deu a unica resposta possivel. Mas os jovens acham que não é bastante. Transbordam de enthusiasmo pela vida nova:

— Agora, diz Achmet Pissakaiev, que é bonito, traz um bonet branco enfeitado e tem um kinjal de duas pollegadas na cintura, posso me casar com quem quizer. Antigamente, teria que dispender seiscentos rublos para comprar uma noiva, e além disso a escolha seria feita por meu pai. E depois — vejam si não é mesmo ridiculo —, teria que me fechar com ella durante os oito primeiros dias de minhas nupcias!

— Não, dizem os velhos, durante três dias!

Ha uma altercação de alguns minutos a respeito do prazo.

— Si a moça de quem a gente gostava era filha de um kulak e a gente a raptava, o caso era resolvido a tiros...

— Nas reuniões, diz um komsomol, quando os velhos falavam, os jovens tinham que se retirar...

Djimuran o Piedoso não póde se conter durante mais tempo. E estoura:

— Sim, sim, está entendido, o Poder Sovietico fez muitas coisas... Só que as mesquitas estão vasias. E que si eu quizer uma rubachka (1) não a encontrarei na cooperativa. E depois vejam meus sapatos... Estão rasgados, e onde irei comprar outros?

— Acreditas que Deus t'as dará? lança Achmet Pissakaiev.

— Nós as tinhamos quando tinhamos religião, diz Djimuran.

— Tu talvez tivesses, mas não eu, responde Mahmet Murlief, e agora eu tenho.

— "Possuimos" tambem 13 mesquitas e 25 mullahs, aos quaes davamos um pud sobre dez de nossa colheita, para que engordassem, apoia Qissakaiev.

— Não é verdade!, grita Djimuran.

— Como não é verdade?... Quem póde negar que davamos dez por cento da colheita aos mullahs?

— Não era para elles. Era uma contribuição voluntaria; quem é que tem que tratar dos doentes?

— O médico! gritam os jovens, rindo cruelmente.

— O mullah fazia a caridade com os pobres!

— No *kolkhoze* só são pobres os vagabundos!

— Antes da revolução eu era pobre mas vivia bem, diz Djimuran.

Um movimento no grupo dos velhos.

— Antes da revolução, eramos todos pobres, viviamos todos mal, — diz Mahmet Murliev, — e tinhamos que pagar a renda aos dez pomiechtiks russos que eram donos de tudo. E' verdade que de 1909 a 1912 houve a reforma de Stolypine. Distribuiram as terras entre os Nagais, mas todos as venderam por alguns rublos.

— Não eu, diz Djimuran. Eu a guardei.

Pergunto a Djimuran o Piedoso o que possuia como bens.

— Dois bois e uma vacca.

Agora, é a vez dos velhos de fazerem ouvir seu risinho! Triumpham:

---

(1) Blusa russa.

— Justamente, podias trabalhar a terra. Nós não!

Foi necessario um longo rodeio para conseguir que Djimuran chegasse a essa confissão. Agora, tudo se esclarece. Nessa aldeia de tartaros miseraveis, Djimuran era abastado. E' verdade que Djimuran não é um kulak. E' verdade que Djimuran não é hostil aos Soviets. Mas Djimuran não entrou para o *kolkhoze*. E em Djimuran os mullahs encontraram um terreno economicamente predisposto para a propaganda antisocialista que a religião mussulmana, como todas as outras tenta desesperadamente.

E' atravez dos Djimuran que o kulak trabalha.

Si eu dissesse a Djimuran que raciocina como um kulak, Djimuran protestaria. E, entretanto, na luta de classes da aldeia, Djimuran representa um elemento inimigo, cujo passado o arraigou no individualismo, e que ainda não renuncia á lucta. Mas o que vale a propaganda de Djimuran deante dos resultados do *kolkhoze* de Kagli?

14 puds de trigo, em média, não por trabalhador, mas por membro da familia, e 250 rublos dinheiro por casa.

O *kolkhoze* venceu Djimuran o Piedoso, cultivador individual. Por isso mesmo, é com orgulho que depois da reunião, emquanto Djimuran se afasta sózinho para sua casa, porque é hora da reza, os mussulmanos de hontem, jovens e velhos, *kolkhozianos* de hoje, me fazem visitar seu novo clube, a grande mesquita de Kagli, sobre a qual fluctua a bandeira vermelha, vencedora do crescente e da cruz.

XI — O kolkhoze pauperrimo e o kolkhoze riquissimo

Uma nuvem de poeira se levanta para lá dos ultimos palacios operarios de Grozny. Uma nuvem densa, que se perde no céu sem vento, em volutas, e na qual penetra nosso automovel.

Dentro da nuvem em que entrámos, surgem phantasmas cinzentos e pardos: tchétchénes com grandes bonets de pelles de animaes, carregados de saccos e de armas, que se movimentam no meio de carneiros e de cabras, entre os latidos de seus grandes cães matadores de lobos e bebedores de leite.

Com a mão tapando a bócca e os olhos,atravessamos assim varias nuvens.

Emfim, a ultima nuvem se rasga, e deante de nós apparecem, trabahando a terra *kolkhozianos* em fila.

Descemos do automovel.

Estamos nas terras do *kolkhoze* judaico "Montanha Negra".

Cumprimentos.

Este é o campo de trabalho do *kolkhoze*. Pobreza. A' nossa direita, uma plantação de couves, mirrada e sequiosa. A' nossa esquerda, uma tenda, sob a qual alguns homens descançam; perto da tenda, ferramentas, pás e enxadas, um arado, um carrinho e dois cavallos.

Peissakov Schamai é um judeu da montanha, dessa raça de judeus guerreiros do Caucaso. Elegeram-no presidente do *kolkhoze* porque sobre os 86 membros da economia collectiva era o unico camponez. Os outros, artifices, izvotchiks, (1) empregados do commercio. Peissakov Schamai tem uma barbicha aparada em ponta qu elhe dá o aspecto dum professor. E' um homemzinho sólido e de pernas curtas.

— Vens visitar um *kolkhoze* muito pobre, diz Peissakov Schamai, mas é preciso que saibas que por mais pobres que sejamos, nossa vida de hoje não póde ser comparada com a de hontem, com a de antes da revolução.

E Peissakov Schamai evoca sem gradiloquencia a vida dos judeus da Russia, presos, perseguidos, massacrados por seus verdugos tsaristas, os pogroms (2) da guerra civil, os soffrimentos da intervenção.

— "Matae os judeus e salvae a Russia!", diz um jovem de grandes olhos, mal vestido e mal calçado, agitado como um propheta, tal era a divisa desses cães, desses guardas brancos de Denikine.

— As fêmeas ainda eram mais ferozes que os machos...

— Sim, somos pobres, diz Schamai, temos apenas um pequeno tractor, muita terra para cultivar, 8 cavallos, 4 arados e 2 ceifadoras. Emprestámos 10.000 rublos para comprar o material necessario, e como o primeiro anno foi máu, só pudemos reembolsar 3.500 rublos.

— Dizem, no extrangeiro, que morreis de fome nos *kolkhozes*.

— São os rabinos que mandam dizer isso, porque perdem cada vez mais seus fieis. Entre nós, ha apenas dois ou três velhos que ainda vão á synagoga.

A verdade é que o anno passado o *kolkhoze* deu em média 400

rublos a cada trabalhador e 60 puds de trigo a cada familia.

Informo-me. Não ha membros do partido no *kolkhoze*, e apenas um membro das juventudes communistas. Pioneiros. existem porque são arrastados aos grupos pelas escolas de Grozny. Da fraqueza do partido decorre a fraqueza do *kolkhoze*.

Entretanto, o *kolkhoze* deseja uma vida collectiva mais intensa.

— O que é ruim, aqui, diz Schamai, — além da falta de material — é que uma vez terminado o trabalho, cada um volta para sua casa da cidade. Seria preciso vivermos mais ligados uns aos oltros. Sentir-se-ia menos as difficuldades. Mas ainda nesse caso é necessario dinheiro, para poder construir.

Os rostos fatigados do *kolkhoze* approvam esse appello á vida em commum.

E é o jovem, de botinas rotas e de olhos de propheta que conclúe:

— Quando a gente cáe assaltada pelas difficuldades deixa-se abater; quando a gente progride e as encontra, é possivel supportal-as e vencel-as. Actualmente, estamos progredindo.

. . . .

O *kolkhoze* allemão de Ulianovka, na região de Kislovodsk, é riquissimo, e entretanto não vae adeante.

E' que as colonias allemãs com suas bellas herdades, grandes e bem construidas, representavam na velha Russia um elemento cultural avançado em relação ao campezinado russo. Quasi todos os proprietarios allemães eram grandes sitiantes, nos quaes o individualismo estava fortemente desenvolvido, e que utilisavam frequentemente para seus trabalhos a mão de obra tartara ou russa.

Este *kolkhoze*, o *kolkhoze* "Minoria nacional", é composto de familias cujos ancestraes vieram da Allemanha ha 130 annos. Eram mennonitas filiados a uma seita religiosa perseguida, que nesse tempo recusava prestar o serviço militar. O espirito de seita e a cultura allemã se encontravam profundamente arraigados nesses camponezes que, por sua riqueza, ficavam isolados na terra russa. Essas mesmas riquezas tinham augmentado grandemente com o desenvolvimento das estações de aguas mineraes vizinhas, ás quaes abasteciam de generos alimenticios. Constituiam-se, entretanto, em *kolkhoze*.

Mas é manifesto que, si acceitam o *kolkhoze* pelas commodidades que offerece e pela grande renda que dá, ainda não o acceitaram de coração.

São ao todo 707 trabalhadores, possuindo 327 cavallos e 112 vaccas collectivisadas. Mas cada trabalhador tem sua vacca propria, suas colmeias, seu pomar, seu quintal; a aldeia tem suas escolas allemãs e seus jornaes allemães. Os *kolkhozianos* reconhecem que a terra cultivada individualmente daria 20 a 30% menos por hectare. E, entretanto, muitos dentre elles foram embora.

O *kolkhoze* exigia uma mentalidade nova, difficil de ser adquirida por esses chefes de familia pequenos-burguezes, que a abastança prende ao seu espirito religioso e seu nacionalismo. Os kulaks allemães foram os primeiros a partir e tentaram arrastar os outros camponezes, pretextando as difficuldades oppostas pelos Soviets á Igreja. Missionarios baptistas vindos do Canadá, atraz dos quaes estava uma companhia canadense de navegação, desenvolviam sua propaganda em pról da emmigração e organisavam o exodo. Sobre 357 economias, existentes em 1928 e 1929, 50 familias partiram.

Pergunto:

— Quantos membros do Partido ha em vosso *kolkhoze*? Quantos *komsomol*?

— Três membros e três candidatos. *Komsomols* existem quatro.

Tudo se esclarece.

"Quando um *kolkhoze* funcciona mal ou se esvasia, dizia-me Koliesnikov, em Voronéje, é que está mal administrado ou que o Partido commetteu erros".

Aqui, a fraqueza do Partido é manifesta. As cifras gritam que elle não oppoz uma contra-propaganda sufficiente á dos kulaks e dos missionarios.

— E o que é que dizem vossos emmigrados, camarada Heisser? Recebeis cartas?

— Decerto. Alguns escrevem que no Canadá as coisas andam más e que caminham para a bancarrota. Ha tambem os que querem voltar. E, veja, aqui está justamente um que partira para a Suecia e que voltou.

Um typo robusto e calvo, de grossos bigodes louros, acquiesce silenciosamente.

Kolkhozes judeus pauperrimos, *kolkhozes* allemães riquissimos, dois pontos em que a flamma vacilla. Dois pontos em que uma acção vigorosa da organisação bolchevista concertará a situação, ajudando materialmente o *kolkhoze* muito pobre e galvanisando as consciencias do *kolkhoze* muito rico.

XII — Ismail, o kulak tchetchéne

Em numero de 500.000, os tchetchénes occupam no Caucaso do Norte 10.000 kilometros quadrados de montanhas, entre o Terek e os picos. São mussulmanos, de origem arabe.

E' o mais numeroso dos povos montanhezes do Caucaso, e, dentre todos, era, antes da Revolução, o mais atrazado e o mais feroz. O tsarismo russo, identico a nosso imperialismo, explorava o povo tchetchéne como seu rebanho colonial e se esforçava por mantel-o na ignorancia. Hoje, são os russos que formam úa minoria nacional no territorio autonomo dos tchetchénes.

Do mesmo modo que os rifenhos contra os francezes e os espanhoes, no Marrocos, os tchetchénes, sob o commando de seu heróe Aslombek, luctaram furiosamente contra os guardas-brancos em pról da independencia que disfructam actualmente.

Antes da Revolução, 99% da população tchetchéne não sabia lêr nem escrever. Hoje, mesmo no campo, a média dos analphabetos cahiu abaixo de 50%.

Antes da Revolução, havia de 10 a 15 operarios qualificados tchetchénes em toda a industria. Hoje, 20% dos operarios empregados nas emprezas de naphta são tchetchénes: 6.000 este anno.

Ha, nos differentes institutos, faculdades operarias e escolas de quadros, 11.089 estudantes tchetchénes; e eu não conheço nada de mais commovedor que a maneira por que os tchetchénes falam, com um orgulho communista que duplica seu orgulho de raça, do primeiro medico a dos dois primeiros engenheiros tchetchénes sahidos, o anno passado, das faculdades de seu territorio.

Para comprehender seu orgulho, basta visitar suas aldeias das montanhas; lá, todo o passado vos salta aos olhos.

Eis no *aúl* (1) de Staro Atagui, que esparrama a confusão de suas casas e de suas arvores em flôres, como um cône desmoronado, aos pés do Caucaso, na sahida do valle dum pequeno affluente da Sunja.

Aqui, impera o pré-feudalismo patriarchal.

Homens esplendidos desfilam em seus cavallos, a espada preza ao cinturão cravejado de prata, altivos sob seus barretes enfeitados. Mulheres sentadas sobre os calcanhares, os joelhos divergentes, rebocam as casas com barro. Outras caminham, de volta das fontes, esmagadas sob o peso de dois grandes cantaros de cobre de embocadura estreita. Ha velhos conversando sentados no limiar das portas, narizes de passaros e barbas de neve, impassiveis como rochedos. Mães, emfim, caminham ao longo dos muros, a cabeça coberta, arrastando atraz de si uma prole sem fim.

Em sua casa clara, no fundo dum jardim todo em petalas pelo qual circulam regatos de agua fresca, um mullah desfila as contas de seu rosario de ambar, esperando a hora da reza.

O principal factor da força que tem o Partido Bolchevik no campo é seu profundo conhecimento da medida em que póde operar a collectivisação e luctar contra o mullah e o kulak. Assim como adapta a noção de kulak a cada região, segundo sua riqueza ou sua pobreza, e não age mechanicamente contra tal typo, classificado uma vez por todas, ha certos sectores nacionaes, como por exemplo o territorio tchetchéne, em que o Partido bolchevik ainda não tomou medidas extremas para liquidar o kulak como classe. Aqui, elle expropria-o, isola-o, encarcera-o, esmaga-o com impostos, mas ainda lhe deixa a possibilidade de permanecer na região. Nesta aldeia, os *sov* (cooperativas de trabalho) e os *kolkhozes* occupam 4.815 hectares, ao passo que aos 42 kulaks, sommados aos 37 camponezes sem direitos civis, cabem apenas os 385 hectares restantes.

Aqui, a collectivisação, animada pelos antigos soldados vermelhos, conquistou rapidamente, apesar das difficuldades que pareciam insobrepujaveis, o conjuncto da população. E a razão é simples. A terra collectivisada produziu, no primeiro anno, 50% a mais, por hectar, que a terra cultivada individualmente. E por isso o partido

(1) Aldeia no Caucaso.

conta, nesta aldeia, em pleno coração do Caucaso, 26 candidatos ou membros, dos quaes 4 mulheres, além de 63 *komsomols* e 120 pioneiros.

Sem duvida, o trabalho não está isento de perigo, e é preciso estar sempre vigilante; mas o tractor é a melhor caução dum desarmamento-real entre estas populações tradicionalmente armadas, e — signal dos tempos —, a aldeia em que já funccionam 10 pontos de liquidação do analphabetismo reclama insistentemente novos professores...

Foi ali, nas redondezas de Staro Atagi, que o camarada Khalid me levou á casa de Ismail, o kulak tchetchéne.

O mais importante dos trinta e dois moinhos do burgo se levanta ás margens da ribeira, no meio dum pateo, dentro duma cinta de grandes muros. Em frente ao moinho, estão os habitantes da communa, e á direita, uma soberba casa, firme sobre seus alicerces, cheia de terraços de madeira trabalhada e envidraçados... A casa dos trinta dinheiros do kulak...

No pateo, uma mulher, alta, magra e bella, de pés descalços, réga as flôres.

— Onde está teu marido? pergunta amigavelmente Kalid.

— Trabalhando no moinho.

— Queres ir procural-o?

— Vou. Mas entrem, primeiro.

E a mulher nos faz sentar sob o terraço dos communs, em frente aos dois quartos que o kulak Ismail occupa actualmente, no alojamento de seus antigos empregados.

O kulak, ou melhor, o filho do kulak Ismail é moleiro como seu pae. E' um rapaz alto, todo enfarinhado, perspicaz, de olhos intelligentes, culto, e que se exprime perfeitamente bem em russo.

Approxima-se amavel, cordial mesmo, e eu sinto-me incommodado por ter vindo contemplar sua derrota de classe.

Faço perguntas habeis. Mas elle responde como um perfeito diplomata.

— E então? como estás aqui presentemente?

— Muito bem; no tempo de meu pae, não conhecia limite em meu trabalho. Agora que sou operario do moinho do *kolkhoze*, trabalho apenas 8 horas e é bem melhor.

— Pensas que isso que os mullahs apregoam, sobre as calamidades que vão se desencadear sobre a U. R. S. S., seja exacto?

— O Poder dos Soviets é invencivel.

A cada uma de minhas perguntas. Ismail responde exactamente o que deve responder e sinto que não conseguirei arrancar-lhe coisa alguma.

Depois de ter, sob uma conducção, visitado o moinho, Ismail diz a Kalid:

— Se o francez quizer visitar a velha casa, posso conduzil-o.

O giro de proprietario feito com esse expropriado, tem qualquer coisa de macabro nessa casa destroçada, violentada pela luz e pelo vento.

— Aqui em baixo, diz Ismail, ficam os quartos do novo director do moinho. Esta é a antiga sala de jantar. Aqui era a bibliotheca, aqui o salão, estes os quartos, este o meu quarto, de quando era criança.

Ismail fala friamente, sem emoção apparente, num tom de cicerone, no meio desse drama de que é o centro. Mas, ás vezes, deante de meus olhos que o interrogam, e que o escutam, Ismail sorri com um sorriso singular, muito aberto, que descobre dentes pontudos, um sorriso duma polidez mortifera.

E' o inimigo, o inimigo irreconciliavel de classe.

Quando parto, Ismail me extende a mão, amigavelmente, assim como ao camarada que me acompanha. Pergunto a Kalid:

— E seu pae?

E' Ismail que responde.

Com um gesto largo, designa a montanha azul, profunda e mysteriosa, que domina o rio.

— Partiu o anno passado...

Kalid accrescenta:

— Chefe duma quadrilha e ladrão de rebanhos, nos altos valles.

Gostaria de saber mais; mas Ismail intervem bruscamente:

— Com licença, os camaradas de trabalho me esperam.

E dirige-se para o moinho. Mas, emquanto se afasta, vejo que seus olhos, que pela primeira vez o traem, continuam fixados na montanha...

XIII — As aldeias da paz

A U. R. S. S. é immensa.

A gente tem vontade de parar em toda a parte, porque em toda parte as impressões novas nos assaltam a um rythmo de metralhadora, porque de toda a parte surgem novos milagres.

Cada descoberta que faço nesta viagem está tão perto de meu coração, que gostaria de passar mezes inteiros em localidades em que o calendario e a geographia me obrigam a não demorar mais que alguns dias.

Mais que em quaesquer outros lugares, gostaria de ficar durante muito tempo nas aldeias da paz.

Ellas são assim centenas e centenas atravez da immensa União, essas aldeias do socialismo realisado, essas communas que offerecem ás outras aldeias o exemplo do que será a vida de amanhã.

A aldeia, uma vez philtrada e desembaraçada de seus elementos kulaks, está transformada em *kolkhoze*. O *Kolkhoze*, uma vez philtrado e desembaraçado de suas impurezas individualistas — eis a communa.

Na communa tudo é posto em commum. Terras, bens, gallinhas, porcos, hortas. Acabam-se as preoccupações de alimentação, de vestuario e de alojamento. A communa provê á subsistencia de todos por meio dos registros individuaes, e o dinheiro fica sendo apenas um accessorio. Com os fundos provenientes da colheita, a communa augmenta suas propriedades, constróe ou desenvolve suas casas, seu refeitorio, seu jardim da infancia, seu clube, suas escolas, seus estabulos, suas cavallariças — ao lado das velhas casas da velha aldeia.

A communa representa a victoria decisiva da vida collectiva sobre a cultura caduca das muralhas isoladoras e dos vallados divisorios.

Na atmosphera de lucta pela collectivisação, depois dos tiros e dos incendios da lucta de classes, das derrotas e das semi-victorias, as communas são ilhotas pacificadas, — as aldeias da paz socialista implantada.

Foi por uma bella tarde colorida, depois de uma série de inverosimeis aventuras de automovel, que tivemos que parar, ás margens

do Kuban, numa communa internacional; o antigo *kolkhoze* Kalinine. Não nos esperavam.

Em frente ás longas construcções novas que abrigam os novos membros da communa, está sentada, tomando o fresco, no meio da gritaria dos moços, toda uma internacional dos dois sexos: turcos, russos, ukranianos, gregos, adigue-tcherkésses, tartaros, armenios, bulgaros e moldavios. A historia da communa é simples.

Tendo o *kolkhoze* progredido, os membros do partido e das juventudes propuzeram sua transformação em communa. Discutiu-se, na assembléa dos *kolkhozianos*, o estatuto das communas, sendo finalmente acceita a proposta. Ninguem abandonou a nova communa, salvo um membro do antigo *kolkhoze*. Mais ainda: entraram para a communa 50% dos camponezes individuaes.

Hoje, tendo lavrado seus 175 hectares e semeando-os, a communa internacional descança. Com a nossa chegada surgiu gente de todas as portas, homens, mulheres, moças, crianças, e por isso conversa-se no meio dum circulo amigo de olhos.

Aqui, á pergunta tradicional:

— E então, como vão as coisas?, não respondem pela tradicional e prudente:

— Nitchevo. (1)

E' calmamente e unanimemente que respondem-nos:

— Kharachó, kharachó. (2)

E mesmo:

— Otchin kharachó! (3)

Quando percorremos as novas construcções, todos querem que visitemos seu appartamento. Ha duas ou três camas em cada quarto, bôa ventilação e illuminação, acabamento bem cuidado, radios, e, por toda a parte, livros.

Emquanto visitamos o clube, a escola, o restaurante, a padaria, as cocheiras, o gallinheiro com suas 210 gallinhas brancas, preparam-nos a refeição: carneiro assado temperado com salsa, ovos, queijo brinza, leite, e esse bello pão branco que vimos cozer.

---

(1) Vae-se vivendo! Nada de novo!
(2) Bem! Bem!
(3) Muito bem!

E as jovens camponezas que nos servem, sãs, affaveis e alegres dentro de suas blusas rosas, estão de meias de sêda!

— No primeiro trimestre deste anno as cooperativas nos mandaram, como premio, roupas num valor de 4.000 rublos e 25 pares de sapatos, diz nosso hospedeiro, um barbudão de bocca toda enfeitada de dentes de ouro.

Aqui, si é que houve difficlldades, foram esquecidas. A vida parece deslisar como as aguas dum regato manso.

Todas essas raças que antigamente se entrechocavam, ao arbitrio dos interesses do imperialismo tsarista, vivem hoje, cordialmente reunidas, a vida collectiva.

Tenho a impressão de ter cahido em pleno idyllio dum mundo novo.

No momento em que vamos partir, chegam a todo galope, dentro duma nuvem de poeira, puxados por cavallos de grandes arreios pintados, duas lineika, (1) carregadas de toda uma juventude alegre, armada de accordeons e de balalaikas. Os recem-chegados, moças e moços, saltam das carruagens, onde estão amontoadas roupas e cabelleiras postiças, sendo acolhidos pelos risos das mulheres e os cumprimentos alegres dos homens. E' a troupe theatral da "Communa do IX Congresso", uma communa de *komsomols*, que lavra a terra a 8 verstas dalli. Veio dar uma representação para sua vizinha, a "Communa Internacional".

As aldeias da "terra promettida" visitam-se.

Terra promettida ainda, e aldeia da paz, é a communa "Smirnov", que se extende aos pés das montanhas queseparam suas plantações da estação climaterica de Ieliesnovodsk.

Foram Obukov e Kanaliov que, em 1927, juntamente com um grupo de partidarios vermelhos, ainda mal curados das cicatrizes da guerra civil, emprehenderam a fundação dessa communa. O Estado não lhes adiantou um tostão. Quizeram fazer tudo sósinhos. E ganharam mais essa batalha como tinham ganho todas as outras.

523 habitantes, 2.523 hectares, pomares, vinhas, trigo, legumes,

(1) **Pequena carruagem de quatro rodas, sem grades.**

260 vaccas e 124 veados, os mais modernos dos estabulos e das leiterias.

E hoje, a fartura para todos. O mais bello dos sitios, a mais salutar das aguas, casas de crianças que são castellos e novas habitações, construidas ao rythmo socialista, por pessôas que já não pódem mais conceber outro.

— E' preciso contar aos camponezes da França, diz a velha camponeza Koncherova, como passamos bem aqui. Agora tudo é facil para nós. Posso dizer, pela primeira vez na minha vida, que sou feliz.

Penso na pobre abastança do camponez médio de nosso paiz, preza dos intermediarios, da inveja, dos processos, da estupidez da rotina, da mesquinharia e do sobretrabalho, nas aldeias profundamente individualistas.

Aqui, vive-se numa atmosphera pacifica de felicidade conquistada, onde as pequenezas humanas vão pouco a pouco se diluindo na consciencia collectiva victoriosa.

Dir-se-á que a communa é uma excepção.

Sem duvida, ainda é uma excepção — mas que promessa!

Nas economias agrarias fundamentaes que visitei, *kolkhozes* ou *sovkhozes*, a gente é sempre impressionada, seja pela esmagadora grandeza industrial da usina de trigo, seja pelo drama interior que ainda vivem os homens, seja pela lucta de classe que continúa, seja pelas difficuldades materiaes que persistem.

Mas aqui, nas communas, respira-se. Deu-se um enorme salto no tempo e vive-se em pleno futuro.

SEGUNDA PARTE

CAMPOS DE PETROLEO

> **"O petroleo russo é petroleo roubado".**
> **(DETERDING).**

I — Grosny e os assassinos do petroleo

Cheguei á terra do petroleo "roubado" de madrugada. Duas horas depois, percorria uma cidade nova, uma cidade de sonho, a cidade de um plano: Grosny operario.

Num grande terreno fronteiriço, aos pés das collinas de poços, se levantam as cidades operarias, limpas, confortaveis, alegres, rodeando os palacios de seus clubes e as usinas monumentaes de chaminés gigantescas.

Petroleo. Repuxo de sangue negro do mais fundo da terra até o céu.

A 500, a 600, a 1.000 metros de profundidade, abaixo da agua, abaixo da marna (1) além da areia, lá está ella, a camada gordurosa, escura, mais rica que o ouro.

Um deposito de petroleo dá a impressão silenciosa de visceras em trabalho. Assim como o coração não se exhibe, assim como o

---

(1) Terra calcárea. Empregada no adubamento de terrenos (N. do T.)

sangue não se mostra, tambem o campo de petroleo não expõe ao sol a circulação subtil de seu sangue. Do mesmo modo que o sangue fala o diagramma das temperaturas, a naphta fala o diagramma das estatisticas. Fornece apenas um esquema, que a gente póde seguir com o dedo sobre o mappa ou por meio das perfurações. Do mesmo modo que, sob a pelle, se desenham as veias, do mesmo modo como as arterias batem em pulsações apenas visiveis, assim tambem o campo de petroleo, deserto de homens, sob sua floresta de torres de madeira, vive lma vida infatigavel e regular. Circuito fechado. Do mazut (1) absorvido nasceu a electricidade, que absorverá o mazut por mil articulações de encanamentos. Elles vão a toda a parte, esses encanamentos, como serpentes rigidas sob e sobre a terra, furando as escarpas e obstruindo os atalhos com o curto vae-e-vem de seus braços de ferro.

De dentro de suas caixas de madeira, as bombas accionadas por esses braços saúdam, saúdam, — sacerdotizas mudas do culto do oleo. De todos os lados ellas vos cumprimentam com a cabeça, á direita, á esquerda, na frente, atraz, e, sem ruido, do fundo do solo, a naphta vae subindo, mysterio gorduroso, de tudo em tubo. O oleo cascateia das bombas ou das nascentes para os canaes de união. A terra é um ninho de encanamentos de oleo ou de gaz, que sulcam o campo em todos os sentidos e convergerem para as usinas. Refinação e refinação de refinação, de serpentina em serpentina, de temperatura mais alta em temperatura ainda mais alta, de refinação em cracking, — o oleo, sempre escondido, entrega seus elementos voláteis que se condensam em enormes systemas digestivos de ventres brancos.

Mazut, oleo grosso, petroleo, essencia, benzina. Reservatorios e wagons-tanques são enchidos e, canal dos canaes, eis o pipeline, serpente vermelha ou cinzenta, frecha oca, comedora de kilometros, que parte infatigavel para o Oeste, para o mar Negro, para Tuapse, levando o petroleo ás encruzilhadas de todas as estradas da terra, da agua e do céu.

---

(1) Palavra russa. Residuo combustvel da distillação do petroleo bruto (N. do T.)

Deante desse espectaculo, comprehende-se a consternação e o furor do velho capitalismo vencido.

O petroleo "roubado"? Um milhão e meio de toneladas eram produzidos annualmente, pelos antigos proprietarios, ladrões do subsolo, ladrões do sólo, ladrões do trabalho.

Vem a revolução e a guerra civil; os extrangeiros e os brancos destróem tudo: poços, canaes, reservatorios, usinas.

Em 1920, depois de esforços heroicos no campo do petroleo assassinado, o poder dos soviets só consegue extrahir 40.000 toneladas.

Tudo precisa ser refeito, ou melhor, tudo precisa ser feito.

E então, sob os olhares coléricos dos antigos patrões emmigrados, tem inicio o trabalho do socialismo. 1924 abre fogo, todo armado de technica americana.

Em 1929, 4 milhões de toneladas sahem de Grosny, e, no anno seguinte, 6 milhões. Este anno, 10 milhões de toneladas serão entregues ao mundo. Grosny realizou o plano de cinco annos em dois annos e meio!

Num só trimestre, este anno, Grosny socialista produziu duas vezes mais o que Grosny capitalista fornecia de petroleo em um anno.

Em 10 annos, a dictadura do proletariado inverteu um bilhão de rublos ouro nos mesmos campos petroliferos de Grosny onde a dictadura do capitalismo não invertera, em 35 annos, mais que 700 milhões, desbaratados, depois, por sua propria sabotagem!

E, hoje, 99% da producção de Grosny é obtida pelo capital consagrado pelo poder sovietico á empreza.

Eil-o, o petroleo "roubado"!

"Mas, nesse andar, — affirmam burguezes e social fascistas, de Deterding a Rosenfeld —, dentro em pouco as nascentes de oleo estarão exgotadas. A geração actual prepara a ruina das gerações futuras, e ahi está um novo crime a accrescentar ao activo dos Soviets"!

Apresentae a questão a não importa qual technico da prospecção, seja em Grosny ou em Bakú, e o vereis estourar de riso. Em que consistem, afinal, essas reservas?

— Praticamente incalculaveis, responderá elle. Cada mez nos traz a descoberta de novas riquezas em nosso proprio territorio. Além disso, os progressos da technica nos permittem, cada dia, descer ainda mais e attingir camadas reputadas inexploraveis. E, olhe para a

carta da U. R. S. S... Ao Norte, a Este, a Oeste, do mesmo modo que ao Sul, veja esses pequenos poços desenhados em vermelho. Ha petroleo em todo o territorio da União. E Grosny é um dos maiores reservatorios que se conhece.

"Os ex-proprietarios de Grosny, juntamente com seus alliados daqui, affirmavam a quem quizesse ouvil-os, que Grosny não daria 4 milhões de toneladas em 1933. Ora, nós temos a certeza, de extrahir esse anno 17 milhões".

E é porisso que Grosny, que conhece sua propria riqueza, constróe febrilmente para o flturo. Seis novos crackings em um anno, e dessa vez crackings sovieticos, além duma nova refinaria, tambem sovietica. Um *pipeline* novo, de 2.500 kilometros, que levará á Ukrania, por Armavir e Nikitovka, dois milhões de toneladas, não mais de mazut, mas de essencia. Estradas asphaltadas! Bondes, trens, casas e mais casas novas! Um programma collossal de construcção, de extracção, de transformação e de transporte! Isso tudo dentro duma verdadeira atmosphera de batalha, entretida pelo inimigo de Londres e de Paris.

Sabotagem: majoração de duas vezes e meio do custo de producção, investigações levadas a effeito em sectores estereis, collocação em reserva dos sectores productivos, tendo em vista a volta impossivel dos antigos proprietarios, atrazo nas construcções e afrouxamento da refinação.

Em um anno, 60 antigos especialistas tiveram que ser substituidos por outros jovens, e, numa só arrancada, no mesmo anno, o custo da producção diminuiu de 23 por 100 nas refinarias.

Operarios, fuzil ao hombro, guardam as usinas e os barracões.

Sabem que o mundo inteiro concentra os olhares e dirige os dedos avidos para as regiões petroliferas da U. R. S. S.

Aqui, Deterding, o estado-maior francez e seus colonisados do Este europeu, o *Intelligence Sesvice*, os emmigrados, o engenheiro sabotador do Partido industrial, o kulak e o mullah, trabalham todos de mãos dadas.

Esta coalisão de classe se utiliza dos menores erros, penetra nas menores fendas para preparar a intervenção.

Em 1929, tentou, utilisando os erros de esquerda e de direita na collectivisação, proclamar o "*gasavatt*", a guerra santa.

Em vão. Os tchetchénes pobres não quizeram marchar e o levante projectado em Londres e em Paris não conseguiu arrastar mais que uma quarentena de individuos, numa aventura lamentavel. Todas as palavras de ordem lançadas tinham um caracter de intervenção. "A guerra já foi declarada — dizia-se —, o poder sovietico destruido! Abandonae os *kolkhozes!* Essa naphta negra, se a vendermos, nos permittirá viver melhor".

No sector de Bevironensky, um novo barracão acabava de ser levantado sobre o percurso da camada de Maikop.

Oito a dez operarios russos trabalhavam na sondagem do primeiro poço, construido no fundo duma bacia, entre duas montanhas.

Uma tarde de verão de 1929, no momento em que vão deixar os trabalhos, os operarios russos percebem, caminhando em sua direcção, um contingente de camponezes pobres, uma trintena de homens armados, sob a chefia de Bachaiev Idriss, um operario tchetchéne.

— Que é que ha? pergunta-lhe o chefe da brigada russa.

— Olhe para cima, diz Bachaiev Idriss.

No alto, em redor dos poços, vêm-se, sob os ultimos raios do sol, clarões de cano de fuzil e atiradores tchetchénes que tomam posição.

— Os kulaks! diz Bachaiev Idriss. Eu já soubera, por intermedio de meus parentes do sul de Stertch Kertitch, que elles atacariam os poços esta tarde. Por isso, os camaradas do sul tomaram armas para vir defender-vos e defender nossa naphta".

Os tchetchénes de Bachaiev, no fundo da montanha, têm a desvantagem da posição e do numero. Nem um tiro: um silencio ameaçador.

De dentro da noite que se approxima, o chefe do grupo, Istamulov, grita do alto para Bachaiv Idriss:

— Manda embora teus homens, abandona os russos; nós os mataremos, destruiremos os poços e iremos embora.

— Nós não os abandonaremos porque são nossos irmãos, mas se atirares em mim e me matares, meus parentes te perseguirão, Ismulov, e te matarão"!

Resposta: uma descarga.

A fusilaria começa, mas de um só lado. Abrigados como pódem

nos esconderijos naturaes, atraz dos materiaes e do poço, os camponezes pobres tchetchénes e os russos supportam o fogo, na escuridão, sem responder. As balas, sem luar que as oriente, batem na madeira, batem ou ricocheteiam nas folhas de ferro, perdem-se na terra.

Por momentos, nas montanhas que a noite encobre, cessa a fusilaria. Ha entre os kulaks alguns camponezes pobres e médios, que Istamulov arrastára, mas que, deante da attitude dos defensores do poço, que não fogem nem respondem, recusam continuar o ataque. Agora os tiros vão se espaceando, fazem-se cada vez mais raros, e, por fim, cessam. A quadrilha debandou...

O plano de Deterding falhou. Os fuzis inglezes fizeram seu serviço tão mal quanto o ouro dos emmigrados.

Sempre vigilantes, os operarios de Grosny pódem agora vêr tranquillamente os assassinos de Londres e de Paris palavrear sobre o petroleo "roubado".

Graças a seus esforços, os preços do petroleo abaixaram no mundo inteiro. Quanto aos tchetchénes, conquistados á democracia operaria, sabem de agora em diante qual a significação da defesa das minorias nacionaes, tal como a entendem os advogados social-fascistas, conselheiros dos petroleiros e campeões do imperialismo...

II — Como vivem e o que dizem os operarios de Grosny

Do lado de fóra, o cracking parece o systema digestivo dum ruminante monstruoso, com seus reservatorios-estomagos e seus canaes-intestinos que se succedem.

De dentro, a usina que o completa evoca antes o interior dum submarino ou uma camara de conducção dum aeroplano gigantesco, com seus mechanismos transmissores, precisos e frageis, a relojoaria de seus apparelhos registradores, seu "coração", como se diz aqui.

O mazut, segunda incarnação da naphta, chega ali vindo do baixo forno, a uma temperatura de 400°, passa para o evaporador, onde sóbe a 420°, escapa-se, vaporisado, em tubos, e cae a 300° afim de ser bombado para o alto forno, que o eleva a 450 e 490 gráus, sob uma pressão de 40 atmospheras. Os vapores obtidos passam ao resfriador, onde se condensam, e, de lá, ao reservatorio, no estado de essencia bruta.

Por entre as machinas, circulam os homens.

Velhos operarios operadores, os olhos sobre o "coração" de manometros da usina, tomam a pressão arterial da naphta.

— Aos onze annos eu já trabalhava no petroleo, diz Ivan Skutchkine, Faz 35 annos que comecei.

"Meu pae ganhava 6 rublos por semana de 12 a 16 horas de trabalho diarios. Eramos oito em casa. Nunca tinhamos carne, e nem sempre possuiamos pão. Eu não ganhava nada, pois era aprendiz.

"Hoje meu salario é de 128 rublos. rabalho 7 horas e móro numa dessas bellas casas novas que vistes, á entrada de nosso sector.

Mammir nasceu na aldeia, de Yedis. E' um Ossetine. (1) Antes da revolução, ganhava 3 rublos por mez como ajudante-operario, e, depois de três annos, chegou a ganhar 10 rublos.

Aos 25 annos, como operario especialisado, ganhava 30 rublos por mez, sem refeição, com doze horas de trabalho por dia.

— Quando rebentou a revolução em Grosny, fui preso pelos brancos, ficando detido durante três dias. Os operarios não acreditavam que os bolcheviks conseguissem reajustar a producção, principalmente depois da destruição dos poços. De 1918 a 1922, não havia nada ha fazer por aqui. Então ganhei a montanha e fui combater como partidario vermelho. Em 1922, as coisas não iam muito bem em nossa officina. E' verdade que alguma coisa fôra refeito, mas havia tanto por fazer! E os operarios diziam: "Não ha duvidas que estamos melhorando, mas para onde será que caminhamos?"

"Entretanto, todo o mundo se poz a trabalhar. E hoje, pódes vêr em que ponto estamos. Mesmo os aldeões que nos chegam são rapidamente arrastados pela correnteza da edificação socialista. Somos todos "udarniks". Alcançar e ultrapassar os paizes capitalistas, é nossa palavra de ordem, nosso fim, e nós realizamos aqui o plano de cinco annos em dois annos e meio. Sabotagens? Naturalmente que as houve. E até mesmo nas cooperativas, para crear o descontentamento. Assim foi que, o anno passado, expediram-nos tomates dentro de saccos, onde se esmagavam e apodreciam. Então mettemos nosso

(1) Povo do Caucaso.

nariz lá dentro, e já agora as coisas estão melhores, até mesmo nas cooperativas.

Depois dos velhos, os jovens.

Aqui está Nicolai Mantro. Tem vinte annos, é operador, a 120 rublos por mez no cracking, e vive com sua familia.

— Em nossa casa, pódes estar certo que não falta dinheiro. Papae trabalha, minha irmã trabalha. temos um apartamento novo de três comodos, com banheiro. Guardamos dinheiro na Caixa Economica porque não se póde gastar tudo. Quando houver productos, a gente irá retiral-o. Mas, o que são as difficuldades de hoje, quando se pensa de hontem? Amanhã haverá menos e depois d'amanhã menos ainda. Sei que nos paizes capitalistas dizem que o plano de cinco annos nos reduz á fome. E' uma asneira. Se é verdade que ha momentos difficeis, sabemos a razão. Ao contrario, com o desenvolvimento do plano de cinco annos, é o bem-estar operario que augmenta. Viste nossa cidade nova? E' evidente que os operarios passam primeiro que os outros, pois são da primeira categoria para a alimentação e o vestuario. Nas localidades em que, no commercio livre, no bazar, os preços triplicaram ha três annos, continuam os mesmos para nós, nas cooperativas, ao mesmo tempo que nossos salarios augmentaram, e que nossas horas de trabalho diminuiram.

— Exactamente o contrario do que se passa na França.

— Como aprendiz operador, ganho 84 rublos por mez, declara o tchetchéne Najaio, montanhez de Kali Kali, que está na usina apenas ha um anno. Aprendi a lêr e a escrever o anno passado, e hoje estudo nos livros. Como teria podido, no fundo de minha aldeia, imaginar uma vida destas? Viste nosso clube? Precisas vel-o. E' um palacio como só o tsar podia possuir antigamente, e, além disso, completamente novo. E isso para nós, os operarios. Aqui, tu sabes, não ha um só desempregado.

Skolnik acaba de ser citado á ordem de Lenine. E' um antigo prisioneiro de guerra, que fala allemão. Faz duas semanas que Skolnik está dirigindo um serviço de racionalisação.

— Como ganhaste a citação á ordem, camarada?

— Estudava, ha muito tempo, o meio de diminuir o custo de producção, na secção em que trabalhava. Consegui chegar a uma diminuição do esforço dos camaradas, a um rendimento superior e a uma economia de varios milhões de rublos.

Interrogo, assim, cinco, seis, sete, dez operarios. E, sempre, o espirito é o mesmo: é difficil, ás vezes, mas a gente sabe para onde caminha...

Aqui estão uns operarios georgianos que acabam de voltar do Donbass, onde foram como "rebocadores". Enviam-se assim as bôas equipes duma região para "rebocar" as equipes mais fracas duma outra. Estes consagraram seus esforços a incentivar os operarios duma usina que só produzia 60% do plano. Quando partiram, ella ultrapassára 100 por 100. Uma outra mina, "rebocada" por uma outra equipe de Grosny, attingiu 111% no dia Primeiro de Maio.

E assim é dum extremo a outro da producção: o trabalhador orgulhoso de ser livre, numa verdadeira democracia operaria, e orgulhoso de collaborar apaixonadamente no melhoramento technico duma empreza que só pertence a elle.

Velhos, que se recordam de sua horrivel vida dos tempos tsaristas, e que, atravez as feridas da guerra civil,ancoram no porto febril do plano de cinco annos como numa enseada de paz. Jovens que partem, cheios de enthusiasmo, pela estrada da vida nova... Ossétes, russos, tchetchénes, gruzianos, fraternalmente reunidos pela cultura socialista.

Que os antigos donos deste sub-sólo, os Gutchkov, os Nobel, os Ukassov, os Tchernoiev e os Mnatachev saibam uma vez por todas que o quer que seja que façam, o que quer que seja que tentem, — esta riqueza magnifica, este ouro negro da naphta, elles o perderam definitivamente e irremediavelmente.

Esta classe operaria que vejo aqui, ligada á classe operaria do mundo inteiro, decididamente já está forte de mais para que elles ainda possam conservar alguma esperança.

III — Visita a Buniat Zade, rapaz da construcção

Foi no ancoradouro de Bakú, por uma bella noite quente, na canhoneira *Lenine*, entre os marinheiros vermelhos, que não acabavam mais de me fazer saltar no ar, por cima de suas espaduas

vigorosas, que conheci Buniat Zade, presidente dos commissarios do Povo do Azerbadjam.

Tentáe ir a um navio de guerra francez, e, na presença do presidente do conselho, fazer a apologia dum motim, mesmo que seja a dos soldados francezes de 14 de julho de 1789!

Era, entretanto, o que eu acabava de fazer deante desses marinheiros, recordando Marty e os marinheiros francezes, revoltando-se no mar Negro em 1919, quando Buniat Zade me marcou um encontro para o dia seguinte em seu escriptorio.

Buniat Zade nasceu em Fatmai. Seus paes eram turcos, camponezes pobres. De 9 a 18 annos, elle trabalhou com os pedreiros. Sómente mais tarde pôde aprender a lêr e a escrever, durante a noite, depois de terminado seu dia de trabalho. Em 1904 ganhava 60 kopeks por dia.

Velho bolchevik, trabalhou no partido com Stalin, nos annos de 1906-1907-1908. Redactor de jornaes illegaes, preso em 1909, preso em 1911, deportado, a revolução de 1917 fel-o secretario do Partido para o Azerbadjam. A occupação ingleza o expulsa para Astrakan, elle volta em 1919 para a lucta illegal. Depois de novamente preso, começa, apenas reposto em liberdade, a organisar o trabalho militar. Depois da libertação definitiva do Azerbadjam, torna-se em 1921, commissario do Povo para a Instrucção publica, mais tarde para a Economia nacional, em seguida para a Agricultura. Hoje, o ajudante-pedreiro de Fatmai é presidente dos commissarios do Povo do Azerbadjam, membro do Bureau politico do Partido e membro do presidium das três republicas da Transcaucasia.

Buniat Zad conservou o mais franco dos portes proletarios, e é bem um rapaz de construcção, massiço, forte, que eu encontro atraz e a Caspianna. Buniat Zade é zarolho e a vista que perdeu dá a seu olhar qualquer coisa de extranho e de fixo, que ainda augmenta mais a impressão violenta que se guarda delle.

— No momento, digo-lhe, em que a burguezia a mais branca ostenta na França, em Paris, sob o nome de Exposição Colonial, uma triste exhibição de povos vencidos, será bom dar a conhecer, entre nós e entre elles, os resultados de vossa experiencia de antiga

colonia tsarista e de paiz de maioria islamita, passado á vanguarda do socialismo.

— A eloquencia dos factos, me diz Buniat Zade, vale todas as propagandas e me dispensará, pois de fazel-a.

"O que era o Azerbadjam antes da libertação communista? A terra eleita da oppressão colonial. O vice-reinado de Tiflis esmagando as nacionalidades, um campezinado curvado sob o jugo dos khans e dos beks, salarios irrisorios, um arbitrio administrativo que só conhecia limites no suborno. Não havia escolas nacionaes. Uma excitação permanente de odio religioso entre turcos e armenios, como meio de governo contra a formação duma frente proletaria de classe; a repressão permanente...

— Tudo o que floresce nas colonias francezas, digo, sob a terceira Republica.

— E' preciso constatar que com a pretensa democracia nacional mussavatista, que se seguiu ao tsarismo com a falsa Republica independente do Azerbadjam, nada mudou, ou quasi nada. Sob a bandeira nacional, a burguezia explorou duma maneira selvagem as massas trabalhadoras. O salario do operario da naphta cahiu a 18% em relação a 1914. Os mussavatistas substituiram simplesmente os massacres de armenios pela guerra nacional contra a Armenia dos Dachnaks, ensanguentando os montanhezes do Karabach e do Dangesur. Quanto á independencia, comprehendereis toda sua precariedade, lembrando-vos que era o imperialismo inglez, sedento de naphta, que tinha por missão garantil-a!

"O governo mussavatista decretou a suspensão da reforma agraria e entregou as terras, já expropriadas ou mesmo compradas, aos grandes proprietarios feudaes.

"No que concerne á Instrução, o governo mussavatista nada fez.

"A occupação pelas tropas de Denikine acabou de consumar a ruina dos trabalhadores do Azerbadjam.

"Emfim, em 1920, a paciencia dos trabalhadores se exgotou. Sob a direcção do partido de Lenine, e ao appello do sangue de nossos 26 commissarios assassinados, os proletarios expulsaram os mussavatistas, e uma nova vida teve inicio com a alvorada de 28 de abril. Mas o que encontrava o poder bolchevik ao subir? Uma industria destruida. Uma agricultura devastada. Era preciso tudo

refazer. Puzemo-nos a trabalhar, e ao rythmo accelerado previsto por Lenine, o Azerbadjam, com uma velocidade dupla da do resto da U. R. S. S., reconstituiu sua industria. O que fôra roubado ao trabalho por 271 capitalistas, o thesouro da naphta de Bakú, voltou a ser propriedade dos trabalhadores.

"E Bakú, que não produzia mais de 2.427.000 toneladas de petroleo em 1920-1921, fornecerá este anno 15.327.000.

"Gandja, velha villa dos khans e dos beks, se transforma na segunda cidade industrial do paiz, sob a direcção dos trabalhadores, que prescreveram para sempre o espirito da aristocracia local. Depois das fabricas textis de algodão, e de toda a industria ligada á agricultura, (a estopa, a juta, a sêda, e, daqui em diante, o cautchuc), levantam-se agora as grandes usinas metallurgicas, destinadas a tratar os metaes descobertos nas novas minas.

"Ao mesmo tempo, a collectivisação, segunda etapa da reforma agraria, segue seu curso, auxiliada por nossos 2.000 tractores e nossas 15 M. T. S., (estações de machinas e tractores).

"Esta primavera, 37% das economias camponezas já estão collectivisadas, e, nas regiões algodoeiras, 54%.

"Em 1922, não havia em todo o Azerbadjam mais que 1.000 hectares plantados de algodão. Em 1930 já existem 137.000. Este anno colheremos algodão sobre 205.000 hectares. Com o algodão da Asia Central e o nosso, dentro em pouco a U. R. S. S. não terá necessidade de importar um só fardo.

"Eis o resultado de dez annos de poder communista.

— E no dominio cultural?

— Ainda aqui as cifras falam sósinhas. Apenas 1% da população das aldeias sabia lêr antes da revolução. Hoje, a proporção está elevada a 30%. O tsarismo recusava instituir escolas superiores no paiz. Nós abrimos treze, além de sessenta e cinco institutos technicos, onde estudam, actualmente, 7.146 estudantes.

"No tempo de Mussavat, nacionalista e reaccionario, havia no paiz 671 escolas, comprehendendo 33 por cento de turcos e 9% de moças. Hoje, para nossa população de 3 milhões de habitantes, temos 18.378 escolas, frequentadas por 731.000 alumnos, dos quaes 70% de turcos e 50% de moças. No proximo anno, a instrucção obrigatoria estará definitivamente assegurada.

"O tsarismo consagrava 500.000 rublos á instrucção. Só nosso orçamento nacional, nesse capitulo, comporta 40 milhões este anno. Eleval-o-emos a 81 o anno que vem.

"Temos 32 jornaes, dos quaes 19 em lingua turca, que tiram 751.275 exemplares.

— Não existe um só paiz mussulmano no mundo que possa se vangloriar de ter attingido a metade desses resultados!

— Foi a politica de Lenine, de Stalin e de nosso partido communista que pôde libertar assim o Oriente, integrar as mulheres orientaes em sua dignidade humana e supprimir os massacres endemicos que desolavam a região".

Buniat Zade, o operario pedreiro que foi um dos melhores organisadores dessa obra immensa, cala-se.

Parece que seu olhar bizarro examina o caminho percorrido.

—Mas não ha nenhum cansaço nesse olhar, e sim uma força segura de si propria, que continúa a caminhar, compacta como uma multidão.

— E tudo isso é apenas o começo, conclue elle, extendendo-me a mão.

IV — Barinov, operario mechanico e director do Azneft

— Meu pae era mechanico em Bakú. Eramos sete filhos, lá na casa; os proletarios têm-nos sempre em excesso. Ainda possúo dois irmãos, um que trabalha aqui, na usina, outro em Moscou. São mechanicos, como eu e como meu pae.

Numa sala clara de paredes repletas de diagrammas e cravejada de retratos, esse russo de pescoço grande, esse mechanico de enorme bigode louro e grisalho, esse operario de olhos intelligentes sob a deformação dos oculos — é Barinov, director de *Azneft*, director dos petroleos de Bakú. Uma saúde activa que immediatamente impõe sua autoridade. Barinov é membro do Partido desde 1914. Varias vezes preso sob o tsarismo, participou da guerra civil no Caucaso do Norte. Foi elle quem, sob a direcção de Cerebrovski, organisou a reconstrucção dos poços de Bakú.

Emquanto conversa, Barinov, que tortura um lapis azul entre

seus dedos fortes, inscreve cifras monumentaes, desenha losangos e quadrados numa grande folha de papel branco.

E fala:

— Foi em 1871 que a industria do petroleo começou a se desenvolver em Bakú. Trinta annos depois, Bakú estava na primeira linha no mundo no que concerne á producção da naphta. Tratava-se, ainda, duma exploração primitiva, apenas mechanisada. Poços esvasiados por meio de baldes, sondagens que não ultrapassavam setecentos metros. Uma producção anarchica conduzida pelos mais desmedidos appetites da concorrencia, que oppunha uns aos outros os duzentos e setenta e dois concessionarios e os levava a se prejudicarem reciprocamente, compromettendo as riquezas das camadas.

"Quando se tem conhecimento da maneira por que agiam os senhores antigos proprietarios, comprehende-se que não possa entrar em suas cabeças que nossa exploração intensiva economise as jazidas, por ser feita segundo um plano geral e racional. Em três annos, por exemplo, uma de suas companhias, — Moscou-Caucaso —, explorára tão estupidamente seu terreno de Romany, que hoje não se póde mais tirar dalli sinão 5% de petroleo, contra 95% de agua.

"Sob as antigas direcções, o custo da producção era três vezes mais elevado.

"A naphta era armazenada em reprezas abertas, que deixavam escapar o producto mais precioso e mais volatil, o gaz, não sendo possivel obter mais de 0,5% de benzina, em lugar dos 6% que obtemos hoje. Cada barracão occupava 23 homens, em média, contra 4 a 5 que occupa hoje. O desperdicio do producto era inaudito. Em 1913, por exemplo, sobre uma producção de 7 milhões e meio de toneladas de petroleo, mais de 1 milhão e setecentas mil toneladas foram consumidas no local, quer dizer, 15% da producção! Em 1930, sobre 10 milhões e 400 mil toneladas de naphta, não dispendemos mais de 188.000 toneladas no local, quer dizer 1½% da producção, e com o gaz natural esquentamos presentemente 27.000 apartamentos de operarios.

"Todos os trabalhos estão electrificados numa proporção de 99%, emquanto que na America a electrificação não ultrapassa 42%, e que em 1913 ainda era aqui de 41%. O desperdicio de dinheiro era pelo menos igual ao desperdicio de producto. Engenheiros como Tagianosov recebiam 150.000 rublos por anno, outros, como Mancho, 30 a 40.000 rublos, afóra os quebrados. No casino de Bakú jogava-se jogo forte, e Paris e Monaco obtinham mais desses cavalheiros que os barracões.

"E os operarios, emquanto isso? Trabalhavam por conta dos Rothschild, dos Nobel, de 10 a 12 horas por dia, ganhando de 18 a 25 rublos por mez. A revolução de 1905, fizera-lhes conquistar a jornada de 9 horas, mas elles continuavam habitando as barracas sordidas da Cidade Negra, ou então numa especie de casernas de janellas estreitas, em que se amontoavam de 50 a 60 homens em cada quarto.

"Para encontrar trabalho, os desempregados se reuniam perto da estação da estrada de ferro, formando uma especie de grande feira de escravos. Para lá se dirigiam "contractantes", os alugadores da mão-de-obra, os "kotchi", como os chamavam, verdadeiros bandidos, entre os quaes a policia recrutava espiões e agentes provocadores. Ah! falemos da policia! Sua séde era a capital do *baktchich* (1) e do suborno.

— "Allo! Allo!, telephonava-se ao mais incorruptivel dos gradonatchalniks de Bakú, ao chefe de policia Martinov. Como estás passando, meu caro amigo?

— "Vae-se vivendo...

— "Faze de conta que estamos jogando poker, no clube. Queres que aposte para ti?

— "Com muito prazer.

— "Apostei 15.000 rublos.

— "Seja. Estou esperando... E então?

— "Que sorte tens, meu amigo! Ganhaste 60.000 rublos!"

"E a honra de Martinov estava salva.

"Quando chegámos a Bakú, Cerebrovski e eu, com o exercito vermelho, atraz dos turcos, dos inglezes, dos mussavatistas e das tropas de Denikine, não havia literalmente nada mais, nem mesmo operarios, nos barracões de petroleo.

"Haviam ficado apenas alguns engenheiros, empregados dos antigos grandes proprietarios, que se riam de nós e diziam:

---

(1) Propina.

— Esse Cerebrovski e esse Barinov, vejam só! Dois operarios mechanicos, a quererem tomar conta dos petroleos de Bakú e resuscitar os poços! E' de se morrer de rir! A unica coisa a fazer é entregar immediatamente Bakú aos concessionarios extrangeiros. Não existe outra sahida.

"Havia uma outra, sim.

"E Lenine a vira.

"Estavamos em 1922. Uma delegação foi procurar Lenine. E Lenine nos escreveu uma carta — veja, a photographia dessa carta está ali na parede —, na qual elle dizia, leia: "Envio-vos minha mais sincera e calorosa saudação. Peço-vos aguentar por todos os meios. Os primeiros tempos serão os mais difficeis, depois será mais facil. Precisamos sahir vencedores desta lucta, custe o que custar".

"Não havia generos alimenticios. Não havia material. Não havia operarios. Mas havia uma vontade feroz de aguentar e de sahirmos vencedores "custasse o que custasse", como disséra Lenine.

"E então, contra os engenheiros reaccionarios, contra os empregados do antigo regime, contra os factos, como que ás apalpadelas, na escuridão que o inimigo se esforçava por manter em torno de nós, mas com a collaboração activa de todos os operarios, começámos, dia a dia, passo a passo, a levar a effeito a reconstrucção da industria de Bakú".

Barinov pára um instante. Trazem-lhe papeis para assignar.

E', pois, esse mesmo homem que hoje commanda um exercito de engenheiros sovieticos e extrangeiros, esse mesmo homem que carrega a responsabilidade da segunda industria petrolifera do mundo, — é esse mesmo homem que, ha nove annos, não conseguia obter nem mesmo dos intendentes contra-revolucionarios a madeira para seus poços...

— Sim, continúa Barinov, aqui, foram os operarios que fizeram tudo. E hoje, as brigadas de choque e a emulação socialista arrastam o *Azneft* para as cumieiras da producção, para uma altura em que jamais teriam ousado pensar seus antigos senhores. Cada operario sabe porque e para quem trabalha, e quer, apaixonadamente, realisar seu plano. Antigamente, elle não trabalhava a não ser sob a ameaça das bofetadas do "kotchi".

"Elles são agora 58.000, os operarios de *Azneft*, dos quaes

18.000, terminado seu dia de sete horas, estudam para obter qualificação melhor. Entre elles estão diffundidas as publicações de nosso bureau de technica extrangeira, cujo fim é popularisar os methodos os mais modernos de producção e tornar conhecidos, com o auxilio de nossos 60 engenheiros, os progressos da technica de Além-Atlantico.

"4.000 estudantes operarios se formam no Instituto petrolifero de Bakú, e entre nossos engenheiros sovieticos que trabalham aqui, já existem 50 mulheres.

"Com as descobertas de Nikitine, com a turbina de Kapelitchnikov com seu cracking, estamos em situação de fazer figura nas primeiras linhas da technica petrolifera do mundo.

"A audacia communista ultrapassou tudo o que se conhecera até então. Seguindo os conselhos dos geologos, aterrámos o mar, e Bibi Eibat plantou seus 350 poços no local em que a Caspianna se expandia a 6 metros de profundidade! A dictadura do proletariado refez a geographia e é em Bibi Eibat que sahe presentemente o petroleo mais rico, o que forneceu em 1930 á marinha de guerra franceza 270.000 toneladas, 700.000 á Inglaterra, 170.000 ao Egypto.

"E' certo que elles se esforçam, por meio de contractos duma inverosimil difficuldade de execução, por impedir os fornecimentos. Mas o que pódem fazer contra um petroleo duma qualidade unica no mundo?

"O extrangeiro se informa sobre nossa producção?

"Sem duvida! Na America, segue-se dia a dia, com uma precisão notavel, os progressos de nossa exploração; — é uma homenagem. E o que póde fazer a expionagem economica em torno de nossa economia dirigida, que proclama a todos os ventos que extrahirá 15 milhões 327 mil toneladas de petroleo este anno?

"Sabota-se? Sem duvida. E como poderia ser de outro modo? Desde os ataques das quadrilhas vindas da Persia, armadas de fusis inglezes, até os máus fornecimentos de machinas extrangeiras, a cadeia é continua. Mas os operarios estão permanentemente vigilantes, promptos a reagir contra todas as tentativas de sabotagem. Ainda não está tudo acabado, sabemol-o bem. Continuará, sem duvida, esta batalha ardente, subterranea e desesperada, que é apenas um dos aspectos da preparação da guerra contra a U. R. S. S.

"Mas o que pódem fazer algumas dezenas de homens vencidos, contra milhões de trabalhadores vencedores? Que pódem elles fazer, principalmente, si a classe operaria do mundo inteiro está ao nosso lado?"

V — Uma noite de lucta contra o Proriv

Quando abre um numero da *Pravda*, do *Izvestia*, ou de qualquer outro jornal sovietico, o leitor francez fica completamente desorientado.

Acostumou-se com a physionomia média de seu jornal burguez francez, todo explosivo do espirito das ruas, repleto de crimes sensacionaes, de publicidade mais ou menos escondida, e de problemas politcos vistos pelo angulo estreito dos criticos.

O interesse da classe que monopoliza a imprensa na França, e para esse fim amestra os jornalistas, é de attenuar pelo silencio ou por uma deturpação habil dos factos, os perigos duma instrucção primaria muito expandida. A informação toma a fórma dum pequeno escandalo, a cultura de tagarellice, e a doutrina fica reduzida ao lugar-commum rotineiro duma defesa de classe selvagem, mediocre e odiosa. Nada existe ahi de aprofundado, a não ser as cotações da Bolsa.

E' o jornal individualista duma sociedade individualista moribunda, com seus tregeitos macabros e suas crises de nervos de dansarina.

O jornal sovietico é um jornal de massa, redigido por e para as massas. A imprensa sovietica não tem começo nem fim. Não é uma organisação á parte, isolada, que digere as noticias e as apresenta; ella faz corpo com a producção. Tem uma doutrina: a doutrina de Lenine; um plano: de cinco annos; uma collaboração: a dos operarios.

Por isso mesmo, acabaram-se as reservas, acabou-se o opportunismo litterario e politico. A imprensa é uma das alavancas do desenvolvimento da economia e o mais poderoso orgam de controle da democracia operaria.

Dahi provem essa nitidez sem floreios, essa dureza, esse brilho e esse cortante de um sabre. Nenhum jornal de polemica iguala a imprensa sovietica em brutalidade. Todos os contra-revolucionarios do mundo, fascistas e social-fascistas, se esbofam em sua perseguição para encontrar na correspondencia operaria ou em suas campanhas material com que alimentar suas criticas de pygmeos. E pensam triumphar, os infelizes — pelo facto de citar suas fontes!

Ora, si, na batalha do plano, a imprensa sovietiva é uma imprensa de communicados que chegam tanto das trincheiras da linha de frente como dos estados-maiores, ella tem que noticiar tanto as derrotas como as victorias E quanto mais a economia se fortalece, tanto mais a imprensa sovietica projecta luz sobre as defficiencias, os erros e as faltas que é preciso eliminar.

Publica photographias? São as de operarios desconhecidos, de *udarniks*, de heróes do trabalho. Distribue censuras? E' para levantar o animo e galvanisar a vontade de produzir das mais obscuras usinas e dos mais longinquos *kolkhozes* do territorio. Lança o toque de clarim dum communicado de victoria? E' para apregoar um exemplo e excitar a emulação socialista em seu redor, para a realisação do plano de cinco annos em quatro annos.

Assim é dum extremo a outro da imprensa sovietica. Tanto nos jornaes de usina, de *sovkhozes*, de *kolkhozes*, de communas, de minas como de barracões de naphta. Ora é o operario que, como correspondente, se dirige ao jornal, ora é o jornal que vae até o operario, no barracão.

Acompanhei durante toda uma noite o mechanismo do trabalho da imprensa num sector petrolifero de Bakú.

Tarde da noite, deixáramos o bordo dum navio de guerra, que acclamava longamente, com todos os seus rostos illuminados pelas lampadas electricas de bordo, a revolução mundial, e nos saudava com seus rojões. Tinhamos atracado na cidade illuminada e haviamos partido logo depois de automovel, rumo aos póços, por entre as filas de encanamentos de oleo e os lagos mortos de naphta, sobre uma estrada de asphalto, lisa como um bello marmore cinzento.

— Ha uma *"proriv"*, uma ruptura do plano, uma diminuição da producção no terceiro barracão do sector Lenine, dissera-me o camarada Borkin. Todos os organismos foram mobilisados para limitar o *"proriv"* e alcançar o plano, esperando ultrapassal-o. O "tribunal dos camaradas" está funccionando, afim de desenvolver

a consciencia entre os elementos que se relacham, as conferencias de producção se succedem, e, desde varias noites, toda a redacção volante do jornal Vitchka (a Perfuradora), está mobilisada no barracão n.° 3.

Abandonamos a estrada, penetramos na escuridão dos poços, e paramos, emfim, deante duma barraca baixa. Entramos.

Um silencio pesado, em que só bate úa machina de escrever, ao commando de uma voz surda. Na sala, faz um calor suffocante. Estão ali homens cerrados um contra o outro. Uma electricidade pallida os illumina. Não falam. A gente se acreditaria sob a terra. Revejo certas grutas de commando na linha de frente, durante a guerra, e estou espantado de não ouvir o rebombo continuo do canhoneio. Uma fadiga esmagadora pesa aqui. E' a fadiga das noites sem somno, do appetite que foge, das forças que se prendem apenas ás fibras dos nervos. Ha ali jovens e velhos, todos com esse mesmo olhar sombrio, essas physionomias lassas, essas mãos pesadas que se entorpecem. Entram e sahem phantasmagoricos portadores de ordens. Onde estão os jornalistas? Onde estão os operarios? Aqui não ha jornalistas nem operarios. Ha trabalhadores que luctam contra a má vontade das machinas, a fraqueza dos homens e a perversidade geologica das profundidades. Que potencia os retem ali, a que trabalho forçado foram condemnados esses soldados extenuados? Ninguem os prende aqui, a não ser elles proprios. Nada mais os preoccupa, a não ser a vergonha da derrota de seus poços. Nada os reune aqui, a não ser a vontade de realisação do plano quinquennal em seus barracões.

Em redor da mesa em que a machina continúa seu ruido secco, ha russos. Em redor duma outra mesa, armenios. E em redor duma terceira, turcos e persas.

Um só camarada, Safarov, deixa o trabalho para nos receber:

— Sim, luctamos duramente, aqui, e é preciso que assim seja. No ultimo trimestre do anno passado, tinhamos, no barracão n.° 3, ultrapassado o plano. Ora, eis que, em abril, emquanto todos os barracões de Bakú forneciam o maximo, nossos poços produziram 27.000 toneladas de menos. A producção não foi além de 75% do plano. A desolação foi geral. Poços arrombados, machinas desarranjadas, organisação defeituosa, tudo se accumulára. Foi então que a

direcção do partido e a redacção do jornal *Vitchka* decidiram manter aqui permanentemente uma turma volante de redactores. Dia e noite, tiramos folhas destacadas do jornal, escriptas á mão, dactylographadas ou polycopiadas, segundo as linguas, nas quaes publicamos os resultados do barracão, os exemplos a seguir, as faltas commettidas, as insufficiencias.

"Olha, aqui está uma folha de desafio, lançado pelo poço 202 ao poço 201, para terminar seu plano dois dias antes da data fixada. Aqui está uma outra, um poema, escripto para os udarniks do poço 195, que redigiram um contra-plano afim de supprimir o "proriv". Aqui estão folhas illustradas á mão e escriptas em lingua turca.

Todo o barracão se agita sob uma vida nova. Pódes vêr, camarada, o que obtivemos: nove perfuradores terminaram seu trabalho antes da data fixada pelo plano!

Viro-me para os homens que estão lá. A's ultimas palavras, ás palavras de victoria, levantaram a cabeça e eu não os reconheci.

Turcos trigueiros, armenios de grandes olhos, russos de olhos azues, todos se transfiguraram repentinamente, sob a influencia dum orgulho que os illumina. Como pude acreditar em sua fadiga?

Antes do amanhecer, quando o vento do Norte soprar sobre a peninsula do Apcheron, depois do gyro de inspecção que iremos dar juntamente com elles, sondando a sombra dos poços e a obscuridade dos homens, elles prepararão as conclusões de sua pesquiza, que serão publicadas em quatro boletins especiaes.

As folhas volantes vôam na noite, as communicações são trazidas pelos agentes de ligação que se renovam incessantemente, a machina bate sem parar, e, num canto de meza, um operario turco illustra a pagina duma *Vitchka* em lingua turca, com um amor attento de miniaturista popular.

VI — Porque o komsomol Batoline deixou de ser um bom operario...

Bakú, maio de 1931 — Vassili Batoline comparece esta tarde deante do *Tribunal social.*

E' um tribunal de camaradas. Os operarios-juizes, nomeados

pelos operarios da empreza, fazem, sob as vistas e com a participação dos operarios presentes, o processo das faltas commettidas contra a disciplina do trabalho. Aqui na U. R. S. S., onde os operarios são os donos das usinas, é aos proprios operarios que cabe corrigir ou sanccionar as faltas dos seus. E é em consequencia dum julgamento contradictorio que são tomadas as sancções, que vão desde a advertencia até a despedida, com escala pela reprovação publica, contra aquelles cuja consciencia de classe é insufficiente ou está obscurecida a ponto de comprometter a producção.

Continuamos no terceiro barracão do sector Lenine, o barracão que não realisou seu plano. No pequeno local de reunião, os operarios do petroleo se amontoam, apesar do calor.

Batoline está sentado em seu banco de "accusado", entre Sarissov, um armenio, e Omer Soltan, um turco.

Todos os três são citados deante do tribunal social por ausencia injustificada e todos os três são reincidentes.

Omer Soltan, côr de azeitona, jovem e bello, já se explicou. Não estava com vontade de ir trabalhar. E não foi. Fez mal, e é tudo. Julgam-no? E' justo. Elle abaixa a cabeça e se calla. Sarkissov, um homem de 30 annos, candidato ao Partido communista e udarnik, tentou jlstificar-se invocando, como elle diz, "condições objectivas": o bonde estava atrazado, não lêra seu contracto de emulação... Não conseguiu sinão comprometter-se ainda mais.

Batoline não tem nem 20 annos. E' um russo bem feito, de nariz chato, de olhos azues vivos, louro, sob seu barrete jogado para traz. Carrega seu casaco abandonado negligentemente sobre os hombros, e está todo empavonado em sua cadeira, tomando ares de pouco caso affectado. E' o que nós chamariamos, em Paris, um "menino bonito" e um "cabeçudo".

Trabalha na secção de mechanica.

— Explique-nos teu caso, pede-lhe, do estrado em que se acha, o camarada Alech Pierov, um dos operarios-juizes.

— O que posso dizer? No dia 3 de maio notei qualquer coisa de anormal nas machinas. Fiz uma observação ao chefe do barracão, que me respondeu que eu era um fedelho. No dia seguinte adoeci. E' tudo.

— Não é verdade que por varias vezes já recúsáras executar certos trabalhos?

— Sim, e pelo facto de que as ferramentas que me haviam fornecido não prestavam.

— Pertences ás Juventudes communistas?

— Pertenço.

— Então como é que não dás o exemplo?

— Não posso executar em duas semanas o que necessita de três para ser feito.

Na sala, alguem exclama:

— E' verdade, preferes ir dançar

— Antes de tudo é preciso notar que não sou "*udarnik*", responde Vassili Batoline.

— Tinhas entretanto, obrigação, como *komsomol*, de sel-o.

— Se tivesse todos os instrumentos de que necessito faria meu trabalho.

— E como é que os outros o fazem? atira-lhe um velho operario que se acha sentado ao meu lado (um operario que momentos antes me falará de certas difficuldades de abastecimento). — Teu dever não é, exactamente, fazer tudo para remediar os defeitos de tua secção?

— Se, em 1922, tivessemos pensado como tu, Bakú jamais teria podido produzir petroleo

— *Pravilna, pravilna!* E' verdade, é verdade, diz a multidão.

— Isso não é commigo, é serviço dos technicos! Prompto!

E Batoline lança para traz uma singular olhadela, juntamente com um sorriso.

Úa mulher, uma linda turca, sentada duas fileiras atraz de Vassili, responde ao seu olhar com um risinho de admiração que suffoca sob o chale que lhe cobre a cabeça.

Karassov, um dos juizes, um velho operario das perfuradoras, todo branco e barbudo, vira-se para o lado de Vassili Batoline:

— Eu, que não sou membro do partido, pergunto a ti, membro das Juventudes, se, quando se tem o trabalho que temos, quando ha um "*proriv*" no barracão, nossa obrigação não é de fazermos tudo, todos juntos, para eliminal-o!

— Estou estudando para obter uma qualificação melhor. Tenho

que dedicar algum tempo a isso. E' a noite que leio meus livros. Não posso vir a fabrica á noite...

E Batoline sorri abertamente á bella turca.

Alguem se levanta na sala. E' um operario, o que desencadeia uma série de intervenções dos assistentes.

— Tudo isso são historias. Ha seis mezes que Vassili trabalha aqui e já por varias vezes elle abandonou o trabalho sem prevenir ninguem.

— Esta já é sua quarta ausencia injustificada este mez, diz o engenheiro Trup.

— E emquanto isso, ha falta de mechanicos, e nós, os dos poços, não podemos mandar concertar os instrumentos estragados.

— Mas se eu vos digo que estava doente!

— Seria preciso que o provasses, ou pelo menos que te desses ao trabalho de prevenir os camaradas.

— Vão para o diabo! Eu não sabia se podia fazel-o!

— Ahi está tua má fé, grita um jovem operario, vestido com uma roupa gordurosa de mazut que o encouraça. A verdade é que não sómente te ausentas, como tambem que procuras desmoralisar os jovens em teu redor. Dizes que os instrumentos não funccionam. Sei que por quatro ou cinco vezes deterioraste as machinas.

Batoline sacóde os hombros, nervosamente.

A turca, inclinada para seu lado, procura um olhar que, desta vez, não vem.

Uma desapprovação surda, severa, desce sobre Batoline, como uma capa de chumbo.

Badiatchkine faz o requisitorio, agora, contra Batoline.

— Os factos são graves. Aqi, todos nós luctamos, com todas as nossas forças, contra nossas difficuldades. E eis que Batoline não comprehende. Camaradas como Batoline serão dignos de se chamarem communistas? O que póde ser um *komsomol* que não é membro duma brigada de choque, um komsomol que simula doença, um komsomol que desmoralisa os jovens? Um facto desses deveria depender não de nosso tribunal de camaradas, nem mesmo do partido, mas duma jurisdição de Estado. E' um crime contra a producção. Proponho que esse mau camarada seja expulso da empreza!

Batoline, que parou de teimar, não responde.

A mulher turca ri seccamente sob seu chale.

Agora é Helena Ivanovna, uma jornalista da brigada volante da "Vitchka" que descreve o resultado de suas observações e dá o grito de alarma aos communistas do barracão.

— Hoje, camaradas, não realisámos, na terceira secção, mais de 68% do plano. Hontem, 24 perfuradoras pararam durante 4 horas, pelo facto de um operario não ter limpado bem sua machina. Esta manhã, uma falta de attenção no trabalho comprometteu por três dias o rendimento dum poço. Poderemos, nessas condições, e no decorrer deste anno decisivo, estando o unico barracão de Azneft em "proriv" mostrar-nos indulgentes por faltas do genero das de Batoline?

Emquanto traduzem, para os operarios turcos, a intervenção de Badiatchkine e de Helena, meu vizinho se vira para mim e me diz piscando os olhos:

— Reparaste alguma coisa?

— O que?

— Essa mulher turca, atraz de Batoline.

— Sim.

— Ella é duma aldeia. Vassili não era um mau rapaz, mas gostava do vinho e gosta das mulheres. E essa mulher, que é bella, — não é verdade? —, e que é mais velha que elle, é Fatima, a mulher dum kulak.

— Quem quer defender Batoline?, pergunta o presidente da secção.

— Ninguem, responde a sala.

Batoline então se levanta, e fica direito como um jovem gallo:

— O que é verdade é verdade! Fiz esporte. Tive grippe e ahi está tudo. Não vim porque estava de cama. Talvez aconteça, tambem, que eu não agrade ao secretario da cellula. E desde que me tratam como cachorro, prefiro deixar de trabalhar aqui. Ante-hontem, havia um operario tão bebedo que veiu para o trabalho sem calças...

— Era um de teus amigos e tinha bebido comtigo! diz o jovem operario de cobretudo reluzente de mazut.

Batoline não responde.

— Antes de mais nada, as coisas por aqui não endireitam. Ha *udarniks* que não receberam premios.

— Achas que todos devem receber?
— Dizem que eu trabalho mal, mas ha outros que trabalham ainda peór que eu.
— Ahi está uma razão para que trabalhes melhor.
— Desde que não me dão directivas, prefiro não vir.
A cada phrase nova, a cada novo argumento de Batoline, Fatima approva ardentemente, mordicando as unhas sob seu chale de xadrezes azues e brancos.
E, pouco a pouco, Fatima e Vassili me apparecem sósinhos, infinitamente sós, desesperadamente isolados no meio dum circulo vazio que se alarga incessantemente. Em redor desse circulo estão, olhando-os com um desprezo tranquillo, os homens da época nova, esses operarios conscientes de suas responsabilidades de classe dirigente, cheios de heroismo e de sacrificio, que nada mais têm de commum com esse extraviado, que os bellos olhos negros e a carne dura de Fatima, a mulher do kulak turco, fazem retroceder para o passado.
A attitude de Batoline, desertor do trabalho, é o reflexo sobre um elemento proletario fraco, da lucta de classes que continúa, e a bella Fatima ainda é uma fórma da contra-offensiva do inimigo.
Entregam-me uma folha volante da "Vitchka". Contém um poema. Eil-o:

Batoline não gosta do trabalho.
Elle não tem alegria no trabalho.
Elle não gosta de estar, á noite, em seu posto.
Elle não quer gastar suas forças...

VII — Encontro com engenheiros francezes

— Bom dia, senhor!
Senhor! Ha três mezes que eu não era chamado senhor, e esse facto me enche da impressão dum ridiculo prodigioso.
Faço mal. Esquecia-me que, neste quarto, não só não estou mais na U. R. S. S., como tambem que não estou em minha casa. Estou na França, na residencia dos especialistas francezes de Bakú, que amavelmente me convidaram á sua meza. "Senhor" goza aqui do

privilegio de extraterritorialidade. "Senhor" symbolisa, para meus hospedeiros, a consciencia de classe da ilhota.
Soubera hontem, em Bakú, que existia, trabalhando na prospecção das jazidas de petroleo, um grupo de especialistas francezes de alta qualificação, engenheiros da Polytechnica, de Minas e de Central, e estava curioso por conhecer suas reacções no meio desta vida nova, para a qual foram bruscamente transplantados, como que de cabeça para baixo.
Agora estou entre elles, deante duma farta meza, no primeiro andar duma dessas excellentes casas operarias de Surokhani, que se levantam como colmeias num horizonte de poços.
Foi o sr. Scheibli, filho dum industrial da Alsacia. quem me recebeu. Os srs. Martin, Delamotte e Angoulvent, cada um representando um typo bem definido de francez, chegaram um após outro do trabalho, cobertos da lama das sondagens, cançados, mas trazendo no olhar os signaes da satisfação pelo trabalho realisado. São todos moços.
— Trabalhamos, diz o sr. Scheibli, para a Sociedade de Prospecção electrica. Fazemos a sondagem por meio de cabos, um processo francez que permitte realisar grandes economias no trabalho de procura de petroleo, e para cujo emprego o Azneft assignou um contracto com o inventor, o professor Schlumberger.
Os engenheiros, estão, portanto, apresentados. No que me concerne, minha apresentação não precisa ser feita, e eu sinto uma grande curiosidade em relação a esses senhores (todos officiaes da reserva, penso, e patriotas), ligados economicamente á classe que, na França, encarcera os communistas, do mesmo modo que elles devem sentir uma curiosidade desconfiada por esse communista que eu sou, e para o qual, em ultima analyse, trabalham em Bakú.
E isso de tal modo, que no fim não se sabe mais quem recebe aqui o outro. Essa situação dum mundo ás avessas me diverte, e com toda a certeza diverte tambem suas intelligencias penetrantes, pois logo depois se estabelece entre nós uma conversação calorosa. Os gracejos estouram como granadas. Falamos do que se passa "lá em baixo", da crise, do mundo literario, do mundo parlamentar corrompido, do filho de Blum que um delles entreviu na Polytechnica e do caso Oustric.

Parece-me, entretanto, que elles ainda teimam em vêr em mim apenas o viajante e o escriptor.

— E aqui, na U. R. S. S.? pergunto emfim.

— Aqui é outra coisa. Porque o esconderiamos? Como engenheiros, estamos encantados com o trabalho que nos offerecem. A U. R. S. S. é, para os jovens especialistas, um maravilhoso campo de experiencias.

— O que nos espanta principalmente, — além do trabalho industrial sem precedentes que está sendo realisado —, é o espirito de collaboração dos operarios.

— Quando partimos da França, a cabeça entupida de tudo quanto se conta a respeito do odio que os trabalhadores sovieticos votam ao pensamento scientifico, tinhamos certo receio acerca do acolhimento que nos dispensariam. Chegámos logo depois de terminado o processo dos saboteadores de Chakhty. Sabeis que aqui a França não tem muito bôa reputação. Fomos a ponto de incluir em nosso contracto clausulas especiaes de protecção. Mas em pouco tempo vimos que nossos receios eram infundados. Os operarios russos cercam tudo o que diz respeito á cultura de um amôr apaixonado, ás vezes mesmo um pouco ingenuo.

— Mas não fostes obrigados a perder tempo, — não tivestes esses pequenos esbarrões irritantes com o apparelho burocratico?

Elles sorriem.

— Quasi nada. Nós não temos serviço de escriptorio. Nosso trabalho é na terra. Trabalhamos como operarios, junto com os operarios, durante longas horas. Nossas relações com elles são directas e excellentes. Desde o primeiro dia começámos a interrogar o interprete que nos haviam fornecido, e hoje todos nós falamos russo.

"Quando fazemos alguma viagem de prospecção, vivemos todos sob a mesma tenda, e então os operarios têm mais uma opportunidade para se instruir. Elles levam, ás vezes, pequenos manuaes de geologia, que estudam, e sobre os quaes nos pédem esclarecimentos. Um exemplo do seu devotamento: uma tarde nosso altomovel se desarranjou em pleno paiz tchetchéne. Fazia um frio de rachar e a primeira aldeia ficava a 30 kilometros. Pois bem, um dos operarios partiu a pé para procurar soccorro, emquanto os outros, tremendo de frio, se amontoavam em meu redor para me esquentar.

— Mas, e o trabalho forçado?

— Bobagens! Será que ainda existe alguem na França que acredite na existencia do trabalho forçado na U. R. S. S.? A verdade é que os operarios daqui trabalham com uma rara consciencia e com uma convicção que espanta, nisso que chamam suas brigadas de choque. Não podeis imaginar até que ponto elles se sentem á vontade no barracão

— Sim! Sentem-se á vontade em toda a parte! Entram em casa do geologo como entrariam no moinho, para ouvir as conversas technicas e fazer perguntas que os interessam. Fazem, frequentemente, propostas para augmentar o rendimento do trabalho.

— E, depois, podeis estar certo que não se deixam pisar. Um engenheiro americano que tivéra para com um delles um gesto um pouco vivo, foi immediatamente expulso.

— Aqui, a direcção é inflexivel para com os engenheiros, no que concerne ás responsabilidades dos accidentes e ás faltas profissionaes.

— Devo accrescentar, tambem, que acolhem com a maior bôa vontade as propostas technicas que fazemos.

— O que pensais dos engenheiros sovieticos?

— Ha-os de três especies: os velhos saboteadores organisados, que, pouco a pouco, desapparecem, os velhos engenheiros leaes, exgotados por onze annos de esforços sobrehumanos, e que uma prudencia, tornada doentia, afoga na papelada, e os jovens, emfim, devotados, trabalhadores, mas, a nosso vêr, muito americanisados, muito especialisados.

— E os quadros superiores de alta cultura geral, comparaveis aos vossos quadros das escolas superiores?

— A Russia não os possuia. Hoje estão sendo preparados, e dentro em pouco sahirá toda uma turma.

— Além disso, segundo nosso contracto, temos, ao nosso lado, engenheiros sovieticos cuja formação completamos. A curiosidade de espirito, a intelligencia e a vontade de aprender desses antigos operarios, são notaveis. Veja Koreniev, por exemplo, que ahi está, ou Verpator, que acaba de voltar ao trabalho.

Com a presença dos recem-chegados, a conversação prosegue, misturada de russo e de francez, entrecortada de risos, de anecdotas e de bôas garfadas.

Servem-nos dôces feitos em casa, o triumpho da *babuchka* que cuida da cozinha, uma velha russa de cabellos brancos sob seu lenço vermelho, bem vestida, risonha, e que trata os engenheiros extrangeiros como seus filhos.

Confesso que não esperava encontrar entre estes francezes vindos, socialmente, de tão longe, úa moral identica. E' verdade que se abstêm de commentar a politica sovietica. E' verdade que guardam uma reserva prudente no que diz respeito á dictadura do proletariado. Mas, o só reconhecimento de que são forçados a fazer progressos culturaes e economicos aqui, não contem implicitamente — para nós —, o reconhecimento de todo o resto?

Em regra geral, os extrangeiros se desiludem aqui logo aos primeiros obstaculos da má cozinha, dos banheiros sujos, dos persevejos e da morosidade burocratica.

Estes, entretanto, conseguiram ir mais longe. A babuchka os alimenta bem. Sua casa operaria completamente nova, com seu banheiro, está limpa e sem bichos. Seu trabalho os afasta das esperas formaes e dos "sitchás" (1) administrativos...

Então, sem ousar, sem querer, ou sem poder comprehender completamente o que viam, foi-lhes sendo possivel ir descobrindo aqui o mundo socialista cuja grandeza e novidade os impressionam profundamente.

— Poderieis, — já que minha visita é indiscreta e que eu não gostaria de trahir-vos —, fixar, por escripto, vossas impressões sobre vosso trabalho e sobre o que vêdes aqui, pergunto-lhes, no momento de me despedir.

— Certamente; mas não será nem uma declaração, nem uma entrevista.

No dia seguinte, recebi a seguinte carta, escripta em nome de seus camaradas, pelo sr. Scheibli, carta essa que dedico a todos os Rosenfeld da segunda Internacional e a toda a imprensa burgueza da França:

"As impressões se accumulam com as novidades incessantes da obra de creação sovietica. E' interessante, para nós, viver neste campo

(1) Palavra russa significando: neste instante, immediatamente.

de experiencias, que aos poucos se transforma em campo de realisações incontestaveis. E' SOMENTE NO LOCAL QUE SE ENCONTRA O PRIVILEGIO DA VERDADE.

"O espectaculo do trabalho realisado, ou em vias de realisação, em nosso redor, determina a impressão dominante. NINGUEM NECESSITA TER CONHECIDO A RUSSIA DE ANTES DA GUERRA PARA PODER MEDIR TODAS AS REALISAÇÕES SOVIETICAS! Durante o curto lapso de tempo de nosso presença na U. R. S. S., fomos testemunhas quotidianas de transformações em todos os dominios, economicos, sociaes e geographicos! O rythmo e a amplidão do trabalho bem dirigido são, PROVAVELMENTE, EXCEPCIONAES NA HISTORIA ECONOMICA. Auxiliada sómente pela experiencia de alguns annos, e PELA CRITICA CADA VEZ MAIS DESENVOLVIDA, a technica sovietica, para a qual estamos contentes de poder contribuir directamente, marcha rumo ao progresso concomitantemente ao desenvolvimento economico. Convém accrescentar que OS ESFORÇOS DA ELITE EM FORMAÇÃO acham-se fortemente apoiados sobre o TRABALHO CONVICTO DAS MASSAS, ORIENTADAS CONSTANTEMENTE E PROGRESSIVAMENTE NO SENTIDO DA LIBERTAÇÃO".

Será necessario commentar um documento desses, do qual cada termo, cuidadosamente dosado, joga, entretanto, na balança, — vindo de onde vem —, um peso que arrasta tudo?

"E' sómente no local que se encontra o privilegio da verdade".

VIII — "L'Humanité, patrono dos poços de Surokhani

No decorrer duma reunião, em Bakú, em que recordava as campanhas levadas a effeito por *l'Humanité*, em defesa da U. R. S. S., tive occasião de lembrar nossa polemica com Deterding e os jornaes que elle suborna em Paris para luctar contra o "petroleo roubado", em nome do "petroleo honesto", e de ennumerar para os camaradas sovieticos as multas a que *l'Humanité* fôra condemnada por esse motivo... Depois da reunião, durante uma dessas conversações por correspondencia, que geralmente se seguem ás conferencias, recebi um pequeno enveloppe, contendo um pedacinho de papel muito dobrado, que continha essas poucas palavras:

"Em reconhecimento pelo que fez por nós, e afim de ajudal-a e de que ella nos ajude, gostariamos que l'Humanité desse seu nome a uma de nossas emprezas de petroleo. Não seria possivel fazer, entre ella e nós, um contracto de emulação?"

A idéa era bôa... Foi bem acolhida, e, alguns dias depois, de volta a Bakú depois duma curta viagem á Georgia, eu era convidado a ir a Surokhani para assignar o "dogovor", o contracto de emulação que os operarios da 2.ª Empreza de Surokhani faziam com os collaboradores de nosso jornal *l'Humanité.*

Não sei se os camaradas, na França, apreendem a importancia e a gravidade dum gesto desses.

Esse acto não tem o caracter de uma qualquer homenagem platonica, prestada com os mesmos fins que um qualquer governo burguez concede condecorações a um extrangeiro. Tambem não se trata duma distincção honorifica nem dum gesto symbolico. Aqui, no trabalho gigantesco que se processa, tudo tem razões profundas.

Surokhani é o sector petrolifero mais importante da região de Bakú, a terra eleita do petroleo, aquella em que elle sempre foi conhecido e adorado; é a terra dos "fogos eternos".

Em Surokhani o fogo ainda tem seu templo, esse mesmo templo em que, vindos do mais profundo da India, milhares de adoradores rezavam diante das quatro columanas ôcas, das quaes emmergiam chammas que jamais se extinguiam. Ainda hoje, entre os muros esburacados do templo cinzento, onde os encanamentos foram buscar os gazes profundos, o gaz da superficie impregna de tal modo a terra, que o menor reluzir de cigarro produz um incendio.

E' esse solo de fogo que, na 2.ª Empreza, vae ter, daqui por diante, o nome de nossa *Humanité.*

No clube, estão reunidos os operarios, os technicos e os empregados, delegados por seus 500 camaradas para a assignatura do contracto. Uma atmosphera séria, recolhida, onde as palavras, nem bem cahidas, já germinam.

Dizem que na U. R. S. S. discursa-se em excesso. E' verdade. Mas, aqui, as palavras acompanham a acção. O tempo gasto na semeadura de palavras é tempo ganho para a colheita socialista. Certas palavras significam toneladas de naphta a mais.

Discutem-se os termos do contracto.

Um contracto! A palavra evoca, na França, a idéa de dinheiro, de pequenos interesses individuaes de burguezes, que procuram tapear-se mutuamente, na venda de sua casa, de sua loja ou de sua filha. Uma idéa de exploração lucrativa, uma atmosphera de escriptorio de tabellião e de propriedade.

Aqui, na U. R. S. S., o contracto é duma nova essencia.

Aqui, o contracto de emulação que assignam hoje esses operarios turcos, armenios e russos de Surokhani, com a equipe dos collaboradores, dos empregados e dos typographos de *l'Humanité,* é a mais alta expressão dos compromissos revolucionarios reciprocos de dois proletariados que se apoiam internacionalmente, para a construcção do mundo novo.

L'Humanité, a grande empreza jornalistica do partido communista francez, o unico jornal operario desse paiz que combate a intervenção, promette realisar seu plano economico e politico, do mesmo modo que os operarios da 2.ª Empreza de Surokhani, proprietarios do petroleo do Azerbadjam, promettem realisar o seu.

O contracto se baseia, de lado a lado, nos milhões de francos fornecidos pelo trabalho e pelos sacrificios dos operarios que preparam a revolução mundial. E' um contracto assignado com o sangue das disciplinas consentidas e dos soffrimentos acceitos.

E eis os seus termos essenciaes. Em primeiro lugar, os compromissos dos operarios do petroleo:

"Deante dos trabalhadores de *l'Humanité,* cujo nome será daqui por diante o nome de sua empreza, os operarios da segunda secção de Surokhani se compromettem a fornecer, no fim de 1932, 2 milhões e 534 mil toneladas de petroleo, em lugar de 1 milhão e 117 mil toneladas, previstas pelo plano.

Compromettem-se a diminuir de 8% o custo de producção e a augmentar de 25% o rendimento do trabalho; a entrar todos nas brigadas de choque; a augmentar seus circulos de estudos technicos, afim de desenvolver a technica entre as mais largas massas; a applicar as decisões do XI Plenum; a fazer com que os melhores udarniks entrem para o Partido; a augmentar de 5% a porcentagem das mulheres que trabalham nas emprezas".

E eis, por outro lado, os compromissos que julguei poder assumir em nome de *l'Humanité*:

"*L'Humanité* se compromette a divulgar largamente as decisões do XI Plenum, a continuar a desmascarar ardorosamente os social-fascistas e a combater o fascismo. A desenvolver as campanhas contra o colonialismo. A dar a conhecer aos operarios francezes a maneira pela qual os operarios e camponezes da U. R.S. S., e particularmente os trabalhadores de Bakú constróem o socialismo. A mobilisar as massas francezas em defeza da União sovietica. A corresponder com os jornaes "Vitchka" "O Operario" de Bakú, "O Poço" e "O Communista".

L'Humanité se compromette a desenvolver e a melhorar sua correspondencia operaria, ao mesmo tempo que a empregar todos os meios ao alcance para augmentar sua tiragem...

Compromette-se a crear, entre seus collaboradores da redacção, da administração e da officina, uma brigada que terá o nome de "Operarios de Surokhani".

Quando do anniversario da revolução de outubro, este anno, *l'Humanité* enviará á U. R. S. S. uma delegação encarregada de entregar uma bandeira vermelha á melhor brigada de choque da 2.ª empreza.

Essa delegação deverá trazer todos os documentos necessarios á verificação, por parte dos operarios de Surokhani, da execução do contracto, e verificará, por sua vez, se os compromissos pelos operarios foram mantidos".

. . . .

Parte por parte, artigo por artigo, discute-se o contracto, propõe-se, corrige-se, accrescenta-se...

Expliquei as difficuldades que encontra *l'Humanité,* as multas que a esmagam, o custo elevado de sua publicação e de sua difusão, os sacrificios feitos por todos os camaradas collaboradores.

— Pois bem, disse Mustafá Achmet, os irmãos mais velhos devem ajudar os irmãos mais moços. Proponho que façamos todos, quando de um proximo dia de descanço, um *subotnik,* um dia de trabalho voluntario, para *l'Humanité,* e que destinemos-lhe o que ganharmos nesse dia!

Os applausos crepitam como uma salva!

Uma emoção intensa se desprende agora dessa pequena reunião; operarios turcos, gorros enterrados na cabeça, velhos de barba curta, de rostos de criança, mulheres do Oriente de rosto fosco — entregam-se todos, com toda a belleza de seus olhares, a esse jornal longinquo dos operarios francezes que me mandaram até aqui, a essa *Humanité* que vem se acalentar ás chammas dos "Fogos eternos".

— Estamos orgulhosos, diz Lepionkine, por carregar de agora em diante o nome do jornal que serve de bandeira, na lucta contra o imperialismo francez, a nossos irmãos opprimidos do Occidente, a nossos irmãos mulatos e negros da Africa, a nossos irmãos amarellos da Indochina...

"A recordação deste dia, e as relações que de agora em diante se estabelecerão entre nós e *l'Humanité,* nos ajudarão a vencer as difficuldades que encontrarmos em nosso caminho!

"E estamos certos que, em vossos momentos difficeis, nos periodos de repressão, vós, trabalhadores da França, nos sentireis ao vosso lado, na primeira linha de todos os trabalhadores socialistas da U. R. S. S., defendendo-vos, com todas nossas forças, em nossos barracões e em nossos poços.

E' Schuchliabina, é Petrochan, é Assadoc, é cada operario e cada operaria da empreza, que quereria falar e dizer a *l'Humanité* tudo o que poderia fazer por ella...

Assigna-se.

Com uma solemnidade de parada, 12 trabalhadores vêm collocar seu nome ao lado do meu, me apertar a mão, e me triturar os dedos.

Um delles se applica durante muito tempo, escrevendo lentamente.

E' um turco, um turco muito velho, e elle se desculpa:

— E', diz, que só ha três mezes aprendi a escrever...

IX — Prova pelos ares — (Bakú-Moscou)

Treze horas e trinta em Bakú.

Nossa helice fura o céu de Surokhani...

Nódoas vermelhas, nódoas cinzentas, nódoas escuras, asphalto, naphta, suores de fogo. Oitocentos metros.

A peninsula do Apcheron está reduzida a uma lingua de terra que o olho liga de mar a mar.

Sómente o avião está na escala da U. R. S. S.

Os arrosaes individuaes das aldeias turcas recortam miseravelmente a terra, com seus bordados pacientes de canaes, entre os kholkhozes raros...

Sós, as nuvens e o sol atiram manchas de sombra e de luz de proporções exactas sobre o mappa terrestre.

Sobre o mappa maritimo, verde, cinzento e azul, as vasas dos rios, em flócos suspensos sobre a agua, traçam para os grandes peixes longas estradas sombrias.

O motor muge seu ronco illimitado, enchendo a cabeça: S. S. S. R.! S. S. S. R.!

A abolição do ouvido aguça a vista. O olhar se prepara para o vôo directo, rumo ás profundezas desta Asia.

Momentos de mar, com o accidente das ilhotas pacificas.

Momentos de terra, com a alternancia do collectivo e do individual. Manchas de florestas, manchas de terra, manchas de agua, manchas de sal. Na planicie de Kubán, troncos de arvores se dispersam aos safanões pelos rios, feixes nervosos de ramificações capillares.

E o homem?

A partir de 500 metros, o homem é reposto em seu lugar de animal geographico. Isolado, não se o vê. Do alto, existem apenas os grupos de homens. Lição. Quéda num buraco de ar, da parte de traz do avião.

Atravessamos, sacudidos pelo vento, o rio Samur. Peixarias-kolkhozes. Um grupo de homens puxa a rêde, como um cacho de uvas pretas preso á ponta dum fio curvo que parece querer arrancar o mar. A margem da Caspianna é uma ilha de kolkhozes pescadores. As *Portas de ferro*, que o Derbent retem na estrada das invasões. Aqui, o Caucaso encontra o mar e separa os rios do Norte dos rios do Sul, a Europa da Asia.

Quinze horas.

Quinze horas.

Como vamos devagar! E' que o espirito anda mais depressa que o olhar, por cima do mappa, e que, desta vez, o mappa é a velha terra de nossos paes.

Suspenso entre a terra e nós, sómente os grandes milhafres nos restituem o sentido de nossa velocidade.

Naphtas, ainda, a 300 kilometros de Bakú. Poços novos de Birepei, cujos madeirames parecem sahir de dentro duma caixa de phosphoros.

Aqui, o socialismo constróe febrilmente, no meio duma paysagem de sonho.

O plano de cinco annos em quatro annos: S. S. S. R.! S. S. S. R.!

Cabo ao nordeste. A Caspianna sóbe em direcção á nossa aza direita. Anneis de sulcos, anneis de cordas.

Makatch-Kala. Aterrisagem. Nova partida.

Caucaso! O olhar torna a subir os valles, até a intimidade das gargantas, pelos rios que rolam suas aguas espessas de primavera.

15 h. 45 m. Corremos atraz da T. S. F., para o norte, num céu repleto de ondas...

Para o norte! Moscou está apenas a 1.800 kilometros.

Tempo. Sómente a velocidade do avião póde ser comparada á emulação socialista. O plano de cinco annos em dois annos e meio! S. S. S. R.!

Culturas, culturas, culturas. Escuro, verde, escuro, verde. Collectivisação a 50%. E' o que me uiva a terra, vencendo o canto do motor: S. S. S. R.! S. S. S. R.!

Acabaram-se as arvores em flôr! acabou-se o romantismo!

Só vejo o graphico estatistico da terra.

O avião segue o roteiro do rio Terek. E sobre seu pequeno trilho zigue-zagueante as lagartixas dos trens desenrolam seus anneis de naphta.

Nossa pequena sombra nos acompanha fielmente, sobre a terra, como uma testemunha.

Eis os primeiros poços de petroleo de Grosny. Lá está, ao sudoeste, além da grande planicie collectivisada, o aúl em que conheci Ismail, o kulak tchetchéne...

O petroleo e o trigo, toda a minha viagem...

O motor se acalma: por cima das casas operarias, das tubula-

duras dos *crackings*, e das torres dos clubes, nossa sombra dansa em nosso redor.

Adeus, Grosny!

Cabriolamos a 1.000 metros, por cima dum mar de trigo: sovkhoze gigante, com montanhas de trigo, valles de trigo, planaltos de trigo. Em sua fronteira, seguindo seu exemplo, arados enfileirados, ladeados por dois tractores, frizam a terra dum kolkhoze.

O ar publica o communicado da hora: 80% de collectivisação já attingidos...

Aqui está uma aldeia *udarnik*. Nenhum campo individual, a não ser os pequenos quintaes.

O ar exhuma a historia morta: cicatrizes de tendas nomades rodeiam uma aldeia russa, a aldeia russa rodeia um muro, o muro um pomar, o pomar uma igreja.

Mas, sobre a igreja, fluctua uma bandeira vermelha!

Aqui, difficuldades: o kolkhoze está immerso no taboleiro dos pequenos campos ridiculos... Lucta de classes!

Fraternisamos com o horizonte do Kazbek encapuzado de nuvens, emquanto o monte III, ponto de neve, annuncia Vladicaucaso. Os kolkhozes se multiplicam...

Escala.

A terra sóbe vertiginosamente ao nosso encontro.

Três cavalleiros Ossetines galopam em direcção á nossa aterrisagem.

— Kolkhozianos?

— Sim.

— O que foi que lucrastes?

— Colhemos duas vezes mais de trigo que antigamente!

Concordancia do communidaco do ar, da estatistica e dos homens. Desapparecimento dos detalhes.

Piatigorsk. Mineralnie-Vody... De republicas em territorios, penetramos no Kubán.

A tempestade se approxima.

Campos-ovos, campos-barcos, campos-sanguesugas, campos-melancias... Os massiços potentes dos kolkhozes irresistiveis.

O trigo da primavera escurece de verde a terra escura. Um regato traça uma curva de sismographo sobre o mappa nublado.

Uma fileira insignificante de kolkhozianos tece depressa, antes que caia a chuva, o mais fino dos lençóes de terra...

Todas as estações são barracões. Constróe-se, constróe-se por toda a parte...

O contra-plano ainda mais rapido que o plano.

A tempestade rebenta. Raios de agua e de luz sobre o Caucaso. Corrida entre a tempestade e nós. O vento nos torce, nos achata, nos levanta. O piloto combate com todas as forças de seu pulso. A chuva vence e barra-nos o caminho. Tiro de barragem e ataque de flanco. Duas columnas massiças de aguaceiro ligam a terra ao céu.

Descemos a 400 metros e mergulhamos na chuva miuda. Acabou-se a terra. Ha apenas gottas de agua, que correm, levadas pelo vento, sobre o verniz das azas.

Ganhamos da tempestade em rapidez, e varamos, emfim, a nuvem.

Uma chuva, afinal de contas, é um pequeno paiz...

Reencontro a terra, uma bella terra, morena como uma pelle. Embriago-me de terra. Embriago-me de amplidão socialista...

Serenidade monotona do explendor. Quem falou em mentira das estatisticas? Revejo os kolkhozes russos, allemães, ciganos, nagais, e, depois delles, outros kolkhozes, e sovkhozes, e communas. Deserto sem fim de terra escura e de trigo verde. "95% das economias estão collectivisadas no Caucaso do Norte" diz a estatistica. Quem, afinal, falou em mentira das estatisticas?

Vejo a collectivisação. Toco-a com os olhos. Meço-a com a sobrequilha.

Prova pelos ares.

No ar povoado de appellos radiophonicos do campo, o motor lança o toque de clarim da victoria do trigo. S. S. S. R.! S. S. S. R.!

Prova, pelos ares, da victoria socialista.

TERCEIRA PARTE

NO PAIZ DE TAMERLÃO

I — Regresso á Asia

O restaurante da estação aérea de Moscou está repleto de engenheiros allemães e americanos. Ao primeiro signal do chefe da estação, um sól de fogo de artificio irá dispersar tóda essa gente pelos ares, aos quatro pontos cardeaes da Europa e da Asia. Quatro horas e meia. Embarcamos no "P. 17", que decolla e se eleva acima das casas operarias de Krasnia Presnia, envolvidas nos vapores do sól nascente.

Partimos para Tachkent. Caminho tradicional das grandes migrações humanas, mas em sentido inverso. Oe Oeste para Leste. Em sentido inverso, e atravez do céu: tempos novos. No instante mesmo que a Exposição colonial ostenta em Paris a escravidão de cem povos, vou visitar essas nacionalidades que o Partido bolchevik libertou do jugo tsarista. Vou procurar a doutrina de Lenine entre meus ascendentes aryanos do fundo da Asia.

Verdadeiramente, já não me interessa mais todo esse Kremlin e todas essas cupulas mediocres que assestam seus ouros por baixo do aeroplano. Quero ir mais longe, ao Este Communista, passando por cima desse mappa de terra onde aprendo a lêr.

Pequenos lagos sedosos, no meio de "datchas", (1) cujas mar-

(1) Villas.

gens estão recobertas de grandes sombras. Em cima dum trilho, um trem respira, azul. O reflexo do avião — nosso avião está mais alto que o horizonte de sól — illumina, desfilando por baixo de nós, ó campo russo, e corre em linha recta sobre os bosques.

Os campos dizem: A seára socialista será bella, os trigos verdes são abundantes" — e elles se cobrem, depois dos remendos indíviduaes dos campos moscovitas, das grandes terras abertas dos kolkhozes.

Os campos dizem: "E' preciso proteger a seára socialista" — e, de quando em quando, elles surgem recobertos pelos acampanmentos de verão do exercito vermelho e por suas trincheiras de exercicio.

A U. R. S. S. do Plano quinquennal está bloqueada.

Ha cavallos pastando na superficie do terreno de aterrisagem de Riazan, no momento em que descrevemos, sobre a cidade em flôr que se repousa á beira d'agua, grandes circulos de aves de rapina.

Aldeias se encarreiram até tocar os valles. Os poços nos espiam e os buracos de turfeiras simulam um bombardeamento geometrico.

Por toda a parte ha vigamentos novos, madeira nova, cimento, andaimes. Em toda a parte constróe-se. Cinco annos em quatro annos!

Em Penza são aviadoras que nos recebem, com essa elegancia nova de pernas núas das filhas athleticas do communismo, sãs e robustas em seus uniformes kakis.

Apresentam-se. Aqui estão Nadiejda, especialista do looping, e Véra, que bateu todos os recordes da escola de aviação de Penza.

— *Hurra, Véra!*

Um kolkhoze de legumes trabalha a terra a um rythmo de cinema, ao lado do acampamento, sob um forte vento norte.

Contacto. Partida. O kolkhoze não interrompe seu trabalho; — diz-nos adeus, com suas mãos e com seus platoks, e depois a terra o engóle.

Contrólo do alto o que me disseram em Penza. Durante 100 kilometros, a terra está collectivisada a 75%.

O aeroplano vôa no meio dum vento infernal. Conseguiremos chegar a Samara sem novidades? Nicolai Petrovich, nosso piloto, se agarra ao volante, e seu mechanico, Ivanov, abre de tempos em tempos a pequena claraboia da cabine para vêr onde estamos. Ha um doente a bordo. Ivanov berra qualquer coisa que não comprehendemos, sorri, e torna a fechar seu postigo. Quanto mais nos approximamos do Volga, mais o vento se desencadeia. De quéda em quéda, e de pulo em arranco, acabamos por attingir o rio. Kuznetz, Batraki.

De um e outro lado dos dois kilometros de largura do Volga, as aldeias se amontoam. Ellas se empilham no meio da verdura, aos pés das escarpas brancas, oppondo sua barreira natural ás arremettidas selvagens da agua e da terra, no degelo da primavera. O trigo, por toda a parte.

Samara. Casas traçadas em linhas parallelas e perpendiculares, na extremidade duma ponta de terra, entre o Volga e o Samara.

Nicolai Petrovich deixa o volante, exgotado. Dormiremos em Samara. Fizemos apenas 1.000 kilometros, em oito horas!

A gente descança bem, nessas estações limpas da idade da cultura socialista, nessas estações aéreas libertas da tyrannia negra do carvão, nessas estações que acompanham a créche e o clube operario, com seu dormitorio, suas grandes salas e seus banheiros.

Visita a Samara. Samara, vista de baixo, ao nivel dos rostos, é uma Asia que ainda hesita. Economicamente, um celleiro. Ahi tudo fala a linguagem do trigo — os cáes do Volga, com seus entrepostos e seus elevadores, as igrejas transformadas em depositos de trigo, os automoveis que carregam saccos de grãos, os caminhões polvilhados de farinha, a T. S. F. que ennumera os hectares semeados, os jornaes que publicam o boletim medico das colheitas, o activo do Partido que, numa reunião a que me convida, festeja o successo do plano de semeadura, terminado antes da data fixada.

E sempre, e em toda a parte, construcções novas, em marcha como um exercito.

Deixamos Samara de manhã cedo, sob um tempo ameaçador.

Nesta margem do Volga, 86% de collectivisação. Dizem-no a estatistica e o mappa. a geographia é socialista.

O vento do norte nos apanha novamente de flanco, e parece que todas as armações do avião vão arrebentar. Vamos em direcção de Oremburg. Mas não conseguimos avançar.

Um defeito na vidraça de minha janella me dá a toda hora a impressão de que um dos ovens de nossa aza esquerda se torce. Pequenos valles de terra vermelha nos aspiram e tornam a nos

jogar para cima. Emfim, Oremburg. Parece um leque e úa meia lúa. E' uma cidade-acampamento, rodeada por um fosso de rios, nos quaes as barcas estão semeadas aos punhados, como sementes de girasól. E aqui está a ultima floresta da Europa.

Estou na Asia. Desta vez, deixei, a peninsula européa. Isto não é um braço da Asia, nem a Asia-fronteira do Caucaso, nem a Asia-amostra de Bakú. Não. E' a Asia profunda, aquella em que a gente penetra, não por um desfiladeiro estreito entre a montanha e o mar, mas pelo portal immenso das steppes kirghize-kasakes. E' o dorso do continente.

Reconheço-a. Foi dessa Asia que viemos, foi por esta Asia que passámos, ha millenios, armados de páus pontudos e de pedras, vindos dos planaltos, seguindo os rastos dos animaes selvagens e os cursos da agua, attrahidos, como passaros migradores, pelos climas mais amenos do mar. Foi por essa Asia que passou mais tarde, seguindo os mesmos caminhos, já então abertos aos homens, a massa irresistivel dos povos pastores, em marcha para o Oeste, — é por cima desses rastos que voamos, em sentido inverso.

A's margens do Ilek, de areia fina, se extendem, entre os carreiros dos rebanhos, numa desordem desoladora, as cicatrizes das velhas economias individuaes. A's vezes, por cima dessas cicatrizes, um kolkhoze impõe sua fórma larga, a unica em proporção ás dimensões desta Asia, de nosso retorno e do socialismo. Ao acaso, no meio do deserto, grandes campos estão extendidos, como guardanapos postos a seccar.

E nesse deserto que começa ainda e sempre construcções novas, ladeando a estrada.

Aktiubinski. Uma cabana minuscula, no meio do fogo da steppe. A Asia vem vêr o aeroplano. Um mongol velhissimo, um kasak de barba grande e rude, de olhos pouco rasgados, fita-o, sentado sobre os calcanhares, sem que sequer um musculo de seu rosto se mexa. Comemos um pato defumado a moda da China. Uma carruagem puxada por um cavallo e um camello transporta uma familia, extendida sobre tapetes de feltro. Dois pioneiros kasaks, na hora de nossa partida, nos cumprimentam com seus rostos chatos, com seu lenço vermelho e seu *Sigda gatov!* "Sempre alertas!"

Agora, nada mais que o deserto, no mappa da terra e no mappa

da Asia, uma vasta extensão sem um só nome de cidade, e na qual se destaca, em grandes letras espaçadas — K A S A K S T Ã O. "Além, além!"

Aqui estão, entretanto, os petroleos de Emba e a pequena cadeia de Mugodjari.

A visão do deserto cança os olhos. A areia lambe a steppe com linguas de fogo. Entre a linha de agua dum rio e a linha de fogo da estrada, nossa sombra passa por cima de grandes rochas, redondas e lisas como ventres...

Tchelkar e seu lago salgado. Na aldeia kasak em que descemos, Bucharbey, secretario do Partido, prevenido pela T. S. F., nos recebe fraternalmente. E' um homem amarello, pequeno, de rosto grande, de pelle tão repuxada que quasi não deixa abertura para os olhos, de orelhas furadas por brincos — mas que tem bigodes a Carlito.

Tchelkar é a unica cidade dum territorio de 6 milhões de hectares e a séde de 36 escolas. O analphabetismo, ahi, está liquidado numa proporção de 65%. Os habitantes kasaks têm seu radio. O clube dos ferroviarios fica numa antiga igreja orthodoxa, e o jardim da infancia está sendo installado na mesquita.

Por meio de *"subotonik"*, os operarios de Tchelkar plantaram um jardim, onde crescem as unicas arvores do deserto. Mandaram buscar o *karagatchs* do Thibet, e os *karagatcss* trouxeram em suas raizes, na terra secca, sementes de flôres que jamais se tinham visto. E isso de tal modo, que agora a areia está repleta de plantas e de flôres emmigradas.

Levantamos vôo aos primeiros cantos de gallos matutinos. "Além...". E' a palavra de ordem do deserto e dos nomades. Yurtes, crostas de sal mais numerosas, por entre as quaes as artemisas, a unica verdura do anno, sóbem como bolôres azues.

E, depois, nada mais, até o mar de Aral: Kasakstão.

O mar de Aral, parte obscura da geographia de minha infancia, me apparece exactamente como me tinham mostrado, com sua côr convencional e suas margens decalcadas.

Do lado do golpho de Mali Sari Tagansk, uma barca de vella triangular segue um canal azul entre kolkhozes de pescadores. Uma galera de flamma vermelha estaciona no meio das barcas. Uma

estrada por onde sóbem caravanas se enfia pelo deserto a dentro. Materiaes que chegam e generos que partes.

O deserto, ainda. "Além..."

Sobre Kazalinsk, cidade innundada de arvores e de bréjos — emfim arvores! — pousamos entre kasaks do museu ethnographico, de gorros de pelle, de feltro, e de velludo roto, uns mettidos em blusas côr de uva, outros em macacões brancos, entre os vôos de cercellas.

Um kasak lê um jornal redigido em alphabeto latino.

Vôamos sobre o Syr Daria, todo bordado de campos semelhantes a ladrilhos de vidro ou a taboleiros de terra em terrenos pantanosos: são arrozaes innundados.

Em Ksyl Orda, uma grande andorinha passa por baixo de nós: é o "L. 99", que vem de Tachkent.

"Além". E' a palavra de ordem do socialismo em marcha.

Partimos novamente por um céu cinzento de areia. Acabou-se o horizonte. Fugimos em linha recta para o sul, sempre mais para longe, por entre uma atmosphera poeirenta.

Entre duas estações, homens minusculos se movimentam, num esforço collectivo de formigas, em redor dum wagon vermelho collocado desageitadamente, de travez, sobre a linha. E' um descarrilamento visto do alto.

O deserto durante 4 horas, 500 kilometros de deserto.

O deserto, onde algumas recordações rectangulares de campos passeiam entre as recordações redondas das cabanas e das mós. O deserto nos olhos sob o sol metallico, apezar do desmentido da cadeia nervosa do Kara-tau. O deserto nos ouvidos com o motor, o deserto a ponto de dar somno.

Nem olhamos mais para o deserto. Viemos vêr homens e nações.

"A abolição da desigualdade nacional, dizia a resolução do 10.° Congresso, está, praticamente, ligada á abolição da desigualdade economica, exprimindo-se antes de mais nada pelo estado de colonias e de semi-colonias, em que se encontravam as provincias exteriores da Russia, pelo papel de fornecedores de materias primas para a industria do centro, em que eram mantidas á força..."

Agarro-me á sombra da cabeça do piloto, que se delineia sobre

o oven, alegrada por uma pequena fita fluctuante. Repentinamente, olhamos para baixo.

Não ha mais deserto.

Ha apenas um jardim. E' Tachkent, a cidade floresta, a capital dos usbéks communistas. Em cima duma igreja fluctua uma bandeira vermelha. Em cima duma medersa fluctua outra bandeira vermelha.

Antigamente, era por Tachkent que passavam as grandes e lentas caravanas dos homens descidos da Alta-Asia para conquistar a cultura do Oeste; hoje somos nós, os Occidentaes, que voltamos á Asia central, atravez do céu, para ahi procurar a cultura nova, e aprender a soletrar, no lugar que foi nosso berço, o socialismo do Leste e a politica das nacionalidades do Partido de Lenine.

A's portas da India e da China.

II — De trem, pelo caminho de Tamerlão

Deixamos Tachkent esta noite.

Nossa brigada comprehende o escriptor de lingua allemã, Egon Ervin Kisch, sua mulher, o desenhista americano Lozovik, o professor Kunitz, das *New Masses*, o camarada norueguez Luyn, o autor polaco de *Je brule Paris*, Jassenski e sua mulher, e um antigo soldado vermelho.

Além desses, obtive a companhia de meu amigo Finn, um dos jornalistas da *Pravda*, ao qual Henri Béraud se refere com uma inquietação verdadeiramente divertida, em seu livro esquecido.

Um guia, fornecido pela representação tadjik do Uzbekistão, viaja comnosco. Duas camaradas communistas mobilisadas em Tachkent, Marussia e Génia, nos acompanharam até á estação e nos enchem de presentes, no momento da partida. Cartões postaes, chicaras de chá, ramalhetes de flôres, sem esquecer um livro de Puchkine.

"No momento da partida", é um modo de dizer. A linha está atravancada pelos trens de abastecimento, e, no restaurante, onde ha passageiros dormindo em cima das mezas, somos obrigados a esperar durante varias horas, que enchemos com os passes de prestidigitação de Kisch e as declarações de principios de Marussia e Génia.

Kisch engole ovos e sabres inteiros, tira pães de dentro do nariz e extrae kopeks do olho do visinho.

Por fim, o trem nos escamoteia por sua vez.

Marussia, ao deixar-nos, grita:

— Bôa viagem, bom trabalho! Mas acautele-se contra o pittoresco e o romantismo!

Deitámo-nos e partimos, provavelmente de manhã, para o Tadjikistão. Uma frente economica que ainda é uma frente militar. Porisso mesmo, nossa viagem me faz recordar nossos grandes deslocamentos de durante a guerra. Lembro-me que entre Amiens e Clermont-d'Oise viajamos durante cinco dias, passando pela costa normanda para voltar á Picardia.

Aqui, para transpor uma distancia de 350 kilometros em linha recta, o trem percorre 1.600 kilometros e leva três vezes vinte e quatro horas.

Traçado exigido pela colonisação tsarista, a estrada segue o velho caminho de valles das conquistas, o caminho de Tamerlão.

Quando a gente acaba de viajar de aeroplano e de seguir a linha das parallelas do mappa, isso é irritante. Mas esse grande paragrapho que vae de leste a oeste e de oeste a leste, dá, uma vez mais, uma idéa da immensidão da U. R. S. S. Não se chega nunca ao fim desse mundo.

A primeira estação importante que encontramos é Djisak, uma estação e um mercado no meio do deserto, aos pés de altas montanhas brancas. E' gritante de côres e de odores, de moscas, de turbantes e de obscuras doenças asiaticas.

— *Acautele-se contra o romantismo!*

A 60° á sombra — mas onde está a sombra? —, o clube esportivo dos jovens uzbeks de Djisak se entrega ao futebol num terreno que queima.

As moscas nos perseguem. Impossivel dormir. Passamos as Portas do Timur, entre rochedos á pique, e somos obrigados a parar, devido a um accidente, antes da estação 106, no meio dum valle profundo, onde o sól do meio dia se installou como numa poltrona.

O matto que cresce ali é trigo, e esses pedregulhos que passeiam pela estrada de areia são tartarugas.

Descemos todos das carruagens. Os uzbeks se sentam sobre os calcanhares. Os russos tocam accordeon.

Tornamos a partir. Que sêde! Invadimos o wagon-restaurante. Lá está sentado entre os engenheiros do Vachstroi, Hemgessar, um caixeiro-viajante kasak, que acompanha sua mulher Koslodoi, duma belleza selvagem, suja, animal, escura e delicada, que a gente não póde deixar de olhar, e a quem isso não desagrada.

Ha, aqui, em todas as estações, gente de todas as raças; uma Asia superabundante, que parece se multiplicar com o calor... Montanhas de terra, que já foram fortalezas, ponteiam a planicie.

Approximamo-nos de Samarkand, no meio duma espécie de Touraine oriental.

Na noite que cáe sobre o trigo e sobre as arvores fructiferas, o rio Zarachavan se sub-divide em canaes de todos os tamanhos, cortando estradas de poeira pelas quaes galopam cavalleiros côr de rosa, e enchendo de frescura a estação de machinas e tractores, toda explosiva de motores de ensaio.

Samarkand. *"Acautele-se contra o romantismo!"*

Decididamente, é a palavra de Marussia que deve ser levada na frente como um estandarte, durante toda esta viagem. Sinto-o. Esta Asia é na verdade, excessivamente rica em côres e, em exotismo facil, e, por isso, aqui o socialismo é principalmente o A. B. C. da cultura, quer dizer, tudo o que já nos é familiar.

Aqui, beber agua fervida em lugar de ir tomal-a onde se acaba de lavar os pés, já é uma revolução cultural. A gente deve constatar isso, e mais uma infinidade de outros esforços socialistas, que parecem minusculos, com muito amor. Elles não diminuem em nada a espantosa grandiosidade dos outros empreendimentos. Que a côr local fique, pois, uma vez por todas, em seu lugar, e que sirva apenas para dar uma idéa do caminho percorrido e do que resta a percorrer!

Para dizer a verdade, o que vejo de Samarkand, sob esse ponto de vista, é uma verdadeira lição.

O viajante que sonha com minaretes, com mosaicos azues e palacios de frescura, não póde quasi admirar, durante sua estadia em Samarkand, mais que um restaurante onde se bebe agua de Essentuki, transbordante de frescura, e uma "praça da estação", onde uzbeks misturados com russos esperam o omnibus, fazendo

cauda, emquanto o boccal dum alto-falante berra as ultimas noticias do algodão do Ferghania.

Bukhara, de recordações legendarias, Bukhara sem seu emir de 500 mulheres — tambem não me mostrará mais.

Mas o trem possúe caprichos bem exquisitos! Porque razão me terá elle feito assistir ao levantar do dia no deserto de Kelif?

O calor me expulsára para o estribo do wagon. O trem parára e a locomotiva fôra dar um passeio pela cidade. No estribo encontrei um pouco de ar — oh! mas muito pouco! O céu esverdecia. Dunas semelhando dentes de serrote occupavam o fundo do horizonte. A escuridão estava repleta de batidas de bicos e de estremecimentos de azas. Um frango cantava obstinadamente no ultimo wagon.

Uma grande estrella que parecia um pharól de locomotiva subia no horizonte. De tempos em tempos, contra as folhas de ferro do wagon, quentes como uma pelle, batia um gafanhoto duro, e grandes borboletas brancas perdidas vinham me abanar os olhos.

A estrella-pharól subiu muito depressa, empurrada pelo sól. Um vento mais quente que frio se poz a soprar. Percebi que era quasi dia porque minha perna direita, que pendia para fóra, ficava cada vez mais azulada.

A locomotiva veiu nos buscar para continuar seu passeio em zig-zagg pela Asia. Emquanto a estrella apanhava e matava uma pequena fatia de lúa.

"Acautele-se contra o romantismo!" Saccudo-me. Alguem acaba de se sentar perto de mim, na plata-fórma.

E' Ali Omer Hassan, o maior especialista de queijo da U. R. S. S.

E então, emquanto o dia sóbe e nós atravessamos dunas, nas quaes centenas de abutres estão pousados como sentinellas, emquanto fendemos planicies que são florestas de malva-rosas brancas aos pés das montanhas, o camarada começa a me contar de que modo mettera em sua propria cabeça a idéa de fazer com que todos os trabalhadores de toda a U. R. S. S., comessem queijo, de que modo o governo o ajudára, e de que modo elle circulava da Carelia á Asia Central e da Siberia ao Caucaso, creando centenas de "postos queijeiros", destinados a tratar milhões de litros de leite de cabras e de ovelhas, desperdiçados annualmente nos territorios sovieticos.

— Olhe, aqui estão algumas brochuras, das quaes foram impressas 125.000 exemplares em lingua russa, e 10.000 em cada uma das grandes linguas nacionaes. Ellas ensinam a arte de extrahir, de desnatar e de coalhar o leite e de preparar os queijos. Temos obtido bons resultados, e em todos os terrenos. Chegámos a fabricar o roquefort. Este anno, produziremos 50.000 toneladas de queijo. E' apenas um inicio. Mas nós partimos de zero, ou quasi. Até 1929, em toda a U. R. S. S., sómente os caucasianos fabricavam uma especie de queijo branco!"

Um trem militar carregando caminhões, cozinhas volantes e carruagens ligeiras, cruza comnosco. Está cheio de centenas de bellos homens bronzeados, que voltam de Stalinabad para Tachkent.

Grito-lhes:

— Donde vindes?

Um soldado vermelho ri, cruza os braços, e, apontando os dois dedos indicadores em direcções oppostas, responde:

— *De lá!*

O exercito vermelho não é tagarella. Mas, sem o saber, esse soldado me deu a mais eloquente das respostas.

No anno decisivo do plano quinquennal, a frente está em toda a parte, o inimigo do socialismo se encontra em todas as suas fronteiras, alerta...

E por isso sua resposta vale mais que todas as bellas historias de Ali-Babá que elle teria podido me contar...

"Acautele-se contra o romantismo!", me disse Marussia.

Olho para o mappa da Asia Central.

Aqui está o Tadjikistão.

A sudoeste da Persia, a nordeste da China, ao sul do Afghanistão, a leste da India.

O Tadjikistão, estrada enorme das migrações de povos, é a grande estrada de migração do leninismo.

Dentre todas as frentes em que deve velar o poder dos operarios e camponezes, essa de que me approximo é a mais perigosa, a mais incerta, a mais formigante de intrigas contradictorias. Esta é a frente do *Intelligence Service.*

III — Primeiro encontro com os "Bassmatch"

Duas estações depois de Termez, a cidade mais quente da Asia central — donde seu nome, dado pelos gregos de Alexandre —, sete homens, uzbeks e tadjiks, subiram ao compartimento vizinho ao nosso, no terceiro dia de nossa viagem para Stalinabad.

O primeiro delles tem um revolver na cintura, o ultimo um fusil no hombro — e isso é tudo o que, á primeira vista, os distingue dos cinco restantes.

Um dos homens desarmados é um grande velho tadjik, branco e barbudo, de feições européas, vestido com um *khalat* (1) de sêda com grandes listas violetas e verdes e coberto com um turbante cinzento. Contra elle se serra respeitosamente um adolescente bellissimo, de olhos de cabra selvagem. Em sua frente, três outros homens, uzbeks, de traços rudes, khalat rasgado, pés descalços ou calçados de velhos sapatos afghãos, róem um pedaço de pão.

— Bassmatch, diz nosso guia. O mais velho deve ser algum mullah. Os partidarios vermelhos os prenderam e agora os levam para Stalinabad...

Bassmatch — estranguladores —, é o nome que se dá na Asia Central, indifferentemente, a todos os que se alistam nas quadrilhas, fazem contrabando e vivem de rapinas. A palavra não é nova, e tão pouco o facto. Mas podem-se distinguir tres phases no movimento *bassmatch*. Antes de 1918. De 1918 a 1925. E enfim este anno, 1931.

Os *basssmatch* já existiam antes da guerra, nas aldeias da Asia Central.

Eram o producto da economia colonial tsarista, e augmentavam com seu progresso. De 1899 a 1908, o numero de operações *bassmatch* no antigo Turkestão russo augmentou de quinhentos por cento.

O movimento *bassmatch* era, nesse primeiro periodo, um movimento essencialmente indigena, de base economica e de protesto contra os ricos

E elle obtinha a sympathia activa da immensa maioria da população.

O tsarismo desenvolvera a cultura algodoeira no Turkestão. O'ra, o emprego de capitaes requerido por essa cultura — devido ás suas numerosas ramificações — é muito superior á que reclama a do trigo. Emquanto que, para cultivar o algodão, os kulaks, os beks e os beys tinham creditos sufficientes, o camponez pobre e o camponez médio éram obrigados a contrahir emprestimos. Obtinham o dinheiro sob hypothecas, a juros de uzurario. Por cem rublos, o *dekhan* (2) assignava uma letra de 148 rublos, e como sua terra era, invariavelmente, avaliada na metade de seu valor pelo juiz corrompido, caso não conseguia pagar no dia do vencimento, perdia immediatamente sua propriedade.

A Russia imperialista, como qualquer outra potencia colonial, mantinha no Turkestão, com vantagens para sua producção manufactureira metropolitana, uma desproporção proposital entre a industria e a agricultura. Tomava tudo e não dava coisa alguma. Não havia, pois, trabalho para o camponez arruinado. A mão de obra agricola sendo sufficiente, não restava outra coisa, ao *dekan* expropriado, sinão tornar-se *bassmatch*. A's façanhas dos "bandidos" seguia fielmente o curso das expropriações.

O movimento *bassmatch* era, então, de fundo popular e anticolonialista.

Depois da Revolução de Outubro, com a sublevação victoriosa das populações da Asia Central, as bases do movimento *bassmatch* se modificam completamente. As aspirações nacionaes, até então duramente reprimidas pelo tsar e pelo emir, sóbem do fundo como vagas.

O movimento dos jovens bukharianos, já antigo, evolue expontaneamente para o communismo. Os *dekhan* se apoderam das terras dos beks e dos grandes colonisadores russos. Acclamam os principios sovieticos, enviam delegados a Moscou, e depois, ao congresso de Bakú.

Os partidos communistas de cada nacionalidade, uzbek, kasak, tadjik, implantam a dictadura do proletariado.

Cada republica da Asia Central, com o desenvolvimento de sua cultura nacional, com sua independencia, sua autonomia politica e industrial, se transforma exactamente *no opposto de uma colonia*. Durante esse segundo periodo, o movimento *bassamatch* se reveste da fórma original de movimento contra-revolucionario numa ex-

---

(1) Roupa oriental.
(2) Camponez.

colonia, de um movimento dirigido contra a revolução proletaria e nacional pelos ricos expropriados alliados aos imperialistas. Agora, em lugar do tsar, do emir e de seus beks, são os operarios e os os camponezes que detêm o poder. Os que se levantam contra elles são seus exploradores de hontem, nacionaes e internacionaes.

Joseph Castanié, o autor francez do livro *Os bassmatch* (1925), constata esse facto quando denuncia a cumplicidade dos russos brancos e das quadrilhas, na Asia Central. E o agente inglez Esserton confessa ingenuamente em seu *No coração da Asia*, o papel que a Inglaterra pensa representar no movimento, ao condemnar o bolchevismo, "essa doutrina que, em sua finalidade logica, deve provocar a anarchia, o odio geral e o chaos". Effectivamente, por detraz do movimento *bassmatch* se delinea permanentemente a figura mais ou menos mascarada do Imperio britannico.

A missão ingleza Baly-Blaker-Mac Kartney, que vae a Tachkent em 1918, tem como objectivo organisar o movimento contra-revolucionario de modo a arrancar o Turkestão ao poder sovietico. E' preciso privar a Russia de suas materias primas,organisar a.desoccupação na industria textil e impedir que a aldeia obtenha os tecidos de que necessita.

Por intermedio do coronel Kornilov, a Inglaterra entra em negociações com Irgach ich Mohamed para a mobilisação de 25.000 *bassmatch*. Ella pagará uma diaria de 15 rublos por homem, fornecerá 25.000 fusis, 40 metralhadoras e 16 canhões.

Ao mesmo tempo, Amanullah — o famoso padischah do Afghanistão, tornado celebre, mais tarde, por suas viagens e suas desgraças — enviava uma delegação á Ferghania, para se fazer nomear Khalifa.

A herança da guerra e do colonialismo, certas faltas do Partido, o analphabetismo, o fanatismo religioso, a influencia ainda grande dos beks, permittem um recrutamento intenso entre os camponezes atrazados.

E' então que surge Ibrahim bek. Elle se enriqueceu na pilhagem da smala do emir de Bukhara — foragido desde 2 de setembro de 1920, deante de seu povo revoltado —, e levantou um exercito de *bassmatch* lokai — elle proprio, aliás, é lokai —, com o qual aterroriza todo um territorio, que lhe paga um tributo de mais de 3 milhões de rublos por anno. Seu exercito conta 20.000 homens e o emir entra em nogociações com elle, no Afghanistão, onde se encontra refugiado.

Enver pachá, marechal de campo em disponibilidade desde a terminação da guerra mundial, illudido pela ascenção ao poder, na Turquia, de Kemal pachá, vem de Moscou, onde fôra passear durante alguns mezes suas botas de aventureiro. O antigo animador do movimento jovem-turco sonha constituir na Asia Central o reino arabe de Maveranagra. Em Bukhara, inclue em sua equipe Osmam Khodjaiev, presidente da Republica popular. Reune as tribus, bate o exercito vermelho, occupa toda a Bukhara oriental e se proclama, em Kurgan-Tubê, salvador do Islam.

Ibrahim bek o inquieta, e elle, por sua vez, inquieta Ibrahim bek, que, desde seus primeiros revezes, o abandona. A 4 de agosto de 1923, Enver Kachá é passado a fio de espada pela cavallaria vermelha, numa escaramuça havida perto de Kovalink. Seu successor, Selim Pachá, se suicida. De agora em diante, Ibrahim bek é o unico chefe reconhecido dos *bassmatch*. Proclama a guerra santa. E' vencido.

Mas, graças a uma campanha terrorista cuidadosamente alimentada nas aldeia por seus agentes, Ibrahim bek esvazia o Tadjilkstão deante do exercito vermelho, transportando para a outra margem do Amu-Daria 206.000 camponezes, mais de 43.000 familias.

Serão tantos outros homens que terá á mão, em caso de necessidade, para operações ulteriores. Esses homens, que elle reduz á fome arrancando-os de suas aldeias, não pensarão em outra coisa mais que em voltar. Emquanto isso, servir-lhe-ão para pesar na politica afghã.

Esses três uzbeks prisioneiros que aqui estão, fizeram parte, provavelmente, dessa immigração.

Depois de 1926, exterminados os ultimos restos das quadrilhas existentes no territorio da U. R. S. S., ou havendo encontrado um refugio na Persia e no Afghanistão, começa a phase de construcção do socialismo na Asia central.

As usinas de descaroçamento de algodão se encontram destruidas. As irrigações estão abandonadas. O trigo substituiu pouco a pouco o algodão. E' necessario, antes de mais nada, reconstruir, e é preciso ultrapassar tudo o que jamais se pudéra prever. O rytmo da industrialisação na Asia central é quatro vezes mais rapido que na R. S. F. S. R.

Com o plano quinquennal, a partir de 1928, é uma nova revolução que se opera.

A burguezia nacional acaba de ser expropriada. A collectivisação guia a offensiva decisiva contra os kulaks. Uma lucta de classe exasperada acompanha a execução do plano. Ao mesmo tempo, a cultura socialista penetra nas regiões mais profundas do paiz.

Depois do aeroplano e dos caminhões, a estrada de ferro chega a Stalinabad, e os tractores apertam ás "kichlaks". (1) A corrente de opinião em favor dos kolkhozes se desenvolve, mesmo entre os camponezes da alta montanha. As plantações de algodão egypcio nos valles vão libertar a U. R. S. S. das importações inglezas.

Todos os elementos contra-revolucionarios, capitalistas e clericaes, se concentram, á espera dum movimento, que se sabem incapazes de levar a effeito sósinhos.

E eis a terceira phase do movimento *bassmatch*.

O anno 1931, que será o anno decisivo do plano, deve sêr, tambem, segundo os projectos dos imperialistas de todos os paizes, apoiados pelos sabotadores do interior, um anno de intervenção. E' preciso andar depressa.

A India, a Indochina e a China estão em fogo.

No Afghanistão tem lugar, a tiros de fusil, a lucta dos chefes de quadrilhas em torno dos despojos de Habibullah...

Ibrahim, que se levantou contra o novo padischah, Nadir Khan, é expulso para o norte pelas tropas governamentaes. O *Intelligence Service*, fiel a sua politica de divisão, abastece de armas as duas partes. E' a politica do coronel Lawrence, "o fabricante de reis". A idéa directora do *Intelligence Service* parece ser, nessa época, a creação dum Estado-tampão entre a U. R. S. S. e o Afghanistão, um Estado em que Ibrahim bek reinará por conta da Inglaterra.

Ibrahim bek, vencido pelo exercito afghão, é pouco a pouco impellido para o Amu-Daria, na região em que vivem as familias daquelles que elle levou para fóra do Tadjikistão.

Os agentes seus conselheiros fazem-lhe vêr que não ha outro caminho a não ser a invasão. Então, a 25 de março, Ibrahim bek

(1) Aldeias.

faz passar 6.000 dos seus, entre mulheres, homens e velhos, para a U. R. S. S., sob pretexto duma reemmigração pacifica. Mas, ao mesmo tempo, elle proprio ou os seus *Kurbach* (1) atravessam o Pianch em varios lugares e se precipitam, em grupos de 200 a 600 *djiguitas*, (2) sobre as aldeias tadjikes, para onde os chamam os kulaks.

Já não se trata, desta vez, de guerra santa. As quadrilhas agrupadas sob a direcção dos chefés militares e dos commissarios politicos só se atiram, nas aldeias, sobre os communistas, os sympathisantes e os kolkhozianos activos. Em suas fileiras combatem dezenas de russos brancos.

Trata-se, exactamente, duma expedição contra-revolucionaria organisada no exterior, dum ataque de diversão lançado, "como criança perdida", sobre a frente asiatica.

Mas um erro de apreciação vem estragar todos os planos de Ibrahim bek. Elle contava, enganado pelo desespero dos elementos capitalistas, com o apoio dos camponezes. Ora, a população, conquistada pelo esforço do communismo, escapa completamente, pela primeira vez, á influencia do Bey e do Mullah. Ella se colloca, resolutamente, ao lado do poder dos Soviets, que sabe, já agora, ser o seu proprio poder. Em sua frente, o invasor encontra os constructores socialistas do plano dos cinco annos, organisados em destacamentos de "*Bastões vermelhos*".

Foram esses camponezes que, depois de tantas centenas de outros, prenderam esses cinco vencidos que aqui estão e que o trem sacóde.

Interrogo o homem de fusil. Mas isso é difficil. Elle só fala tadjik e uzbek.

Felizmente, ha palavras internacionaes.

— Communista?

— Sim.

— Kolkhoziano?

— Sim.

Elle me explica, em sua lingua, qualquer coisa que não com-

(1) Chefe de quadrilha.
(2) Cavalleiros.

prehendo. Mostro-lhe minha carteira do Partido. Elle pega-a, vira-a entre seus dedos compridos, soletra-a lentamente... PARTIDO...

Nós dois temos o mesmo alphabeto, o alphabeto latino...

Um interprete benevolo me conta que esse tadjik está aprendendo a escrever e a lêr ha seis mezes, mas que a campanha das semeaduras, e mais a lucta contra os *bassmatch*, interromperam seus estudos. Mudos e fechados como pedras, os três *bassmatch* uzbeks encaram o *"bastão vermelho"*, e, de tempos em tempos, com suas longas mangas, espantam as moscas que correm sobre seus rostos.

O velho mullah illumina-se com um sorriso de polidez. Levanta a mão direita, e, virado para mim, pronuncia sentenciosamente, mas com graça, esse proverbio, que me traduzem:

— *Uma penna sae sempre victoriosa dum sabre.*

IV — ...e então a Estrella vermelha se levantou sobre a aldeia de Chatrud

O presidente do Conselho da economia nacional do Tadjikistão, Issa Kodjaev, nasceu em Bukhara. Tem 28 annos, e é um antigo aprendiz-pedreiro. Sabe russo e um pouco de allemão. Fala o uzbek, o tadjik e todos os dialectos da Asia Central.

Quando seus irmãos de raça se revoltaram, elle estava na linha de frente dos combatentes da guerra civil.

Uma enorme cutilada, um golpe de sabre, sublinha seu olho esquerdo. Foi ferido, soldado vermelho de 17 annos, nas paragens de Aktiubinsk, por um cosaco de Dutov.

Mas isso é apenas um arranhão, na blindagem desse homem de aço. Tem o typo tadjik, quer dizer, o bello typo europeu trigueiro, o typo dessas velhas populações da Asia Central, que os conquistadores arabes e mongóes obrigaram a retroceder até as montanhas que cercam o Pamir, chamado aqui o Tecto do mundo, ou melhor, a Extremidade do sól.

A musica do tadjik que elle fala é tão européa, que a gente crê, a todo o momento, reconhecer palavras allemãs ou francezas. E reconhece-as, effectivamente: *moder, poder, braouder... mére, pére, frére.*

Essa raça só pôde se conservar pura á custa de seu isolamento,

e se, por um lado, Issa Kodjaev sente-se orgulhoso por ter sangue tadjik, como communista lamenta o estado de atrazo em que a revolução encontrou seus compatriotas da montanha.

— Não podeis fazer uma idéa do mundo em que construimos o socialismo, mas a experiencia que estamos fazendo é o mais categorico dos desmentidos aos axiomas dos colonialistas sobre os povos irremediavelmente inferiores.

"O que vêdes hoje, — esses tadjiks lendo jornaes, estudando em nossos *"technicum"* ou em nossas escolas do Partido — equivale a um avanço de cinco seculos!

"Conduzir uma carruagem, uma carruagem puxada por um cavallo, isso vos parece perfeitamente simples. Pois bem! Sabei que, ha seis annos, os tadjiks do sector de Stalinabad ignoravam o uso da roda, e que foi necessario importar centenas de *"arbas"* para que nellas fossem atrellados os primeiros cavallos, que aliás não tinham a menor idéa do que deviam fazer... Hoje, vereis tadjiks conduzirem caminhões e tractores. Ha seis annos, quando chegavamos de caminhão a uma aldeia de *chaitanarba* (carruagem do diabo) —, offereciam forragem e aveia ao nosso motor.

"Quando a primeira locomotiva chegou a Stalinabad, em 1929, dez mil homens desceram da montanha para offertar-lhe fructas, carneiros e doces.

"Escutae esta pequena historia, que vos dirá mais que um longo relatorio:

"Era no fim da primavera de 1926. Com um punhado de partidarios e um pelotão de soldados vermelhos, estava eu em perseguição dum grupo de *bassmatch*, nas montanhas de Sangardak do norte, a 150 kilometros, mais ou menos, de Samarkand.

"O terreno era difficilimo. O caminho, um "avring" cujos parapeitos desde ha muito haviam ruído, seria bom, quando muito, para as cabras.

E entretanto nossos cavallos deviam passar por ali, pois os *"bassmatch"* — e nós os seguiamos passo a passo —, tinham passado por elle.

"Mas os cavallos do exercito não têm o mesmo pé que os cavallos dos *"bassmatch"*. Em caminho, perderamos dois homens e

duas montarias, que rolaram pelo precipicio sem que pudessemos fazer coisa alguma para salval-os.

"De manhã, quando sabiamos um valle plantado de pinheiros rachiticos, vimo-nos, bruscamente, envolvidos por uma multidão de pessoas vestidas com longas tunicas de couros de cabras."

Falavam uma lingua bastante differente do tadjik.

Tratava-se duma tribu ali encerrada, e que não progredira grande coisa desde os tempos de Cyrus ou de Xerxes, rei dos Persas.

Um velho se destacou do grupo e se approximou de meu cavallo.

— Sois, disse, homens de Samarkand, pelo que vejo. Sei onde fica Samarkand. Estive lá ha vinte annos.

Sois os homens do novo poder, do poder da Estrella.

Nós, montanhezes de Chatrud, sabemos que existe um poder da Estrella vermelha.

— Sim. E a Estrella vem aqui em perseguição dos *bassmatch*, seus inimigos.

— Sabei que fomos sempre livres, e que não reconhecemos poder algum. Aqui, o chefe sou eu. O poder daquelles que perseguis é mau. Elles nos atiraram com suas armas e maltrataram nossas cabras.

— Onde estão elles?

— Nós os expulsámos. Veja! O velho me indicava o fundo dum barranco.

Entre as rochas, corpos de homens e de cavallos destripados jaziam misturados em confusão.

— Se viestes para proceder como elles, tomae cuidado! Elles nos disseram que estavam sendo perseguidos pela Estrella vermelha, que matava tudo, animaes e gentes.

Entreatnto, ainda não fizestes nada do que elles disseram.

E se não praticardes aqui nada de mal, nós vos deixaremos partir em paz.

Tranquillizei o velho o melhor que pude, e tomámos a direcção da aldeia. Ficava numa baixada, á beira duma fonte, e compunha-se duma série de buracos cobertos de gravetos e de folhagem. E de todos esses buracos sahiram homens barbudos e mulheres sem parandja, (1) tão numerosos e rodeando-nos tão de perto, que não podiamos descer do cavallo.

(1) Véu.

Tinhamos aportado a milhares de annos atraz, numa aldeia que não tivéra outra ligação com o mundo moderno a não ser a viagem do velho, vinte annos antes, a Samarkand.

Do alto de meu cavallo, comecei a explicar — tão simplesmente quanto possivel —, que o poder dos Soviets não vinha tomar nada, que elle queria, pelo contrario dar tudo, que quando elle tomava era para restituir mais, que era como uma terra, na qual, quando se joga uma semente, nascem trinta.

— Para nos alimentar não temos necessidade de nada. Nossas provisões são sufficientes. Não temei, pois, por vossas cabras. Mas já é noite, e queremos dormir aqui.

— Já que vens de Samarkand, disse o velho, pódes descer. Foi Samarkand que me deu o poder. Chatrud, nossa aldeia, te dará hospitalidade.

Estavamos exgotados por nossa viagem e pelos acontecimentos da caminhada. Dormimos nos buracos da aldeia, em cima de pelles fervilhantes de vermes como troncos de arvores.

Quando me levantei já era dia. A frescura da manhã prendeu minha attenção, e não pude notar immediatamente que, na entrada, havia úa mulher, sentada na terra. Estava descalça, apesar do frio de junho, seus cabellos hirsutos e gordurosos jamais tinham visto o pente e suas roupas eram duma sujeira que mettia mêdo.

Apesar disso tudo, foi a mulher mais bella que já encontrei em minha vida. Um pouco velha, apenas: uns vinte e dois annos, ao que penso. Olhava-me ha muito tempo.

Disse-me:

— A poeira de teus pés me é mais cara que meus olhos.

Assim ella me saudava.

E ella tornou:

— Velei aqui a noite inteira, para te falar quando acordasses. Chamo-me Bulidjan. Já que vens de Samarkand, deves ser forte entre os homens, e já que és o mais forte, deves ser tambem o melhor. Disseste que defendias os que soffrem. Pois bem, ou soffro muito! Sou a quarta mulher dum homem rico, chamado Sanghin, que me comprou de minha mãe, faz seis annos. Emquanto eu era jovem, elle me satisfez e dormiu commigo mais vezes que com suas outras mulheres. Mas hoje elle me maltrata, me odeia. Atrella-me ao arado

mais vezes que a minhas companheiras e me bate mais que a ellas. Não posso continuar em sua companhia, e entretanto elle não quer, absolutamente não quer me matar. Se não me ajudares, e se elle vier a saber que falei comtigo, pelo menos assim tenho certeza que me matará.

Essa mulher dizia tudo isso com uma simplicidade tragica. Uma questão de prestigio se impunha, o prestigio da Estrella vermelha, e eu, communista e campeão da libertação das mulheres, não podia deixar que matassem assim Bulidjam.

— Faça vir teu marido.

Ao chamado de seu nome, um homem duns cincoenta annos sahiu duma choça de gravetos.

E, com uma voz encolerizada, gritou, virado para mim:

— O que queres?

— Sou o representante do poder que defende todos os fracos e todos os pobres, homens e mulheres, e soube que maltratas tua mulher.

— Isso não é de tua conta. Comprei-a por 20 cabras. Não tenho direito de fazer della o que bem entender?

E elle ria, ria.

— Não! Agora chegou aqui a Estrella vermelha, e tens que repudiar tua mulher.

— Jamais! Ninguem tem o direito de me obrigar a abandonar o que me pertence!

— Seja!

Chamei dois partidarios vermelhos, que o cercaram e prenderam.

Elle tinha mêdo que o levassemos lá para baixo, para Samarkand, e gritava:

— *Kitcha! Kitcha!*

Era o nome do velho chefe da aldeia.

Kitcha accorreu.

— Por que mandaste prender um dos nossos?, me disse Kitcha severamente. Solta-o.

— Que elle solte primeiro sua mulher. Se recusar, nós o levaremos para Samarkand. Convença-o a vir conversar commigo.

O velho reflectia, indeciso entre o espanto e a cólera. De nossa parte, poderia esperar muita coisa, mas nunca ver-nos occupados

com um negocio tão irrisorio. E, depois, estava em jogo a santa propriedade! Minha decisão tomava um aspecto de lucta de classe e de guerra civil.

Emfim, o velho resolveu dirigir-se ao marido e explicar-lhe elle proprio o que esperavamos que fizesse.

— Seja, disse Sanghin, repudiarei Bulidjan, mas com a condição que ella me devolva minhas cabras.

Respondi:

— Se comprares uma camisa de lã, a usares e a rasgares, ainda ousarás pedir ao commerciante que a vendeu que te devolva teu dinheiro?

— Não.

— Pois bem, então vaes declarar deante do chefe da aldeia que concedes o divorcio a Bulidjan, pela qual pagaste 20 cabras, mas que usaste durante seis annos.

— Vamos, disse Sanghin, és jovem mas és mais forte que eu, não sómente por teu poder de homem da Estrella, como tambem pela força de tua razão. Submetto-me. Em face dos antepassados, restituo a liberdade a esta mulher.

O compromisso era solemne, e eu sabia que seria cumprido.

Resolvido esse caso, tratámos de explicar ao velho Kitcha como devia organisar as bases dum Soviet. Reunimos os camponezes mais pobres, deixámos-lhes alguns productos e tornámos a partir.

Quando sahiamos da aldeia, pensando nos perigos da viagem de volta, vimos, de repente, Bulidjan chegar correndo em nossa direcção.

Ella se prendeu ao meu estribo e me abraçou a botina.

E como eu tentasse me desembaraçar com geito:

— Não, não, dizia ella, tens que ficar mais um pouco. E' preciso que voltes á nossa aldeia, que te sentes no tapete de minha mãe e que bebas comnosco o chá de raizes.

Pedi a opinião de meus camaradas. A aventura os interessava e elles aconselharam-me esperar.

Num dos buracos da aldeia, uma velha de perna quebrada, que se arrastava no meio duma immundicie asquerosa, tirou alguns calices de madeira de dentro dum velho bahú. Depois, tendo me cumprimentado longamente, mostrou-me um esfregão sujo, no qual estava

embrulhado um pacote cuidadosamente amarrado. Desse pacote, ella ainda extrahiu um, depois dois trapos encardidos, e dum ultimo trapo retirou uma pedra azulada, da grossura mais ou menos dum punho.

E ella disse:

— Naquelle dia, juntamente com o velho Kitcha Sakal, meu marido e meu filho partiram para Samarkand. Faz vinte annos que isso se passou. Elles levavam cabras, que venderam aos homens de lá de baixo.

Nem meu marido nem meu filho voltaram. Kitcha Sakal me disse que tinham cahido na montanha. Talvez elle proprio os tivesse empurrado. O facto é que voltou sósinho e se tornou chefe da aldeia. Elle me trouxera, como recordação de meus dois mortos, esta pedra de Samarkand. Passa a lingua por ella. Verás que é doce como o mel.

Era assucar. Um pedaço de assucar crystalizado, religiosamente conservado e lambido, ha vinte annos, por toda a familia, nos grandes dias, — o producto inestimavel e inexplicavel da civilisação lá de baixo, a pedra de Samarkand.

— Jurei, continuou a velha, só deixar que um extrangeiro a tocasse, caso fosse um homem que eu amasse tanto quanto meu filho.

Dou-a a ti, o poder da Estrella libertou minha filha, — dou-a ao poder da Estrella.

Peguei o assucar, lambi-o, bebi e parti".

— E' tudo?

— Sim, é tudo...

V — Stalinabad, a cidade pioneira

Sou o primeiro francez que desembarca em Stalinabad.

Esta é a ultima capital da Asia do Sul que está ligada directamente com Paris.

Paris fica apenas a 10 dias de trem dos contrafortes do Pamir.

Stalinabad me recebeu com uma bella rua calçada, que vae da estação á cidade, e que está bordada de pequenas arvores.

Stalinabad, cidade moderna, é uma cidade tadjik, séde do governo socialista tadjik.

Tive occasião de vêr na U. R. S. S., em varios lugares, cidades

novas, construidas na steppe, nas florestas ou nos bréjos, em lugares em que não havia nada. Golpe de força, sem duvida. Aqui, em Stalinabad, já havia alguma coisa, e isso era uma difficuldade a mais.

Sobre o terreno de Stalinabad, effectivamente, se levantavam as ultimas asas do Sul de Duchambe, Duchambe significa em tadjik segunda-feira. Em Duchambe existia, desde tempos immemoriaes, uma grande feira, uma segunda-feira celebre no anno. A ella accorria gente da Persia, do Afghanistão, da India e da China. Os itinerarios das caravanas convergiam todos para os *bazares* de Duchambe. O clima de Duchambe era melhor que o das outras cidades dos valles. Alexandre o Grande detivera-se em Duchambe. E Duchambe fôra, de Alexandre a Enver Pachá, o lugar pelo qual haviam passado todos os conquistadores, e aquelle em que haviam affirmado seus "direitos" sobre as terras tadjiks, montanhas e paizes baixos. Essa situação historica e geographica tornava necessaria, mas audaciosa, para o povo tadjik, emfim senhor de seus destinos, a fixação de sua capital em Duchambe.

A 15 de março de 1925, era fundada a republica autonoma do Tadjikistão. Em dezembro de 1929, o Tadjikistão tornava-se a setima republica independente da U. R. S. S.

Em 1925 não havia quasi mais nada em Duchambe, a não ser ruinas. Cançados de ser os habitantes duma cidade-alvo, a maior parte de seus 600 moradores fugira. Era preciso ser o partido bolchevik, para ousar collocar uma capital ahi, a 250 kilometros de toda estrada de ferro, em pleno paiz *bassmatch*, sob o fogo das tribus lokai. Porisso tudo, Stalinabad justificava bem seu patrono.

Desde que foi decidido que Duchambe se transformaria em capital, com o nome de Stalinabad, o governo tadjik para ahi se transportou. Em Duchambe havia apenas uma casa européa: o hospital offerecido pelo tsar ao emir de Bukhara.

O governo, que ainda se denominava Comité revolucionario, alojou-se no que foi chamado, por ironia, o Kremlin. Uma série de *kibitki*, casas baixas de terra secca, cobertas de palha e de barro, fervilhantes de todos os vermes das terras quentes, desde o percevejo até o escorpião.

As sessões do Comité se realisavam no quintal, e o Soviet se

reunia sob um platano da Asia, á beira dum lodaçal de sapos, duma *hauss*, (1) como se diz aqui.

Ali viviam Maxum, camponez pobre de Garm, Presidente da Republica, Kodjibaief, jardineiro de Khodjent, Presidente dos Commissarios do povo, Mukhaeddin, Imamof, todos tadjiks, e dois russos, representando sua minoria nacional.

O Tadjikistão possúe todas as materias primas imaginaveis e todas as riquezas, desde o ouro até o radium, mas, sendo desprovido de estradas, era impossivel exploral-as.

Dormia-se sobre ferro, sobre nickel, sobre carvão, sobre petroleo, sobre cimento, sobre porphyro, e entretanto, era-se obrigado a importar tudo, quasi até mesmo tijollos. No local, não havia outras arvores que as dos pomares e alguns velhos platanos, para dar sombra.

Assim, a madeira de construcção tinha que vir de Termez, e a Termez ella chegava vinda do Ural. Mas era muito facil percorrer os 2.500 kilometros que separam o Ural de Termez, que os 250 kilometros que separam Termez de Stalinabad.

Longas caravanas de dromedarios partiam da estação terminal de Termez, carregando vigas, duas por animal, que iam com uma das extremidades arrastando pelo chão. E durante os dez dias que durava a viagem, na poeira, na lama, nos pedregulhos, cada viga encurtava de 70 centimetros a 1 metro.

Os primeiros operarios qualificados que o trem trouxera rapidamente de Nijni-Novgorod ou de Riazan para Termez, eram obrigados a fazer o restante da viagem de *arba* (2) e levavam de doze a quinze dias, segundo o estado dos caminhos e dos rios, para chegar a Stalinabad. Outros, menos felizes, viajavam, em cima dum burro, durante vinte e cinco dias.

No primeiro anno, entretanto, construiu-se uma escola, um moinho, o correio e a séde do Tsik. Isso em 1926. Havia, então, 3.000 habitantes em Stalinabad.

Nesse tempo, emquanto os operarios trabalhavam na construcção da séde do Tsik, a mais alta e mais avançada na direcção do sul,

---

(1) Lagôa.
(2) Carruagem asiatica de grandes rodas.

uma chuva de balas cahia de vez em quando sobre os andaimes, de onde os homens degringolavam como patinhos. Eram enterrados no local, no terreno vago visinho. Setenta trabalhadores dormem ali. Sobre seus tumulos, levantava-se hoje o Palacio da Justiça.

Muitas vezes, as caravanas que vinham de Termez eram obrigadas a atirar contra os *bassmatch* que lhes barravam o caminho.

Depois de 1926 o rytmo da construcção se accelera. Emquanto os capitaes fundamentaes se elevam a 189% em toda a U. R. S. S., na Asia Central sóbem a perto de 400%.

O rytmo accelerado é a base mesma da politica economica de reerguimento das nacionalidades outr'ora opprimidas. A nação socialista se levanta sobre as ruínas da colonia...

Na estrada que conduz a Stalinabad, construiram-se pontes, e, depois dos camellos e das *arbas*, eis que tambem as caminhões pódem passar.

Não leva mais que 24 ou 36 horas para ir de Termez a Stalinabad. Mas, com elles é uma nova odysséa: o atolamento nos bréjos, as derrapagens nos *ariks*, (1) as pannes dos motores suffocados pela poeira, as bussolas e os accumuladores afogados na passagem dos pequenos rios.

No inverno, a neve e a lama, no verão, 70° de calor!

Inflexivelmente, apesar dos *bassmatch*, apesar das estradas, apesar das febres dos brejos da Duchambinka, os camaradas do comité revolucionario tadjik proseguem em seu trabalho. Constróem a cidade de Stalin.

Em 1927, tendo os bassmatch se afastado, todos os esforços se concentram na construcção.

Nesse anno, só para a empreza de construcção urbana *Tadjikstroi*, o governo concede 2 milhões e meio de rublos de credito.

Em 1929, esses creditos passam a 5 milhões e meio. Em 1931, attingem 30 milhões.

Durante os annos tranquillos de 1927, 1928, 1929, a estrada de ferro, lançada de Termez, caminha em direcção a Stalinabad. A 1.° de maio de 1929, o primeiro trem entra na estação.

---

(1) Canaes de irrigação.

De agora em deante, a pedra, o cimento, as traves, poderão vir, e immediatamente a construcção melhorará de qualidade.

Para os 40 milhões de tijolos fabricados na cidade, 2.000 wagons de madeira trazem táboas, e 20 wagons de aço, tectos. Uma central electrica, animada por um Diesel e por um velho motor de aeroplano, dá 200 kw. de força á cidade, emquanto são lançados os fundamentos duma outra de cimento armado.

Constróem-se usinas de algodão por cima das antigas fortificações de Timur, os Kurgam do Sudoeste da cidade. O theatro municipal faz frente á estatua de Lenine, plantada como um semaphoro em direcção da India. Cada commissariado se transporta do "Kremlin" para uma grande construcção nova.

As habitações operarias se multiplicam. Avançam por toda a parte, aos arrancos, atravez do campo, aperfeiçoando-se a cada passo: primeiro tendas, depois *kibitks*, em seguida villas.

Aqui estão quarenta casas-standards, chegadas em peças de Leningrado, cada uma com dezeseis apartamentos de três quartos.

No grande corpo de Stalinabad, um serviço de auto-omnibus, sahidos das usinas sovieticas, assegura a circulação do sangue.

Atraz da séde do Exercito Vermelho e de seu vasto salão de theatro, desenha-se um parque, um *sad* (1) em que, desde que a agua comece a circular, as arvores crescerão ao rytmo socialista e tropical. Um outro *sad*, ainda creança, levanta suas arvores anãs a leste, entre um cinema de verão e um grande terreno de esportes.

Confortaveis casernas abrigam os cavalleiros, os sapadores vermelhos e o batalhão nacional tadjik... Créches, restaurantes, escolas, são construidas e inauguradas.

A construcção se mechanisa e começam a chegar os tambores de pixe e os amassadores. Cozinha-se o tijolo.

Construcções enormes, como a nova séde da G. P. U. e a nova estação aérea, se levantam.

Por toda a parte reclama-se a mão de obra. Os uzbeks e tadjiks já não bastam. Quem quer que chegue fica enthusiasmado. A gente se lembra, a contra gosto, da Luisiania e do Klondyke. Cada trem

(1) Parque, em russo.

que entra despeja as mais extranhas fornadas de emmigrantes.

Kulaks fugindo á deskulakisação, *litchentsi* (pessoas privadas de direitos), antigos burguezes e burguezas em férias de especulação, prostitutas desclassificadas, ossetines ex-chefes de quadrilhas atrelando pacificamente seus cavallos de combate ajaezados de prata a *telégas* em mau estado, para os transportes, toda uma emmigração do interior sobre a qual a G. P. U. fecha um olho.

Mas, ao lado desses, centenas de jovens enthusiastas, promptos a todos os sacrificios na tarefa de construcção do socialismo.

E' preciso, emfim, incluir na mão de obra os *bassmatch*. Ha *bassmatch* vencidos que vivem aqui em liberdade. Nós os encontrámos na rua, no bazar, nos tapetes das *tchaikana*, (1) e nesse vasto circulo de olarias que recúa á medida que o fermento socialista faz inchar, se extender e crescer a cidade.

Aqui estão cincoenta afghãos occupados na fabricação de tijolos

De turbante branco, brincos de ouro, corrente de relogio e botões de collete de prata, um sub-official afghão — um typo internacional de sub-official — conduz seus camaradas ao trabalho.

— Quanto ganham teus camaradas?

— De oito a doze rublos por dia. Depende do numero de tijolos feitos.

Interrogo um dos "prisioneiros"

Resposta:

— Viviamos mal no Afghanistão. Viemos com Ibrahim bek e aqui é melhor.

Ahi está, pois, essa gente, lançada, de armas na mão, contra a construcção socialista, que se resolve a participar nella, e a participar como *udarniks*, ainda por cima!

O Tadjikistão communista elevou esses ladrões de hontem á dignidade do trabalho.

— Já ajuntámos, diz o sub-official, duzentos rublos, para participar da compra dum tractor.

A cidade nova forjou homens novos.

(1) Casa de chá. (N. do T.)

Hoje, Stalinabad se desenvolve segundo um plano, 40.000 homens habitam essa capital dum paiz de 1.330.000 de almas

Mil tractores e trezentos automoveis percorrem regiões que, ha seis annos, ignoavam a existencia da estrada. Três linhas de aviação funccionam atravez da região.

Começa a extracção nas minas, e os primeiros poços de petroleo são abertos. A industria da sêda vae ter em Khodjent a maior usina da U. R. S. S.

800.000 hectares foram semeados este anno, dos quaes 221.000 em algodão, que devem fornecer 6 milhões e meio de puds, tratados em grande parte nas novas usinas locaes.

Sobre 110.000 crianças de idade escolar, 46% já frequentam as escolas, e 25% das pessoas entre 16 a 39 annos sabem lêr.

Para a formação dos quadros nacionaes, 2.000 tadjiks trabadham nas escolas superiores. Todas as alavancas da vida do Tadjikistão — salvo, momentaneamente, a technica —, estão em poder da população indigena, desde o menor Soviet de aldeia até a presidencia da Republica.

Pelo mesmo lugar por onde passaram os sabres dos persas, dos gregos, dos turcos, dos arabes, dos mongóes e dos russos, reduzindo a raça tadjik á escravidão, a nação tadjik se levanta e dirige os tractores pacificos, sob as palavras de ordem da cultura socialista, da industrialisação e da liberdade dos povos da Asia.

Tendo Stalinabad, cidade de Stalin, cidade tadjik, cidade pioneira, na vanguarda...

VI — A festa dos "Bastões vermelhos", em Koktach

Um circulo de turbantes, de fusis, de sabres, de batões e de bandeiras floridas. Um circulo mais largo de cavallos. Um circulo ainda maior de campinas, no meio dum circulo immenso de montanhas. No céu pairam grandes aguias brancas e abutres domesticados.

Seis fileiras de camponezes sentados sobre os calcanhares, ventres e peitos carregados de cartuchos, bebendo chá verde ou trincando pequenas cebolas, numa profusão incrivel de côres.

Sobre uma eminencia, o presidente do Conselho, Kodjibaeif,

sentado no chão, jovem, grande, diferenciado dos outros por sua roupa européa.

No meio do circulo, três pares de homens, cabeçá contra cabeça, identicos a carneiros enraivecidos, luctam, agarrados pela cintura.

Em redor delles, os operadores azues do *Tadjikino*, correm com seus apparelhos de tomadas de vistas.

Estamos em Koktach, a aldeia da Pedra Verde, ainda hontem capital da Vendéa do Tadjikistão, patria de Ibrahim bek, centro das tribus *lokai*.

Koktach festeja hoje seus *"Bastões vermelhos"* (*Surk Kaltakoi* em tadjik), os camponezes vencedores dos *bassmatch*.

Elles foram 60.000, que se organisaram ao appello do Partido nas aldeias, á approximação dos djiguitas de Ibrahim bek, 60.000 montanhezes armados de tudo que lhes cahia sob as mãos, de matracas, de facas, de pistolas ou fusis, 60.000 combatentes que, deliberadamente, deram sua vida aos Soviets. Onde Ibrahim bek pensava encontrar cumplices obedientes aos beks, aos beys, aos kulaks e aos mullahs, encontrava os *"Bastões vermelhos"* armados de um fusil sobre dez, em columna massiça, sob as balas dos *bassmatch*, e os obrigavam a recuar. Tinham em si o espirito do *kolkhoze*. Ao passo que entre os *bassmatch* de Ibrahim os camponezes pobres supportavam por necessidade o commando dos *kurbatch* e se dispersavam ao primeiro claro aberto em suas fileiras, os *"Bastões vermelhos"* não recuavam, pois sabiam quanto valia o que defendiam.

Em Ksyl Mazar, um destacamento de *"Bastões vermelhos"* avançava contra Kur Artic, braço direito de Ibrahim bek na região de Kulab, precedido de 50 jovens pioneiros armados de porretes. Kur Artic gritou-lhes de longe:

— Que fazeis?

— Viémos surrar-te com nossos bastões.

Então Kur Artic jogou fóra seu fusil, avançou para o destacamento, e disse:

— Se tenho as crianças contra mim, não me resta mais nada a fazer.

E rendeu-se com seus trinta cavalleiros.

. . . .

Não foi sem custo que conseguimos chegar até Koktach.

Uma tempestade de um dia e uma noite arrebentára, na vespera, a ponte de madeira que atravessa o Kafirnighan, o rio do Infiel.

Assim, fomos forçados a passar o rio de *luka*, um "berço" que é apenas uma prancha fragil viajando no ar como as cestas, suspenso a um cabo de aço.

De tempos em tempos, a corda desfibrada se rompe, e o viajante fica parado em cima da correnteza.

Agora, reunidos em torno de Kodjibaief, ouvimos a banda do exercito vermelho tocar um fox-trot em homenagem aos americanos de nossa brigada, e é aos sons desse fox-trot que se desenrola a lucta tradicional dos tadjiks e dos uzbeks: o *kurach*, ou *gotchen*.

De tempos em tempos, um homem se destaca do circulo e senta-se sobre os calcanhares, em frente aos juizes. Lança, assim, um desafio silencioso.

Aquelle que deseja ser seu adversario, se levanta por sua vez e vem se sentar ao seu lado.

Ambos os contendores passam, então, as mãos sobre os olhos, tocam a terra, se levantam, e começam, um em frente do outro, uma especie de desafio de gallos, que se interrompe, recomeça, e termina pelo corpo a corpo.

Os corpos estão inclinados em angulo de 45°, cada um fugindo aos pés do outro, porque, nessa lucta, a capoeira tambem é permittida, e cada qual tenta tirar o equilibrio do outro.

Em ultima analyse, trata-se, como na lucta romana, de fazer o adversario tocar os hombros no chão. Mas, aqui, são as roupas, uns fortes *khalats* de fazenda crúa, ou então lenços, que servem de cinto e permittem ao adversario agarrar sua preza.

Desde que consegue vencer, o luctador se levanta, e, saltando ora sobre o pé direito, ora sobre o esquerdo, dá uma volta de honra em torno da planicie, para ir receber das mãos dos arbitros uma peça de fazenda de côres berrantes, premio de sua victoria. O vencido só tem direito a uma chicara de agua morna.

Durante muito tempo, proseguem as luctas, no meio do circulo dos *"Bastões vermelhos"*, apaixonados por essa lucta.

Repentinamente, o circulo se rompe. As bandeiras se agitam, os cavallos que constellavam a planicie disparam, se mordem, escouceam e se reunem junto de seus cavalleiros, e, precedido de bandeiras plantadas na ponta de páus, o cortejo se põe em marcha, em direcção da tribuna, branqueada de cal, erguida na aldeia sob um arco de triumpho escarlate. Ali falam Kodjibaief e Aknassar Turdiar, vice-presidente do Tsik.

— E' preciso concluir a victoria, é preciso prender Ibrahim bek!

Depois delles, e depois de nós, que vimos trazer aos montanhezes tadjiks a certeza da solidariedade do grande proletariado de dois continentes, desfilam deante dessa tribuna os partidarios vermelhos, os soldados e os kolkhozianos até úa mulher, Bibicham, presidenta do Soviet de Laúr e membro do governo, amamentando seu ultimo filho, vem trazer á festa o testemunho de seus olhos desvendados.

Então, dessa multidão coberta de turbantes, desses cavalleiros que montam com agilidade, ficando muito altos em cima de seus pequeninos cavallos baios de pernas zebradas, de todo esse Oriente de sabres recurvos, de cartucheiras e de *khalats*, se levanta, de repente, um concerto de acclamações ao communismo internacional.

Daqui, dali, d'acolá, de toda a parte, rompem palavras de ordem:

— Vivam os trabalhadores do mundo inteiro, pelos quaes luctamos aqui contra os *bassmatchs* de Ibrahim bek!

— Viva a livertação de todas as colonias opprimidas pelos imperialistas!

— Vivam os communistas da Indo-China, que querem conquistar sua independencia como nós conquistámos a nossa!

— Abaixo o imperialismo, carrasco da India, sustentaculo e conselheiro de Ibrahim bek!

Ibrahim bek! Seu nome volta obstinadamente em cada *losung*, (1) em cada discurso.

em cada discurso.

Elle não está longe. A vinte, a trinta, a quarenta kilometros, talvez, na montanha.

Não disse elle áquelles com quem pensava poder contar, a esses camponezes pobres que o abandonaram:

— Retiro-me para a montanha como a agua, mas, um dia virá

(1) Palavra de ordem. (N. do T.)

em que cahirei de novo sobre vós e em que ajustaremos contas!

Emquanto a festa termina, um destacamento de *"Bastões vermelhos* salta em sella, fusis a tiracollo e sabre ao lado.

A trote, elle desapparece, no meio do pó, ao crepusculo, em direcção á cadeia de montanhas de Bab Atag, onde Ibrahim bek, cercado pelos *"Bastões vermelhos"* e pela cavallaria, continúa a resistir.

. . . .

Alguem me propoz ir visitar, ás margens do Kafirnighan, a casa de Ibrahim bek. Guiados por Aknassar Turdiar, montados nesses pequenos cavallos montanhezes que pódem andar toda uma noite sem descançar, e com os quaes os djiguitas de Ibrahim puderam fazer 6.000 kilometros em seis semanas, partimos atravez da planicie...

Aknassar Turdiar nasceu em Djeddid, no anno do Macaco. Sabe um pouco do russo. Foi em 1920 que ouviu falar, pela primeira vez, em Lenine. Circulava um boato pela montanha: *"Surgiu um homem chamado Lenine, que expulsou o Emir de Bukhara"*.

— Não sei escrever, diz Aknassar, mas sei trabalhar. Quereis que vos fale de Ibrahim bek? Elle é um grande organisador, um homem forte e um bom commandante. Foi o primeiro que organisou uma quadrilha de lokai bem armada e bem montada.

"Seu pae, um commerciante rico, possuia um moinho, e eu o conhecia muito, mas nunca falei com elle, pois era rico e eu era pobre. Vi Ibrahim pela primeira vez ha vinte annos. Eu levava ao moinho o trigo de meu patrão.

"Ibrahim já era conhecido então como o melhor atirador de sua clan, e tão capaz de montar o mais difficil dos cavallos, como de roubal-o. Nasceu aqui, no anno do Tigre.

— Ou seja?

— Ou seja, ha 54 annos. Depois da morte de seu pae, delapidou todos os seus bens.

"Depois começou, com uma quadrilha, a atacar os rebanhos. Seu nome chegou aos ouvidos do bek de Ghissar, que pensou que um homem audacioso como elle podia ser util ao emir. Porisso nomeou-o *Karaul begui*, quer dizer, chefe militar.

"Depois da fuga do emir, os chefes das tribus collocaram Ibrahim sobre o tapete de feltro branco, carregaram-no sobre seus hombros e elegeram-no bek.

Procuro entre as altas folhagens, os canniços e os pequenos choupos que nos separam do rio a casa de Ibrahim bek.

Na noite que cáe, os mosquitos começam a nos assaltar, e, com elles, a obcessão da malaria.

— Eis a casa de Ibrahim bek, diz Aknassar.

No meio duma floresta de hervas e de arbustos, um lance de muro, feito de tijolos seccos ao sól. Nesse muro, duas ou três janellas de estylo arabe, onde canta um passaro azul.

Esses tijolos, que a agua desagrega e que o vento esfarinha, são tudo o que resta da casa de Ibrahim bek. A locomotiva, os tractores, o kolkhoze a créche, o clube, o professor, o medico, a politica nacional do partido de Lenine, têm, tambem elles, corroido a potencia de Ibrahim bek.

"Retiro-me para a montanha como a aguia..." Miseria das comparações!

Por cima das aguias passa um grande ronco que enche todo o céu.

Um avião de Estrella vermelha, vindo da frente *bassmatch*, segue a caminho de Stalinabad...

VII — Ibrahim bek, 'bassmatch" da Sociedade das Nações

EM NOME DO DEUS MISERICORDIOSO
APPELLO AOS CRENTES DO MUNDO INTEIRO

"Com a ajuda de Deus,
a victoria está proxima"
(Aiat do Korão)

Aos povos que habitam o territorio da U. R. S. S., Turkestão, Tatarstão, Kazakstão, Kirghizia, Turkmenistão, Uzbekistão e Tadjikistão, as saudações do Divan begui e Tocham Bachi Mahomed Ibrahim bek e de S. M. Emir Alim Khan!

No tempo em que o imperador da Russia e o emir Alim Khan reinavam, todas as nações viviam felizes e tranquillas em seus terri-

torios, professando livremente sua religião. Mas, em 1918, por culpa de Lenine — maldito seja elle! — o imperador Nicolau e o emir foram depostos...

Assim começa o manifesto lançado em maio ultimo por Ibrahim bek, ao invadir o territorio da U. R. S. S. Traduzem-no para mim, sobre o tapete em que estamos deitados, bebendo o chá verde, sob a mais estrellada das noites, na aldeia de Koktach, a aldeia de Ibrahim.

Desde as primeiras palavras de seu appello, Ibrahim caracterisa nitidamente o movimento *bassmatch* de 1931. Não se trata, absolutamentei dum appello á consciencia nacional dos povos. Ibrahim sabe perfeitamente que a politica nacional do communismo venceu definitivamente nesse terreno. Não. Ibrahim exalta, pelo contrario, o colonialismo tsarista, e o apresenta como a éra ideal á qual se deve voltar, aquella em que o tsar russo explorava as populações atrazadas da Asia central, de mãos dadas com o emir de Bukhara.

O pretenso libertador se confessa, repentinamente o campeão do obscurantismo, da monarchia e do imperialismo russo. E' que elle sabe que deve se apoiar principalmente sobre os elementos mais reaccionarios das aldeias e os capitalistas, que vão perdendo, com a collectivisação, suas ultimas posições... Do mesmo modo que um qualquer Alberto Sarraut, defensor, como elle, do mais abjecto colonialismo, Ibrahim grita: *"O communismo, eis o inimigo!"*

Mas o *bassamtch* Ibrahim bek é mais logico que o *bassmatch* Alberto Sarraut. De resto, no fundo, nenhuma differença existe entre os dois.

Dahi por deante, no appello de Ibrahim bek, começa a longa ennumeração dos crimes do communismo: são as objecções costumeiras dos fascistas e social-fascistas, ás quaes se juntam considerações locaes: "Obrigam-vos a trabalhar com machinas... Impõe-vos o algodão... Modificam vosso systema de irrigações... Esmagam-vos de impostos para o Soccorro Vermelho Internacional (sic)... Transformam vossas mesquitas em clubes e hospitaes... As mulheres, que comprastes até por 1.000 rublos, são alistadas, pelo governo, nos komsomols, e sois obrigados a repudial-as... O governo as transforma em prostitutas, descobrindo-lhes os olhos, etc., etc.

E' simplesmente o reconhecimento de todo o trabalho cultural

realisado pelos bolcheviks... Ibrahim se serve da religião e das prescripções do *Chariat* e do *Adat* como fermentos contra-revolucionarios. Mas elle se guarda bem, esta vez, de proclamar a guerra santa. E como poderia fazel-o, elle que acclama o tsar orthodoxo e que conta em seu exercito dezenas de technicos e de officiaes brancos da antiga Russia?

Não. Ibrahim bek se affirma um dos sustentaculos da politica de Briand e de Genebra. Esse o facto novo, sensacional e caracteristico de sua campanha:

"Como esses factos fossem augmentando, por culpa da politica criminosa dos bolcheviks, a conferencia da Sociedade das Nações, realisada a 8 de fevereiro de 1928, em Berlim, á qual assistia um representante da emmigração do Turkestão russo, e a sessão da Sociedade das Nações, em data de dezembro de 1929, em que estavam representadas a America, a França, a China, a Allemanha, a Persia, a Turquia, a Italia, o Afghanistão, a Polonia, e onde os representantes da emmigração do Turkestão russo renovaram suas declarações, recolheram os ensinamentos politicos fornecidos pela attitude dos camaradas Trotsky e Zinoviev em 1930, decidiu que se liquidasse o movimento faccioso na Russia, assim como no paiz de Bukhara, e que se organisasse em seu lugar um governo monarchista.

Mistura, ao mesmo tempo arrogante e ingenua de phantasias e verdades, o appello é, aqui, perfeitamente claro. Não se trata de discutir a maior ou menor veracidade das affirmações de Ibrahim bek, (muito embora a pista que elle indica seja interessante de se examinar, e apesar da nomenclatura das nações conter uma bastante singular ommissão da Inglaterra). Mas um facto permanece. E' que o mullah de Kabul, que dirige a *Agit-Prop* (1) de Ibrahim bek, em lugar de invocar Allah e seu propheta, invoca, para invadir a U. R. S. S., a *Sociedade das Nações*. Para esse bandido, bom mussulmano, Genebra é a nova Mecca antisovietica.

Isso não constitue uma novidade para nós. Todos conhecem a missão antisovietica do instituto de Genebra, caro aos social-fascistas,

---

(1) Abreviatura de Agitação e Propaganda. (N. do T.)

e ninguem ignora o papel que ahi representa, nas ante-camaras, a emmigração branca...

Não seria, pois, interessante, comparar os planos de intervenção descobertos quando do processo do partido industrial, aos da equipe de Ibrahim bek, comparsa oriental duma operação de grande vulto?

Os "brancos" estão tão certos de seu successo, que um agronomo russo que se juntára aos *bassmatch* e que foi morto em combate, escrevera á sua familia, residente no exterior, para que viesse se juntar a elle.

Mas a principal conclusão é que o renome reaccionario da Sociedade das Nações está tão solidamente firmado no mundo, que um bandoleiro como Ibrahim bek não hesita, no fundo da Asia Central, em se utilisar delle!

Aqui se realisa a primeira expedição antisovietica empreendida em nome da Sociedade das Nações. Facto historico de importancia.

Paul Boncour e os social-fascistas exigem um exercito a serviço da Sociedade das Nações? Aqui está um, o primeiro a entrar em campanha, o exercito *bassmatch* do bandido Ibrahim bek.

VIII — A noite de Koktach

Onze horas da noite. Khodjibaief, o presidente do Conselho, está sentado na rua sobre tapetes, e, junto com elle, comemos com a mão o *plof* preparado por nossos amigos de Koktach.

Estão presentes Cherif Komandir, Mullah Cherif, Kassan, Mirghan, três bellos typos de chefes guerrilheiros vermelhos, cobertos de cartuchos, de armos e de condecorações, por cima de seu *khalat*...

Issai Buri veiu se sentar em nosso tapete e metter, tambem, três dedos no arroz apimentado do *plof*.

Issai Buri é um *bassmatch* desencantado, que, depois de sua rendição, e para dar aos partidarios vermelhos uma prova de suas bôas intenções, voltou á quadrilha, a que pertencera, cortou a cabeça de seu commandante, salgou-a e trouxe-a para Cherif Kommandir, dentro dum sacco.

Fala-se do modo como os camponezes reagiram contra Ibrahim e seus *bassmatchs*, quando da invasão. E Issai Buri desenrola suas recordações:

— Quando chegámos, com Mullah Mahomed Ibrahim bek, ao kichlak de Naiza bulak, comprehendemos que não eramos esperados ahi com grande prazer. Ibrahim bek mandou reunir todos os *dekans* na praça, o que foi feito a golpes de nagaika.

E Ibrahim disse:

— Em nome do Deus misericordioso, eu vos ordeno que forneçaes a meus djiguitas pão, carne, roupa, bottas e cavallos. Ide...

Os velhos lhe trouxeram, então, de joelhos, algumas bolachas, pedindo-lhe que os dispensasse do restante.

Ibrahim bek escarrou-lhe na cabeça, dizendo-lhes que suas bolachas estavam sujas, pretas, queimadas. Depois pegou uma bolacha em cada mão, e começou a esbofetear os camponezes. Então, os djiguitas o imitaram... E elles obrigaram toda a aldeia a se por de joelhos... E Ibrahim gritou que saberia expulsar do *kichlak* (1) o espirito bolchevik, e que caso não lhe dessem o que pedira, não deixariam pedra sobre pedra na aldeia.

Mas, emquanto isso se passava, alguns camponezes, que haviam conseguido fugir, tinham ido prevenir o posto do exercito vermelho. E nós tivemos o tempo justo de saltar em sella para ganhar a montanha. Por toda a parte, os camponezes nos preveniam assim.

Póde-se fechar uma porta á chave, mas não se póde fechar á chave uma bocca.

Kodjibaief diz, por sua vez:

— Num *kichlak* de 15 familias, chegam, de repente, os *bassmatch*. Onze familias sahem em segredo da aldeia e correm ao sector... Mas o caminho, na montanha, é estreito, e alguns delles se encontram na estrada.

— Onde vaes?

— Vou á casa dum amigo que recebeu chá. E tú?

— A' casa de minha irmã, na cidade.

Todos elles se encontraram no Comité do sector, pedindo unanimemente o auxilio dum destacamento vermelho.

— De tempos em tempos, retoma Issai Buri, o *bassmatch* desencantado, Ibrahim bek reunia seus *kurbatch* para estudar a situação,

(1) Aldeia.

em grandes conselhos de guerra... O ultimo a que assisti se realisou em Kungrad Adir.

Ibrahim bek fez ahi um relatorio da viagem que acabava de realisar perto daqui, entre os lokai.

— Esperava ser acolhido de braços abertos pela população, disse elle, mas todos me viraram as costas. Não pude engajar um só djiguita. Peór, ainda: denunciaram minha presença aos destacamentos vermelhos visinhos, e tive que partir precipitadamente...

Os *kurbatch* abaixaram a cabeça e o silencio cahiu sobre o conselho.

As historias proseguem durante muito tempo, emquanto comemos, illuminados pela lua e por lampadas, contra as quaes vêm bater, desatinadamente, mosquitos e mariposas; os camponezes trazem suas queixas, seus pedidos, suas cartas para Kodjibaief. Elle lê, annota, responde, e classifica tudo em seu grande chapéu kasak de feltro branco.

Kodjibaief me extende uma dessas folhas, curiosamente jaspeada de manchas violetas, por cima da escripta arabe.

E' a carta duma aldeia que envia sua adhesão á lucta contra os *bassmatch*, e na qual os 30 chefes de familia da aldeia assignaram com 30 marcas de dedos molhados em tinta gordurosa.

. . . .

Meia-noite. Deitamo-nos.

Verifico mais uma vez a verdade do proverbio tadjik:

"A humanidade conhece quatro flagellos: os piolhos, as pulgas, o semi-mullah e a policia do emir".

Os dois ultimos já não existem mais; mas, ai de mim!, os dois primeiros parecem não ter feito outra coisa que augmentar na proporção de suas devastações.

As pulgas saltam em nossos tapetes de feltro como gafanhotos num prado de junho.

Kodjibaief não se incomoda com tão pouco, e ri com um rizinho claro de nossos soffrimentos.

Os três *kommandir* dormem atravessados na nossa porta...

A gente tenta dormir. E' difficil, com o calor e a bicharia... A fadiga acaba por nos abater.

Uma hora e meia da manhã.

Barulho na porta. A' luz duma lanterna balouçante, que se move na extremidade dum braço, percebo três grandes corpos de *khalat,* scintillantes de cartuchos e granadas, que, de fusil á mão, avançam em direcção a Kodjibaief. Ergo-me, ainda mal acordado, a mão na pistola...

Emfim, reconheço-os, são os três *kommandir* de nossa guarda.

Kodjibeif acorda, pega o papel que lhe extendem, e, de repente, se dirige a nós, de pé, o rosto illuminado pela lanterna.

— Camaradas, diz, escutae.

E elle lê:

AO GUEPEU DO TADJIKISTÃO

Cópia communicada ao Comité de sector

Aos 23 de junho deste anno, ao meio dia, fizemos prisioneiros Ibrahim bek e Sahib Kommandir, assim como um djiguita, perto da aldeia de Ichkabad Akturak.

Ibrahim bek e seus companheiros estavam a pé. Encontravam-se armados dum fusil de 11 tiros, dum fusil de 5 tiros, duma pistola mauser, dum nagan (revolver) e dum browning.

O Guepeu tomou parte na diligencia. O kurbatch Issaibag Babadjan se entregou com suas armas. Tudo o que foi apreendido está á disposição do camarada Valichin.

A mauser de Ibrahim bek ainda se encontra em meu poder.

O commandante do destacamento de voluntarios:

Muchim Sultam

Applaudimos e gritamos:

— Hurra por essa derrota do imperialismo!

— Se a nova se confirmar, diz Kodjibaief, será uma grande victoria para o plano de cinco annos.

E, sem participar de nosso enthusiasmo, torna a dormir...

. . . .

No dia seguinte, ás 11 horas.

A noticia se confirmou.

Deante da tchaikana vermelha, onde vôam pombos, detem-se, no momento em que um cantor, acompanhado pela *tamber*, improvisa uma canção sobre a captura, já legendaria, de Ibrahim bek, um caminhão poeirento, vindo do sul.

Delle descem três membros dos grupos do Guepeu em operações e um chefe de partidarios, Abd ul Aziz.

Escoltam Sahib kommandir, o chefe do estado maior de Ibrahim bek. Um homem de grande talhe, elegante, de bottas, que conserva na derrota todo seu orgulho de cavalleiro. Está exgotado, mas não quer se render á fadiga. Está esfomeado, mas, á meza parece comer apenas por delicadeza. Um odio profundo o possúe, mas elle sorri com condescendencia aos nossos olhares. Os camaradas do Guepeu são laconicos:

— Nós os detivemos, a Ibrahim bek e seus companheiros, no momento em que tentavam atravessar o Kafirnighão. Foram os camponezes que os prenderam. Aqui está a mauser de Ibrahim bek.

Manejo a pesada pistola, symbolo de tantos projectos, de tanto poder passado. Tem a matricula n.° 22.802...

E' tudo o que conhecerei de Ibrahim bek. Elle proprio, ferido no braço direito, foi enviado hontem á tarde para Stalinabad, de aeroplano.

Aquelle avião, que passava por cima das aguias e da casa de Ibrahim bek, hontem á tarde, era o que conduzia para junto dos tadjiks socialistas vencedores seu inimigo de dez annos, o combatente do emir e do imperialismo tsarista, o matador de communistas, o campeão da Sociedade das Nações.

IX — A vanguarda do Varsopstroi

Num deserto de pedras, entre as montanhas, ás margens do Varsop, um rio desordenado onde saltam trutas, um homem, mais trigueiro que um tadjik, se approximou de nosso automovel e se apresentou, cumprimentando-nos:

— Aron Markovitch Guindin, engenheiro hydro-electrico, director do Varsopstroi.

Disse isso sorrindo, designando com a mão o deserto que o rodeava, e no qual alguns operarios, perto duma tenda, amontoavam alguns pedaços de páu.

Guindin tem 28 annos. Sahiu em 1927 do Instituto Timiriasev, de Moscou, e já dirigiu os trabalhos de barragem de Nijnie Zurnobatskie, perto de Gandja, no Caucaso. Tendo executado com exito esse primeiro serviço, foi chamado, como engenheiro-chefe, para a *Hydro-electrostroi* de Tachkent, quer dizer, para o centro de irrigação e electrificação de toda a Asia central.

Assim como a Revolução franceza tinha seus generaes, o plano de cinco annos tem seus engenheiros-chefes de 28 annos

Em Tachkent sugeriram a Guindin que fosse investigar sobre as possibilidades de captar o Varsop, afim de fornecer energia electrica á região de Stalinabad.

— Tinham prevenido que não haveria creditos, explica o operario allemão Schmidt, o melhor *udarnik* do Varsopstroi, que, violentando a modestia de Guindin, quer, por força, contar sua historia. Guindin partiu de Tachkent tendo, como toda bagagem, unicamente sua mala sob o braço. Eu ainda o vejo, perambulando pelas ruas de Stalinabad, ou errando no velho bazar. Quando chegou, ninguem o tomava a sério. E como tomar a sério esse jovem que vinha construir uma estação electrica de 10.000 cavallos, trazendo por bagagem úa maleta!

— Desde o primeiro contacto com o terreno, diz Guindin, em janeiro deste anno, fiquei maravilhado. Um projecto magnifico, a ser realisado!

— Sim, mas para ganhar a partida, continúa Schmidt, era preciso não voltar a Tachkent; alojar-se em Stalinabad, era coisa em que nem se devia pensar. Então, sabeis o que fez Guindin? Pois bem, durante um mez e meio, dormiu em cima duma mesa, num dos escriptorios do Conselho superior de economia. E' de se acreditar que de tanto Guindin dormir em cima della, a mesa acabou se impregnando de sua vontade, e a transmittiu ao burocrata que a ella sentava diariamente.

— O essencial, conclue Guindin, é que emfim, me deram opportunidade de começar minhas investigações...

— A futura estação ficava a 17 kilometros da cidade, e a estrada

ainda não estava concluida. Guindin compra um cavallo. Mas, para o alojar, elle não dispõe de cavallariça. Tanto peór, o cavallo fará como o dono; irá morar no pateo do trust.

— Emquanto isso, um jovem engenheiro, sahido ha pouco do Instituto, veiu se juntar a mim. Além delle, meu pessoal inicial se compunha dum carreiro, Soloviev, e do operario Chatirov, que me ajudava os meus calculos...

— Eu cheguei depois... Installámo-nos no valle do Varsop. Dormimos em barracas. Todo o capital da estação está no bolso de Guindin. Elle arranja na aldeia visinha de Chafte Michgon alguns camponezes, aos quaes explica o que será a estação e como, por seu intermedio, a luz irá até suas casas, com o só apertar dum botão, e elles concordam em auxiliar a realisação desse milagre duma construcção que substituirá o esforço de 540.000 homens trabalhando 8 horas por dia...

— Foi então que vieram as chuvas da primavera..., diz Guindin, olhando para a montanha.

— Entre Stalinabad e nós, o caminho de lama e o traçado da nova estrada não são mais que um sulco de lodo em que os animaes e as pessoas se enterram até os joelhos. A 12 kilometros da cidade deveis ter sido forçado — não é verdade? — a saltar um regato, o Charagon Soi.

— Um regato que dá, normalmente, 500 litros por segundo, retoma Guindin, e que de repente começa a produzir 50.000

— Construimos uma ponte, as aguas a carregaram, nós construimos uma segunda. E ellas a carregam novamente. Eis-nos sem abastecimento. Enchemos *burdiuks* (1) e atravessamos o rio a nado. Mas, ainda não estava tudo acabado!

— Sob a influencia das chuvas, que não cessam mais, a terra vae se desagregando, e começam a correr pelo rio tanto agua como pedras. Ao mesmo tempo, o Varsop transborda e nos obriga a abandoonar nossos trabalhos.

— Então, diz Schimidt, pensei que estava tudo perdido... Mas Guindin não se desencoraja. Ella vae ao *kichlak*. Discursa aos camponezes, e faz com que se decidam a nos soccorrer. Fornecem-nos camellos e, com sua ajuda, restabelecemos as communicações interrompidas.

(1) Jangadas feitas de odres cheios.

— De Stalinabad, começam a nos enviar gente... Primeiro 10, mais tarde, 50, em seguida, 100, e começamos a construir barracas.

— Durante esse tempo, os *bassmatch* estão na montanha, retoma Schmidt, bem em redor de nós. Varias vezes, á noite, atravessam o rio, perto de nosso acampamento. Mas não ousam nos atacar, pois sabem que os habitantes do *kichlak* estão comnosco.

Vivemos, entretanto, de promptidão no acampamento, sempre armados. Mas nem um só dos trabalhadores nos abandona.

— Pelo contrario, chegam novos contingentes. Agora, somos cento e cincoenta, de todas as nacionalidades, allemães do Volga, como Schmidt, persas, armenios, bulgaros, russos, judeus, ukranianos, ossetines, tadjiks e uzbeks.

— Construimos nosso restaurante, e, para abastacel-o, temos nosso rebanho de carneiros. Actualmente estamos construindo barracas para alojar 700 homens...

Interrompo Schmidt:

— E a estação?

— Aqui mesmo, responde Guindin, se levantará uma barreira de 180 metros de comprimento. Um canal de 1.126 metros, com uma profundidade de 3 a 4 metros, partirá daqui e fornecerá a energia. Podemos fornecer a corrente á razão de 3 kopeks o kilowatt-hora, emquanto que, actualmente, sae, na pequena estação de Stalinabad, a 60 kopeks.

A estação terá uma capacidade de 7.000 kilowatts.

A primeiro de setembro haverá no valle uma cidade de 1.800 habitantes, com suas padarias, seus depositos, suas dependencias de todas as especies: 28.000 metros cubicos de construcção. O total ficará em 9 milhões de rublos".

Olho o deserto do valle, de cujo fundo, ao sul, emergem os tectos das primeiras barracas. Pela estrada caminham, em nosso sentido, alguns operarios.

Pergunto:

— Em que ponto estaes?

— Actualmente, responde Guindin, deveriamos ter 10 automo-

veis; não temos nenhum. Recebemos 34 cavallos em lugar de 150, 25 wagons de madeira em lugar de 140, uma tonelada de ferro, em lugar de 400.

— Mas, então, como é que fazeis?

Schmidt responde com um riso confiante, sonoro como metal:

— Já vimos muitas outras coisas, e bem mais difficeis! Sabemos que o material está a caminho. Quando chegar, trabalharemos dobrado, eis tudo.

— Seria muito facil construir, diz Guindin sorrindo, si se tivesse tudo á mão. Aqui, só se conhece o trabalho de choque. Fique tranquillo, a estação será construida, o sector electrificado, e dentro de três annos nós vos convidaremos para visitar o *funicular* electrico que ligará Stalinabad a Samarkand, atravez dos desfiladeiros. Não é verdade, minha gente?

— Seguramente!, responde o chefe da brigada, Lukianov, um antigo pedreiro, que aprendeu em seis annos o uzbek e o tadjik. E Mussli, o persa, o approva, assim como Tsakaiev, o ossetine, e Karpukhine, o chauffeur russo que, privado do automovel, se transformou em marceneiro, e o komsomol tadjik Ftura Radjabov, e a mulher de Schmidt, a primeira mulher-pedreiro de Stalinabad.

A vanguarda do Varsopstroi é unanime. E eu não tenho duvidas em que conseguirá seu obejectivo.

Essa gente teve tudo contra si, as repartições, a lama, a innundação, o rio de pedras, a fome, os *bassmatch*, os transportes, e entretanto os primeiros alicerces do Varsopstroi estão collocados. Sob esse calor torrido, torsos nús, todos misturados, numa internacional realisadora, elles nos gritam sua certeza na conclusão do trabalho, sob a direcção do Partido. E eu aponto o exemplo de Guindin, engenheiro sem-partido, de 28 annos, abrasado de fé technica na construcção socialista, a esses insipidos burguezes internaciones, que vão repetindo, incapazes de conceber a moralidade do mundo novo:

— *Como desenvolvereis a iniciativa individual dos engenheiros, num regime em que ninguem póde esperar transformar-se em patrão?*

O plano de cinco annos dispõe de milhares de Guindin.

X — A lamentação do alphabeto latino

A nova estrada de Samarkand — a que passa pela central electrica em construcção do Varsop — foi aberta, primeiro no bréjo, depois no granito, em seguida na pedra calcarea, e finalmente no marmore.

Em poucos mezes, já foram construidos 35 kilometros.

Em sua parte alta a estrada passa por cima das aguas, sobre fundo de montanhas nevosas. Grandes declives de pedregulhos, onde se agarram os pés em ascenção das vinhas selvagens, campos de trigo suspensos sobre pequenos planaltos que parecem não ter accesso, cumieiras núas e agulhas ponteagudas de abutres e de aguias alertas. De tempos em tempos, um *kichlak* enfeixando em seu pequeno bosque suas casas de terra.

A' beira d'agua extendem-se campinas ferteis e grandes tufos da arvore *artcha*, de cuja fibra se faz lapis e cujas bagas dão perfume.

Em nossa frente, sobre a margem direita do Varsop, a velha estrada, ou melhor, o atalho, o *avring* por onde passaram os soplitas de Alexandre: um trilho, proprio para um dansarino de corda, equilibrando-se na montanha, na qual, de vez em quando, se levanta em galerias, por meio de cercas.

Encontramo-nos com caravanas de pequenos burricos carregando homens desmesurados, cujos pés se arrastam pelo chão. A's vezes cruzamos camellos atrelados que nos encaram, e olham passar nossa carruagem com um desprezo mixto de espanto.

A gente se detem para beber agua da fonte — raro regalo! A gente se detem para atravessar a pé um montão de escombros que, durante a ultimo tempestade, enguliu a estrada.

A gente se detem para comprar nozes.

— O Rafig! (1) Queres vender nozes?

— Vendo.

— Como te chamas?

— Sobir.

— De que kichlak?

---

(1) Camarada, em tadjik.

— Não sou deste valle. Sou da aldeia dos Archers, acima de Jangui bazar.

— Quanto tempo é necessario, para se ir daqui á tua aldeia?

— O tempo que se leva para beber quatro bules de chá verde.

— E's communista?

— Não. Mas sei que os communistas são homens justos e fortes. Assim procederam com os *bassamatch*. Teria sido muito justo matar a todos elles. E, entretanto, os communistas deixaram em liberdade todos os que se renderam.

— Existe algum kolkhoze em tua aldeia?

— Não.

— Quer dizer que és livre de trabalhar como quizeres, e quando quizeres; é melhor assim?

— Não. Sósinha, uma palma não póde fazer barulho: ajunte tuas duas palmas, e ellas baterão... De nossa aldeia, escrevemos ao sector, perguntando porque ainda não nos ajudaram a fundar um kolkhoze. Achas que o conseguiremos?

Eis o que me disse um homem, um camponez tadjik, encontrado por acaso na estrada do Varsop, rio da Asia.

Cortamos uma cadeia de rochas metamorphicas que se esboroam em palhetas moveis, num horizonte que se torna cada vez menor e mais selvagem — um desfiladeiro optimo para emboscadas. A gente fica agradecida á linha dos postes telegraphicos, por collocar ahi a nota de sua confiança ousada.

Uma ponte, a *Ponte do Chaitan* — todas as montanhas têm suas Pontes do Diabo — transpõe os rodamoinhos do Varsop. E' uma bandeja de pedaços de páu lisos, reunidos por meio de ramos trançados, e collocada sobre duas saliencias de troncos de arvores superpostas, que se extendem uma para outra, de margem a margem, como mãos.

Ao sahir desse desfiladeiro, desembocamos em prados cobertos de arvores fructiferas e de amoreiras e repletos de moinhos que têm o tamanho de casinhas de coelhos.

Transpomos o rio, e, alcançados pelo segundo Kodjibiev. Slutchak, installamo-nos sob as arvores, num grammado, para a refeição.

Estamos nas terras do kolkhoze montanhez de Kahalla. Achmat Aziz, presidente do kolkhoze, nos recebe, juntamente com Toch Raiur,

Charif Daulat e Salom Khodiruf. Precedidos duma nuvem de crianças multicôres, todos kolkhozianos, uns depois dos outros, descem as encostas do *kichlak* e vêm nos vêr. E' a hora quente, a hora do repouso.

Um dos kolkhozianos trouxe um gavião. Com poucos anzóes, lançados nos lugares apropriados, o Varsop nos entrega uma dezena de trutas e de barbos. Toch Raiur desce de seus hombros um carneiro, um desses grandes carneiros de Ghissar, cuja cauda se engrossa numa enorme bolsa de gordura, o *kurdiuk*.

O carneiro respira afobadamente, como se estivesse emocionado. Seu coração bate de modo verdadeiramente accelerado, apesar do aspecto de estoicismo estupido de sua cabeça. Três homens o lançam por terra. Toch Raiur se assôa com a mão, procura o lugar apropriado no pescoço do carneiro e corta, afinal, o seu pescoço, com uma facada fulminante.

Agora, em chapas de fogão, abertas em forma redonda na terra, em redor duma valla, estão cozinhando, em grandes pratos de ferro preto, o *plof*, o carneiro com arroz, apimentado e com cenouras, afogado em banha bem quente. E' o prato nacional.

Ao lado, enfiados em nove varetas de madeira verde, tosta-se, por cima das brazas, o *chachlik*, de figado, de rins e de carne.

Comemos, sobre úa massa de farinha de trigo frita, *schurpa*, o creme picante cozinhado com todas as hervas de São João e com pimenta vermelha, o *khabob*, guizado de carneiro com cerejas verdes. Emquanto isso, tomo conta de uma truta de cinco libras, que vou gyrando, depois de tel-a espetado, e que se vae torrando a fogo brando, ao modo dos pyrineanos.

Agora, sobre os tapetes de feltro estão sentados todos os kolkhozianos, em redor do *plof*. Turbantes alaranjados, turbantes cinzentos, turbantes rosados, *tibitekas* (1) verdes ou pretas. Um prato de carne para seis pessoas.

Depois do mais velho ter distribuido a carne, cada um enfia a mão no arroz, faz sua bolóta com três dedos, e engole-a.

---

(1) **Casquettes bordadas.**

A gente come, come sem parar, e afinal fica preza duma doce embriaguez de nutrição e hospitalidade.

Come-se, canta-se e dansa-se.

Achmat Aziz, presidente do kolkhoze, se sentou ao meu lado.

Ao som das vozes, rythmadas pelo *doiran*, o tamborim de argolas — um parente do pandeiro —, um *rafig*, vestido com uma bella roupa de sêda, dansa, ora sobre os pés, ora sobre as mãos, uma dansa athletica e ao mesmo tempo inquietante de feminilidade.

Achmat Aziz fala:

— O que podiamos fazer no tempo do emir? O que podiamos fazer antes do kolkhoze? Presentemente, temos a estrada, temos a escola, temos o agronomo, e o arado de ferro substitue os arados de madeira. Difficuldades, naturalmente que as ha. Se tivessemos um pouco mais de chá, tudo estaria melhor. Mas, este anno, pela primeira vez, as mulheres trabalham nos campos. E isso augmenta os rendimentos de cada familia.

— Dê-me teu caderno de notas, rafig, me diz Nazrulah Abdulaief.

E elle escreve numa pagina, em caracteres arabes, da direita para a esquerda:

"Viva a liberdade das mulheres!"

"Viva a Republica do Tadjikistão!"

Um outro kolkhoziano, Salom Khodiruf, membro do Partido, tambem quer escrever em minha caderneta.

— E', diz, para mandar uma carta aos proletarios francezes e aos camponezes das colonias do Faraghistão. (1)

E elle escreve:

"Saudamos calorosamente os proletarios e os camponezes do mundo inteiro, e particularmente os da França e dos paizes coloniaes.

"Esta é a saudação dos tadjiks livres das montanhas. Esperamos que os proletarios francezes e os camponezes da França e das colonias possam conquistar a liberdade como nós a conquistámos".

— Levarás minha carta, não é verdade, rafig?

(1) A França, e, em geral, todos os paizes européus.

Se a levarei! Pois se era precisamente isso que eu viéra procurar no fundo desta Asia! E venho encontral-o aqui, entre estes camponezes tadjiks, em plena montanha! E' esse appello á libertação revolucionaria, lançado aos povos arrastados ao triumpho da Exposição colonial, e lançado por aquelles que o bolchevismo libertou! E' essa saudação de irmão mais velho em socialismo, enviada dos contrafortes do Pamir, por um homem que, ha seis annos, não sabia o que era uma roda — aos operarios e aos camponezes da França, ainda expostos á anarquía do capitalismo...

Tanto peór para quem não comprehender a emoção unica desse instante de verdadeira civilisação.

Os cantos continuam, gutturaes e fraccionados em tons apenas perceptiveis aos nossos ouvidos occidentaes. Elles cantam a belleza das mulheres e dos homens, a volupia da sombra e da agua, das flôres odorantes e da herva fresca.

Mas tambem cantam a nova época.

Emquanto um bando de pombos arrulha e bate aza aos pares, na amoreira sob a qual estou extendido e de onde cahem fructos, em finissimos cordões brancos, — escuto longamente Toch Raiur, o matador de carneiros. Elle canta, sobre úa musica que parece tirada da *Sheherade* ou de *Sadko*, uma lamentação de vinte estrophes:

Outr'ora, para se ser sábio,
Eram necessarios pelo menos dez annos.
Mas então nós não sabiamos,
Que existe uma sciencia
Que permitte a qualquer homem
Ficar sábio muito depressa...
Fatigámo-nos excessivamente
Com nossa velha sciencia
E não nos tornámos sábios.
E eis que de repente soubemos,
Que existe um alphabeto latino...

XI — Entre os voluntarios do algodão

Depois das montanhas de Fakrhabad, transposto o desfiladeiro de Daganukuk e as portas do Veado, depois das escarpas lodosas em que se aninham milhares de passaros azues, de passaros verdes, de passaros côr de fogo e de pombos amaranto, a estrada, atravez da qual nosso caminhão vae nos sacudindo, desce para a planicie de Aral.

Trocámos a bacia do Kafirnighão pela do Vach, e nossa estrada atravessa uma planicie irrigada, verdejante e movimentada, onde as casas e os kichlaks se succedem ininterruptamente, até as portas da cidade. Cumprimentamos os dekhans, os dekhans nos cumprimentam e as crianças gritam "Hurra!"

Chegamos ao entardecer.

E eis o que nos relatou, em Aral, o presidente do comité de sector, o uzbek Halmuran Iman Birdi, numa noite quente, illuminada pelo luar, num grande terreno, emquanto bebemos o *koktchai*, sentados em tapetes de lã espessa.

— Aral possuia mais de 500 familias, antes das guerras *bassmatch*. Mas quando Ibrahim foi vencido e o exercito vermelho surgiu no valle, os beys e os mullahs, adestrados por Ibrahim, organisaram a emmigração, fazendo o vacuo deante dos communistas. E isso de tal modo, que em 1926 toda a "ilha" — 25.000 hectares —, formada pelo Vakch e pelo Yavansu, era apenas uma floresta de canniços, habitada por milhares de javalis.

A's vezes, as pessoas que se aventuravam pelas estradas encontravam os tigres, e nunca mais se ouvia falar nelles

Isso ha cinco annos. Havia quem dissesse ser impossivel fazer progredir este paiz. Hoje, a ilha está povoada por 2.658 familias. Um milhar voltou do Afghanistão, depois de conhecer as intenções dos vermelhos. 1.652 são familias de trabalhadores voluntarios, descidos das montanhas de Garn ou vindos do Ferghania; 59,5% de tadjiks, 40,5% de uzbéks. Em Aral, onde não havia mais nem uma casa, contamos hoje 900 habitantes.

Em 1929, tinhamos apenas um inspector sanitario, um feldcher,

(1) para todo o sector. Hoje possuimos um hospital, 4 postos medicos, uma ambulancia, 5 medicos e 21 enfermeiros. Em 1926, tinhamos apenas uma escola, com 24 alumnos, e um unico posto de liquidação do analphabetismo. Este anno, funccionam 36 escolas, com 1.800 alumnos, 45 postos de liquidação, 15 tchaikana vermelhas e 4 créches. 30 postos telephonicos estão de serviço. E temos, tambem, um serviço de radio.

Dos 14.000 hectares irrigados da ilha, 10.000 já estão cultivados, dos quaes 6.533 em algodão. Aqui, 99% das economias estão collectivisadas. Nossos 77 kolkhozes — entre os quaes o kolkhoze Stalin, o maior do Tadjikistão —, fizeram fizeram com que fossemos proclamados, o anno passado, sector de collectivisação integral. Amanhã cêdo iremos vêr nossos kolkhozianos.

No dia seguinte, guiados por Halmurian Iman Birdi, montados em bellos cavallos dansantes, depois de atravessar as estradas poeirentas que os faisões cortavam em passagens rapidas, chegámos ao kolkhoze Ksylgulpus, no momento exacto em que dois uzbeks, deitados de costas, sopravam aos quatro pontos cardeaes e em enormes trombetas de cobre, a chamada dos kolkhozianos. Assopravam nos *karnai*, os *tubas* de três metros, que serviam antigamente aos chefes guerreiros para convocar seus partidarios. Hoje servem para chamar os camponezes ás reuniões. Soltam um longo mugido em dois tons, um mugido surdo que tem tanto do bramido do bufalo como do rugido do leão.

E, das *kapas* (2) feitas de ramos entrelaçados, sahem homens, vestidos de uma roupa branca resplandescente de frescura e cobertos com a *tibiteka* preta com desenho côr de crême. Dirigem-se para a Tchaikana, onde estamos sentados bebendo um chá turvo, á beira dum regato de agua escura.

Em pequenas gaiolas, presas ás vigas do tecto e feitas da metade duma cabaça suspensa a um cone de malha, algumas codornizes passam uma cabeça curiosa pelos buracos das malhas.

Sobre os tapetes, uma profusão de melões, de pepinos e de flôres,

---

(1) Enfermeiro, em russo.
(2) Cabanas redondas.

flôres pintadas das chicaras e bules de chá, flôres naturaes que cada um nos offerece com um sorriso, e que as crianças nos trazem ás braçadas.

Estes são usbéks de Namangan, uzbéks do Ferghania, que viéram cultivar o algodão na planicie do Aral.

Yusup Bek Safar nos explica como viéram:

— Eramos todos camponezes individuaes, proprietarios de pequenas terras. Um hectare de algodão, no maximo. Trabalhavamos muito e ganhavamos pouquissimo. No Ferghania, a terra é pouca e os homens vivem apinhados. Disseram-nos que o governo tadjik dava, aqui, a quem quizesse se apresentar como voluntario para fundar um kolkhoze de algodão, três hectares por homem, 600 rublos de adiantamento com dez annos de credito, sem juros, e o auxilio dos tractores para preparar a terra. Além disso, a terra que abandonassemos ficaria á nossa disposição durante três annos, de modo que, caso o trabalho não nos conviésse, podiamos voltar. Emfim, todos os annos tinhamos direito a uma licença, para irmos á nossa casa, com viagem gratuita de ida e volta.

A aldeia se reuniu. Tinhamos afastado os preguiçosos notorios, os kulaks e os beys, e partimos, transportados á custa do governo, com nossos instrumentos, nossos cavallos e nossas carruagens. Aqui chegados, continuámos agrupados por aldeia, por nos parecer mais facil. Neste kolkhoze, somos presentemente 28 familias. 15 dos nossos, que viéram sem a mulher, voltaram ao Ferghania e nunca mais regressaram.

Culpa dos *bassmatch*.

Quanto a nós, permanecemos aqui. E' que, como vês, trabalhar sósinho o algodão é muito difficil. Elle exige muito trabalho. As despesas representam pelo menos 50%.

O kolkhoze é o unico meio de cultivar essa planta. Naturalmente, nem sempre tudo anda direito no kolkhoze. Entre nós, por exemplo, existe um grande defeito. E' que alguns não querem trabalhar, sendo os outros obrigados a trabalhar por elles. E' difficil perder os máus habitos. Mas, como todos têm sua caderneta de trabalho, aquelle que não quer trabalhar fica sendo victima de si mesmo, quando chega a hora de ajustar as contas.

Ha três categorias de serviço, retribuidas segundo sua impor-

tancia. O trabalho difficil: semear, alporcar, (1) irrigar; o trabalho médio: arar, realporcar; o trabalho facil: desbastar, amontoar, transportar, e, emfim, guardar o rebanho.

Agora, pela primeira vez, as mulheres estão trabalhando comnosco na terceira categoria.

Para o periodo do alporcamento, o kolkhoze contracta operarios, que o auxiliam. Mas, nós não somos ricos. Os operarios ganham dois rublos e 50 por hora, um pud de farinha a um rublo e 50 por mez, ou 800 grammas de pão por dia, a 6 kopeks a libra e 5 metros de fazenda, a 40 kopeks o metro.

A quantia que cada kolkhoziano deve fornecer, é de 65 puds por um hectare de algodão. Alguns ha que produzem até 200. O pud de algodão é comprado a 4 rublos e ½ ao kolkhoze. Cada um de nós, emfim, tem sua horta, onde planta o necessario á sua subsistencia.

Interrogamos os kolkhozianos a respeito de suas queixas. Elles reclamam novos emprestimos e uma locação superior de madeira. Gostariam, tambem, de poder comprar vaccas a credito.

Halmurian Iman Birdi toma nota e diz:

— Ainda temos muitas outras difficuldades, além dessas. Os montanhezes de Garm, que trabalham perto daqui, em Maxumabad, acceitaram de muito bom grado o contracto e os adiantamentos, mas não conseguem comprehender a necessidade do reembolso. E, depois, quando vem a colheita do trigo, são tomados duma especie de febre de passaros migradouros. Não pensam em outra coisa que em voltar para suas casas, justo quando o alporcamento do algodoeiro reclama imperiosamente sua presença aqui. E isso ainda não é tudo: ás vezes, a agua, que é mal distribuida, falta de todo; tambem não recebemos bastante chá verde para o consumo de verão. O anno passado, semeou-se muito tarde, e este anno os *bassmatch* retardaram as plantações. E, apesar disso tudo, a população immigrada, em sua immensa maioria, não vae embora.

Olha, pergunta a um desses uzbéks que ahi estão, se elles se encontram desencorajados e se pensam em voltar.

---

(1) Alporcar, mergulhar. Enfiar na terra parte da planta, ramo ou haste, afim de se obter a reproducção. (N. do T.)

Faço a pergunta a Halmat Boimatov.

E ahi vae o que elle me respondeu:

— Timur fugia, depois de derrotado por Gengiskhão. Não lhe restavam mais que três djiguitas. Seus cavallos tinham se extraviado. Extenuados, elles sentaram-se perto duma collina. Nesse momento, Timur percebeu uma formiguinha e começou a olhal-a attentamente. A formiga tentava transportar por cima duma pedra um raminho de arvore três vezes maior que ella. Subiu a pedra dez, vinte, trinta vezes, e, de cada vez, tornou a cahir. Ella abandonava sua carga, fazia um reconhecimento pelo terreno e retomava o fardo. Emfim, na trigesima primeira vez, transpoz o obstaculo com o raminho de arvore.

Então Timur disse a seus companheiros:

— Levantemo-nos e caminhemos, porque nada está perdido.

XII — O drama do Vakchstroi

Quando se ennumeram os grandes trabalhos hydro-electricos da U. R. S. S., diz-se: o Dnieprostroi, o Volkhovstroi, o Angarstroi, o Vakchstroi...

O Vakchstroi é um dos mais pungentes dramas socialistas a que me foi dado assistir na U. R. S. S.

Passa-se ao sul da Asia central, no sector de Kurgan-Tubê, aos pés das Montanhas Negras.

E' representado pelo deserto, o rio e os homens.

Aqui a gente respira fogo. E, o que é mais, fogo pulverulento. Uma areia de deserto que queima os pés, enfebrece a bocca, entópe os pulmões, sóbe em columnas delgadas a cem metros de altura, para se desfazer em nuvens loucas sob o vento do Afghanistão, cozinha e lustra as carcassas dos camellos mortos, faz rebentarem de calor as carapaças vazias das tartarugas, e cobre o rosto dos homens com uma pintura cinzenta de Pierrot doentio. Dessa poeira esteril e desse sól esteril, o homem nada póde esperar, a não ser a morte.

A agua, entretanto, não está longe. Ella corre, ciumentamente enquadrada em suas escarpas de lama, de pedregulho e de grez, bebedouro de tigres e de javalis, furios ae inutil. E' o Vakch, o Ksil Su dos kasaks, o Surgu dos tadjiks, que jorra do Pamir a 3.360 metros de altura... Brota, aqui, das ultimas montanhas que a encerram, com um volume de 175 metros cubicos por segundo, no inverno, e de 2.000 metros no verão. Um rio typico de geleira, uma força selvagem. Retificado o Vakch, o pó se transformará em terra, o sól mortifero em sól fecundo, e, numa extensão de 200.000 hectares de deserto, florescerão 120.000 hectares de algodão.

Retificado o Vakch, 42.000 cavallos-vapor (e mais tarde 600.000), fornecerão uma energia capaz de movimentar as usinas de limpeza e as de oleo de algodão de Kurgan Tubê, capaz de irrigar 16.000 hectares novos por meio de machinas, capaz de organisar plantações artificiaes, o cultivo electrico, a illuminação de toda a região.

Retificado o Vakch, a U. R. S. S., que compra annualmente, em libras esterlinas, 50.000 toneladas de algodão egypcio, não terá mais necessidade de importar um só pud. Victoria internacional.

Vencer a agua é vencer o deserto. Mas antes é preciso que o homem vença o deserto sem o concurso da agua.

E esse é todo o drama.

A victoria, o plano a exige, e porisso o governo tadjik fixou a data limite de cada etapa.

A 1.° de janeiro, o regulador que distribuirá a agua do Vakch deve estar construido. A 4 de março de 1932, devem estar promptos os canaes de repartição. A 15 de março deve estar terminado o canal magistral.

28.000 hectares foram semeados este anno, 94.000 o serão na proxima primavera.

Em 1934, o deserto não deve ser mais que um vasto canteiro de algodão.

— Ha, diz Skorniakov, o engenheiro chefe, um rapagão decorado com a ordem de Lenine, dez milhões de metros cubicos de terreno para deslocar antes de 1932, 360.000 metros cubicos de construcções a levantar, e 120 kilometros de via férrea a collocar.

Se, nos dois proximos mezes, os 120 kilometros de via férrea não estiverem construidos, todo o plano será prejudicado. Ora, actualmente, não ha, ao todo, mais que 3 kilometros feitos, e já estamos em fins de junho.

Em lugar dos 100 wagons diarios de materiaes que nos seriam necessarios, recebemos actualmente apenas cinco... E' necessario andar depressa, como vedes...

E' um trabalho que levaria de 6 mezes a um anno, mesmo na America...

Nós temos dois mezes para realisal-o.

Os engenheiros extrangeiros por nós consultados disseram:

— *E' impossivel.*

Nós respondemos:

— *E' difficil.*

Rachimbaief, o primeiro engenheiro tadjik sahido das escolas da U. R. S. S., um gigante escuro, de rosto grande, prosegue:

— Durante o mez que vem, devemos mobilisar, nos 120 kilometros que nos separam de Nijni-Pianch, o desembarcadouro, 250 caminhões, 200 tractores, 1.200 cavallos e 4.000 tractores. E por que caminhos! Tudo deve vir de Termez. Termez fica a três dias, por agua, do desembarcadouro, e a tonelagem do Pianch ainda não representa senão 10% de nossas necessidades. Isso, no que concerne aos transportes.

Resta o terreno de nossas pesquizas. Temos que trabalhar numa terra movediça, quasi saturada de sal, e gessosa. Com a chegada da agua, o terreno se abre, dando lugar á formação de alúes que modificam todos os planos. Ora, temos que construir primeiro um canal magistral de 45 kilometros de comprimento, por 40 de largura no alto e 22 no fundo, com 18 de profundidade. A' medida que formos avançando, devemos installar 29 estações de bombas, encarregadas de innundar o terreno excavado e de provocar desmoronamentos.

Onze mil homens, de 49 qualificações, trabalharão aqui, juntamente com 386 tractores sovieticos, 25 dumcars de 5 toneladas, 344 scrapers para tractores, 700 scrapers para cavallos e 27 excavadoras.

Fomos vêr o terreno. Visitámos o primeiro, o segundo e o terceiro lotes, nos quaes trabalham 2.000 homens, sob as vistas do relogio.

E penetrámos em plena carne, em plena tragedia do Vakchstroi.

O trabalho é impossivel, devido ao sól, desde as 10 da manhã até as 4 da tarde. Encontrámo-nos no momento em que terminava a primeira meia-jornada, entre centenas de homens bronzeados, de torsos nús, gottejantes de suor sob o peso das ferramentas.

Em redor da grande trincheira aberta na areia e nas pedras, saracoteia a excavadora antropomorpha. Ella morde o solo, atira-o para o céu, vomita-o numa chuva de granizo e estala seus labios de aço, insaciavel.

No posto de commando, entre o fogo do sól e o fogo do motor, Tchernitchov, o primeiro mestre excavador da U. R. S. S., um dos excavadores do Dnieprostroi, doma por meio de alavancas a guela gigante, por entre a balburdia das correntes e das explosões.

A' margem do Vakch lodoso, perto duma grande excavadora em montagem, no local em que se levantará o regulador, sobre suas proprias fundações, dois homens nadam numa piscina fechada, accionando bombas para o esvasiamento dum poço.

E é tudo. Isso, algumas investigações sobre o traçado do canal, este acampamento á margem do Vakch, esse outro acampamento a 35 kilometros daqui, e que será uma bella cidade operaria, e aquelle ultimo acampamento a 30 kilometros mais longe, por detraz da montanha do Nariz Vermelho, o *Xyl Tumchuk*. Isso em 15 mezes — e tendo apenas 36 mezes para concluir todo o resto!

Pelos kichlaks visinhos, rondam a lepra, o elephantisis, a ulcera siberianna, a syphilis, o typhus... Aqui, toda esfoladura se envenena e se transforma em abcesso. Sob a pedra está escondido o escorpião, e a *phalang*, a aranha mortifera (*galeodes araneoides*), arrasta suas longas pernas sob os arbustos do rio. A' noite, os mosquitos cheios de malaria e o *phlebotomus Papataci* injectam a febre nas pelles humidas. A agua que corre no fundo dos *ariks* é a mais tentadora das ciladas, levando com sua frescura a collite e a typhoide. As fructas carregam a dysenteria em sua polpa.

Todo o material de abastecimento, a agua, o pão, os medicamentos, estão á mercê das caravanas. Entretanto, ali vivem 2.000 homens que plantam um oasis, 2.000 homens que não conhecem outra sombra a não ser a da tenda, a da nuvem ou a da noite. Viéram um pouco de toda a parte, attrahidos pelos altos salarios. Muitos são adventicios, ou peór, seu nivel politico é geralmente muito baixo. Marcineiros, carpinteiros, tractoristas, chauffeurs, terraplenadores, ajus-

tadores, cimenteiros, excavadores, mechanicos — não contam em suas fileiras senão um pequeno numero de communistas.

E é sobre esses communistas que repousa tudo. Infatigavelmente, elles se sobrepujam a si mesmos, correndo a cada brécha, galvanisando os hesitantes, arrastando os extenuados, apresentando a enorme difficuldade do trabalho como uma razão a mais para realisar o Plano, negando o tempo, negando a lama, negando o sól.

A brigada de choque dos mechanicos quiz que eu fosse seu patrono. Ella é uma communa de producção, em que todos os camaradas depositam seus salarios numa caixa commum. Ella se comprometteu, perante os trabalhadores da França, a fazer o impossivel para concluir nos prazos previstos a empreza do Vakchstroi.

Fazer o impossivel! E' bem o impossivel que será necessario fazer. Mas o que seria impossivel em todas as outras partes, é sempre possivel na U. R. S. S.

Porque o paiz inteiro está mobilisado para a construcção socialista.

Porque cada um sabe o que se espera delle e para onde se caminha.

Que os transportes se atrazem, que os caminhões emperrem, que a febre ou a disynteria amarrem os trabalhadores em suas camas, que a desillusão os esmague, com suas cadeias de chumbo — o esforço do partido conseguirá sempre tirar Vakchstroi de seu impasse. Elle desenvolverá o trabalho de massa. Elle utilizará ao maximo todas as possibilidade locaes, reorganisará os transportes, vigiará o abastecimento, renovará os quadros envelhecidos de engenheiros, perseguirá os ultimos vestigios de chauvinismo, generalisará a emulação socialista.

Toda a U. R. S. S., mantida alerta pela sua imprensa, volverá os olhos para Vakchstroi.

Que se annuncie ahi um *proriv*, e serão os operarios do textil que virão, em pessôa, emprestar seu auxilio e trazer o enthusiasmo necessario á victoria do algodão egypcio, por meio dum buksir, dum "reboque".

Porque, no drama moderno do Vakch, em que os deuses da terra, da agua e do céu não mais vencerão — é a vontade socialista implacavel que substitue a velha Fatalidade, a *anankê* da tragedia antiga.

XIII — 3.000 = 9.000

Cento e vinte mil hectares de deserto, transformados em cento e vinte mil hectares de jardins de algodão! Isso parece raiar pela loucura.

E, entretanto, o sovkhoze Kakch lá está, a poucos kilometros dos trabalhos do Vakchstroi, para mostrar de que é capaz a vontade socialista dos homens, na lucta contra a terra, contra o sol e contra a agua. O jardim já existe, falta apenas augmental-o.

Úa manhã quente levanta-se sobre Kurgan Tubê, suas fortalezas e usinas, úa manhã repleta de rinchos de burros, de cantos de gallos e dos gritos afflictivos dos camellos.

Um aeroplano passa por cima de nós, em direcção ao norte. Cruzamos com kolkhozianos que, tendo terminado o alporcamento em suas terras, vão, incorporados, "rebocar" um outro kolkhoze menos feliz. Uma centena de burricos minusculos, passa trotando. Uma bandeirola carregada por dois *dekhans*, um de turbante côr de rosa, outro de turbante côr de perola, caminham na frente. E, mais na frente ainda, um adolescente dansa e revoluteia, batendo as mãos, acompanhando por vozes agudas.

Partimos para o *kuthor n.°* 2 do sovkhoze Vakch.

Depois dos campos de algodoeiros floridos, aos pés dum grande *kurgan*, (1) úa montanha de velhos tijolos duma velha fortaleza — aqui, ha sempre uma fortaleza de Iscander da Macedonia, (2) do mesmo modo que no Caucaso ha sempre um castello da rainha Tamara — se enfileiram os abarracamentos do segundo *kuthor*. Sobre o *kurgan* se levanta o mastro da T. S. F., encimado por uma bandeira vermelha.

Duas moças, pequenas e timidas, nos recebem. Duas jovens agronomas, uma loura e russa, outra armenia e morena. A russa parece devorada pela febre. As duas dirigem sósinhas esse *kuthor*, um dos sete de que se compõe a exploração, 532 hectares de algodão seleccionado.

---

(1) Colonia, secção de sovkhoze.
(2) Alexandre.

Ellas ardem duma paixão scientifica pelas 50 especies e pelas 295 variedades de algodão que classificaram. Vivem ali, voluntarias do plano de cinco annos, dirigindo o trabalho de 450 russos, uzbéks, e tadjiks, isolados, compenetradas e fortes.

E' em seu laboratorio — o unico lugar fresco do segundo *kuthor*, 35 graus! — que nos sentamos. E, immediatamente — como numa especie de acolhimento da vida perigosa —, percebemos, nas prateleiras, dezenas de escorpiões e de *phalangs* em frascos. Animaes de picaduras venenosas — mortos, flacidos, descoloridos.

— Existem muitas, em vosso *kuthor?*

— Bastante, diz a russa. Mas é só tomar cuidado.

— E depois, ajunta Kazanian, a armenia, temos um medico em cada *kuthor* e um pequeno hospital com dez leitos, para os tratamentos de urgencia. De resto, a *phalang*, essa aranha enorme, de longas pernas avelludadas, só é mortal quando comeu carne de cadaver antes de morder, e assim mesmo apenas em certos mezes do anno.

Eis o camarada Petrov.

O camarada Petrov, que dirige o sovkhoze Vakch, é o melhor especialista de algodão da U. R. S. S. Sem partido, é, entretanto, um dos poucos européus membros do governo do Tadjikistão.

E' um espirito claro, servido por uma fria energia.

— Nosso sovkhoze, diz elle, possue actualmente, dezesete mil hectares cultivados. E' uma criança. Sómente quando as irrigações do Vakchstroi estiverem terminadas, e pudermos cultivar cento e vinte mil hectares, sómente então elle será um adulto. E', entretanto, uma criança que cresce rapidamente. Três vezes cento e doze hectares em 1929; seis mil em 1930; onze mil, dos quaes sete mil de algodão egypcio, este anno; o restante em pastagem e em plantações.

Esperamos colher, até dezembro, de 800 a 900 mil puds de algodão, que dividiremos em duas partes: 30% serão entregues á industria, 70% conservados para a semeadura.

O algodão egypcio cresce aqui melhor que em sua patria de origem. Ora, esse algodão é indispensavel a nossas usinas. E' elle que dá os fios mais finos, os que servem para tecer a cambraia, mas é, tambem, o que dá os fios mais fortes, os de que se fazem as

capotas de automovel. Quanto ao algodão americano que colhemos, é um algodão de selecção, superior ao que dá na America.

Quando veis um tecido de algodão, não podeis calcular a somma de esforços requeridos por sua cultura. De dezembro a fevereiro, é preciso primeiro cavar a terra.

Possuimos, para o resviço de lavoura, 142 tractores, e, tendo em vistas nossas culturas do futuro, abrimos este anno uma escola para 600 tractoristas, dos quaes 70% de uzbéks e tadjiks. Mas e mechanisação, entre nós, encontra difficuldades desconhecidas na America, paiz de chuvas lentas, onde a irrigação é inutil; nós temos os canaes, os ariks, que retalham nossos campos. Elles tornam impossivel o uso das "alporcadoras-debastadoras", fazendo mesmo difficil a utilisação do Vacum-Turman, o aspirador de algodão, para o serviço de amontoamento.

Preparada a terra, têm inicio as semeaduras, seja á mão, como nesse kuthor de experiencia, seja com semeadoras russas ou americanas. Semeia-se o algodão egypcio de 25 de março a 15 de abril. Quando o algodoeiro está bastante crescido, começa-se, habitualmente a 15 de maio, a debastação e a primeira alporcação. Arrancam-se os pés excedentes e alporcam-se os restantes. O alporcamento deve ser feito — para que se possa obter um bom rendimento —, até 5 vezes, entre maio e agosto. Emfim, no outomno, vem a colheita, que prosegue até fins de novembro. Entre tempos, no decorrer do anno, os campos foram alagados de 3 a 6 vezes, segundo os terrenos, e os ariks capinados e limpos duas vezes: uma em fevereiro, outra em novembro.

Não é tudo, ainda. Foi necessario, durante esse tempo, luctar contra os parasitas, e espalhar entre os campos de algodoeiros o pó *"noute"*, o *cicer orietinum*, um veneno que attrahe a borboleta clara de perninhas verdes e a desvia das plantas; foi preciso impedir a invasão dos gafanhotos, destruir a pequena aranha da terra, chamada *epitetranicus alter*, e o piolho das plantas, o *aphis gossipu*.

Esta manhã, deveis ter visto um aeroplano deixar Kurgan Tubê. E' nosso avião de combate aos insectos. Está trabalhando hoje no céu de nosso sovkhoze, espalhando nuvens de arsenico sobre nossas culturas de algodoeiros.

Como vedes, nossa cultura é bastante complexa, exigindo, portanto, úa mão de obra importante.

E essa é uma de nossas difficuldades essenciaes.

Emquanto que em vossos paizes do Occidente milhões de desempregados perambulam pelas ruas, aqui, na U. R. S. S., temos falta de braços em todos os ramos da producção, e principalmente no Tadjikistão, e em particular para o algodão.

Assim, ser-nos-iam necessarios, este anno, 9.000 operarios, para o alporcamento, e ainda não temos senão 3.000.

Os salarios — nossos gastos de producção attingem 70% — são, entretanto, bastante tentadores. Os jornaleiros ganham de 3 rublos e 40 a 4 rublos e 50, e mesmo 15 rublos por dia, segundo os trabalhos. Têm agua quente e alojamento gratuitos. Adquirem, na cooperativa, dois pratos por 50 kopeks e um kilo de pão por 15 kopeks. Mas nós deparamos com esta difficuldade: ha trabalho em todo o Tadjikistão, tanto na aldeia como na cidade.

— *Mas, assim sendo, como realizareis vosso plano?*

— Perguntae-o a nossas brigadas de choque e a nossos *udarniks*. Elles vos responderão que o problema é muito simples: trata-se de que 3.000 homens façam o trabalho de 9.000.

— Olhae, vede factos, me diz a jovem agronoma armenia. Aqui estão alguns exemplos tirados de nosso kuthor, onde decidimos abrir um periodo de offensiva.

E a camarada Kazanian exhibe estatisticas e diagrammas:

— No dia 18 de junho, 84 homens deviam alporcar, segundo o plano, 7 hectares e 90. Alporcaram 8,30. No dia 24 de junho, 203 homens, que deviam lavrar 18 hectares, segundo o plano, e 20 segundo o contra-plano, lavraram 24.

Pouco a pouco, o laboratorio, cujas paredes estão cobertas de grandes algodoeiros seccos de bagas cheias de algodão maduro, foi se enchendo de operarios e operarias. Na maior parte, tadjiks da montanha. Dentre elles se destaca lm homem, que o director Petrov nos apresenta. E' o chefe duma *companhia de assalto*, constituida na primavera, em Khodjent, e composta metade de européus, metade de tadjiks, e que tinha por objectivo combater os *bassmatch*. E' o *Quarto Destacamento*, composto de 46 voluntarios, dos quaes 41 communistas.

Uma vez liquidados os *bassmatch*, o destacamento decidiu continuar no valle do Vakch e combater, dahi em diante, na frente do algodão. E então começou, primeiro entre as secções do destacamento, depois entre ellas e as brigadas dos *kuthor*, uma série de desafios de emulação socialista.

No começo, os voluntarios não conheciam o trabalho de alporcar a planta, não tendo porisso realisado senão de 97 a 99% de seu plano. Mas pouco depois passaram a 120, a 135, a 188 e até a 216% do plano, duplicando, no mesmo numero de horas, o rendimento do trabalho.

E os tadjiks da montanha acompanharam o movimento.

Agora, cada brigada nos expõe os resultados a que chegou. Aqui está uma, por exemplo, (ella resolveu tomar como patrono Egon Erwing Kisch), uma brigada das juventudes, composta de 20 membros, dos quaes 8 mulheres e 7 tadjiks — que se comprometteu a nunca descer, em seu trabalho, abaixo de 110% do plano.

Comprehendo, agora, de que modo 3.000 homens, apesar das difficuldades de toda sorte, materiaes, psychologicas, climatericas, sanitarias, que os assaltam, estão fazendo aqui o trabalho de 9.000!

Assisto, mais uma vez, a um milagre da emulação socialista.

— Este anno, conclue Petrov, guardião dos thesouros do algodão do Vakch, este anno a U. R. S. S. colherá mais ou menos 48 milhões de puds de algodão, e, no fim do plano, 55 milhões de puds, em lugar dos 14 milhões de 1927.

Notae que, em 1916, que foi um anno recorde, não produzira mais que 17 milsões de puds, para um consumo de 26 milhões.

A partir deste anno, poderemos abastecer de algodão americano as usinas da America!

XIV — Os assombros do deserto

O algodão, depois de colhido, é transportado para a fabrica, e então, de setembro até a primavera, gyram as engrenagens dos *"djins"*.

Quando se visita a *"grande"* usina de descaroçamento de algodão de Kurgan Tubê, tem-se a impressão de que se vive a infancia duma época industrial. Essa fabrica isolada parece uma casa de

campo no deserto. E' a primeira duma série completa que electricidade de Vakchstroi animará dentro em pouco. Foi construida este anno, no local do antigo cemiterio mussulmano, e é, momentaneamente, um immenso cemiterio de caroços de algodão. Montanhas de caroços se alinham sob seus hangars e em seus terrenos, caroços agradaveis de se tocar sob suas lanugens macias, mas de cujo conjunto se desprende um forte cheiro de fermentação quente. Esses caroços eram destinados á fabricação de oleo, em Bukhara. Mas Bukhara fica longe, e os transportes são difficeis. De modo que 25.000 puds de materias graxas fertilissimas apodrecem ali.

Quanto á usina mesma, ainda dorme, á espera da colheita — grande corpo sem alma, monte de machinas sem operarios.

Descrevem-nos o caminho a ser percorrido pelo algodão, levado duma secção a outra pela potencia dum Diesel de Kharkhov, ainda envolto em pannos no rez do chão.

O algodão chega ao deposito; logo depois, por meio de ar comprimido, é impellido para os tubos; passa em seguida ao separador, que o desembaraça de sua sujeira, dos pedaços de casca e de páu, e que o dilacéra. Do separador, cahe no *"djin"*, um tambor com escovas, que separa o algodão dos caroços com uma rapidez de 440 voltas por minuto. Assim purificado, o algodão sobe ao condensador, que o expulsa para a *hydropresse*, onde é comprimido em chapas de 6 a 15 puds, sob 300 atmospheras. Fica faltando apenas entregal-o á industria textil.

Kurgan Tubê, com suas tchaikana de beira d'agua, suas lojas de *kvass*, (1) seus quarteirões asiaticos de casas feitas de terra e de terraços repletos de moscas, possuirá, dentro de algum tempo, o maior agro-combinado de algodão da U. R. S. S.: uma usina que limpará o algodão, tratará os caroços para extrahir oleo e fabricará sabão.

Dentro em pouco, o deserto, espantado, verá surgir, por cima daquillo que foi um grande burgo e uma guarnição, uma grande cidade industrial socialista.

. . . .

(1) Especie de cerveja feita com pão.

Deixamos Kurgan Tubê antes de amanhecer o dia.

Temos apenas o tempo de saltar dois ou três *ariks*, refreando a marcha, de nos atolarmos uma ou duas vezes, de descer para empurrar o automovel, com as bottas enterradas na lama, e eis-nos já distantes das ultimas arvores do oasis.

Três grandes nuvens espaçadas sóbem da terra, na nossa frente, dentro da manhã. Três caravanas.

O homem aprende rapidamente e se espanta pouco. Os animaes do deserto andam mais de vagar.

O automovel ainda é para elles um motivo de espanto. De espanto assombrado, para os animaes domesticos, de espanto sómente, para os selvagens.

Os dromedarios não gostam da *chaita-arba*. Emquanto que seus conductores cobertos de turbantes olham as machinas com um interesse apaixonado e as apalpam e ascultam quando se approximam, e desde ha varios annos sabem que homens de sua raça aprenderam a conduzil-os, os dromedarios ainda desconfiam desses concorrentes que os vencem. Dir-se-ia que sabem que o automovel está destinado a eliminal-os, como em nossos paizes do Occidente já expulsou o cavallo das cidades.

Entramos na primeira nuvem como num jardim zoologico de Apocalypse, Rabos tesos, pescoços alongados, corcovas flacidas, pernas irregulares, ventas proeminentes e frementes emergem do cumulus de poeira como partes dum mesmo corpo monstruoso. Ao aviso de nosso claxon, a porção dos camellos se dispersa para um lado e outro, alguns empinando-se em direcção ao largo, outros a poucos centimetros de nosso rosto, piscando seus grandes olhos pretenciosos, que parecem "feitos" a koheul.

Retinir de campainhas, bastões brandidos recahindo sobre as espinhas de papellão molle dos dromedarios, gritos dos camelarios afflictos em cima de seus burricos responsaveis — e deixamos esse espanto do deserto domesticado, vestidos de cinzento e com rugas ligeiramente rosadas.

Esse espectaculo se repete três vezes, antes que attinjamos a margem da montanha que devemos margear durante muito tempo,

escalando outeiros e descendo rampas de tobboggan. (1)

Cavallos mortos. Camellos mortos. Vehemencia da podridão. Lembranças da passagem dos *bassmatch*. Assombro dos abutres do deserto e das aguias comedoras de cadaveres. Elles não pódem comprehender por que motivo viémos interromper seu magnifico banquete de entranhas pôdres e de carne defumada. A *chaitan-arba* já está a poucos metros e elles ainda não se mexeram, continuando a laceração de sua presa com picadas teimosas e enraivecidas. A *chaitan-arba* se approxima, e elles a olham, interessados e confusos. Pois então ella faz mesmo assim tanta questão que elles se levantem? Que seja. Estão meio atordoados, mas vôam, para mostrar que sabem vôar, e depois tornam a descer, vinte passos mais adiante, sacudindo-se um pouco e extendendo as azas com cuidado.

Telégas (2) mortas. Sempre da mesma morte. As rodas estalam sob o peso, e a *teléga* jaz de lado, com o trazeiro por terra: o homem resiste ás fadigas da emulação socialista melhor que as carruagens.

Tractores mortos. Mortos pela pedra, envenenados pela areia, que os cobre como pó de esmeril.

— Essa poeira, diz nosso chauffeur, encurta a vida da gente de dez annos.

A' medida que avançamos pelo deserto, elle vae se enchendo de novos espantos, o espanto dos *djairan*.

Essas gazelas têm a côr de tal modo parecida com a da esteppe, que parecem sahir da terra como duma caixa. Para percebel-as de longe, são necessarias raras condições de claridade e de contra-luz. Nas horas quentes procuram a sombra dos rochedos nas montanhas vizinhas. De madrugada e á tarde, vêm roer aqui uma herva rara.

Vamos empurrando para a frente seu espanto, como a prôa dum navio empurra a agua.

As *djairan* são todas pernas. Desde que se as vê, parece que estão á nossa espera; examinam a gente com sua cabeça um pouco

---

(1) Tobboggan — Não tem equivalente em portuguez. — Especie de trenó baixo, que repousa sobre dois patins, cobertos por uma prancha estofada. (N. do T.)—

(2) Carros ligeiros.

pesada e de cornos divergentes. Roem mais um pouco, levantam novamente a cabeça, farejam o ar com seu pequeno nariz movel, e, de repente, se levantam e disparam como dardos.

As que estão á nossa esquerda carregam sobre a montanha, como atacantes, e depois, como que por encanto, param, bruscamente, todas juntas, voltam-se e olham mais uma vez a *chaitan-arba*. As que estão á nossa direita procuram, para alcançar as primeiras collinas, cortar-nos o caminho, competindo comnosco em velocidade Uma corrida. Augmentam seu galope, o chauffeur dá o mais que póde. Ellas acceleram ainda mais o passo, e, bruscamente, num repellão, em três pulos, attravessam a estrada, bem no nariz de nosso radiador.

E assim durante 200 kilometros, as *djairan* nos acompanham com seus assombros, machos e fêmeas, cabritos e cabras, rebanhos ou familias isoladas.

Perto de Ksyl Tumchuk, um casal de *tchil*, o menor dos perdigotos, (são côr de rolla), se põe a correr em nossa direcção, afim de vêr a *chaitan-arba* mais de perto. Três abetardas, ao lado do *kichlak* que será a terceira cidade do Vakchstroi, parecem estar desfilando numa parada e fazendo manobras a pé, na areia. "Em linha, olhar á direita!" E ellas nos olham.

A' beira dos rochedos, fraternalmente misturadas, as aguias e os pombos interrompem o passeio que estavam fazendo em seus terraços para exprimir, por meio duma sympathica immobilidade, seu espanto por vêr passar nossa *chaitan-arba*.

A' sua vista, os passaros azues abrem um bico espantado, em cima do poste dos fios telegraphicos, onde suas garras tocam *"Ao clarão da lua"*.

O homem irá, aos poucos, expulsar toda essa fauna do deserto.

Essas terras que, a julgar pelos traços dos *ariks* e dos *kurgan* que se deparam, já foram cultivadas ha muito e muito tempo, voltarão a sel-o dentro em pouco.

120 kilometros de via férrea passarão por aqui. O homem fez, o homem desfez e o socialismo refaz um jardim.

E lá onde vivem, em seu paraiso, o *tcsil* e o *djairan*, virão outros animaes, os animaes da agua, os animaes da verdura, os animaes das casas.

Descemos rampas, numa immensa garganta lodosa de penhascos cobertos de assignaturas em grandes lettras russas, e, bruscamente, acaba-se o deserto.

Planicie de arroz e de algodoeiros, aqui está Faisabad Kala, posto do exercito vermelho, porto sobre o Pianch, usina de algodão.

E, do outro lado do rio-fronteira, lá está, emfim, o mysterio do Afghanistão.

XV — O exercito vermelho entre os tigres

— Lá está, bem para baixo, a leste, Palivan, aos pés de Kadja-Tau, a Montanha sagrada. Ali fica Khatim-Kala, e ali Gurguri.

— E, atraz dessa montanha, as duas primeiras cidades: Khanabad, á esquerda, e Kandus, á direita.

V... e T..., os dois *pogranitchki* (guarda-fronteiras) que me acompanham, descrevem o paiz que se extende á nossa frente.

Estamos na orla do cannavial, ás margens do Pianch, frente ao Afghanistão.

Perseguindo um bando de faisãos — estas terras se acham tão cheias de faisãos quanto nossos squares de pombos — chegámos até ali, e agora descançamos um pouco, na frescura da tarde que declina, os fusis entre os joelhos, emquanto nossa cadella fareja prudentemente o local, pullulante de repteis.

Quer dizer que é isso, uma "fronteira natural"? Tão "natural" que, dos dois lados do rio, fala-se a mesma lingua, pertence-se á mesma raça. E entretanto, essas montanhas núas, identicas ás que deixámos para traz, esses cannaviaes, identicos aos que acabamos de atravessar, esses *kichlaks* afogados em pomares, identicos aos de Sarai-Kamar ou de Komtchi, são habitados por camponezes escravisados, aterrorisados pelas quadrilhas das facções militaristas.

Foi dessas terras que, na primavera deste anno, partiram os *bassmatch*, e são essas as aguas que transportam suas jangadas feitas de odres, e que foram atravessadas a nado por seus pequenos cavallos. Nellas ainda reside, por não ter conseguido passar o rio, Utam Bek, o jovem chefe excessivamente bello, que deve sua popularidade a sua pederastria, politico velhaco, diplomata consumado, bom estratega e uma das esperanças do H. M. S. — *Hys Majesty Service.* Na estrada que leva a Kabul e á India, esta é, não a fronteira do Afghanistão, mas a do Serviço de Sua Magestade.

Ella é bem uma fronteira, effectivamente, e a fronteira do mundo. Fronteira no tempo e no espaço. Do outro lado, começa o imperialismo. A nova época termina, theoricamente, aqui. E, na verdade, o maior "crime" da U. R. S. S., é essa attracção que exerce sobre as populações fronteiriças, e, lá muito longe, sobre as de toda a Asia.

Não se passa um só dia, actualmente, sem que alguns afghãos venham se refugiar na U. R. S. S. Emmigrados politicos fugindo ás perseguições de Nadir Khan — como esse coronel e esse governador de provincia que encontrei em Stalinabad e que pareciam sahir duma historia de Harum-al-Rachid — camponezes pobres em busca de terra, operarios sem trabalho, dekhans fugindo ás extorsões dos beks.

O renome das realisações se enraizou profundamente nas terras afghãs.

— Quatro homens, de *burdiuk*, viéram ter, ha poucos dias, ao posto em que eu estava de guarda, me diz O... Era uma delegação de afghãos. O mais velho dentre elles tomou a palavra e falou: "E' toda a aldeia que nos envia. De nossa margem, vemos machinas circularem por vossas estradas, vemos tractores ararem vossos campos. Sabemos, por intermedio de nossos parentes do lado de cá da agua, que tudo isso é bom e que tudo isso se chama o *kolkhoze*. Então, como tambem desejassemos ter tractores e machinas que nos ajudassem em nosso trabalho, viémos perguntar-vos o que é preciso fazer para fundar entre nós, no Afghanistão, um *kolkhoze*".

. . . .

A viagem, de Earai-Kamar a Pakhar, ao longo da fronteira, é magnifica. Em 14 lances, a estrada desce, das alturas do Pianch, para a ilha Orta-Tugai. Do alto do desfiladeiro, a extensão dos cannaviaes parece um braço de mar, limitado a leste pelos planaltos do Pamir afghão.

Sacudidos por nosso caminhão, de valles em montanhas, por entre os cannaviaes ou os pistaceiros, vamos rolando de posto em posto.

Todos identicos, e todos sympathicos com sua vida familiar, esses postos fronteiriços.

Uma, duas ou três moças com seus filhos passeiam fraternalmente entre doze a vinte homens, ukranianos na maior parte. Vida em commum dos soldados e commandantes.

Esses postos nada têm de parecido com um fortim. Dir-se-ia, á luz do sól, uma quinta de Beauce ou da Picardia, com seu muro, seus alojamentos, suas estrebarias. No terceiro, onde alguns cães brincam, as gallinhas ciscam em redor dos porcos gordos, perto das casinhas de coelhos. Ali, contam-se historias de trigo e historias de caçadas, entre dois meetings, duas musicas de accordeon, dois banhos ou dois combates. Os quartos são grandes, bem arejados, com mosquiteiras em cada cama. A bibliotheca está bem guarnecida e a vida politica ininterruptamente commentada no *canto vermelho*.

Plantados no cimo dum rochedo, os cavalleiros do posto de Ksyl-Su nos esperam. Quando chegamos, carregam-nos, por entre risos e gritos de bôas vindas. O camarada Danilov e o camarada Klimanov conheciam a vida do partido francez tão bem quanto um camarada de Belleville, e a vida do partido allemão tão bem quanto um camarada de Wedding.

A gente fica sempre espantado da precisão e da intelligencia das perguntas que póde fazer, no fundo da mais longinqua região da U. R. S. S., não importa qual soldado vermelho.

— Vivemos aqui entre riquezas inexploradas, me diz ainda o camarada Danilov "O sal reçuma por toda parte, e muito perto daqui, na montanha, basta a gente se abaixar para ajuntar a anthracite. Acontece apenas que, momentaneamente, e por falta de estradas, não exploramos do paiz mais que a fauna e a flora. O algodão dá aqui magnificamente. As mattas estão habitadas por milhões de faisões, milhares de javalis e centenas de tigres. O anno passado matámos onze tigres".

As paredes do posto estão cobertas de chifres de veados, de cornos de carneiros e de cabritos montezes e de garras de javalis, que alternam com retratos de Lenine, de Staline, de Vorochilov, de Djerzinski.

Depois de transpor em balsa o Ksyl-Su — o que não foi feito sem difficuldade, pois ha muito pouca agua na margem, e são os

pasasgeiros que têm que empurrar, com agua até o ventre, a balsa ao desembarcadouro — atravessamos, em pleno dia, como por entre muralhas verdes, um pedaço de floresta que nos conduziu a Parkhar.

Refeição em Parkhar com todo o pessoal do posto. A refeição tradicional do exercito vermelho, uma bôa sôpa (*o borch*), carne e arroz com tomates. A porção que cabe a um só soldado vermelho, seria destinada, no exercito francez, a alimentar meio esquadrão!

Depois duma orgia de melões, com os quaes termina a refeição, Kisch e eu organisamos um pequeno meeting. Depois, passamos as restantes horas quentes do dia entre as mulheres e as crianças do posto, contando historias da Europa e ouvindo historias da Asia.

Depois de Parkhar, que deixamos saudosos, ultrapassamos, por engano, o posto de Sayat, e por pouco não despencamos num precipicio de lodo que domina o Pianch; retrocedemos prudentemente, e, atravez uma planura deserta, ganhamos, por uma volta, a floresta de Tchubek.

Ahi está sendo collocada uma nova linha telegraphica, e temos, pois, que nos deter a cada instante, afim de evitar que a cabeça seja arrancada pelos fios de cobre que, puxados por um cavallo longinquo, vão se arrastando sobre os canniços e arbustos, como finissimas serpentes vermelhas.

— Não podereis atravessar o grande canal com o automovel, diz-nos um telegraphista: Ha muita agua nesse arik...

— Veremos.

— Somos esperados em Tchubek antes do anoitecer.

Aqui, os cannaviaes e as mattas alternam com as culturas. Daquillo que era apenas um bréjo, o trabalho socialista já fez, em parte, um canteiro de algodão, e a immensa ilha Orta-Tugai, velho ninho de tigres, não é mais que um vasto kolkhoze.

Os grandes traços da passagem das serpentes enormes — cobras, pythons — riscam o pó da estrada.

Como era de prever, quizemos transpor o *arik* com nosso caminhão, e elle ficou ali. Apesar de abrirmos um caminho com pás, de aplainarmos a estrada, de puxarmos na frente e de empurrarmos atraz, nada conseguimos. Agora, a noite cahiu, e o caminhão vae se afundando cada vez mais na lama. Démos três tiros para chamar a attenção das sentinellas mais proximas.

Issa Kodjaiev, que nos acompanha, convence um cavalleiro tadjik que passa a lhe emprestar seu cavallo, e parte a galope á procura de soccorro, em direcção dó posto de Bechkapa.

Uma noite de floresta virgem? Estamos bem arranjados.

Temos o espirito tão cheio de historias de tigres, de cobras, de escorpiões e de *phalangs*, que a maior parte dos nossos hesita em se deitar na terra e dormir. .

Quanto a mim, afasto-me um pouco, posto-me sobre o declive do *arik*, metto uma bala em cada canno do meu calibre 16, e fico escutando.

Um silencio quente, dir-se-ia pesado, reina sobre a matta virgem. Os mosquitos zumbem em meus ouvidos, menos numerosos e menos aggressivos, entretanto, que em Camargue. Torturado por um abcesso, que o cansaço da viagem e da poeira da Asia ainda aggravam mais, estou ardendo de febre. Um animal preto, uma aranha, corre, rapida; sobre minha mão, pica, e salta para a extremidade de seu fio, embrenhando-se no matto. Em poucos minutos toda minha mão incha e me faz soffrer cruelmente. Mordo a picadura e sugo a ferida.

Nada, nenhum ruido. Apenas o murmurio surdo das conversas dos camaradas, o raspar da agua contra a vegetação, e, muito ao longe, um grito de ave nocturna, ao qual responde um grito de chacal. Os olhos estão cansados de tanto investigar os canniços, metallicos sob o luar. Em minha febre, vejo sombras que correm e que dansam. De repente, um estallido, depois varios outros mais longe, e o barulho se approxima, para novamente se afastar. Emoção da espera, decuplicada pelo bater de meu sangue que pula. Um galope surdo. E' do lado de cá do arik, e o barulho se dirige para a agua. O ruido cessa, depois recomeça. Avanço por entre os canniços do declive, o rosto espanejado pelas folhas cortantes, curvado em dois, o dedo sobre o gatilho, em direcção ao lugar do barulho. Uma quéda n'agua, não muito longe; debruço-me sobre o canal, mas nada vejo. Novos ruidos de quéda. Não é um animal, é um bando de animaes. De repente, meu pé quebra a haste dum canniço sonoro. Atropelamentos, mergulhos e fuga pela floresta em direcção da outra encosta. Olho a terra no lugar por que passaram os animaes. E' um bando de javalis que acaba de atravessar a agua.

Torno a meu posto de espreita.

As horas se escôam. Tadjiks que vão para Parkhar se detêm diante do becco sem sahida do váo. Descem de seus asnos e de seus cavallos e deitam-se ao lado de nossos camaradas, sobre o tapete. A's vezes, um delles vem beber, não longe de mim, a agua lodosa do canal. Um cavalleiro vermelho, attrahido por nossos tiros, fala sobre os *bassmatch*:

— Aqui, diz elle, o Pianch é baixo. Tem oito braços, e quando a gente vem do Afghanistão, póde sempre se orientar pela montanha de Kodja-Moomin. Foi por ali que passaram Hanjon e Burri, a Cobra, com seus djiguitas.

De madrugada, conseguimos attingir Tchubek, onde, no posto em que eramos esperados, cahimos extenuados sobre nossas camas de campo, sob um grande platano, até o ataque matinal do sól e das moscas. Um tractor foi desenterrar o caminhão.

Ouvimos aqui, mais uma vez, a historia da invasão de Ibrahim bek. Mas, desta vez, são os proprios homens que a viveram que a contam, com simplicidade, como um accidente da vida quotidiana entre seus varios tropheus: sabres afghãos, fusis inglezes, carabinas japonezas, velhas pistolas e punhaes mongoes.

Aqui estão Niviasni e Soloviev, dois soldados de guarda em Sartali, que, a 31 de março, á uma hora da manhã, enfrentaram os *bassmatch*, recebendo-os, a uma distancia de 30 metros, a tiros e a granadas de mão, obrigando-os a recuarem.

Aqui estão Tinok e Nomatchenko, que sósinhos, barraram o caminho a 300 *bassmatch*, e depois, dado o alarma, se apossaram, sempre combatendo, dum ninho de metralhadoras, diante do qual os djiguitas de Ibrahim deixaram 58 cadaveres.

Como eu evoque a bravura dos soldados vermelhos e os cumprimente por uma defesa que lhes valeu serem citados á ordem da bandeira vermelha, um delles me diz sorrindo:

— Eu, um bravo? Absolutamente!

Outro dia, vieram dizer-nos que um tigre se refugiára num *arik*, perto duma aldeia. Fomos até lá com dois camaradas. Quando procuravamos os rastos, ouvimos, repentinamente, a dez metros de nós, numa moita, um rugido espantoso. Era elle... Ah! como eu corri!...

O soldado e seus camaradas rebentam de rir.
— E, entretanto, o tigre cahira numa armadilha, e era por isso que gritava...

XVI — Represa, cadeia, escolas, bazar, caravanas...

Durante a noite, os porcos, familiares do posto, comeram minha escova de dentes. Calor torrido. De não se poder respirar. Engulimos algumas compotas de damasco e deixamos o posto para ir vêr a barragem do Tchubek.

Ressureição de Atlantis. Entre a margem do Tadjikistão e a margem do Afghanistão, vamos caminhando sobre o antigo leito do Pianch, o leito que elle abrira para si proprio, nos tempos historicos, roendo pouco a pouco a terra, destruindo aldeias, das quaes resta apenas o plano em relevo, sobre raras eminencias de lama secca. Esse leito, o esforço socialista acaba de seccal-o.

O caminhão se afunda na areia. O chauffeur recusa ir mais longe. Saltamos em terra, e, num immenso valle de pedregulhos, pomo-nos em marcha, sob 60° de calor.

Emfim, attingimos a represa — uma represa de dois kilometros — que está sendo concluida. Tem quatro metros de largura por quatro de altura, toda de pedras e de estacas. Foram necessarios, para sua construcção, 37.000 metros cubicos de pedras e 48.000 de estacas. Deixa-se que a agua se infiltre um pouco por entre as pedras, afim de que a areia possa penetrar e cimentar a construcção. Para consolidar a barragem, foi preciso mandar buscar 800 mourões do Ural, transportados por camellos desde Faisabad Kala (190 kilometros). Cada mourão, de 8 metros e meio de comprimento, custou, até chegar ao local, 293 rublos e 25 kopeks.

Uma comporta, collocada no angulo do Pianch, contra a montanha, organisa a distribuição das aguas para a irrigação. Sobre a propria montanha trabalham alguns homens, martellando barras de ferro.

— Que fazem elles?

— Preparam, diz o engenheiro-chefe do Tchubekstroi, pequenos fornos de minas. Sim. Vedes essa montanha que avança sobre o

Pianch?; pois ella é, de certo modo, nosso para-raios contra a inundação. Si o derretimento das neves trouxer, por estes dias, contra a corrente, uma vaga capaz de submergir ou de destruir nossos trabalhos, immediatamente faremos a montanha descer para o rio, quer dizer, fal-a-emos saltar, de modo que seu blocos de rochas quebrem a força da corrente e a desviem de nossa barragem.

Calculae que vamos recuperar, com o *Tchubekstroi*, 25.000 hectares de terra sobre os bréjos, e que em 1933 colheremos aqui mais ou menos 2 milhões e 500 mil rublos de algodão!

A noite cahe sobre o Afghanistão, que se extende ali, muito perto, com suas montanhas vermelhas e negras, do outro lado dessa pequena ilha de cannaviaes...

E' um deserto, e um deserto em que não se constróe.

— Vedes essa montanha? diz o camarada D..., que nos acompanha. Era exactamente ahi, em Etin Tepe, que estavam reunidas as familias dos emmigrantes lokai, a 25 de março, num pequeno atalho que conduz ao rio... Quando seus parlamentares receberam autorisação do governo tadjik para entrar, no momento justo em que suas familias se encaminhavam para a margem do rio, as tropas afghãs, que as vigiavam do alto das montanhas, abriram sobre ellas um fogo de metralhadoras. Muitas mulheres e velhos cahiram nos precipicios, outros se atiraram á agua, como puderam. Viam-se crianças, presas aos cavallos, serem arrastadas pela correnteza sob a fusilaria. Mulheres se agarravam aos *burdiuks* furados pelas balas, e iam a pique. Eram de 8 a 9 mil, e quando muito 6.000 conseguiram chegar vivos ao lado de cá do Pianch.

. . . .

Partida para Kulab. Logo no começo da viagem surge a planicie do Pianch, ao longo duma estrada toda frisada pela passagem recente dos tractores. Antes de penetrar na montanha, detemo-nos para pôr agua em nosso radiador, num prado pullulante de gafanhotos esfaimados que tudo devoram. Aqui, cada cavidade da montanha parece ser um buraco cheio de neve, e, apesar do calor torrido, os rochedos pendentes sobre o valle dão a impressão de terem sido talhados na neve. E' o sal.

Aqui, a terra, as rochas, reçumam sal, e a agua que se bebe é salgada.

Subimos durante muito tempo, caminhando na areia, por entre campos de trigo e manadas de dromedarios. Emfim, eis o cume de onde vêmos, atraz de nós, um Afghanistão azul, emquanto que, na nossa frente, se extende a planicie do Iaksu, com os feixes de arvores de seus *kichlaks* e a ondulação permanente das collinas aridas que a limitam.

. . . .

Kulab. Uma grande cidade asiatica, como o polvo central de seu bazar estendendo seus tentaculos sobre todas as estradas por onde affluem os *dekhans* carregados de melões, de melancias, de maçãs, de cerejas e de frangos.

No bazar, um carneiro custa 80 rublos, um camello 350, um cavallo 500.

Como nos hospedassemos em frente á prisão, quizemos visital-a, e o procurador ahi nos conduziu na hora do descanço. Tem-se a impressão de que, nessa cadeia, feita, como todas as casas daqui, de terra secca, para a gente se evadir é sufficiente esgravatar a parede com a unha.

Seja como fôr, o facto é que ella se assemelha muito mais a um bazar que a uma prisão, com suas cellas abertas para o terreno, como lojas, a animação de suas ruas, sua *tchaikana vermelha* e suas canções. Seu caracter cultural não é accusado senão pelo numero das latrinas.

As cellas, onde os prisioneiros são agrupados em numero de seis a oito, parecem-se, com a differença de que muito melhorados, com as casas uzbeks. Não são, para dizer a verdade, o cumulo do conforto, mas têm todo o que se conhece na Asia: tapetes, almofadas, e, para passar o tempo, guitarras de longo cabo e tamborins. Naturalmente, todos os prisioneiros estão "innocentes".

Innocente está Cherghazin, que roubou 5.000 rublos da caixa de seu kolkhoze. Innocente está esse velho mullah paternal, de barba bem tratada, de sorriso obsequioso, de mãos longas e bem feitas, que, tendo convidado o miliciano que o fôra prender a tomar chá, dirigia-se ao quintal, sob pretexto de ir buscar agua, se apoderou do cavallo e das armas do miliciano, e foi, num só galope, juntar-se aos *bassmatch*, dos quaes era agente. Innocente está esse marido que matou a mulher, por ter ella deixado o véu. Cada promptuario que o procurador nos mostra, permitte-nos verificar o quanto vale cada innocencia...

O russo Nikitine, um homemzinho espadaudo e trigueiro, se queixa:

— O que estão fazendo não é justo, diz. Só porque somos russos, a administração tadjik nos maltrata. Os guardas favorecem os tadjiks. Temos, entretanto, os mesmos direitos que elles...

Outros tempos...

. . . .

Fomos attrahidos, ao passarmos pela rua principal de Kulab, por um quadro encantador. Num jardim, á hora da sesta, á sombra dum grande plátano, numa cama, um casal uzbek se acariciava docemente, por entre véus de sêda. Surpresos e um pouco confusos, o homem e a mulher nos olharam; sorrimos, elles sorriram. O homem é Mamadali Kavrak e a mulher Ulkar — dois *komsomols*. Têm, juntos, 38 annos. Levantaram-se com a nossa chegada e nos conduziram junto a uma vintena de outras camas, onde seus camaradas estavam deitados, lendo.

Esta é uma escola de formação de directores para os kolkhozes de algodão. Comprehende 63 estudantes, dos quaes duas mulheres.

Elles nos rodeiam, assediam-nos com perguntas, os olhos brilhantes dum interesse apaixonado, e os hurras retumbam quando, num meeting improvisado, cada um de nós, em poucas palavras, saúda os jovens quadros do Tadjikistão em nome dos trabalhadores do Occidente.

. . . .

B., presidente do Guepeu de Kulab, e eu, fomos visitar a mesquita de Said Ali.

— Aqui, me diz elle, fazem-se diariamente grandes banquetes de

carneiros, e o mullah, apesar de ter perdido seus clientes locaes, se alimenta bem. De muito longe, os paes que querem ter filhos vêm aqui em peregrinação, e, quando seus votos se realisam, trazem ao mullah, em signal de reconhecimento, um carneiro.

Estou bastante curioso por vêr o effeito que produzirá a apparição, neste lugar sagrado, do presidente da Guepeu, cingido em seus couros, e tendo ao lado o Mauser guarnecido de madeira. Transpomos o muro por uma brécha e penetramos num jardim de sombra.

Um grupo de tadjiks rodeia um homem, ainda jovem, ao qual ajudam a enrolar o turbante... E' um cégo.

Todos se dirigem a elle com deferencia. E' um *icham*. (1)

— Póde-se visitar a mesquita? pergunta B.

— *Nielzia*, não é possivel, responde bruscamente o icham cégo.

Os tadjiks presentes intervêm; o *icham* se mostra irreductivel. Consente, emfim, em que demos uma volta em redor da mesquita, pelos jardins...

B. agradece e me diz:

— Ninguem póde penetrar no terceiro quarto, onde estão os tumulos do principe Said Ali e de doze membros de sua familia, e nós menos que ninguem.

Construcção sem grande interesse, feita de madeiras e tijolos seccos. Lançamos uma olhadella pela porta aberta, no sanctuario cujo umbral está ornado de innumeros pannos presos a lanças ou a grande cornos de cabritos montezes. Depois de visitarmos o tumulo dum filho de Tamerlão — um tumulo dum bello marmore liso, decorado de letras arabes —, no momento em que vamos sahir, dois homens se dirigem a nós, nos cumprimentam, e falam durante algum tempo com o presidente do Guepeu.

— Dois chefes bassmatch, me diz B. Um delles, o de feições grandes e dentuço, é o coronel afghão Nazir Yadirov, um dos lugartenente do famoso Bache Sakao, que desthronou Amanullah. O outro é um kurbatch que eu fiz descer do cavallo durante uma batalha, com um tiro de carabina na perna.

— E estão livres?

---

(1) Homem santo.

— Tão livres de passear quanto seus amigos da mesquita de nos prohibiu o accesso ao sanctuario.

Sahimos do jardim.

Como eu notasse a B. o quanto esses factos parecerão espantosos, em sua tolerancia, aos occidentaes de cerebros entupidos pela imprensa burgueza, elle levantou os hombros:

— Veja...

B. me mostra, na terra, o traço da passagem dum tractor, e diz:

— Antes de mais nada, isto... Depois, então, aquillo. E elle me designa o vasto Technikum em construcção, a escola normal tadjik de professores.

— E, emfim, isso.

E elle me mostra o systema de aquecimento monumental que rodeia uma solida construcção, sobre a qual se move uma nuvem de pedreiros: é um hotel ultra-moderno, para o qual, dentro em poucos mezes, poderão vir, de Moscou, em 34 horas de aeroplano, os turistas do mundo inteiro, curiosos de Asia e de construcção socialista.

— Comprehendeis? pergunta B.

. . . .

Na grande estrada Kulab-Stalinabad ha uma intensa vida nocturna.

Queimado de febre, sigo, ha varias horas, esse longo canal de poeira grossa, pelo qual as rodas abrem caminho como na agua; e, entretanto, essa será uma das mais interessantes dentre todas as minhas recordações desta viagem.

135 kilometros a percorrer, duas cadeias de montanhas e quatro rios a transpor.

Dir-me-ão, seguramente: "E' pena que tenhaes percorrido á noite paysagens tão bellas e que tenhaes transposto o Puli-Zindor (litteralmente: a passagem penosa como uma prisão) e as gargantas do Vakch, com sua ponte dominando a correnteza a uma altura de cem metros, em outro momento que não de dia".

Não sou dessa opinião. Meus olhos estão embriagados de pittoresco, e sómente a noite poderia me desvendar o segredo da circulação do sangue Tadjikistão, essa paysagem de homens e de constructores em marcha.

Esta é a noite das caravanas.

Nesta viagem lenta, por entre os rochedos, os precipicios, a confusão das rochas e os trigaes que crescem a 2.000 metros, a todo o momento surge, agarrado pelo feixe de luz de nossos pharóes, um caravaneiro montado em seu burrico annunciador, e, atraz delle, o pescoço em fórma de prôa do camello conductor guizos. Campainhas de ferro do camello que conduz o rebanho, campainha de ferro do camello que o encerra canções dos caravaneiros.

Eis as vigas vindas de Stalinabad, e que saúdam, ao passo ondeado dos animaes, como braços de bombas nos campos de petroleo. Eis as charrúas reluzentes, amarradas de duas em duas, cruzando o timão por cima das corcovas. Aqui está transportando taboas para Kulab, escoltada por um ou dois fusis, uma longa caravana de telégas, cujos conductores arregalam os olhos somnolentos á luz de nossos projectores. Ahi vão centenas de burricos carregados de fardos de fazendas.

E eis, caminhando em sentido inverso, em direcção de Stalinabad, dromedarios carregados de saccos de trigo, dromedarios carregados de saccos de arroz, dromedarios carregados de couro bruto, dromedarios carregados de pastas de algodão comprimido.

Em Stalinabad disseram-me "Stalinabad foi construida com caravanas vindas de Termez". Em Vakchstroi disseram-me: "Temos que mandar vir tudo de Nijni Pianch, em caravanas". Em Tchubekstroi disseram-me: "Todas nossas madeiras vêm de Faizabad Kala, por meio de caravanas".

Comprehendo agora, simultaneamente, a lentidão e a grandeza dessas viagens de formigas, indo da officina ao formigueiro e do formigueiro á officina. Essa estrada está mais movimentada, esta noite, que uma estrada da França em úa manhã de feira. E' toda uma vida infatigavel, que circula por Ksyl Mazar, o Cemiterio vermelho. por Kungurt, a Cidade dos ursos, e por Turkaul, a Aldeia dos quatro votos realisados.

Estou exgotado pela febre e pelo consaço, e entretanto, não consigo dormir. Barulho das telégas, dos caminhões, dos tractores, gritos dos caravaneiros, dos dromedarios e de seus sinos — a vaga socialista tadjik nos arrasta, e nos arrasta irresistivelmente, verdadeiro rio humano, para o futuro.

XVII — Na primavera da liberdade

"Kuklan buldi.
Tchamanlarda otchuldi gul".

. . . .

A primavera chegou,
e abriu todas as flôres.

Assim canta Barahat, a filhinha do camarada Kodjibaiev, emquanto elle, no piano, a acompanha cantarolando, e sua mulher — graciosa e sorridente em sua longa tunica branca — serve o chá verde a Finn e a mim.

— Vossa historia, camarada Kodjibaiev?

— Nasci em Kodjent, responde o presidente do Conselho do Tadjikistão, e tenho 31 annos. Mas minha historia é menos iteressante que a historia de meu paiz.

— Nascentes no anno da Mosca, no anno do Carneiro ou no anno do Cavallo?

— Isso não sei. Essa é a velha maneira de contar os annos, e eu nunca me preoccupei com ella.

Meus paes eram chacareiros. Aos 7 annos aprendi o alphabeto arabe; aos 12, meus paes me enviaram á escola russa, e, aos 15, durante a guerra, depois de passar um anno lavrando a terra, pude me dirigir a Tachkent, para ahi fazer meus estudos com o dinheiro que meu pae recebera da venda de sua chacara.

— Vivestes, pois, sob o antigo regime russo?

— Vivi. Era o mais incrivel dos regimes de oppressão e de corrupção.

Sem duvida conhecei a historia da conquista da Asia pelo tsarismo, essa longa série de massacres, iniciada com as expedições organisadas pelos commerciantes do Baixo-Volga, no decimo segundo seculo, que continúa na invasão da Siberia pelos 7.000 cossacos pagos pela casa commercial dos Stroganov, e que — sempre sob a pressão do capitalismo commercial —, prosegue durante trezentos annos. Em 1839, a politica de Pedro-o-Grande, que enviára Beko-

vitch Tcherkaski até a embocadura do Amu. Daria, é reiniciada por Nicolau I, que manda o conde Petrovski para o Afghanistão no mesmo momento em que os inglezes, partidos da India, o invadem pelo Norte. De um lado como de outro, a expedição constitue um desastre.

Essa é, pois, uma empreza addiada. De 1853 a 1895, a conquista da Asia Central será levada a effeito methodicamente, fazendo-se um accordo entre russos e inglezes, e o Turkestão, sangrado pelas guerras, transformado em colonia, explorado até as fibras, viverá sob um regime de terror inaudito, até a victoria dos Soviets.

Sei o quanto soffrem vossas populações coloniaes, sob o regime do imperialismo francez. Os colonialistas são os mesmos em todas as partes. Aqui, depois da conquista, era tão grande o receio que se tinha do colonisador, que, quando um *dekhan*, a cavallo, cruzava na estrada com um official, descia e se prosternava na poeira.

Tudo era permittido aos russos.

O general Meller Zakomelki — elle possúe em Nice úa magnifica villa, onde, se é que ainda vive, deve morar actualmente — depois de ter almoçado fartamente, fazia atirar pela janella sobre úa mulher uzbek que passava, afim de experimentar seu novo fusil, e declarava que, decididamente, o *parandja* constituia um alvo de primeira ordem...

Um prisioneiro conseguia fugir? Prendia-se o primeiro passante, que ia substituir na cadeia o evadido. Descobriu-se, assim, nos archivos, o caso dum pequeno commerciante em fructas que passára dez annos na cella, porque tivéra a infelicidade de annunciar suas uvas deante da grade da prisão exactamente no momento em que se procurava alguem para collocar no lugar dum fugitivo.

Tudo se comprava, e o general tinha sua tarifa, como o governador ou o menor tchinovnik.

Em 1912, o governo tsarista juiz annexar o Bukhara. O Emir se encontrava em São Petersburgo. Mandou vir wagons de ouro, de pedras preciosas e de pelliças. Os officiaes faziam cauda nos ministerios, para receber as gratificações e pouco depois o governador Samzonof escrevia de Bukhara que "a idéa da annexação era maravilhosa, e certamente inspirada pela mais alta e justa politica; mas que o Emir fizera tanto em pról do exercito russo, das instituições

da tsarina e das escolas, que era muito difficil realisar o projecto no momento".

O barão Nolde governava a região de Adijan, no Ferghania. Um dia teve necessidade de 5.000 rublos, com que pagar a viagem que sua mulher queria fazer a Monaco. Chamou seu *kurbach*, Kur Chermat, e pediu-lhe que encontrasse esse dinheiro.

— Vossa Honra, disse Kur Chermat, isso será muito difficil. Vossa Honra sabe que deve em toda parte grandes sommas...

Nolde começou a andar dum lado para outro, e, durante seu passeio, seus olhos cahiram sobre o barometro.

— Escuta, Kur Chermat. Esta noite irás cortar o arik, de modo que não haja mais uma gotta de agua na cidade e nas plantações.

— *Op Taksir* (Sim, Vossa Honra...)

No dia seguinte, mais ou menos ao meio-dia, uma delegação, nomeada pela população enlouquecida, se apresentou ao barão:

— Vossa Honra, aconteceu uma grande desgraça. Não temos mais agua. Que devemos fazer?

— Que cada familia dê immediatamente cinco rublos. O Pope rezará úa missa e o Bom Deus christão fará a agua do céu descer no arik. Ide.

Os dekhans estavam muito descrentes e o dinheiro sahia com difficlldade das casas. Foi arranjado, entretanto, graças aos *nagaikas* (1) dos djiguitas, e Madame Baroneza pôde partir na mesma tarde para Monaco.

Entretanto, o Pope se apressou em dizer a missa. Ora, eis que, durante a propria missa, estallou uma tempestade tão grande, que todos os *haus* (2) e todos os *ariks* se encheram até em cima.

A população ficou tão espantada e tão satisfeita, que, oito dias depois, como a agua tivesse baixado muito, enviou expontaneamente o dinheiro ao barão Nolde, pedindo-lhe que mandasse dizer uma nova missa.

O Pope rezou uma, duas, três missas. Nolde embolsou o dinheiro e o tempo foi passando. Mas o barometro continuava fixo, e a

(1) Chicotes.
(2) Poços.

população começou a murmurar. Ella comprehendia vagamente que fôra roubada, e redigia queixas sobre queixas ás autoridades superiores.

Nesse meio tempo, o general Rosenbach veiu inspeccionar a região. Deteve-se em Adijan, diante duma multidão prosternada. O interprete do inspector era um kirghize corrompido. Nolde, que o conhecia sufficientemente, mostrou-lhe sua carteira no momento em que os *dekhans* apresentavam sua queixa ao general Rosenbach. Comprehendido. E o interprete leu a supplica, traduzindo-a do seguinte modo:

"Assim como o sól brilha no céu e aquece o mundo, tú, ó representante do tsar, tu vieste a nós, luz de São Petersburgo! Nos te saudamos e te pedimos que transmittas a nosso Paesinho branco a expressão de nosso reconhecimento e de nossa fidelidade".

Lisonjeado, o general inspector tomou uma attitude importante e respondeu do alto; com voz forte:

— Diga-lhes que fiquei muito contente com elles e que sua mensagem será communicada a Sua Magestade o imperador.

No mesmo momento o kirghize se virou para os dekhans e traduziu:

— O general governador vos ordena que volteis immediatamente para vossas casas e que vos conserveis calmos. Sem o que, um homem sobre dez será chicoteado.

Os *dekhans* se levantaram precipitadamente e desappareceram.

E como Rosenbach extranhasse sua pressa:

Elles ficaram tão contentes, Vossa Honra, que quizeram correr para casa afim de annunciar a bôa nova.

Mas tudo acaba por ser sabido. Algumas queixas chegaram até o procurador de Tachkent, que fez uma syndicancia e communicou suas conclusões ao governador do Turkestão que succedera o Rosenbach. O governador leu o relatorio e se contentou com escrever á margem: "Não se façam perseguições. Por mais reprehensivel que tenha sido a conducta do barão Nolde, vejo ahi sua vontade de propagar a religião orthodoxa".

Podeis calcular o que era, com homens assim, — os Dutov, os Kornilov, os Kuropatkine — a reppressão dos movimentos nacionaes, que ás vezes rebentavam num ou noutro ponto do territorio.

Em 1898, um *Icham* de Min Tube, Mohamet Ali, sublevára seus irmãos e massacrára 18 russos do 16.° batalhão. 20 issurectos foram enforcados, 343 condemnados a trabalhos forçados e 3 aldeias arrazadas.

Em 1905, a massa de nossas populações não participou da revolução, apesar da exploração terrivel de que era objecto. Um operario agricola ganhava, então, de 20 a 30 kopeks por dia! Houve, entretanto, motins, em Tachkent, por exemplo, na cidade indigena. Mas o movimento chegou atrazado. Estourou no decorrer dos annos 10, 11 e 12, em Bukhara, na região de Kermine, na Turkmenia, na Kirghizia e na região de Samarkand. E' que a "febre do algodão" arruinava cada vez mais os camponezes pobres. Eram atirados para as más terras, em proveito dos kulaks russos e dos militares reformados. (1) Com a guerra russo-japoneza, a revolução de 1905 e a influencia do movimento jovem-turco, nossa burguezia commercial entrára em fermentação. Levantava-se contra a concorrencia do capitalismo russo. O *Djeddid*, ou movimento dos jovens bukharianos, se organisava nos meios da *intelligentsia*, e sua mão se encontrava em cada revolta. Com a guerra imperialista, o tsarismo começava a apparecer, aos olhos dos turkestanezes e dos bukharianos nacionalistas, como um collosso de pés de argila.

Em 1916, a ordem de mobilisação, *"para os trabalhos de trincheiras"*, foi a gotta de agua que transbordou o copo.

A região de Semiritchi, a Ferghania, o Syr Daria, Samarkand, Bukhara e Khiva se levantaram em armas. A burguezia local, — com excepção da burguezia kirghize, mais adiantada —, tenta opporse ao movimento, mas é vencida.

Em alguns mezes são mortos 4.000 russos, emquanto que toda a conquista não custára mais que 3.376 mortos ás armas tsaristas. A colonia enlouquecida chama Kuropatkine, que dá inicio aos massacres. Nunca será possivel saber o numero de nossos mortos nesse periodo. Foi enorme. Quando muito, sabe-se que foram executadas 347 condemnações capitaes, e que dezenas de kichlaks foram incendiados. Em 1917, no mez de janeiro, o movimento estava "liquidado".

---

(1) Exactamente como na Algéria ou na Tunisia.

Milhões de hectares tinham sido confiscados em proveito dos colonisadores russos, mas a semente revolucionaria estava, dali em diante, solidamente enraizada nas nações da Asia Central.

Foi nessa época que estive em Tachkent, no momento da revolução de fevereiro, e mais tarde da revolução de outubro, estudando então a agricultura.

Foi um periodo bastante curioso. Dutov cortára as communicações com Moscou, e nós viviamos isolados do resto da U. R. S. S. A revolução bolchevik estourára em Tachkent desde setembro, passando á frente de Leningrado e de Moscou. Havia Soviets no Turkestão, mas eram formados de operarios privilegiados, de espirito colonialista, que, em lugar de se apoiarem sobre as massas indigenas radicalisadas pela fome, negociavam com as organisações reaccionarias. Os officiaes tsaristas arvoravam, então, um distinctivo vermelho em seu dolman, e continuavam simplesmente sua antiga politica. Reinava um chaos indescriptivel, entretido pela burguezia e pelos antigos funccionarios. Os congressos mussulmanos reclamavam a autonomia, mas conservadores em espirito, não organisavam nada de preciso. Numa mesma cidade, como, por exemplo, em Kokland, coexistiam varios governos, constituidos de inimigos de raça... Foi necessario o restabelecimento das communicações com o norte, depois da derrota de Dutov, para esclarecer a situação.

A partir dessa época o movimento se coordena, e o poder se fortalece nas mãos dos operarios e camponezes. Os soldados vermelhos nacionaes se organisam. Os dekhans expulsam o Emir de Bukhara, e, pouco a pouco, o chauvinismo é eliminado de uma e outra partes, em proveito das palavras de ordem de classe, baseadas na da independencia.

Enrtetanto, os *beks* e os russos expropriados formam grupos e põe o Ferghania a ferro e fogo. A cultura do algodão cahe de 348.000 deciatines, em 1916, a 12.000 deciatines, em 1919.

Mandam-me a Djellabad, na Kirghizia, para trabalhar na expropriação dos colonisadores. Dirijo-me para ahi acompanhado dum destacamento de camponezes pobres e de *batraks*, kirghezes e rusos. A' nossa approximação, aterrorisados pelas recordações de 1916, os aldeões fogem para as montanhas. Entretanto, depois de alguns dias, um kirghize se approxima de nosso acampamento.

— Vi, diz elle, meu tapete, meu cavallo e minha filha em casa

do colonisador Tatarenko, na aldeia de Mikailovsk. Soube que existia aqui uma commissão, que tú dirigias. Não me seria possivel rehaver, por teu intermedio, minha filha, meu cavallo e meu tapete?

Fomos a Mikailovsk. Esse Tararenko era um antigo camponez ukraniano, installado ali depois de repressão de 1916, e que, em cinco annos, reunira dez cavallos, 30 hectares de terra, 200 colmeias, 300 carneiros e uma casa de doze quartos, e que empregava ditos operarios. Sua profissão consistia essencialmente — colonisador typico — em roubar os kirghezes.

Uma vez resolvido esse caso, toda a população voltou, retomando o que lhe pertencia e passando em massa para o lado da revolução.

Foi assim — poderia citar-vos centenas de exemplos — que, pouco a pouco, cada povo conquistou depois de longas luctas sua independencia nacional, constituiu seus Soviets, fundou seus partidos bolchevik e entrou na construcção socialista, — apesar das guerras *bassmatch*, da fome e das intrigas imperialistas.

Acabaes de vêr nosso Tadjikistão de hoje, em sua primavera socialista — dae-o a conhecer em vosso paiz. A historia de nossa libertação do jugo colonial — contae-a, tambem, aos camponezes e aos operarios de vossas colonias, e que esse exemplo os auxilie nos momentos difficeis. Nenhum paiz colonisado podia estar mais baixo, mais pisado que o nosso, e, entretanto, vencemos.

E agora basta de conversa. Bebamos nosso chá; provae esses damascos seccos do oasis de Khodjent, e tú, Barahat, canta outra vez".

A pequena Barahat — Barahat de grandes olhos de laca — Barahat que só conhecerá a vida livre e que contará, mais tarde, a grande historia do Tadjikistão socialista, se approxima da mesa e canta:

Ulong larga jon Kirghisson
Kuklon guio.

. . . .

A primavera resuscita tudo.
até os mortos.

XVIII — Samarkand, ou os repteis em "proriv"

Afinal, acabei por ir a Samarkand. Como todo o mundo. Com a differença que vi a cidade de um pouco mais alto que os mais altos minaretes, atravez duma claraboia e dum mappa.

Depois da Duchambinka, de Ghissar e de seus fortes, dos kichlaks cobertos — alhures as cidades são descampadas, mas aqui, onde a arvore significa a presença do homem, as aldeias são bosques — depois das montanhas nevosas de Karatag, das sinuosidades do rio Surkan e dos cimos de Bada Tag, depois dos grandes sovkhozes de trigo, que se detêm no começo das dunas em quédas de nivel que formam canaes, nosso avião desceu sobre o Amu Daria, em direcção ao campo de aviação de Termez, ás duas horas da tarde. Em Termez, todo o mundo dormia, salvo as sentinellas, postadas atraz das muralhas roseas da cidade, cortadas de setteiras.

O *natchalnik*, depois de acordado, nos perguntou se estavamos loucos para ter embarcado a uma hora daquellas. Aqui, em regra geral, não se vôa nas horas quentes, devido á instabilidade da atmosphera. Além disso, nosso aeroplano estava estragado, mas tão estragado que, por três vezes, se recusára a partir de Stalinabad, e por pouco não nos atirava sobre um monte de tijolos, durante um vôo de ensaio. Era tão pouco assegurador, que o tadjjk Ichanov, um dos secretarios do partido do Tadjikistão, preferira esperar o aeroplano do dia seguinte.

De Stalinabad a Termez, fizemos a mais singular das corridas de obstaculos, por cima das sébes, das barreiras e dos fossos invisiveis do ar...

Entretanto, percorremos em uma hora e meia uma distancia que os burros levam 25 dias, as telégas 11, os camellos 10, os caminhões 36 horas e o trem 12 horas para transpor.

A estação aérea de Termez é subterranea. E' uma escavação aberta na areia. Constitue o ponto mais fresco da cidade. A agua que se bebe ahi tem a temperatura do ar: 45º.

— Não poderei chegar a Tachkent esta tarde, a não ser cortando pelo deserto, diz Levtechenko, nosso piloto. Não vês inconveniente nisso?

— Não!

— Contanto!

— Advinta!

Movimenta-se o motor pela pá da helice, e nós corremos em linha recta sobre o Afghanistão, para nos determos nos limites do Amu Daria, que descemos até a ilha de Aral Faizalar e a cidade afghã de Kur Tepe.

Depois quebramos á direita, rumo ao norte, por cima das montanhas de terra cinzenta, verde e vermelha, batidas pela chuva e pelo vento, e nas quaes as enxurradas formam grandes desenhos bizarros, cabelleiras e tranças, letras chinezas e gregas, alpha e omega.

Aqui está Kelif, onde vivi, na plata-forma dum trem, a mais romantica das madrugadas, e, logo depois de Kelif, o deserto de areia e de sal, semeado de buracos profundos no ar quente, buracos esses em que cahimos brutalmente, com ondadas de sangue nos ouvidos.

Nada, nem um kichlak, nem uma yurte, nem uma caravana, nem uma arvore, nem uma planta, nem uma gotta de agua. Vôamos a mil metros de altura, com uma velocidade média de 170 kilometros horarios.

Slutchak, antes de partirmos, me contára sua descida forçada no deserto, sua noite e seu dia sem agua, seu companheiro de viagem que queria se suicidar, os soffrimentos da sêde...

Escuto, porisso, a respiração do motor com uma attenção de medico, as fontes um pouco febris.

Isso durante duas horas e meia, Emfim, eis o primeiro trigo, e, ao longe, as verduras do valle de Zarachavan, o oasis de Samarkand.

No aeroporto de Samarkand, os camaradas a quem eu telegraphára chegaram muito atrazados, no momento em que levantavamos vôo. De Samarkand, tive unicamente uma carta, que irei lêr logo mais, no ar.

Está combinado com Levtechenko que vôaremos durante algum tempo sobre a cidade. Metti na minha cabeça a planta de Samarkand, afim de poder reconhecer seus monumentos. O *Guia atravez da União Sovietica* diz, na pagina 825, em sua linguagem da Agencia Cook:

"SAMARKAND. Capital da republica sovietica socialista uzbek, situada no fertil valle do Zara-Chavan. E' o centro de importante

producção de fructas seccas, uvas, arroz, vinhos e couros brutos. A cidade de Samarkand, na antiguidade Markanda, foi conquistada por Alexandre o Grande no IV seculo antes de J. C.

"Do VII° seculo até o fim do XI°, esteve em poder dos arabes. No seculo XI Samarkand passa a ser a residencia dos Seldjucidas. Gensis Khan conquistou-a no seculo XIII (1221). No seculo XIV, (1369), Samarkand se torna a capital de Tamerlão, que a enriquece de mesquitas, jardins e castellos. Em 1339 a oidade é tomada pelos uzbeks. Desde 1784 pertence á dimnastia de Bukhara. Em 1869 passou a pertencer aos russos".

Aqui está, pois, a cidade de Tamerlão! Evocação dum passado explendido de cultura refinada, de riquezas amontoadas e de massacres collectivos.

Samarkand é uma cidade sem fim. Dura tanto quanto sua floresta de pomares e de vinhas.

Ao longe, chaminés de fabricas e minaretes. Minaretes que se asemelham a chaminés de fabricas. E' o ponto de referencia escolhido por nosso piloto. Cidade moderna, velha cidade; descrevemos um grande circulo por cima duma praça, vermelha de gente — um bazar. ao que supponho —, enquadrada por três grandes construcções, de minaretes que são cinzentos vistos do alto, e que depois, olhados mais de perto, se tornam magnificamente azues e dourados.

E' o Reghistan, "praça espaçosa", diz o guia, "bordada de mesquitas e de minaretes duma grande belleza architectonica, construidos por Tamerlão e pelos Timuridas (1369-1499)". A leste fica a Medersa dos "Dois Leões", ao Norte a mesquita "Vestida de Ouro", e a Oeste a Medersa de Mirza Uluk bek, neto de Tamerlão.

O turismo aviatorio requer extraordinarios malabarysmos e singulares torsões de pescoço. Apanhei fatias de explendor, desapparecidas immediatamente depois de percebidas. Torno a encontral-as numa reviravolta, para perdel-as novamente. Deixo um dos minaretes rutilantes da "Vestida de Ouro" pela muralha da mesquita de Bibi-khanun, e apenas a entrevi, sou atirado sobre os sanctuarios de Chak Tsinda, onde está enterrado o primo de Mahomet, Hussein Ibn Abbas.

O aeroplano não permitte que a gente se detenha ante as coisas mortas. Não dá do passado mais que amostras fugitivas. Não gosta de descripções prolongadas. Ronca por cima de Samarkand, desce, torna a subir, como se tivesse pressa de fugir dessa necropole e de suas tentações. De repente, ganha o alto e vira definitivamente a prôa em direcção ao Norte.

Toda uma complicação de campos, jardins, arrozaes e pomares se extende presentemente sob nossos olhos, até o oceano de trigo dum sovkhoze immenso, depois do qual vae começar o deserto...

Abro minha carta. E' da camarada Lena Nikkel: uma *komsomolka,* escriptora e jornalista, encontrada em Tachkent; é uma longa carta, que me fala de Samarkand.

"Caro camarada:

"Enviaram-me aqui, a Samarkand, como *kommandirovka.* Samarkand. Calor. Moscas. Calor Moscas, Só existe um lugar sem moscas na Asia, é o aeroplano. E ahi está. E' preciso trabalhar, tendo, dum lado, o calor, e de outro, as moscas. O resultado é que eu passaria perfeitamente o dia inteiro á procura duma sombra. Sómente a cavallo consigo encontral-a, porque o cavallo, que não me obedece muito, detem-se repentinamente sob uma arvore, e recusa, mas recusa positivamente, ir mais longe. Pódes pedir-lhe delicadamente que torne a andar, pódes convidal-o a isso zangando-te, é tudo inutil.

"O que faço aqui? Lá vae. Ha um *proriv* nos couros brutos, em Samarkand, tendo sido mobilisados alguns camaradas, entre os quaes eu, para liquidal-o. O trabalho? Ajuntar o maximo de couros brutos que fôr possivel, e, para isso, enraizar aqui, frente á concorrencia dos commerciantes privados, os verdadeiros methodos da emulação socialista. Em cada sector organisa-se uma brigada. Essa brigada circula pelos *kichlaks* e verifica, por intermedio dos Soviets de aldeia, onde se encontra o deposito dos couros.

"Ao mesmo tempo, a brigada explica o que se segue: "Matar o ziem ziem, a cobra de Kara Kum, não basta. O que é preciso é tirar-lhe o couro. Com seu couro fazem-se optimos sapatos. E as rãs, tambem ellas constituem uma mercadoria preciosa! Com a pelle das rãs fazem-se lindas bolsas e sapatos coloridos para mulheres. E depois, se existe alguma coisa realmente estupida, essa coisa é jogar fóra o couro dos porcos. Pódem-se fazer, com elles, excellentes solas para as botinas velhas". E ahi está: os ziem ziem, as rãs, os lagartos, constituem toda uma nova série de provisões a ser feitas, para o plano de cinco annos e para a victoria socialista. Ainda não é muito facil

fazer entrar isso em todas as cabeças, e é por isso que ha *proriv* na rã, no ziem ziem e nos couros brutos em geral. Mas, com o auxilio da imprensa, venceremos.

"No ultimo regulamento do *Narkomsnab*, (1) ha um paragrapho que diz que "ao lado do algodão, não se deve descuidar do trabalho nos outros ramos". Não me lembro mais o numero do paragrapho. Em todo o caso, entre o calor e as moscas, nossa brigada de juventudes trabalha bastante. Penso que as provisões de couro bruto, de *ziem ziem* e de rãs, estarão asseguradas para o ultimo *kvartal* deste anno.

"Agora vou escrever um radio-artigo a respeito dos novos abastecimentos necessarios á exportação. Os ziem ziem terão ahi seu lugar, e, se puderdes apanhar a estação de Tachkent com vosso apparelho, quando eu falar, ouvireis as saudações de Lena Nikkel.

E ahi está tudo o que posso dizer-vos a respeito de Samarkand.".

. . . .

Era exactamente o que eu desejava saber da cidade de Tamerlão.

XIX — Tachkent, ou a obcessão do véu

Dir-se-ia um ovo de pé, ou melhor, um grande escaravelho levantado, mostrando suas habilidades. E' úa mulher. E' a mulher do véu-de-crinas. Ella caminha ao longo dos muros, passa por entre as *arbas* de rodas altas e finas, cujo cocheiro, montado na sella do cavallo, os joelhos á altura do queixo, tem, por estribos, os varaes. Ella circula no bazar, com suas botinas macias, arrastando suas eternas galochas pela poeira. Está coberta com o *parandja* chamado "da cabeça-aos-pés", quer dizer, o *khalat* que cahe da nuca em lugar de cahir dos hombros, de modo que as mangas fluctuantes parecem sahir do lugar onde deviam estar os ouvidos. Sobre seu

(1) Commissariado do Abastecimento.

rosto: uma cortina. E' o *tchatchavan*, uma tela de guarda-comida feita de crina de cavallo preto, na qual, ás vezes, ella abre um pequeno buraco para os olhos.

A partir de sua puberdade, ou seja, da idade em que adquire um valor commercial, a mulher, objecto de propriedade tanto quanto o carneiro, o cavallo e o camello, não póde passeiar a não ser rodeada por essa barreira movel. Será para protegel-a contra si mesma? Será pelo facto do uzbek ser ferozmente ciumento e ter um temperamento explosivo? Não. E assim porque todo animal que se paga caro deve ter sua estrebaria, seu cabresto e seu chuço.

E isso a tal ponto que, desde que a gente chega ao oriente e encontra úa mulher velada, ella nos apparece como o symbolo mesmo da resistencia ao socialismo, como a noção ambulante da propriedade privada, do obscurantismo, da religião, e temos a impressão de que tudo que se relaciona com seu *parandja*, desde o kulakismo até a mortalidade infantil, desde o analphabetismo até a syphilis.

Em Tachkent, a gente é tomada de assalto pela obcessão do véu.

. . . .

Neste café, nesta *tchaikhana* vermelha presidida por um busto de Lenine, só ha homens. Em frente, a agua, atraz, o terreiro, e, entre os dois, sob uma ligeira corrente de ar por onde passam as andorinhas, bebe-se o chá verde sentado sobre esteiras, come-se balas e fuma-se, aspirando pelo bambú do *tchitin*. (1)

Ich nur Mohamed, um operario vigoroso de peito vermelho, diz, depois de se ter feito rogar:

— Tenho quarenta wagons de amigos, e como todos me pedem para cantar, não tenho mais garganta.

Elle se põe a arranhar sua *dutor* (2), acompanhando um dialogo:

— Nós brincamos com um rapaz que é bello.

— Em tua bocca tens uma flôr.

— Em teu rosto tens uma barba.

(1) Especie de cachimbo de agua.
(2) Guitarra uzbek.

E, não longe dali, com um turbante côr de rosa, descobrindo uns dentes brilhantes, sentado sobre almofadas, com uma roupa de sêda, ha um jovem que é bello e que joga xadrez com algins outros. E, na bocca, elle tem uma flôr.

Obcessão do véu. Quasi todas as canções uzbeks cantam a homosexualidade. E essa homosexualidade era de base economica. Úa mulher — úa mulher velada, já se vê, úa mulher segundo a tradição —, custava muito caro, em rublos e em carneiros... Porisso, a lucta contra a pederastia é ainda a lucta contra o véu.

. . . .

Obcessão do véu. Como são numerosas, esta tarde, em volta do circo, as mulheres-de-véus-de-crina! E' irritante de pittoresco, e quasi desesperador. E porque serão ellas ainda mais numerosas aqui que alhures?

— Uma sobre duas é prostituta, explica Gafiz, que me acompanha. Este é seu lugar preferido de encontro. Temos que sustentar uma lucta implacavel contra essa praga. Recolhemos as mulheres para dignifical-as por meio do trabalho, e castigamos os "clientes" com uma multa de dois a três rublos. Já reduzimos a prostituição de 70% em relação a 1928, e supprimos 86% das "casas". Na lucta contra as doenças venereas — oito sobre dez dessas mulheres estão doentes, por detraz de sua mascara —, abrimos aqui um dispensario nocturno, três postos prophylacticos e três ambulancias. Mas vá a gente descobrir todas as prostitutas! Tanto mais quanto muitas são mulheres casadas!

Culpa do véu, ainda aqui. E não sómente por parte do homem, que não póde comprar uma mulher para si só, mas tambem por parte da mulher, que se prostitue em signal de protesto contra o velho mundo de oppressão em que vive, que se prostitue porque o costume mussulmano a impede de trabalhar, e porque ella quer conquistar sua independencia economica. E, depois, não foi ella considerada sempre como um objecto de troca? Sempre o véu, esse horrivel véu de crinas que ella tem que aguentar, que ella odeia, e que, proteção irrisoria da fidelidade domestica, se torna a insignia do commercio, á noite, em redor do circo.

. . . .

Entramos em casa de Scharai Kodjaev, um commissario que ganha 120 rublos por mez e que habita, na velha cidade de poeira e de terra cinzenta, duas casas, como todo bom mussulmano. Ainda e sempre o véu! Aqui, elle tomou uma fórma particular: é a *itchkare*, a casa das mulheres, contigua da *tachkare*, a casa dos homens.

Percorremos a *tachkare*, com suas construcções dispostas em redor dum jardim, sua sala de jantar e sua sala de visitas, mas, em frente duma pequena porta, Scharai Kodjaev nos detem. Passa na nossa frente, bate as mãos e grita:

— *Ei Kotchila!* (Ide-vos!)

Depois, parte como batedor, volta e nos faz entrar no jardim que rodeia a casa das mulheres. Cheiro de tóca ainda quente, que os animaes acabam de abandonar. Almofadas ainda marcadas em baixo-relevo por quadris. Paredes núas, sem imagens (o Korão as prohibe), bules de chá, chicaras, tapetes.

— O quarto de minha mulher, o de minha irmã, o de minha mãe.

A polygamia já foi interdicta, mas vá a gente imaginar os subterfugios de eufemismo que póde tomar para sobreviver aos rigores da lei!

O véu-de-crina é tão espesso e tão escuro!

. . . .

Estamos no theatro, no theatro uzbek da velha cidade, o theatro *Kamsa*, uma noite de representação geral. O Todo-Tachkent litterario está presente. Representa-se o *Primeiro Signal*, uma peça do jovem autor uzbek Montas. Ha mulheres pela sala. Velhas de *parandja* e jovens sem *parandja*, mulheres "fechadas" e mulheres "abertas", como se diz em russo. Aqui estão três que representam distinctamente três etapas.

A primeira, sem duvida a mãe, é uma mulher "fechada". Durante todo o espectaculo, do qual não perderá um só gesto, e do qual applaudirá as passagens que falam da libertação das mulheres, não levantará siquer um instante seu véu preto. A esgunda, a filha mais velha, é verdade que traz seu *parandja*, mas jogou o *tchatchvan* para traz. A terceira, a filha caçula, que póde ter de 18 a 20 annos, é

uma *komsomolka*, vestida de kaki, e que tem, no hombro, as tranças amarradas por uma fita vermelha.

E, no palco, — escandalo! —, são mulheres que representam nos papeis de mulheres.

O véu se entreabriu.

. . . .

A obcessão do véu, que nos persegue atravez de Tachkent, conduziu-nos, depois duma visita á mesquita de Anta-Ur (transformada em fabrica dos filmes *"Estrella do Oriente"*), ao clube Krupskaia, o clube das mulheres uzbeks. A directoria é Kassimova, uma operaria de Samarkand, que deixou o véu em 1926.

Aqui, o véu se abre. Abre-se, primeiro porque as jovens são mães, e depois porque aqui se trata de seus filhos. Na créche, elles são vestidos, alimentados, emballados e adormecidos. Em salas bem arejadas, ao lado do vestiario, onde todos encontram, sob o symbolo duma flôr, seu prato e sua escova de dentes, dezenas de pequenas crianças uzbeks e kasaks, com seus olhos profundos e seus rostos grandes, estão á mesa. Narmissa, úa menininha de 4 annos, é quem está "de dia". E, muito gravemente, com o senso, — que já tem —, de sua responsabilidade social, ella distribue colheres de páu á collectividade. Khadid, de 5 annos, chora e recusa firmemente ir para a mesa. A pagem insiste, elle teima. Quer continuar a "brincar de kolkhoze", mesmo sósinho. Então Narmissa vae buscal-o delicadamente pelo braço, e o conduz a seu lugar. Disciplina, higyene, trabalho.

Eis o museu. E' a segunda etapa. Arsenal da insurreição raciocinada contra o véu, por meio da imagem e do modelo. O museu ensina tudo. O que se deve comer, o que se deve beber e o que não se deve beber, como se vestir e como vestir as crianças. Não se deve, por exemplo, enfaixal-os apertadamente, a ponto de produzir-lhe, nas nadegas callosidades que parecem pedras, nem lhes deformar a cabeça com fitas... Ahi fica-se sabendo que o quinino é melhor que os amuletos para curar a febre, e que a tintura de iodo é preferivel, nas cortaduras, aos emplastros de terra vermelha. Arancou-se o véu, e peneta-se, agora, no mais intimo da vida mussulmana.

O museu diz, com suas maquettes, onde e como a gente deve se lavar, onde e como se deve dar á luz, onde e como se descobre a syphilis, onde e como a gente deve fazer suas necessidades...

E' o mais emocionante dos espectaculos, esse museu onde se vê o socialismo iniciar sua obra cultural pelos mais intimos detalhes, porque é nesse terreno que se faz necessario vencer primeiro, si se quizer conquistar a mulher do Oriente, animal domestico do Korão, que se pensa em transformar em sêr humano do mundo novo.

Primeiros resultados: a mortalidade infantil cahiu, para as crianças de menos de um anno, de 25 a 16%.

Ao lado do museu estão as salas de liquidação do analphabetismo e o curso pedagogico. Terceira etapa. Quatro grandes salas, onde dezenas de mulheres "abertas", de todos os typos da Asia mussulmana, de supercilios pintados com *usmah* (1) e de unhas feitas a *henné*, ouvem attentamente as explicações que lhes dá um professor, diante do quadro negro.

Essas mulheres, ás quaes era prohibido aprender, são presentemente instruidas, e instruidas por um homem!

As aulas terminaram, as alumnas sahem. Detemos uma, ao acaso. E a pequena Zeinath conta sua historia:

— Eu terminára a escola. Aos 15 annos, minha mãe me obrigou a por o *parandja* e me vendeu, por 15 carneiros, a um uzbek de 60 annos. Depois de duas semanas passadas em sua casa, fugi e vim para aqui. Disse a verdade: "Quero continuar a estudar e meu marido não deixa".

"Aconselharam-me que me dirigisse ao tribunal. Assim fiz. Mas o juiz era um amigo de meu marido. Então escrevi ao procurador. Déram-me trabalho aqui, emquanto esperava o julgamento. O procurador citou o juiz e minha mãe. E eu disse diante do juiz e de minha mãe: "Tu me trataste como uma cabra ou um cavallo, tu me vendeste, a mim que sou uma cidadã sovietica!" O juiz deu seis mezes de cadeia com sursis a minha mãe, e a condemnou a me entregar sete carneiros".

---

(1) Especie de folha que, depois de esmagada, tinge os cilios e os supercilios.

— Desgraçadamente, ajunta Sitkhovskaia, a doutora, Zeinath estava gravida e já era muito tarde para fazel-a abortar.

Crime do véu.

Num banco, esperando a hora de consulta, e tendo cada uma sua criança no collo, estão duas mulheres dum mesmo marido: Fatuma e Aicha.

A "velha" tem 33 annos, a jovem 18. Refugiaram-se aqui juntas, não porque se gostem; evidentemente, ellas se detestam. Mas a "velha" veiu para que a defendam de seu marido, e a jovem para que a defendam da "velha".

O marido tem 75 annos. Elle surrou de tal modo sua velha Fatuma, que, furiosa e ciumenta, ella queimou os pés do filho da jovem Aicha, no fogo. O caso está sendo, presentemente, tratado pelo tribunal. O marido foi expulso, entre tempos, como especulador. A pouco e pouco, os pés queimados do filho de Aicha, victima do véu, vão sarando.

Quanto a Aicha e a Fatuma, ambas sararam da doença do *parandja*.

Aqui está Hadija. Hadija entrou por acaso na sala em que conversavamos, e ficou com muito mêdo de nós. Abaixou novamente seu véu e sahiu correndo com seu filho.

Kassimova foi procural-a, tranquillizou-a e ella voltou.. Tirou seu *parandja*, e surgiu a mais saborosa das mulheres orientaes, com sua longa tunica dôce, identica a uma camisola de nossas avós.

— Porque ainda usas o véu, Hadija?

— Por habito.

— Teu marido quer que o conserves?

— Não, meu *urtak* (1) é pedreiro e é contra o véu.

— E quando o deixarás?

— A 8 de março do anno que vem, no dia das mulheres, quando se queimam os *parandja*.

— Sabes lêr, Hadija?

— Faz três mezes que aprendi.

(1) **Urtak, camarada. Não se diz mais "ier", senhor.**

Hadija bem que gostaria de nos mostrar como sabe lêr, mas seu filho está chorando e ella permanece indecisa, entre um cartaz que a attrahe e seu filho que precisa ser consolado. Emfim, corajosamente, ella tira de dentro de seu vestido de sêda, um seio tumido e moreno como uma romã quente, entrega-o ao pequeno, e, approximando-se da parede, soletra as grandes letras escriptas em caracteres latinos azues: *"Salve os novos quadros socialistas!"*

Derrota do véu. Esse o trabalho do partido. Esse o trabalho do club das mulheres de Tachkent. Sósinho, em três annos, elle fez cahir 1.500 *parandja*. 25% das mulheres do velho Tachkent estão sem véu-de-crina e agora as menininhas que sahem da escola sovietica, numa proporção de 99%, recusam usar o *tchatchvan*.

. . . .

Libertação do véu!

Estamos em casa de Sufar Karimov, na cidade operaria do 10.° anniversario de outubro; setenta e cinco casas modernas bem construidas, com quatro grandes quartos, um jardim e terraços. Sufar Karimov não estava. Ficára retido por uma reunião das Juventudes communistas, e foi sua mulher quem nos recebeu, sobre os tapetes e esteiras de seu quarto, com seu filho nos braços.

Ser recebido, em paiz mussulmano, por úa mulher que se desculpa por seu marido não estar em casa — que revolução!

E' verdade que esta mulher escolheu seu marido e não foi vendida pelo pae.

As paredes estão cobertas de photographias, recortes de jornaes, retratos de politicos, de palhaços, de familia, de vedettes, dum annuncio do aquecedor *Jupiter* e dum cartaz de propaganda de higyene infantil. Pelas côres do tapete e pelo quarto quasi sem moveis, a gente se acreditaria em casa duma mulher do meio-dia da França, Provença ou Catalunha, brincando com seu filho.

Nada resta do véu de crina, da horrivel mascara e de suas velhas doenças.

Sobre o tapete em que estamos sentados, conversando, ha, junto dum pente e dum espelho, um lapis e um caderno, porque a mulher

de Sufar Karimov, depois de terminar sua jornada de trabalho, estuda. Ella quer ser agronoma.

. . . .

E é assim que Tachkent nos conduz dum polo a outro polo da historia, dum mundo a outro mundo, e nos desvenda, atravez da obcessão do véu, o segredo da fermentação de toda esta Asia Central, onde coexistem, inda hoje, na independencia conquistada pela lucta, o socialismo, o patriarchado e o nomadismo, revolvidos pela grande febre do plano de cinco annos.

XX — A noite dos poetas, em Tachkent

Tachkent é uma das mais bellas cidades do mundo. Em suas ruas, a gente está sempre entre alléas dum parque. Nas ruas da cidade européa, é evidente, pois os colonisadores russos jamais se preoccuparam com a cidade uzbek.

Foi sómente depois do triumpho da independencia nacional que a velha cidade, em lugar de ser apenas uma curiosidade asiatica para turistas — triumpho doloroso da ignorancia —, se tornou um centro de cultura, com seus clubes, suas *tchaikana vermelha,* seus theatros, suas escolas, seus hospitaes. Mas, aos poucos, tambem ella vae se transformando. As casas de barro são demolidas e substituidas pelas cidades operarias modernas, que sitiam seus suburbios e ganham terreno diariamente.

As pequenas ruas se transformam em grandes arterias, rasgadas entre as habitações de terra, e plantam-se arvores em lugares onde o governo russo jamais teria pensado em plantar outra coisa que forças.

Antigamente, para as duas cidades, não havia mais que um jornal: *A Gazeta do Turkestão.*

Hoje, além dos jornaes em lingua russa, a velha cidade, avida de leituras devora o *Ksyl Uzbekistão* (o Uzbekistão vermelho), *Ichtchi* (o Operario), *Kolkhoze Yulie,* (o Caminho do kolkhoze), *Yoch Leninck,* (a Juventude leninista), *Yankyul,* (o Jornal das mulheres), com uma tiragem global de 120.000 exemplares, e redigidos parte em alphabeto arabe, parte em alphabeto latino.

Foi nessa velha cidade que, uma tarde, a S. A. A. P. nos convidou para uma ceia. A S. A. A. P. é a *Associação dos escriptores proletarios da Asia Central.* Ella acaba de nascer, está em plena florescencia, e engloba a juventude enthusiasta.

Numa ruazinha, não longe duma *tchaikana,* em frente da mesquita *Tikanlik Mazar,* subimos uma escada escura e entrámos numa sala de janellas abertas ao luar, de paredes enfeitadas apenas por um alto-falante e um grande tapete de sêda, que parece sahido dos thesouros legendarios do emir de Bukhara.

No chão, um outro tapete, cobrindo todo o assoalho e coberto de pratos cheios, nos recebe: 120 pratos, contendo todas as fructas do verão, todas as especies de rabanetes, cebolas, saladas, tomates e pepinos salpicados da pimenta vermelha, que aqui chamam *garemdori,* queijos brancos, salchichas de cavallo, peixes defumados, seis especies de doces, duas especies de pães e todos os confeitos do Oriente.

No meio do tapete, rodeado de copos, um grande jarro de porcelana da China guarda o vinho. Na sala visinha, onde está installada a cosinha e onde dormem as crianças, dois samovars fumegam, á espera do *koktchai.*

Somos 40 convidados, e Gafur Guliam é quem nos recebe, em nome de seus camaradas, em sua casa, junto com sua mulher, uzbek como elle, e de sua filhinha mais velha, que elle chama Ipak, quer dizer *A Sêda.*

Gafur Galiam tem 25 annos. E' um ensaista brilhante e um novellista cujas 13 *novellas* vão ser editadas em Moscou, em russo. Traduziu para o uzbek Demian Biedny e Becher. Como seja necessario adaptar sua lingua ás creações do mundo moderno, elle crêa neologismos, e todos estão de accordo em que tem especial geito para essas coisas. Esta noite, em seu redor, estão reunidos turkmenes, uzbeks, karas, tadjiks, russos e tartaros. Todos moços.

Sentamo-nos á beira do tapete, as costas apoiadas na parede, sobre almofadas. O *tamada* (1) Akundov, um dos melhores poetas

---

(1) Presidente da mesa.

uzbeks, se descalça, colloca-se no meio do tapete, enche os copos, e vigia afim de que cada um os esvasie.

Come-se e fala-se.

E, logo de inicio, o que espanta é o extraordinario conhecimento que têm todos esses escriptores proletarios da litteratura internacional.

Bokhoderov, poeta uzbek, metallurgico e udarnik em Selmach Zavod, diz que gostaria muito de saber em que situação se encontra Barbusse com *Monde,* e se conseguiu se desembaraçar dos confusionistas que o rodeiam...

Bessanov, ajustador na mesma usina, tinha vontade de conhecer as impressões de Aragon sobre sua viagem á U. R. S. S., e de saber se elle se disciplinou no partido...

Micha Radionov, que é ferroviario, parece ter-se especialisado em litteratura allemã, e trata familiarmente os nomes de Ludwig Renn, Willi Bredel, Ottwal e Grumberg.

O traductor de meus livros em uzbek, Adil Rachimi, se interessa pela nova evolução de Romain Rolland, e pergunta até que ponto seus amigos da revista *Europa* o acompanharão na defeza da U. R. S. S.

E, successivamente, Agafanov, Rabkadjaiev, Kojine, Oblonski, Bay Bulatov, Gellert, Khamil Ali Djanov, Yulê Brukovski, Dia Saidov, Nikkel, Vassia Suzdatov, e muitos outros, nos interrogam sobre Duhamel, Moussinac, Blaise Cendrars, Jules Romains, Margueritte, Remarque, Istrati, Dos Passos, Heinrich Mann, Theodoro Dreiser, os super-realistas e o grupo da *Idade Nova,* numa rapida viagem em redor do mundo.

Onde e quando poder-se-ia encontrar, num paiz da Europa ou da America, um grupo de escriptores conhecendo tão intimamente o movimento litterario internacional? Não da França, certamente.

Eu desafiaria de bom grado toda a litteratura franceza, installada como um gallo em seu monturo burguez, a me citar o nome dum só poeta uzbek da revolução.

E notae que todos esses jovens são operarios, que trabalham suas sete horas todos os dias, na fabrica.

Yan Golodovitch, o organisador da associação, membro do Partido desde 1913, faz, agora, as apresentações litterarias de seus confrades.

Não é nenhum monologo, mas sim uma discussão apaixonada, na qual cada um responde aos louvores ou ás criticas do outro, dentro duma atmosphera de camaradagem alegre e impiedosamente satyrica.

Critica-se *Um Americano faz fila,* de Koliesnikov, o *Presditigitador chinez de Titov,* o poema *Lucta de classe,* de Akundov, a *Rebellião kirghize,* de Dia Saidov, *Em todas as frentes,* de Khamil Ali Djanov, *A Petroleira* e a traducção dos 18 *afogados,* poema turkeme, e o ultimo scenario do filme de Adil Rachimi.

Assim passamos as horas, numa atmosphera litteraria renovada, quente de cultura nacional, de lyrismo revolucionario e de vontade politica, entre esses jovens operarios de 8 nações, que procuram transformar as laminas de aço de seus dons artisticos em alavancas da vida socialista.

Uma autocritica equilibrada, esclarecida pelo leninismo e dominada pela preoccupação da linha do Partido, preside toda a discussão.

Como estamos longe dos cafés litterarios, da admiração mutua, da venalidade jornalistica e da podridão publicitaria!

E como, dentro de sua armadura communista, cada um desses creadores operarios continúa vivo, sensivel a tudo o que faz a belleza da vida do Oriente, á musica, ás flôres, ás mulheres, aos vinhos, ás doçuras, aos perfumes e ás bellas noites...

Alguem declama um poema sobre Granada desconhecida, com a qual sonha um rapaz ukraniano — e aqui é Tachkent, quer dizer, uma continuação de Granada...

Emquanto comemos o *pilaf,* Khamil Ali Djanov, sentado ao lado de nossos hospedeiros, canta, agitando um prato em frente á bocca para harmonisar a resonancia de sua voz, úa melodia uzbek.

O alto-falante, que alçuem ligou, dá em inglez as noticias do posto de Cla-Calcuttá.

E, dentro da noite, o Muezzin annuncia ao ultimo crente a sexta reza, bem no alto do minarete de Tikanlik Mazar, em cujo primeiro andar fica a séde duma cellula das juventudes communistas, que ainda trabalha, illuminada por uma pequena lampada de petroleo.

XXI — O jogo da sombra e da luz

Um dos espantos que perseguem a gente nesta Asia sovietica, é essa perpetua passagem das derrotas aos successos, do mal ao bem, duma época a outra, de escuridão das idades passadas á resplandescencia do mundo novo. Viaja-se ahi como que sob a luz esverdeada dum interior de floresta, onde se passam a cada instante das manchas de sól ás manchas de sombra.

Sombra. E' impossivel ter um Ford mais velho que o nosso, e, principalmente, um Ford mais estragado. E' um veterano da steppe e do deserto, com os para-lamas embutidos, o motor amarrado ao chassis com arames, buracos por onde se escapa a essencia tapatos com chatterton, ataques de anemia, molas imprestaveis e um radiador furado.

E, entretanto, elle anda!

Anda porque o chauffeur sovietico é o mais engenhoso e audacioso dos chauffeurs, enthusiasmado por seu plano e amante de sua machina. *Luz!* Elle anda mesmo a 60 kilometros a hora, pela estrada que parte de Tachkent e toma a direcção de Khodjent, para afinal se perder num atalho, primeiro num grande leito de rio, depois no deserto.

Passada a confusão de mercado da sahida da cidade — camellos atravessados, atrapalhação de *arbas* e de peões —, passada a ponte de cimento armado que atravessa o Tchirtchilk e sua central electrica em construcção, cahimos no meio duma immigração de tribus kasaks.

Sombra. Aqui está o aspecto mais primitivo da Asia central. Os homens vão na frente, a cavallo, envolvidos em seu khalat acolchoado, cobertos com o grande chapéu branco e preto. Depois vêm as mulheres, em cima de camellos, sentadas no meio duma grande trouxa feita com uma coberta de feltro enrolada, e installadas ali com os filhos pendentes do seio. Depois vêm as malas, malas coloridas, cravejadas e chapeadas de cobres trabalhados, misturadas com tapetes e amarradas sobre os dromedarios. Vêm, emfim, os dois animaes de cauda carregando a casa desmontada, um trazendo as armações de canniços que são paredes, outro a pequena roda, os caixilhos e as estacas que formam a armação do tecto da *yurte.*

Essas mudanças kasaks se repetem, invariaveis na ordem de seu cortejo, durante kilometros, alegradas ora pela sombrinha de sêda escarlate carregada por um cavalleiro, ora pelos risos duma moça, agitando bem no alto de sua montaria suas mil tranças para chamar nossa attenção ora pelo assombro duma ninhada de crianças acocorada na trouxa, ora pelos espantos dum pequeno camello lanuginoso ou dum potro cabriolante.

Depois de Toi Tubê, a aldeia do *Chapéu de Casamento,* atravessamos o leito do Angrene, duma largura de 4 kilometros, do qual saltam, no meio dos rebanhos, todas as especies de aves aquaticas, desde a grou cinzenta até uma especie de avoceta de bicco recurvo, e atravessamos Skent com suas bellas arvores e seu mercado permanente, no qual se vendem saborosas melancias.

O longo desfile dos kasaks em viagem não cessa. A's vezes, á beira dum *arik,* uma familia ou uma tribu se detem. Os camellos são descarregados. Constróe-se ali a aldeia de um dia. Aqui, a aldeia já nasceu. Ali ella levanta acampamento. E, por toda a parte onde a tribu e os rebanhos se detiveram, não existe mais um só fiapo de herva.

Essas multidões nomades avançam com a lentidão devastadora dum rio de planicie, e, atravez dellas, vejo passarem as grandes migrações historicas dos povos. Nada mudou. Nem uma coberta, nem uma arrumação, nem úa mala, nem uma roupa. Nenhuma differença entre essa viagem dos kasaks e a descida das grandes tribus mongolicas. Nenhuma outra differença, pelo menos, afóra a derrota moderna do nomadismo, barrado, de agora em diante, não mais pelas fortalezas impotentes dos emires e dos cheiks, mas pelas conquistas contagiosas do leninismo, pelo alphabeto latino, pelos tractores excavadores e fecundadores de steppes.

Aqui, por exemplo, os kasaks terão que dar uma volta. Nesta terra, onde desde millenios as tribus puderam acampar e os rebanhos puderam pastar, entre as artemisas e as rosas das steppes, — hoje é o trigo que amadurece. A revolução plantou um kolkhoze sobre milhares de hectares, bem na entrada do deserto e povoado por novas aldeias da paz.

De agora em diante, aos kasaks que se detiverem, no outomno ou na primavera, nos limites do sovkhoze, o sovkhoze poderá offe-

recer seus tractores e seus arados para que lavrem a terra. Vendo sahir da terra uma seara que jamais teriam esperado, numa extensão que jamais teriam ousado cultivar, os nomades tomarão o gosto da vida sedentaria. Por sua vez, o sovkhoze, sedento de mão de obra, convidal-os-á a que o ajudem mediante bons salarios. E assim, em poucos mezes, uma nova etapa historica será transposta pelos kasaks, que saltarão do nomadismo á organisação da economia collectiva fixa e ao socialismo. *Luz.*

A' medida que o dia declina, parece que o calor, em lugar de diminuir, se exaspera. Do chão do deserto, pelo qual rodamos agora, sóbe um sopro de forno, cheio de odores aromaticos tão fortes que suffocam. *Sombra.*

Desde ha um momento que o motor escalda. Emfim, o chauffeur resolve parar; não ha mais uma só gotta d'agua no radiador!

Ha uma unica coisa a fazer, não é verdade? Somos seis... Dois litros de urina. Justo com que attingir o primeiro poço, a 30 kilometros daqui: Yentuk, uma luzinha infima, que brilha no crepusculo que cahe...

Yentuk é a porta dos thesouros de Golconda.

Aqui começa a montanha de Karamazar, a montanha *"da lenda"*.

Luz. Karamazar, ante-penultimo promontorio da cadeia de Kuramia, que se delinea uma ultima vez á margem do Syr Daria, no massiço de Mogol Tau, é uma vasta forja vulcanica que contem, em suas escorias secretas, todos os metaes preciosos necessarios ao mundo moderno.

Essa massa sombria, que desenha suas fórmas recortadas sobre um céu estrellado, contem um immenso thesouro, que os homens, desde a idade de bronze até o seculo IX, e do seculo IX até nossos dias, — iranianos, gregos, arabes, mongoes e russos —, não fizeram mais que escavar na superficie, para retirar um pouco de cobre, de prata e de chumbo. E' a maior jazida metallifera da Asia central, e sua riqueza póde ser comparada á do Ural.

Todos os granitos, todos os porphyros, todos os marmores. Foi de Karmazar, nos rochedos de Agadjal, perto de Tik Bulak, que se tiraram as pedras do mausoleu de Lenine. O chumbo, o zinco e a prata affluiram por todos os lados. O cobre está em Almalik e em Tachkodam. O ouro em Takim. A amethysta, em Yok Adam Bulak.

O arsenico, em Takeli. O deposito de radium é o mais rico do mundo!

Numa extensão de 120 kilometros de comprimento por 60 de largura, a cadeia de Karamazar contem reservas, cuja extensão as ultimas pesquizas puderam apenas determinar, e cuja exploração racional vae ter inicio, o anno que vem, pela construcção duma enorme usina para o tratamento do chumbo e do zinco.

Assim, o paiz tadjik, mais ou menos do tamanho da Inglaterra, vae se tornar, juntamente com a Asia, o mais rico em algodão, em fructas, em sêda e em trigo, uma grande região de producção metallurgica, e, pelas camadas de Chur Su e de Santoi, uma das mais importantes fontes petroliferas da União.

Sombra. Pela estrada que nos saccode, dentro da noite que vamos furando com nossos pharóes, os *djairan* (1) surgem na nossa frente, a ponto de quasi tocar nossa capota, saltando e desapparecendo em direcção da montanha *"da lenda"*, emquanto descemos, pelo deserto de pedras que liga a grande cadeia ao Mogol-Tau, rumo ao Syr Daria.

Aqui, as baforadas de calor que sóbem da terra se tornam insupportaveis. E' como se a gente rodasse sobre lava escaldante. Dir-se-ia que o sól, desapparecido desde muito, reanimou durante o dia esta terra de vulcões extinctos, levando-a á incandescencia.

Depois duma parada num posto de caravanas, todo juncado de corpos adormecidos, de tapetes e de vermes, chegamos deante da toalha prateada do Syr Daria; rio tranquillo e largo, que atravessamos numa balsa.

Aqui está Khodjent, sob o luar, Khodjent em seus oasis, com suas varandas e os terraços de suas casas, nos quaes se escondem pares furtivos, vestidos de sêda; Khodjent que nos acolhe com a mais inesperada das construcções: um grande hotel moderno, de cimento armado, construido o anno passado.

E' tarde, temos fome, e estamos sujos de metter mêdo. Dão-nos apenas o tempo de nos lavarmos, e eis-nos, ainda quentes de deserto, atordoados de Asia a incrustados dum pó teimoso, atirados a um restaurante de assoalho reluzente, illuminado por lustres, em frente

---

(1) Gazellas.

a úa mesa sobrecarregada de pratos os mais exquisitos, numa sala que os mais elegantes palacios de Paris, Monte Carlo e New York envejariam. E nella estão ceiando alguns trabalhadores em férias.

Luz.

XXII — Onde se fala de Coty, nos jardins das mil e uma noites

Esta noite foi uma das *"Mil e uma"*. E' evidente que nenhuma Sheherazade estava ao meu lado, mas nós dormimos em terraços cobertos de tapetes maravilhosos, em frente a um pomar de damasqueiros e de pecegueiros, na antiga residencia do *Kasi* (1). Muhinov. A residencia do Kasi Muhinov é um palacio do Oriente, do qual uma das paredes é um jardim, e as outras juntamente com o tecto — Sevilha e Granada —, sonhos pintados. Incomparavel superioridade dos desenhos geometricos abstractos sobre a representação dos objectos e dos homens! Por entre os cordões entrelaçados, azues, dourados, verdes e vermelhos, o olhar viaja indefinidamente, sem se cançar, a imaginação se sente á vontade, e o corpo, extendido, se entorpece numa symphonia de fórmas e de côres quentes, que o paralysam docemente. Esses palacios, construidos com a miseria de milhares de homens, eram bem feitos para que alguns senhores, refinados e ociosos, nelles residissem. Pois não é mesmo impossivel viver-se de outro modo que deitado?

Hoje, quando toda a U. R. S. S. está de pé, esses palacios não são mais que monumentos historicos, que servem, de tempos em tempos, para a recepção de algum hospede que se quer regalar particularmente da Asia.

Foi ao sahir dessa casa colorida, evocadora de caricias, de sêdas e de perfumes, que fomos visitar a fabrica de perfumes de Khodjent.

Nada mais severo que uma fabrica de perfumes. E' um laboratorio e uma cosinha. Um laboratorio repleto de provêtas, de retortas

(1) Juiz.

e de vidros. Uma cosinha onde, em grandes caldeirões de bruxas, distila-se o oleo das plantas.

Não ide a uma fabrica de perfumes com o intuito de respirar cheiros suaves. Ella fede. Bafios acres se prendem á garganta da gente, formando uma camada de barralla. Quando passaes ao deposito das plantas, o conjuncto das emanações aromaticas chega quasi a asphyxiar-vos. E se ides ás secções onde se enchem os frascos, a intensidade chimica do perfume vos obriga a abandonar o local. E isso tão intensamente, que não se sabe mais onde encontrar os bons perfumes onde são feitos, entre a hygiene hostil da vidraria scientifica e commercial e o ar envenenado da distillaria.

— A usina começou a produzir ha dois annos, diz o chimico Issaiev, seu director, pallido e translucido como um vidro. Eu me lembrei, em 1925, no decorrer duma viagem a esta região, de utilisar a flora particular da Asia central para a fabricação por atacado de perfumes. O *Iachnophyllium grussipinium* e as três variedades da artemisia, o *kotchepotch* e o *burgan* dos Tadjiks e os fructos da arvore *artcha*, são maravilhosos reservatorios de oleo, que aqui só se utilisavam para fazer fogo.

"Em 1928 elaborei um projecto, que foi acceito.

"Em 1929 começámos nossa installação, com um pobre credito de 3.000 rublos!

"Este anno, produzimos perto de 400.000 rublos-ouro de mercadorias. Distillámos três toneladas de oleo, das quaes 2 já foram exportadas, em balões, para a Allemanha. Estamos tratando a tonelada restante, da qual extrahimos, seja productos pharmaceuticos, seja essa agua de Colonia e essas essencias, das quaes me permittireis que vos offereça uma amostra. Este anno, realizámos 120% de nosso plano.

"Notae que tudo isso é apenas um inicio. Vamos começar agora a fabricação de perfumes syntheticos. Já chegámos a produzir, em nosso laboratorio de pesquizas, um optimo *geranium*. Não temos, actualmente, mais que uma centena de operarios, homens e mulheres, dos quaes 70% tadjiks. Mas, a partir do proximo anno construiremos aqui um enorme *combinado* chimico, onde serão tratadas, além das plantas aromaticas, os residuos dos casulos do bicho-da-sêda, para o fabrico de sabão.

"Já não recorremos mais aos processos primitivos de colheita das plantas selvagens para alimentar nossa fabrica. Temos uma plantação de 200 hectares, além de estufas. Em 1932, teremos 1.000 hectares cultivados, que fornecerão nossas materias primas. Que pensaes de nossos perfumes?

— Sois o Coty da U. R. S. S.!

— Não. Aqui somos technicos que gostam de seu trabalho. Coty é um simples especulador da perfumaria...

— Vós o conheceis?

— Sim. Encontrei-o em 1912, na França. Foi um representante da casa Papatsolo, uma casa bulgara de essencias de rosas, quem nos apresentou um ao outro. Coty deu-me a impressão dum homem que não entendia nada de chimica, que não gostava da chimica, e que não se interessava por seu negocio a não ser pelo dinheiro que elle dava....

E, emquanto Issaiev faz desfilarem todos os detalhes, já bastante conhecidos, das transformações da Casa Coty, rememoro o que me contou em Moscou um chimico allemão, que teve occasião de trabalhar em Longchamp para Coty, e ao qual o fascista roubou um apparelho photographico. Rememoro tambem o que me conotu a filha do representante de Coty na Russia de antes da guerra. Quando da morte desse representante, — o sr. Gicquel —, Coty recusou-se pagar á viuva a menor quantia sobre os 200.000 francos de commissão que lhe eram devidos, sob o pretexto de que a revolução russa fizera a Casa Coty perder seu deposito bancario.

Depois duma visita ás diversas secções, sahimos, acompanhados pelos sorrisos e adeuses das operarias tadjiks e russas e do engenheiros de blusa branca. Em seguida, depois duma visita ás plantações experimentaes da fabrica, partimos para os pomares de Khodjent.

Oitenta por cento das fructas de caroços colhidas na Asia, sahem de Khodjent. Khodjent fornece á U. R. S. S. metade de sua producção fructifera — conservas e fructos seccos —, e o mais curioso de tudo é que, nessa fecundação da steppe, o Syr Daria ainda não representa o menor papel. Elle corre, profundamente encaixado em suas ribanceiras.

E' o Kdjiba-Kirgan, uma corrente minuscula vinda da montanha, e que em certos lugares poder-se-ia atravessar de um salto, que tem fornecido até hoje toda a riqueza fructifera de Khodjent.

Transposto o vasto terreno onde começa a surgir o novo *combinado de conservas*, passado o kolkhoze de algodão *Molotov*, onde 90% do quinto alporcamento já está feito, saltado o ultimo *arik* — deixamos bruscamente os pomares para subir a um cume deserto no qual nosso automovel se detem um momento.

— A agua chegará aqui em 1933, diz Achmed Mirza, presidente do Soviet de Khodjent, que nos acompanha. Duas centraes electricas, de 25.000 cavallos, fornecerão a energia necessaria para que as aguas do Syr Daria subam esta collina, e vão mesmo até mais longe. Então, plantaremos toda esta steppe: 34.000 hectares de arvores fructiferas. Calculae que a agua do Kodjiba Kirgan não nos permitte irrigar actualmente que 2.500 hectares de pomares, individuaes em sua maior parte. Vêde, do outro lado da linha do Ferghania, um primeiro ensaio de sovkhoze: 340 hectares plantados em damasqueiros, o anno passado. Podeis constatar o vigor das arvores jovens. Dentro de três annos, faremos a primeira colheita rendosa, e daqui a cinco annos o pomar estará em pleno rendimento.

Atravessamos o *sovkhoze de perfumes*, do qual nos falára o engenheiro Issaiev, e entramos na floresta fructifera das aldeias. As geadas da primavera e as tempestades comprometteram a colheita deste anno. Entretanto, de vez em quando, nosso automovel roda sobre uma estrada juncada de pequenos damascos, enroupados de poeira.

Visita aqui, visita ali, a noite cahe e o crepusculo nos surprehende na aldeia de Kostakos, um *kichlak* de 1.600 habitantes, com um grande mercado coberto, uma usina de conservas e três kolkhozes de algodão.

Ali, terminando o dia como o começáramos, penetramos num jardim de conto de fadas e tornamos a cahir em pleno sonho. Parece que o tapete do *Ladrão de Bagdad* nos transportou repentinamente para o seio das riquezas legendarias de Khodjent, com seus thesouros de fructas e de flôres. Este é o pomar de Akrori, estes os canteiros de Akrori, esta a vinha de Akrori. Akrori ainda vive aqui, numa ala de sua casa, que foi transformada, em sua maior parte, em escola da Juventude Camponeza.

O pae de Akrori era um amador entendido de jardins.

Perto dum grande *hauss*, elle plantára amoreiras e saissos e construira dois terraços entre as rosas, sob dois chorões.

Os chorões têm para os olhos o mesmo encanto que os cordões entrelaçados do tecto do palacio do Kasi Murinov. São duma sensibilidade de pluma, e o mais secreto sopro de ar os anima duma vida nocturna e luminosa que a gente não se cansa de admirar, deitado de costas sobre os tapetes e as almofadas de sêda. As lampadas illuminam os olhares duma claridade quente. Grillos cantam e rãs respondem, por cima do lamento longinquo dos burros. Sombras silenciosas escorregam pela areia, carregando agua para os terraços, por entre gestos nocturnos das arvores de romãs, dos damasqueiros e dos pecegueiros, nos quaes dormem as pombas e os passaros azues.

E emquanto adormecemos, sob a luz das estrellas, numa voz tadjik canta longamente a canção: *"Porque a andorinha tem a cauda bifurcada"*.

"Na Arca de Noé, diz a voz, havia o camondongo; o camondongo fez um buraco na parede da Arca e a agua começou a entrar pelo buraco. Mas a serpente viu o buraco, enfiou-se nelle e tapou-o. Então Noé, que pensára que sua Arca iria se perder no Diluvio, por causa do camondongo, se alegrou e veiu agradecer á serpente.

— Que queres como recompensa? perguntou elle.

— A melhor carne! respondeu o animal frio.

— Seja, mas como saber qual a melhor carne?, indagou Noé

— Que a vespa pique e experimente todos os animaes, disse a serpente.

Assim se fez.

A vespa partiu e começou a picar. Picou, durante todo um dia, todos os animaes da Arca, desde o escaravelho até o elephante, desde o tigre até o lagarto, desde a gazella até o rhinoceronte, e, de cada vez que picava, passava a lingua pelos labios e dizia:

— Não, ainda esta não é a melhor carne.

Emfim a vespa picou o homem, e immediatamente vôou em direcção a Noé, para dizer-lhe que encontrára a melhor carne.

Mas a andorinha — que nesse tempo tinha uma bella cauda, bem provida, como todos os outros passaros —, a andorinha era amiga do homem, e quando viu o que a vespa ia fazer, vôou rapidamente em sua direcção e arrancou-lhe a lingua. De modo que quando a vespa chegou diante de Noé, não pôde dizer senão o que diz ainda hoje:

— *Basss... Bsss... Bsss...*

Furiosa, a serpente, que estava esperando e que vira o que acontecera, deu um bote para engolir a andorinha, mas a andorinha era agil e escapou-se, não lhe deixando entre os dentes mais que algumas pennas de sua cauda...

E foi assim que, por ter salvo o homem da serpente, a andorinha ficou com a cauda bifurcada..."

XXIII — Khodjent, cidade chrysalida e cidade de sêda

"Alexandre da Macedonia, conta a tradição, achava-se tão bem em Khodjent, que resolveu ahi permanecer. Um de seus lugar-tenentes tendo-lhe observado isso, Alexandre, que se sentia com a consciencia intranquilla, matou-o com suas proprias mãos, dizendo:

— Eu deixarei Khodjent, mas tú não a deixarás.

E fez entrar sua victima com grande pompa, na fortaleza, nessa mesma fortaleza que hoje domina a cidade", sublinha sorrindo o camarada Bludau, o activo secretario do Partido.

Hoje, a efigie de Lenine se eleva perto da muralha de Alexandre, e toda a cidade, ao appello de Lenine, passou da industria primitiva á grande industria moderna.

Khodjent é uma cidade chrysalida cujas azas estão crescendo.

Como eu comprehendo que Alexandre tenha gostado de Khodjent! Em Khodjent, tudo, inclusive a poeira, tem como que uma doçura de sêda... Em nenhuma outra parte, tanto quanto em Khodjent, vêm-se pessoas vestidas de sêda.

Esta mulher velada traz fluctuante atraz de si um *paranja* de sêda, do qual pendem borlas de sêda e de ouro. Todos os homens usam o *khalat* de sêda cinzenta, verde e malva. Essa criança que corre, descalça, pelo regato, veste uma tunica de sêda laranja, e essas meninhas que trepam nas arvores com suas calças presas na perna, estão vestidas de longas camisolas de sêda côr de rosa.

Não nos deteremos, em nosso passeio atravez das industrias primitivas, ante esses artels de preparadores de pelliças, que lavam as pelles com os pés, nas tinas de terra cosida, em banhos de casca de carvalho moida, que as limpam no rio, que as cosinham no excremento de pombos e que as seccam com a fumaça da palha. E' a sêda que nos attrahe.

Atravez da velha cidade, no pequeno canno cujo cocheiro grita *"pocht!"* em cada esquina, dirigimo-nos para a fabrica de sêda, onde os artesãos, os *kustari* que trabalham individualmente, se agruparam para produzir em commum. Aqui, seu lucro mensal é de 150 rublos em média, em lugar dos 60 rublos que ganhavam trabalhando em suas casas.

Parada, de passagem, num singular terreno, sob arvores copadas, á beira dum *hauss* onde varias dezenas de homens, sentados deante dum forno, alimentado por um rapazinho, remexem em grandes caldeirões (com bastões em fórma de baionetas que se segurassem pela ponta), os casulos, dos quaes se desenrolam, viscosos, os fios de sêda. Corpos suarentos. Calor suffocante. De tempos em tempos, alguem vae refrescar o rosto e as mãos na bacia em que todos bebem.

Eis-nos agora na usina propriamente dita. Ha 700 operarios e operarias nas grandes construcções, feitas com barro amassado e rebocadas de fresco.

Todo o "collegio"" director é tadjik. Apenas Saitzev, o novo director vermelho, veiu de Moscou.

Passamos por todas as secções, nas quaes se trata a sêda de Achabad e a de Maghilan. Fiação, volteação, tintura, tecedura, costura, emgommadura. Canções...

Parandji lar Kul buldi
Sharf rumol por buldi...

. . . .

Todos os véus estão reduzidos a cinzas.
Os lenções vermelhos ficaram mais caros
E' o tempo dos rostos descobertos!
Indo á fabrica,
comprei um lenço vermelho,
comprei-o com o meu trabalho.

No torno de fiar, as mulheres cantam. Na machina, que estalla em seu vae-e-vem, as mulheres cantam. No volteador multicolorido, as mulheres cantam, cobertas com o lenço das operarias. Essas tadjiks cantam a vida nova, activas em sua velha machina, sabendo que dentro em pouco surgirão as novas machinas, e que em lugar do camaradas que acciona á força de braço a grande roda de madeira que faz girar as lançadeiras e as bobinas, virá a corrente lectrica.

Conclue-se a installação, imponente e grandiosa, duma engommadeira mechanica, ao lado da secção das trançadoras de franjas dos chales, que fica desageitada nesse quadro estreito demais para ella.

Mas isso ainda não é nada. O que é preciso vêr, é o *Combinado da sêda*: E' a maior empreza do genero do mundo. E é aqui que crescem as azas industriaes de Khodjent. Numa extensão de 8 hectares, num terreno de 10, surgem immensas fachadas, construidas todas de vidro, ferro e cimento armado.

No centro, uma rotonda de 11 metros de altura.

Nos flancos, uma central electrica, um deposito, secções de reparação, uma créche, um refeitorio, banheiros: 50.000 metros cubicos de construcções, ao todo. Sob as fachadas, concavidades de 5 metros de profundidade, para a ventilação. Na rotonda, o vestiario para os 5.000 operarios do *Combinado.*

Já estão promptas duas alas, que, a partir de novembro, recolherão os operarios que vimos, agora pouco, penando diante de seus fornos primitivos para esvasiar os casulos.

Dois mil e quinhentos trabalhadores estarão empregados aqui, até o fim do anno, em 8.000 esvasiadoras e 14.000 volteadoras.

Para quatro milhões de rublos, investidos na empreza, a renda do primeiro anno será de 7 milhões de rublos.

Cada trimestre sahirão do *Combinado* vinte mil kilos de sêda, destinados a alimentar as fabricas da U. R. S. S., e, parcialmente, a secção de tecelagem, que dentro em pouco estará collocada, — com suas 400 machinas —, ao lado das secções de esvasiamento e volteação.

Mas como alimentar de mão de obra qualificada, essa fabrica gigante? Os artesãos de Khodjent nunca bastarão.

Sem duvida. E porisso antes mesmo que fosse iniciada a construcção do *Combinado,* levantava-se já a *Fabzautch,* a escola de

aprendisagem para a industria da sêda. O segundo par de azas crescia na chrysalida!

Esta escola de aprendisagem é uma verdadeira cidade, com seus jardins, seus terrenos de esportes, suas duchas, seu refeitorio, sua bibliotheca, sua créche, suas classes, seu cinema, suas secções e seus dormitorios.

Ao rythmo dos martellos que batem os vigamentos de ferro do *Combinado* visinho, os primeiros alumnos se preparam, diante do quadro negro ou da machina, para prehencher seu papel de quadros da futura fabrica.

O recrutamento ainda é lento, pois na velha cidade as pessoas ainda estão estupefactas pela mudança da paysagem local, e ainda perguntam: *"Como acabará tudo isso?"*

Sómente noventa moças e noventa mulheres começaram os cursos da *Fabzautch*, sobre as 400 que deverão estar inscriptas até fins de setembro. Esta é a juventude tadjik da nova época, que se instrúe para concluir a victoria socialista no segundo plano de 5 annos. Porque aqui já é nelle que se pensa.

Essas meninotas de botinas abertas, de pernas sem meias, de vestidos curtos, de blusas e casquettes de *komsomolka*, são as filhas das mulheres-de-véus-de-crina!

Ao lado do Khodjent de barro secco, de ignorancia e de mesquitas, cresce o Khodjent de cimento armado, de electricidade e de cultura socialista.

Palpitam as azas da chrysalida. Eu vi, aqui em Khodjent, cidade de sêda, a adolescencia industrial da mais rica cidade da Asia Central.

XXIV — Para Moscou, por cima das searas

Manhã cinzenta, 6 horas e meia. Stolerov, piloto; Braun, mechanico.

Stolerov é um homemzinho tatuado, antigo mechanico, energico e pouco falante.

Está irritado com Tachkent, cujo aeroporto lhe pareceu pouco confortavel.

Quanto a mim, fiz conhecimento com essa fantasia encantadora que preside os destinos da aviação commercial daqui.

Não existe um só ponto em que os regulamentos sejam identicos. Ora pesam-se as bagagens, ora não. Aqui pesam-se os passageiros com suas malas, ali não. Aqui exige-se a entrega ao piloto dos apparelhos photographicos, e das armas, ali não. Aqui exigem que a gente se amarre á cadeira, ali não...

Mas, — não é mesmo? —, está acentado que se faz esporte!

Nosso actual piloto só é intransigente num ponto: o horario...

E eu me felicito, porque, desta vez, essa viagem que eu levára três dias para fazer na ida, elle me prometteu fazel-a com uma velocidade de reide, em 24 horas...

Adeus, Asia Central! Ella nos encheu de impressões tumultuosas, das quaes se destacam duas constatações decisivas:

A primeira: houve colonias que se libertaram pela revolução, e que, de agora em diante, sob a dictadura do proletariado, multiplicam, desenvolvem sua cultura e suas energias nacionaes.

A segunda: o socialismo, apesar das difficuldades, dos erros, das faltas e das intervenções dos *bassmatch*, ganhou a partida da collectivisação e da industrialisação. Sustentado pela população unanime, marcha agora a caminho da victoria, em paizes que já foram os mais atrazados do mundo asiatico.

Um acaso feliz fez com que estivessemos presentes á derrota de Ibrahim bek, campeão da S. d. N. e do *Intelligence Service*, vencido pelos *Bastões vermelhos!* Derrota cruel para todos os imperialistas que exploram e aterrorisaram a Asia, e para o nosso, especialmente. E os *bassmatch*, vencidos, se organisam em brigadas de *udarniks* e em kolkhozes!

E' repleto de convicções historicas, bebidas na propria fonte, que volto á Europa, pelo céu.

Em varios dos lugares por que passei, occidental algum ainda puzera os pés, e, entretanto, por toda a parte verifiquei um conhecimento enthusiasta dos movimentos revolucionarios do Occidente.

A lição que, vindo do Oeste, eu viéra procurar no berço das raças irannianas encontrei-a. Do fundo do Pamir, os tadjiks libertados ostentam seu exemplo aos olhos dos opprimidos coloniaes de todas as raças, e lhes lançam o appello revolucionario e communista.

E' no que vou pensando, a 1.000 metros de altura, por cima desses campos raros que margeiam o Syr Daria e que sobrevôamos, á entrada do deserto.

O deserto? Sim, ainda, mas por quanto tempo? E porque não succederia aqui o mesmo que no Aral, o mesmo que em Kurgan Tubê, o mesmo que em Tchubek? Esse "KAZAKSTÃO", inscripto em letras maiusculas no vasio do mappa, porque não desapparecerá, tambem elle, dentro de algumas dezenas de annos, por entre os nomes de sovkhozes e de cidades novas, no entrelaçamento dos grandes canaes de irrigação?

Nada é impossivel para o socialismo irresistivel.

E eu peso minhas palavras.

. . . .

A partir de Aktiubinsk, o trigo começa a surgir, e é o trigo que vae nos conduzir até Moscou, num verdadeiro desperdicio de ouro a ser colhido, ou que está sendo colhido.

Vamos vôar sobre uma seara, correndo atraz da hora da Europa: 5 horas em Tachkent, 8 em Moscou.

Os campos estão movimentados como estradas. Aqui — fileiras de homens ou de ceifadoras — kolkhozianos em brigada cortando o trigo.

Ali, as estações de machinas regorgitam de machinas novas, pintadas de côres alegres, e as expedem. Os *postos* ou *kuthors* dos sovkhozes se movimentam em redor das *combinadas* monstruosas da terra, que parecem infinitamente pequenas vistas do alto.

Longas caravanas de *telégas* transportam feixes. A' entrada das aldeias floridas de girasóes, os montes de trigo se accumulam, e as montanhas de palha crescem em redor das batedouras fumegantes.

Vi semear, agora vejo colher o trigo socialista.

A partir de Samara, o trigo transborda. Aqui talvez os campos estejam inundados, talvez ali o grão não tenha o peso que seria de desejar. Talvez aqui o granizo tenha devastado a colheita, ali talvez os ratos a tenham devorado. Talvez aqui a secca a tenha queimado.

Sei que é essa a eterna historia deste paiz immenso, feita dum mosaico de abundancias e miserias. Mas o aeroplano vae muito depressa, para poder fornecer outra coisa além da visão verdadeira da seára, a visão de conjuncto da colheita.

Quem se apega aos detalhes mortos, na U. R. S. S., está perdido Sómente o aeroplano está no plano dialectico.

Bordejando o Volga, os kolkhozes de trigo que ainda não foram colhidos se extendem como praias.

Verde, amarello, bosques, trigaes, toneladas de trigo e mais toneladas de trigo!

A seara continúa a se desenrolar sob nossa sombra.

Meus companheiros de viagem, adoentados, dormem, vomitam ou gemem.

Esta seara é o problema agricola central da U. R. S. S. E' o ponto fundamental de infinitas perspectivas e de difficuldades gigantescas. E' o problema da collectivisação. E' o problema da alliança productiva da cidade socialista e do campo, em marcha para o socialismo. E' o problema da alimentação duma população que não cessa de augmentar, e cujas necessidades exigem — porque tambem augmentam, a par da alta dos salarios reaes —, um consumo de pão jamais attingido.

E' o problema da exportação; e a exportação, é a possibilidade da importação de machinas.

Esta seara, borbulhante de dollares, significa o equipamento industrial da U. R. S. S. como potencia. Significa a victoria de sua industria pesada e de sua industria de transformação.

E Kolomma, que aqui está, toda fumegante de chaminés, Kolomma faiscante de telhados novos, Kolomma, a grande cidade forjadora que conheci, arrastando uma vida morosa, em 1924, é, ainda e sempre, um aspecto dessa seara...

4 horas e 30, 1.200 metros. Uma immensa extensão de casas baixas, rodeada de grandes cidades operarias, como por uma muralha.

E' Moscou. Ha qualquer coisa de differente, perto do Kremlin. E' a enorme igreja do Christo salvador, que a gente via de tão longe, com todas suas cupulas rutilantes, que está sendo demolida. Seus campanarios, despidos do ouro que os revestia, já entremostram os esqueletos de seus vigamentos.

Aqui surgirá, dentro de alguns mezes, um palacio do proletariado.

Aterrisagem.

— 4 horas e 45 minutos, diz Stolerov, o piloto. Estou adiantado um quarto de hora.

Não sei se elle se regosija, ou se seu espirito mathematico deplora ter errado no calculo das etapas desses 3.000 kilometros que acabamos de vôar.

O que ha de certo, é que, pela primeira vez, graças ao aeroplano, estou adeantado na U. R. S. S.

TERCEIRA PARTE

A NOVA SIBERIA

I — Ural-Siberia, ou os emmigrantes-gentlemen

Chove a cantaros sobre Moscou que muda de pelle, uma bella pelle de asphalto.

Embarcamos na estação de Iaroslav entre chinezes, rumo á Siberia.

O Transiberiano é exactamente como eu o imaginava. Um compartimento de inglezes, um de allemães, um de americanos.

Turistas? Não. Homens de negocios? Mais que isso, ainda.

Emmigrantes-gentlemen.

O emmigrante-gentlemen é uma variedade de emmigrantes que não viaja nem na coberta dos navios, nem nos "wagons duros" dos trens.

O emmigrante-gentlemen viaja de leito, com soberbas valises de couro de porco, sua navalha de barba, sua escova prophylactica e suas blusas de fechadura-relampago.

Nem por isso deixa de ser verdade que elle emmigra. E si emmigra, é que não póde mais viver em seu paiz.

"A metade das lojas da Fifth Avenue estão fechadas!"

"A Inglaterra quebrou o padrão-ouro!"

"A Reichsbank suspendeu seus pagamentos!"

O panico invade todas as Bolsas.

As grandes nações capitalistas, tão orgulhosas de sua technica, de sua cultura e de sua democracia, estremecem de crises, sacudidas por centenas de milhares de fallencias.

"Nieder mit den Bolschewisten!", *"Down with Soviet Russia!"*

Assim falavam os senhores engenheiros das grandes firmas, e, cordialmente sustentados pelos chefes reformistas, luctavam contra as tendencias de seus operarios, hypnotizados pela U. R. S. S., e ridicularisavam perdidamente esses "Loucos do Kremelim" que pretendiam substituir a livre concorrencia capitalista pela economia sacialista, dirigida pelo proletariado.

Hoje, estão desempregados. Lêm-se annuncios: "Engenheiro de minas, de 48 annos, com 20 annos de pratica. Acceitaria qualquer trabalho, não importa onde". Alguns se suicidam.

Outros emmigram para a U. R. S. S., o unico paiz onde se póde encontrar trabalho.

Tudo, é claro, feito correctamente, como convém a gentlemen. Os emmigrantes-gentlemen asisgnaram um contracto com o governo dos Soviets. Os dollares de Moscou alimentarão suas respeitaveis familias, em seu paiz. E elles viverão aqui de rublos sovieticos. Mediante o que, darão á construcção socialista toda a experiencia de sua alta technica. Mediante o que, trabalharão pela derrota da economia capitalista. Mediante o que, emfim, e quaesquer que sejam suas intenções, os emmigrantes-gentlemen, filhos de burguezes, farão todo o possivel, aqui, por se suicidarem como classe internacional.

Piada da historia. Revanche discreta, cujo sabor cada operario, de cada firma capitalista do mundo, provará inteiro...

Emquanto se desenrolam na nossa frente a steppe, os bréjos, a taiga dourada e os campos que se acaba de semear, os emmigrantes-gentlemen conversam no corredor.

Alguem dos nossos diz:

— 92% de collectivisação, aqui!

Então o engenheiro americano responde, para nosso estupor, apontando um indicador secco e piscando os olhos com um ar entendido.

— Muito bôa idéa! Na America, tambem temos cooperativas. Entre nós existiu um William Jennings Bryan, que se apresentou por três vezes candidato á presidencia, no *tiket* democrata. Era um bom communista. Li muita coisa sobre a Russia, nestes ultimos 30 annos.

E' um grande paiz, e, se continuar como vae hoje, dentro de 20 annos será o maior paiz do mundo. Li um livro que appareceu ha muito tempo, *No coração da Russia sombria*. Vós comprehendeis que eu, P. Johnston Jones (Johnston com um *t*, se me fazem o favor), tenho minhas idéas a esse respeito. E isso não é de hoje, já que li tanta coisa sobre a Russia, nestes ultimos trinta annos! E tambem sobre a vida dos exilados politicos. Elles tiveram uma vida muito difficil, sob o tsar, que era como chamavam seu imperador. E depois, deveis saber que em 1917 elles fizeram uma revolução.

Sim, nós o sabemos. E o engenheiro americano P. Johnston Jones (Johnston com um *t*), nos ensina, assim, uma porção de coisas, que mostram em que abysmos de puerilidade, sinceridade e patriotismo está submerso.

O engenheiro Johnston, do mesmo modo que o allemão Fritz Schwartzhals, e que o inglez Hambledon Caldwen, que aqui estão, têm, em gráus variados, idéas mais ou menos tão claras quanto essas sobre a construcção socialista, da qual vêm participar, emmigrantes-gentlemen fugidos da crise, um na hulha, outro no aço, outro, emfim, nas machinas do *"Combinado" Ural-Kuzbass*.

. . . .

Eis-me, pois, nesta região, do tamanho duma terça parte dos Estados Unidos!

Ural-Kasakstão-Siberia, combinado dos combinados, segunda base metallurgica da U. R. S. S., que se extende aqui sobre perto de 3 milhões de kilometros quadrados.

Furámos o Ural por Sverdlovsk, e costeamos agora o Kasakstão, para penetrar na Siberia do Kuzbass.

Das encostas do Altai, quer dizer, do Norte da China ao Ural — espinha dorsal do continente Eurasia — se estende a bacia, cortada de bréjos, de florestas e de campos.

Muito ferro e pouco carvão, no Ural.

Muito carvão e menos ferro, no Kusbass. E' preciso unir o carvão do Kuzbass ao ferro do Ural. E' preciso combinar as duas producções e todas as producções correlativas, e, pela grande via férrea magistral siberianna, depois por uma segunda, e emfim por uma terceira linha,

estabelecer, sobre os 2.000 kilometros que separam o Ural dos Kuzbass, a circulação do sangue nos dois sentidos.

Já em 1918, Lenine desenhára os contornos do "combinado" futuro e apresentára á Academia de Sciencias o problema da disposição racional da industria na U. R. S. S. No 16.° Congresso, em 1929, o Partido decidia a creação no Oriente do segundo centro fundamental do carvão e do metal da U. R. S. S., pela utilisação dos depositos do Ural e da Siberia, o *Donbass* (1) não bastando mais á industrialisação febril das Republicas Sovieticas.

"E' preciso alcançar e ultrapassar a industria dos paizes capitalistas", disse Lenine (*Dognat e peregnat*).

Aqui, lucta-se pela industria pesada.

A riqueza do *Combinado* tem qualquer coisa de phantasmagorico.

1 bilhão de toneladas de ferro, reservas conhecidas, dormem no Ural. Quanto ao Kuzbass, representa os 3/4 das riquezas hulhiferas da União, 400 bilhões de toneladas de carvão. Ahi ha de tudo: ouro, platina, prata, pedras preciosas, pedras semi-preciosas, metaes raros, amianto, nickel, cobre, zinco, aluminio, chumbo, phosphorite, magnesio, sal — em centenas de milhares de toneladas.

E só se conseguiu determinar perto de 6% das riquezas do Ural, e 3% das da Siberia!

Foi ali que a dictadura do proletariado resolveu construir toda uma série de gigantes industriaes metallurgicos e chimicos: melhor abrigados que a Ukrania das cobiças capitalistas, a cavalleiro sobre a Europa e a Asia: *Beresniki, Magnitostroi, Machinostroi, Kuznietskstroi, Minussinsk, Kemerova,* abertos sobre o Occidente e o Oriente.

.. Não é mais uma usina, é todo um mundo industrial que venho vêr nascer ao rythmo de choque.

Calculae que o Ural sósinho cobre uma superficie igual á da França, Espanha, Allemanha, Inglaterra e Irlanda juntas.

Aqui, disse o plano, deveremos, em 1937 produzir 30 milhões de toneladas de ferro, extrahir 160 milhões de toneladas de carvão, armar nossas usinas de 10 milhões de kilowatts e construir 30.000 kilometros de vias férreas.

---

(1) Bacia mineira e metallurgica do Donetz na Ukrania.

Isso, neste Ural e nesta Siberia que durante seculos foram lugares de deportação e de galés para os revolucionarios, neste lugar onde viveram e morreram exilados centenas de homens que se levantaram contra o tsarismo.

Ainda estão lá as velhas usinas e as velhas minas de mão-de-obra de servos ou de forçados, e ellas assistem, em seu crepusculo, ao triumpho daquelles que nellas padeceram.

E é nellas, que hoje, sob a dictadura do proletariado, se reconstróem, que vêm trabalhar agora os emmigrantes-gentlemen, os mais qualificados dos servidores do capitalismo em decomposição.

Sobre os cemiterios, atapetados de deportados e de communistas fusilados pelos Brancos de Koltchak, pelos francezes de Janin, pelos inglezes de Nox, pelos tchécos de Gaida — o Combinado Ural-Kuznietsk surge, cresce, produz e constróe o socialismo.

E do mundo inteiro, a convite da U. R. S. S., os especialistas, os emmigrantes-gentlemen, se atiram para a nova California, vindos do mundo burguez que não se aguenta mais, que se arrasta, agonisante, e que aperta com suas mãos desfallecentes esse balão de oxygenio que o matará.

II — Ekaterineburgo a morta, e Sverdlovsk a viva

— Nesta sala foram fusilados os Romanov.

Diz-se Romanov, de Nicolau II, como se dizia entre nós Capeto, de Luiz XVI.

Uma pequena sala abobadada, baixa, illuminada por uma janella gradeada, entre duas portas de madeira.

Aqui, em Sverdlovsk, na noite de 16 para 17 de julho de 1918, á approximação ameaçadora dos tchécos e dos brancos, foram fusilados, depois de julgamento, o tsar, sua mulher, seu filho, suas quatro filhas, o medico Botkine, a dama de honra Demidov, o criado de quarto Trouppé e o cosinheiro Haritonov. Os corpos foram queimados nos bosques, no lugar denominado *A Cóva de Ganine*. Quatro epitaphios, redigidos em russo, allemão, francez e inglez, dizem-no ao visitante, na entrada. Onze mortos.

Quando os brancos entraram na cidade, não encontraram mais que uma parede crivada de balas e um assoalho manchado de sangue. Elles procuraram, no revestimento da parede, cuja madeira se entremostra, as balas, que transformaram em reliquias, e serraram este chão sangrento, para delle fazer os iconos da recordação.

Lêm-se todos os detalhes do drama nos estragos do quarto.

Guerra civil. A unica que sabe onde e a quem combater.

Sómente os extrangeiros parecem emocionados aqui. Para elles, esse rez-do-chão é uma cóva, um sinistro sub-solo, onde se enfiltra uma luz pallida. Elles são dum outro mundo.

Observo os operarios e camponezes russos de nossa caravana. Não ha nelles senão curiosidade historica, sem apiedamento inutil, do mesmo modo que sem sadismo offensivo. Que os monarchas emmigrados não guardem nenhuma esperança! Para seus contemporaneos, que constróem aqui o plano de cinco annos, o tumulo da autocracia está para sempre frio. E os unicos mortos que contam e que vivem, são aquelles cuja memoria o museu revolucionario commemora, bem por cima de nossas cabeças: os Vermelhos fusilados, enforcados e mutilados pelos gendarmes dos Romanov e pelos Brancos!

A impressão que se tem é que esses rez-do-chão é uma fronteira no tempo. E toda a cidade, Sverdlovsk, a antiga Ekaterineburgo, com seu nome morto e seu nome vivo, perpetúa essa imagem, em suas velhas industrias que se destróem, em seus pardieiros que se derrubam e em seus gigantes industriaes que se constróem.

Na Asia Central, em Khodjent, cidade chrysalida, assisti á passagem do artesanato á grande industria moderna.

Aqui, a transição ainda é mais pathetica. E' a passagem da industria de trabalhos forçados á alta producção socialista.

Sverdlovsk é desde seculos uma cidade industrial. Foi mesmo uma dessas terriveis cidades industriaes russas do Imperio, uma cidade privilegiados e forçados.

Eis a lapidaria de pedras preciosas. Ella tem 200 annos, e carrega-os. Quasi intacta, sobrevive a si mesma sob a barragem do Issiet. E', tambem, uma reliquia da familia imperial, a joia das joias dos Romanov, uma fabrica que foi propriedade da corôa.

Sub-solos lamacentos onde serras primitivas retalham blocos de rochas, discos dentados, discos cortantes partindo e limando as pedras

raras, seguras na ponta dos dedos dos operarios de rostos salpicados de lôdo. Todos os trabalhadores da usina têm physionomias de mortos, dentro de sua mortalha de barro, e de todo esse lôdo cinzento, sahem, ha 200 annos, o quartzo, a serpentina, a agatha, a malachita, a esmeralda, a chrysolitha, a amethista, o topazio e essas pedras preciosas do Ural, marmores em miniatura, semelhando entrelinhamentos de mappas e paysagens lunares, que são immediatamente lapidadas e engastadas em ouro nas officinas de joalheria do ultimo andar.

Aqui, em Sverdlovsk a Viva, nada mudou, a não ser a consciencia dos homens.

Dentro de dois annos, da velha fabrica que se irá destruindo pouco a pouco, brotará a nova usina, armada dos pés á cabeça de technica nova e orientada ao mesmo tempo para a producção de luxo e das necessidades industriaes.

Aqui está Verkh-Issetski, *Krasnaia-Krovlia*, com seu telhado vermelho, fabrica fundada em 1732 para a fabricação de folhas de ferro de cobertura.

Ahi, somos recebidos por edificações amarellas e brancas — os escriptorios — construidos no estylo do Trianon. Atraz de suas columnatas, um grande aqueducto — o antigo dispensador da força —, cuja architectura lembra Versalhes. Officinas de fornos para a fundição, construidos de tijolos no seculo XVIII. Uma locomotiva quadragenaria se arrasta sobre trilhos que se mettem entre edificios arruinados e escuros, no meio dum amontoado de ferro velho, de vidros quebrados, de chapas de ferro enferrujadas e de jactos de vapor.

Por toda parte a lama, uma lama sombria, viscosa, corrosiva. Velhos fornos Martin carregados a mão, numa irradiação de calor que a estreiteza do local torna quasi insupportavel.

Eis o que foi a grande industria do Ural capitalista, a usina typica em que trabalhavam os forçados, a usina-desterro do tsarismo.

Mas eis tambem que, em três novas salas, que já se juxtapõem ás antigas, começou-se, ha dois annos, a producção dum novo aço, o aço electro-technico, a folha de ferro dos transformadores e dos dynamos.

Era a primeira vez que se tentava na U. R. S. S. a fabricação desse aço, comprado até então a altos preços no extrangeiro. Operarios

russos, delegados na Allemanha, tinham descoberto o segredo. Fizeram experiencias. O aço era bom.

Hoje, as três salas produzem a um rythmo de forja infernal. Não se fabricam mais chapas de cobertura. A velha usina — desterro do tempo dos Romanov — vae morrendo, esmagada pela época nova. Em grandes salas, os fornos de mazut e o forno electrico derramam seu aço de silicato e de estanho. O forno electrico, quando de sua installação, dava duas porções por dia; hoje dá 4, e de 14 toneladas passou a produzir 34!

Victoria da emulação socialista. Os dez jovens *udarniks* do forno electrico receberam a ordem de Lenine e uma bandeira do Exercito do Extremo Oriente.

Na sala do forno Vorochilov, que produz 120 toneladas de aço por dia, está Mikhail Zaidine, chefe de equipe, analphabeto até o anno passado, Zaidine que continúa a se instruir em suas horas de descanço, e que é agora estagiario no Partido. Trabalha nos fornos ha 19 annos. Durante a occupação branca, elle ganhou a floresta e combateu como guarda vermelho do Ural na guerra civil. Ganha hoje 150 rublos mensaes. E dentro de um mez, com o augmento dos salarios, — a U. R. S. S. é o unico paiz em que os salarios augmentam — ganhará 300 rublos.

— Ainda ha difficuldades, Zaidine?

Zaidine levanta os oculos azues sobre sua testa manchada de sardas, e responde simplesmente:

— Quanto mais aço se produzir, melhor será.

E elle se volta para o forno, que o illumina.

Aqui está a brigada Novgorodsev, a brigada dos *udarniks* communistas, que detem o recorde de laminação do aço em folhas.

Escorrendo suor, Piotr Pavlovitch Novgorodsev, dum lado, e Vassili Gardburov de outro, se passam, por meio de pinças, sem se olharem. uma larga folha de aço incandescente, dum e outro lado dos tambores de laminação, no tumulto das pontes movediças, sob o bafo ardente dos fornos... Precisão athletica do movimento, rapidez do rythmo e justeza do golpe de vista. Depois, Garburov atira a folha vermelha para traz, sobre um monte de outras chapas que se vão azulando.

Descanço. Conversa-se. Piotr Pavlovitch enxuga o rosto com o reverso da manga de sua blusa.

— Fala-se de tua equipe no *Operario do Ural* (1) de hontem, Novgorodsev?

— Sim. A média de folhas que devemós fazer em 4 horas e 48 minutos — que é quanto dura nossa jornada — é de 1.040. *E nós chegamos a 1.200, a 1.300, e mesmo, uma vez, a 1.600. E' por isso.*

Piotr Pavlovitch Novgorodsev conta 24 annos, tem um filho, e, de noite, assiste as aulas da escola de usina. Ganha 230 rublos por mez, e com a nova escala dos salarios, resolvida pelo Comite Central, passará a ganhar 450 em novembro. Depois de dois annos de estudos, será technico.

Quanto a Vassili Garburov — do qual Piotr Pavlovitch diz, batendo-lhe nas costas:

— "Este aqui é um heróe", — vae partir para a escola de officiaes de Moscou.

No lugar onde existia a velha usina-desterro, na fabrica de mão-de-obra de forçados, onde se penava doze horas por dia, o enthusiasmo creador do socialismo attingiu em 4 horas e 48 minutos de trabalho recordes de producção desconhecidos no extrangeiro.

E a qualidade augmenta incessantemente, ao mesmo tempo que a quantidade do aço produzido. De 55% de defeitos de execução, a usina passou a 20 e a 15%, o que constitúe o standard das usinas allemãs. O preço de custo, que era de 280 rublos por tonelada, cahiu, em maio de 1931, a 147 rublos, pois cada operario procura, estuda, inventa processos novos de producção. Multiplicam-se as aulas da escola profissional e da escola superior. Todo operario conhece a theoria de sua pratica e se esforça por passar a úa melhor qualificação, tentando realisar a palavra de ordem lançada por Stalin e se agregar ao "nucleo intellectual da classe operaria".

O inimigo de classe, entretanto, não se dá por vencido. A victoria da usina viva sobre a usina morta o enfurece. E o kulak ataca tanto a usina como o kolkhoze... Aqui, — para poder sabotal-a —, tenta penetrar nella sob um falso nome. Ali, ataca os proprios homens. São provas disso um dos melhores udarniks de Verkh-Issetski, que acaba de ser apunhalado, e dois outros feridos pelos elementos contra-revo-

---

(1) Jornal de Sverdlovsk.

lucionarios. Como resposta, 80 operarios entraram para o Partido! Tornamos a partir atravez da cidade, onde a picareta ataca os velhos quarteirões podres, ao mesmo tempo que crescem as novas habitações.

Deixamos a fachada mentirosa e morta do Trianon do Ural, e construidas no estylo o mais moderno, da escola de Le Corbusier, Luçat, Mallet-Stevens ou Gropius: o correio, a immensa typographia preta e cinzenta, o novo hotel central, a casa do G. P. U., o Clube dos empregados, a casa do Soviet, e, por toda parte, cidades operarias azues, cinzentas, vermelhas e brancas.

E na cidade onde morreu o tsar, não ha mais uma só igreja viva.

III — Uralmachinostroi, floresta de homens

Aqui ha um pequeno charco; no charco, alguns canniços. Uma betula vestida com uma casca branca chora suas folhas sobre o charco. E á beira do charco, no humus gorduroso da vegetação da margem, ha uma rã côr de folha que palpita levemente ao receber o sól de outlbro.

Em todos os arredores, não ha mais que cimento armado.

Este charco é tudo o que resta da floresta. Ha dois annos, as corças vinham beber aqui. Ha dois annos, os lobos magros esgueiravam-se por entre os troncos das betulas e dos pinheiros, em direcção dos arrabaldes de Sverdlovsk. Ha dois annos, os cogumelos cresciam aqui abundantemente, no meio dos ramos que apodreciam, sob uma luz esverdeada, onde, de ves em quando, o vôo do grande tétras, (1) chamado *glukar*, vinha perturbar o silencio vegetal.

Hoje, sobre a floresta que está sendo derrubada, o plano constróe uma cidade de usinas que occupará meio milhão de homens, duas tervezes Sverdlovsk.

Uma nova batalha pelo socialismo se iniciou nesta terra onde Brancos e Vermelhos se bateram encarniçadamente de 1918 a 1919. O mesmo combate, mas no plano da economia mundial.

---

(1) Especie de gallinaceo, grande e forte, de côr preta, que tem o peito de um verde metallico e o ventre marcado de branco. Habita as florestas das montanhas. Sua carne é muito apreciada. (N. do T.)

Aqui está, no fim da linha do tramway 5, Machinostroi, a cidade das machinas, uma nova floresta, uma floresta de homens.

O solo do combinado Ural-Kuzbass contém as maiores riquezas do mundo, mas são necessarias machinas para rasgar esses solos e transformar seu mineral em metal fundido e em aço.

A Russia tsarista comprava toda sua machinaria no extrangeiro. Durante annos depois da Revolução, a sabotagem, a má vontade, os erros de apreciação retardaram o desenvolvimento do Ural e da Siberia.

E, repentinamente, em 1928-1929, a revelação se fez, fulgurante.

Então, febrilmente, na velha floresta, o proletariado ceifou arvores e plantou, em seu lugar, para começar, 50 milhões de rublos e 27.000 homens.

Viéram dezenas de especialistas, viéram centenas de operarios qualificados, viéram milhares de terraplenadores, de carpinteiros, de ferreiros. As aldeias conseguem apenas satisfazer as exigencias em mão-de-obra da cidade que surge. Os trens não chegam a saciar a sêde de materiaes dos homens lançados na emulação socialista.

"Betume! Cimento! Vigas! Assoalhos! Vidro! Pregos! Canos! Chapas de ferro! Tijolos!"

Os operarios se batem como leões, nessa guerra industrial. A producção é a paixão, a lei e a razão de ser de seu furioso trabalho esportivo.

As festas religiosas morreram, mas eis que surge toda uma série de festas movimentadas, que renascem incessantemente de suas proprias cinzas, datas fatidicas, que se esperam, que se desejam apaixonadamente, que se teme, e para as quaes os operarios das brigadas de choque se dirigem aos milhares. E' uma data qualquer do calendario, o 1.º ou o 15, o 20 ou o 30, pouco importa.

E' a data marcada para a conclusão duma turbina, para a terminação dum forno, para a cobertura dum predio. O numero se installa no cerebro dos homens, desmesurado, glorioso.

"E' preciso alcançar e ultrapassar os paizes capitalistas". Tudo se resume nessa phrase de Lenine, porque, para vencer a producção capitalista, é preciso primeiro obter uma série de victorias successivas, é preciso a alcançar e ultrapassar a producção da equipe visinha, alcançar e ultrapassar a producção da officina ou da fabrica visinhas, alcançar e ultrapassar a usina visinha, alcançar e ultrapassar a pro-

ducção da região ou da Republica visinhas, na União federativa dos Soviets.

E quando a data já passou, quando o 5, o 15, o 20 ou o 30 cresceu tanto que se transformou na turbina, no forno, ou na casa que se inaugurou, é uma outra data que aponta ao longe, que se precipita, e que cresce, por sua vez apaixonadamente esperada e temida. E o desejo de cada qual é bater seu proprio recorde, fazer mais em menos tempo, ir além do plano. Melhor e mais depressa. *Tempo!* Honra operaria!

Pobres rendimentos dos negocios de Bolsa, que se expressam nos paizes capitalistas por porcentagens de juros: 5%, 7%, 10%, 25%. Aqui, o trabalho, encarniçado no ultrapassamento do plano, não póde conhecer senão numeros de três algarismos. O trabalho "rende" 100%, 150%, 200% 300%. Em sua velocidade, elle está na escalada dos recordes mundiaes de hydro-aviões e de auto-bolidos, e as performances athleticas as mais sensacionaes ficam apagadas ao lado desses recordes combinados do homem e da machina, do terraplenador e da pá, do pedreiro e de sua colher, do operario e da ferramenta — animados pela emulação socialista.

— Esteve aqui um americano, um grande engenheiro americano, mister Cooper, diz-nos o secretario regional, um enorme operario de rosto comprido e de traços accentuados, Dolgorukov. Mr. Cooper olhou nossa usina e disse que não acreditava possivel o funccionamento de nossas prensas, de nossos martiletes e de nossas pontes moveis monstros. Não acreditava isso possivel porque em seu paiz, na America, nunca se fez o que se faz aqui. Nós o convidámos para vir visitar a usina quando a tivermos posto em movimento. Elle poderá vêr, então, que o que é impossivel em outras partes, é sempre possivel aqui.

E evidentemente. Porque os homens já não são os mesmos, aqui e lá. Assim como seu cerebro, tudo nelles mudou. A exploração capitalista exige dum pobre motor humano de 6 H.P. que faça 100 á hora. O socialismo collocou na cabeça de cada *udarnik* um motor de 100 H.P.

Eis a equipe Muraviev, uma equipe de pedreiros. Muraviev colloca 1.000 tijolos por hora. Eis a equipe de Piltchikov, que, graças á organisação precisa de suas forças, á preparação minuciosa de seu trabalho e á diminuição de descollocamentos, chegou a triplicar seu plano, na fundição.

Por todo o territorio de Machinostroi, heriçado de andaimes de taboas e de madeirames, os homens apparecem, assim, na proporção do gigante industrial que cresce. Ha dez dias, foi decidido um periodo de assalto pelos *udarniks* de Machinostroi. Trata-se de terminar em 40 dias a officina de mechanica e a de prensas.

E desde então, animados pelos 894 membros do Partido e pelos 3.394 das Juventudes communistas, é uma verdadeira corrida para A DATA.

Os edificios são febrilmente cobertos, afim de que seja possivel trabalhar no inverno, sob a neve. As locomotivas rodam, os guindastes içam as tabôas, as vigas de ferro se levantam, os carpinteiros pregam, as mulheres substituem os homens na fundição, as machinas electricas brocam, atarracham e chavam, a solda autogenica faz cahir do céu chuvas de sól em faiscas, sobre o tumulto do trabalho dos *subotniks*.

Sem difficuldades, tudo isso? Certamente que não. Aqui, a cooperativa não fez em tempo provisões sufficientes. Ali, nos refeitorios das officinas, faceiros e novos, foi preciso substituir o prato de carne por peixe. 50% dos 56.000 habitantes de Machinostroi moram em casas operarias já construidas, e os outros são obrigados a tomar o tramway para voltar, á noite, para Sverdlovsk. A fluctuação da mão-de-obra acompanha naturalmente essas difficuldades e prejudica a construcção, mas, em conjuncto, acceita-se tudo, contanto que a usina cresça. E a usina cresce, a usina cujo dono é o proletariado.

O crepusculo cahe no momento em que subimos os sete andares em plano inclinado que rodeiam a central electrica de turfa que dará, dentro de poucos dias, seus 11.000 kilowatts a Machinostroi.

As sereias apitam o entardecer no horizonte de sól poente. Ûa multidão, ponteada das sombras claras dos *platoks*, das saias e dos aventaes, escorre como um metal, das fabricas para as cidades operarias, onde o clube já se illumina, e para onde o circo e o cinema, com todas as suas luzes, chamam os trabalhadores. Os alto-falantes berram. Os tramways respondem com seu tympano ao cravador atrazado que continúa a metralhar as taboas, sob os projectores. Os mais altos andaimes se corôam de luzes de olophotes. Na terra, no

fundo das trincheiras ainda abertas, se alongam os tubos digestivos da usina, que condusirão a agua quente, o gaz, o ar comprimido e a energia, atravez das centenas de hectares da cidade nova.

Por toda a parte, na grande avenida central, os trens desembarcam madeira, pedra, areia, ferro, cimento e tijolo para os fornos Martin, as prensas e as forjas, dum lado, e a officina de ajustagem, de outro. E as longas chaminés se equilibram sobre as officinas de 350 metros de comprimento sobre 150 de largura.

Aos nossos pés, á esquerda, uma caixa d'agua ainda corôada dum andaime simula uma antiga torre de sitio. A' nossa direita, á beira dum lago, um condensador de 44 metros de altura está sendo concluido, e mais longe, com seu bordado de madeirames e illuminado em todos os andares, o *Gaz Producer* de turfa levanta seus patamares de arranha-céu, de onde neva o pó de amianto.

Do alto deste tecto, que faço o centro duma rosa dos ventos imaginaria, percebo toda a construcção do novo Sverdlovsk, da região de Stalin.

Ao norte, Machinostroi, que produzirá 100.000 toneladas por anno: 4 altos fornos, 20 fornos Martin, 12 laminadoras. A leste, a usina de ferramentas. Ao sul, a usina de excavadoras, que produzirá 3.000 excavadoras por anno (2.000 mais que a maior da mesma especie da America). A oeste, a Electrolithi-Combinado, que tratará o minerio de ferro pela electrolyse. Mais adiante, emfim, Elmachstroi, que abastecerá de machinas electricas o Ural, com seu combinado de 14 usinas e seus 104.000 operarios.

Emfim, em todo o redor, o circulo negro das florestas que recuam, onde os lobos magros, as corças e as grandes lebres acordam com a noite.

Tornamos a descer os andaimes da Central electrica. E, de novo no nivel do trabalho dos homens, emquanto margeamos o ultimo charco, perto da ultima betula, onde canta a ultima rã, o alto-falante annuncia ás multidões da primeira equipe que esperam o tramway n.° 5:

"1 milhão de desempregados na França!
3 milhões de desempregados na Inglaterra!

4 milhões de desempregados na Allemanha!
9 milhões de desempregados nos Estados Unidos!" (1)

IV — Siberia, terra da promissão

Ao descer do Transiberiano na estação de Novossibirsk, quasi fui preso. E com razão. Eu fôra visto tirando muitas photographias, ao longo da estrada que leva muito directamente a úa Mandchuria muito tumultuosa... Quando me dei a conhecer, tudo terminou em risos, e nós partimos de automovel para a cidade, sob um sól magnifico.

Essa aventura me agradou. A construcção socialista é tempestuosa.

A chegada a Novossibirsk tem qualquer coisa de feérico.

Sob o 55° de lattitude norte, a 4.000 kilometros de Moscou, a 8.000 kilometros de Paris, chegámos a uma cidade habitada por russos, lettões, ukranianos, tartaros e chinezes, uma cidade de grandes avenidas plantadas de arvores e bordadas de casas novas, a menor das quaes faria, pelo arrojo de sua concepção architectonica, o espanto e a alegria dos verdadeiros artistas do mundo, uma cidade moderna que não encontra uma só rival na França, uma cidade jovem como os homens daqui.

De surpreza em surpreza, chegámos assim ao Grande Hotel Central, uma enorme casa crême e malva, de linhas preciosas, do mais bello estylo, no canto da Perspectiva Vermelha e da rua de Outubro.

Assim, pois, é isto a Siberia!

Eis a que se reduzem as extensões perdidas no fim do mundo, essa região que nunca expressou á imaginação romantica de nossa adolescencia outra coisa que miseria e desolação.

Foi esta Siberia que os Cossacos de Ermak conquistaram, por

---

(1) Essas cifras se referem a 1931. Actualmente, com excepção da Inglaterra, que permanece mais ou menos estacionaria, a situação passou a ser a seguinte: Italia, 1 milhão, França, 1.600.000, Allemanha, 6 a 7 milhões, Estados Unidos, 15 a 17 milhões. (N. do T.)

conta dos commerciantes, e que durante seculos foi o refugio das seitas e o terror dos opposicionistas, a Siberia da *Casa dos Mortos* de Dostoievsky, essa Siberia que, depois da revolução de Outubro, os tchécos, os socialistas-revolucionarios e Koltcahk devastaram.

Eis-nos, pois, nos limites das steppes de Barabinsk, na terra dos lobos e dos ursos, entre as *tundras* (1) gelladas e as *taigas* (2) profundas, nesta terra que só se imagina de longe como o grande norte deserto, com seus 50 grás de frio.

Ora, eu estou aqui numa paysagem de valles que lembra o Lot, e onde amadurece o milho!

Novossibirsk: 7.832 habitantes ha 30 annos, quando a cidade se chamava Novo-Nicolaievsk; 70.000 em 1927, 220.000 este anno.

Não faz dez annos, no local em que se levanta hoje a bella *Casa dos Soviets*, o bellissimo *Banco do Estado*, a menos feliz *Casa de Lenine*, e o perfeito *Hotel Central*, caçava-se o pato selvagem nas vegetações dos bréjos!

A historia de Novossibirsk é a historia de toda a Siberia occidental, passando da economia agraria á economia agro-industrial.

— Sabeis, — pergunta o camarada Boguslavski, director do Departamento do Plano para a região — que estaes na região mais rica do globo?

E Boguslavski prosegue:

— "Nossa terra, uma terra preta, da melhor especie das terras de trigo, conta 60 milhões de hectares lavraveis, dos quaes só cultivamos a decima parte. Temos um rebanho de gado vacum de 1.300.000 cabeças.

Nossas florestas exigiriam, para uma justa exploração, que as desembaraçasse-mos annualmente de 150 milhões de metros cubicos de arvores. Não podemos tirar-lhes mais que 10 milhões. E dos 260 milhões de hectares que ellas cobrem, 200 milhões ainda estão inexplorados.

Possuimos os maiores depositos de ouro do mundo. Não se conhecem mais que 3% das riquezas da Siberia, e, entretanto, tal

(1) Steppe gellada do norte da Siberia, zona onde vive a renna.
(2) A grande floresta siberianna cortada de bréjos.

qual está, nossa bacia hulhifera, três vezes menor que a da Ukrania, é 7 vezes mais rica. Sem falar na bacia tunguz, temos aqui duas vezes mais hulha que a Inglaterra, duas vezes e meia mais que a Allemanha, e basta a gente se abaixar para apanhar o carvão, que aflora por toda a parte. Nas minas mais profundas, nem mesmo se abaixar é preciso: emquanto que os veios do Donietz não têm mais que um ou dois metros, aqui, em Prokopievsk, por exemplo, os veios têm 26 metros e mais de altura, o que permitte um maximo de mechanisação. E' o que faz com que nosso carvão seja o mais barato da U. R. S. S. e do mundo.

Para a cokeificação, é comparavel ao Cardiff, com a differença — muito importante na marinha — que queima sem produzir fumaça. Do ponto de vista technico, é unico, pois se o carvão do Ruhr dá de 7 a 10% de sub-productos, o nosso fornece de 20 a 22%. E vêde o que é a organisação da economia capitalista! Essas enormes riquezas, não eram ignoradas pelo tsarismo, mas elle as deixava dormir. Mandavam para cá centenas de milhares de homens degredados, que acampavam sobre esse carvão sem exploral-o. Os capitalistas extrangeiros, americanos ou japonezes, se oppunham.

A região era propriedade pessoal do tsar, e tudo ahi estava submettido ás influencias da Côrte. Os capitalistas extrangeiros pagavam o que era necessario, aos homens que era necessario, e elles obedeciam. O Altai (1) nunca era incluido nas pesquizas geologicas.

Sómente os extrangeiros, sob pretexto de turismo, ou seus agentes, quer dizer, suas creaturas da Côrte, faziam pesquizas aqui. E os resultados de suas buscas chegavam até as potencias interessadas por intermedio dos consulados.

Comprehende-se o encarniçamento com que as potencias sustentavam os aventureiros tsaristas como Koltchak. Liquidado Koltchak, encontrou-se nos archivos do governo do Altai toda uma série de cartas e relatorios, estabelecendo pertinentemente a conluio das sociedades extrangeiras com a Côrte.

Mais ou menos em 1912, entretanto, um grupo de capitalistas

(1) O Altai é o massiço montanhoso da Siberia central, onde se encontra a bacia hulhifera e siderurgica de Kuznietsk.

internacionaes, sob o manto de alguns governos, abriu uma officina de mina. Elles obtiveram, no primeiro anno, um e meio milhão de toneladas de hulha. Mas o carvão permaneceu na mina, pois o consumo local não bastava para exgotal-o e os industriaes do Ural se recusavam a mandar vir seu combustivel de tão longe.

Nós, este anno, extrahimos do Kuzbass 7 milhões e meio de toneladas de hulha, realisando o plano de cinco annos em 3 annos. Presentemente, todos nossos esforços são para o segundo Plano Quinquennal!

Propomo-nos extrahir do sub-solo da Siberia, em 1933, 160 milhões de toneladas de carvão, com que alimentar três usinas metallurgicas gigantes, como a de Novo-Kuznietsk. O "Combinado" Ural-Kuznietsk póde fornecer, em seu conjuncto, mais de 1 bilhão de toneladas de minerio de ferro, sem falar no que ainda poderá vir a ser descoberto na Siberia.

Accrescentae a isso que, com as qualidades chimicas de nosso carvão, poderemos extrahir o azoto para a agricultura e combustiveis liquidos para nossos motores.

A U. R. S. S., effectivamente, possúe não sómente o petroleo natural de suas immensas jazidas, como póde ainda obter o petroleo de seus carvões.

Ha três annos, havia 200 motores em toda a Siberia. Este anno, utilisamos já 4.500 tractores e 2.000 automoveis, e os automoveis serão 7.000 no proximo anno. Todos esses motores exigem imperiosamente gazolina. Fabrical-a-emos aqui mesmo.

Nossas usinas chimicas tratarão ainda o zinco e o cobre, e uma parte dos gazes de nossas usinas de cobre nos dará alcatrão e aguas amoniacaes, apparelhando-nos completamente para nosso desenvolvimento industrial.

E tudo estará baseado na electrificação.

Lembrae-vos do sorriso sceptico de Wells, o escriptor inglez, ao relatar, ha dez annos, sua visita a Lenine, e ao fazer pilherias sobre a electrificação, que tratava de inoffensiva "mania" do "sonhador do Kremlin?"

Sabeis de que modo, já então, a concepção grandiosa de Lenine passou a fazer parte da realidade das coisas. Aqui, estamos pondo em movimento e construindo varias estações, dum meio milhão de kilo-

watts cada uma: Minussinsk, Kuznietsk, Kamerova, Novossibirsk e Omsk, providas dos ultimos aperfeiçoamentos da technica.

Ao lado da central electrica, estamos construindo uma usina destinada a tratar o carvão para extrahir carburantes. Será esse carvão que, uma vez tratado, alimentará a estação electrica. A energia sahe, assim, baratissima, ao mesmo tempo que fica assegurado o abastecimento de nossos motores.

Num raio de 400 kilometros, as cidades, os kolkhozes, os sovkhozes, assim como as usinas, as minas e as vias férreas, serão electrificadas.

Nossa agricultura, collectivisada, já, a 60%, e que fornece actualmente 43% da manteiga e 20% da carne da União Sovietica, e que alimenta a Inglaterra em productos leiteiros, poderá, desde então, quadruplicar sua superficie semeada e duplicar seu gado.

Em redor das estações electricas se agrupam as usinas chimicas, as usinas de coke, os altos fornos e as fabricas de machinas. Toda a producção se entrelaça. Os altos fornos fornecem seus gazes á estação electrica, que os consome juntamente com o carvão. Uma parte dos gazes de coke vae para os fornos Martin. Quanto ás usinas, utilisam o excedente do vapor das caldeiras da central electrica.

Assim, o preço de custo da energia diminuindo sempre, torna-se economico electrificar todas as linhas de estrada de ferro da rêde.

Essas linhas, nós as duplicamos e triplicamos, afim de que possam responder ás necessidades de nossa producção. A grande linha mestre siberianna, construida de 1892 a 1905, não supporta mais a carga de nossa industrialisação crescente. A questão dos transportes é o aspecto mais difficil da construcção socialista.

Ligaremos directamente Novossibirsk a Kuznietsk. De Minussinsk, faremos partir uma segunda linha mestre, que, por Kuznietsk, Barnaul e Kalunda, se dirigirá ao Ural e a Magnitogorsk, linha essa duplicada pela de Leninsk-Kamensk-Slavgorod.

Ao norte, uma terceira mestre, vinda de Baikal e passando por Ienisseisk e Tomsk, garantirá a exploração da madeira, sendo ligadas ás linhas do sul por perpendiculares.

Nossos grandes rios, o Ienissei, o Obi, o Irtich e seus affluentes que servem o "Combinado", verão crescer suas possibilidades

com a construcção de vastos estaleiros navaes, como os de Novossibirsk, e graças aos portos que construimos na entrada do mar de Kara — Igarka, sobre o Ienissei, e Urti, sobre o Obi, — communicaremos directamente com o Occidente.

Já este anno, 50 vapores, ostentando o pavilhão de grandes nações maritimas, viéram descarregar sua carga e carregar nossas mercadorias, durante o mez e meio em que é possivel a navegação no Oceano arctico, protegidos por nossos quebra-gelo e guiados pela esquadrilha dos salvadores do *Italia*.

Nossa aviação civil, orgam essencial para a rapida movimentação de nossos quadros na enorme extensão de nossa frente industrial, accrescentará no proximo anno, ás linhas já existentes, como a de Novossibirsk-Kuznietsk, (que faz em 2 horas uma viagem que os trens levam 20 horas a percorrer), mais as seguintes: para leste, uma linha Krasnoiarsk-Irkustk-Kabarovsk-Vladivostok; para o sul, uma linha Novossibirsk-Barnaul, e para o norte, duas, Omsk-Tobolsk e Krasnoiarsk-Turuchansk.

Eis o que, no ar, sobre a agua, sobre a terra e sob a terra, estamos realisando, ao rythmo da emulação socialista, no lugar que foi a terra desolada dos desterros tsaristas, na Siberia dos Velhos Crentes, dos Kirghizes, dos Soiotes e dos Tunguz.

Vamos construir aqui, em poucos annos, Essen e Chicago, o Creusot e Sheffiel, sobre o sub-solo do Ruhr, do Paiz de Galles, da bacia do Norte e da West-Virginia reunidos.

E tudo isso armado de novas machinas — pois antes nada havia — em face da velha machinaria capitalista.

Tudo aqui procede duma idéa directora, solidamente estabelecida sobre as possibilidades conhecidas duma certa região; e tudo o que póde ser combinado está combinado. Economia de forças, de tempo e de dinheiro.

A Siberia vos offerece um exemplo typico de *Plano*.

O imperialismo, em sua ultima phase, constitúe seus konzerns e seus cartels. Mas, que póde elle? A planificação da venda, sua unica possibilidade real, lhe escapa rapidamente, pois cada parte contractante trata sempre de enganar a outra e cada imperialismo se esforça pela supremacia.

Em face desse mundo que desmorona, o proletariado constróe sua economia planificada, a dirige e a conduz á victoria".

Boguslavski, homemzinho de cerebro limpido, atapetado de cifras, cala-se.

Sobre o mappa que se abre na nossa frente, o *Plano* se inscreve em letras luminosas, onde brilha o futuro.

As razões das ameaças franco-japonezas na Mandchuria se concretizam.

O eixo do mundo mudou. A Asia se esclarece!

Cada nome de cidade, dessas cidades perdidas no fundo da *tundra* ou da *taiga*, dos contrafortes do Altai ao Baikal e do Kasakstão ao mar de Kara, se torna tão familiar aos ouvidos das novas gerações como os de Londres, Paris, Berlim, New-York.

O Plano se transforma num documento tão popular quanto a taboa de multiplicação ou o alphabeto latino. Com elle, todos os proletarios do mundo fazem sua aprendisagem de classe dirigente.

E, na concorrencia mundial, as Bolsas terrificadas escutam o coração de relojoaria dos *tickers* darem as novas cotações dos metaes e das machinas sahidas dos gigantes industriaes da Siberia, no anno 20 da Republica socialista federativa dos Soviets.

V — As surprezas de Novossibirsk

Não gosto das capitaes administrativas. Habitualmente, respira-se nellas uma atmosphera burocratica, que tudo impregna de seu formalismo e de sua lentidão. E Novossibirsk não escaparia á regra, caso sua nova orientação para o industrialismo gigante não a semeasse de surprezas.

E, antes de mais nada, sua extensão!

Quando acabaes de circllar de automovel durante um quarto de hora em Novossibirsk, julgaes ter atravessado toda a cidade.

Pois bem, em absoluto! Ide ao Soviet, consultae um mappa, e descobrireis que Novossibirsk occupa 35.000 hectares, ao passo que Moscou, uma das cidades de maior extensão do mundo, não occupa mais que 25.000.

Todas as cidades têm seu jardim publico, seu *sad*, como se diz. Elle é plantado geralmente no centro da cidade.

Em Novossibirsk, o jardim publico é uma floresta, — uma enorme floresta, semeada de villas, de granjas e de sanatorios, e é a cidade que está sendo plantada em seu redor.

Todos os jardins publicos têm um lago, no qual as creanças vêm fazer circular seus barcos de brinquedo.

Em Novossibirsk, o lago é o Obi, um rio dum kilometro de largura, pelo qual trafegam grandes vapores que descem até o mar de Kara.

Todas as cidades que se extendem sobre as duas margens do rio, têm pelo menos uma ponte para vehiculos e pedestres, antes de terem uma para a estrada de ferro.

Novossibirsk tem duas pontes de estrada de ferro, mas ainda não tem ponte para vehiculos, de sorte que todas as communicações duma e outra margem devem ser feitas, seja de barco, seja de balsa, do que resulta uma fila de telégas pascientes, extendida sobre pelo menos dois kilometros atras de cada desembarcadouro.

Sobre a outra margem do Obi, não vedes, de inicio, senão as feias arvores pelladas duma *taiga;* mas caminhaes úa meia legua de automovel, e de repente tornaes a achar a cidade que tinheis perdido.

Sobre uma extensão de oito kilometros, levantam-se construcções. Immensas escolas de todos os gráus — escolas de fabrica, technicas e institutos — bem arejadas, com seus dormitorios, refeitorios, salas de aula, salas de trabalhos praticos e laboratorios, habitados, já, por 2.300 alumnos. Officinas em construcção, armações de madeira ou de ferro, cimento e tijolo, forja, ajustagem, mechanica. E' *Sibcombine,* a cidade de onde sahirão, a partir de 1933, 25.000 ceifadoras-debulhadoras, (*combinadas*), 35.000 semeadoras e 35.000 ceifadoras para tractores por anno.

Em geral, as casas operarias são dominadas pelas usinas. Em *Sibcombine,* sobre a collina que domina a usina, ha todo um quarteirão de castellos-fortes: é a cidade operaria, toda de tijolos vermelhos, afirmando do alto a supremacia do proletariado. Lá viverão, no proximo anno, 45.000 homens, mulheres e creanças.

Ordinariamente, a estrada de ferro serve a cidade.

Aqui, constróe-se uma cidade para a estrada de ferro, toda uma cidade que será a cidade terminal da nova linha do Kuzbass, aquella pela qual *Sibcombine,* a usina de fornecimento de ferramentas para as minas, e as construcções navaes serão alimentadas de carvão e metaes fundidos. Ali viverão milhares de ferroviarios, em redor dum entrelaçamento de 145 kilometros de linhas de distribuição.

O orçamento de Novossibirsk, sobrecarregado de 12 milhões de rublos de salarios a serem pagos por mez, é alimentado por todos os recursos normaes dum regime socialista, mais os impostos sobre o commercio privado. Quanto mais commerciantes houver, mais impostos haverá — não é verdade?; e quanto menos houver... Pois bem, em absoluto! Em 1926, havia na cidade 520 commerciantes, que pagavam 850.000 rublos de impostos. Em 1931, não ha mais que 20 commerciantes, que pagam 1.100.000 rublos. Nesse andar, com o desenvolvimento do commercio de Estado, comprehende-se que a liquidação do commercio privado seja rapida!

Em geral, quando tendes a mão suja de terra, a lavaes com sabão. Aqui, ha uma usina de sabão que serve toda a Asia, uma usina modelo, na qual os operarios interrompem o trabalho cada duas horas afim de fazer alguns minutos de cultura physica — uma usina em que se fabrica sabão partindo da argilla.

Geralmente, os tramways foram os antecessores dos omnibus. Aqui, está sendo construido um hospital no meio do bosque: 25 edificios, laboratorios, salas de operações, escriptorios; 800 leitos, no meio dum parque de 121 hectares; 17.000 metros cubicos de tijolaria, incluindo passagens subterraneas destinadas a transportar os doentes dum predio a outro. Construcções modernas, duma rara belleza de linhas, um *solario* em cada pavilhão de 120 leitos e 8 metros quadrados para cada doente.

Constróem-se, presentemente, pelo mundo inteiro, theatros de scenarios moveis. Aqui tambem se constróe um. Mas não sómente o scenario será movel, e sim todo o chão.

Trata-se dum enorme theatro de massas, o *Palacio da Cultura,* construido sobre o antigo bazar, segundo o projecto dos architectos Kurilka, Bart e Grinberg. E' a "experiencia da Siberia", um projecto que fez correr muita tinta e que foi objecto duma polemica sem fim em Moscou, um theatro inteiramente mechanisado, que poderá se transformar, á vontade, em circo, piscina ou sala de congresso: um

theatro com capacidade para de 3.500 a 6.000 pessoas, no qual poderão circular tractores, tanks, cavallos, leões, phócas, crocodilos e barcos-automoveis. Poder-se-á representar ahi a *Carmen* com uma verdadeira corrida de touros!

Em todos os theatros do mundo, a luz é projectada sobre as decorações. Aqui, por meio dum systema de cinematographia colorida, os scenarios serão projectados pela luz.

Habitualmente, as creanças se deitam quando seus paes vão ao theatro. Aqui, deitam-se os paes e os filhos vão tranquillamente ao seu theatro, o *Tiuz*, onde vi representar, por uma troupe das Juventudes de Leningrado, extraordinariamente endiabrada, a mais directa e a mais viva das satyras anti-religiosas. Aqui, realisa-se a 100% a participação do publico á representação.

Entre nós, as crianças criminosas e abandonadas ficam, habitualmente, perdidas para sempre, pela contaminação das casas correcionaes onde são fechadas. Aqui, como aliás em toda a U. R. S. S., as casas de menores reeducam os *bezprisornie* (1) pelo trabalho em liberdade.

Em varios lugares, entretanto, essas crianças deixam a officina e não voltam. Foram reconquistados pelo gosto da vagabundagem.

Aqui, elles fazem adeptos. Testemunha-o a historia de Mikhael Cherpanov, ladrão e vagabundo desde os 8 annos, que poucos dias depois de sua chegada ao refugio, foi encontrado no refeitorio limpando como uma pagem úa menininha que encontrára á meia noite, sentada na rua, e tendo, espetado em seu vestido, um bilhete: "*Lucia, 4 annos*".

Uma cidade industrial geralmente fica no meio duma bacia industrial. Novossibisk está no centro duma immensa região agricola.

Mas, como fica sobre o Transiberiano, futuro tronco da futura linha que servirá os futuros gigantes do Kuzbass, Novossibirsk decidiu, de accordo com o plano, transformar-se numa grande cidade industrial, traço de união entre o ferro do Ural e o carvão de Kuznietsk.

(1) Menores abandonados. (N. do T.)

E nesta immensa capital do aço que gyra sua mão-de-obra de todas as aldeias, começa apenas a surgir um proletariado, entre o qual os syndicatos estão dando seus primeiros passos.

VI — Bill Chatov, brigadeiro dos arranha-chão

— Em 1922, diz Bill Chatov, fui enviado ao Caucaso para reorganisar todos os Bancos do Estado. Os velhos banqueiros profissionaes — homens de tradição e respeitabilidade — me convidaram um dia para um grande banquete, em Rostov. Fui. O presidente apresentou todos, como é costume, e, quando chegou minha vez, perguntou-me no ouvido:

— Que devo dizer?

Esse rapaz sabia que eu fôra linotypista, I. W. W., (1) fundador da Federação Ferrer da America, membro do comité militar revolucionario de Leningrado em 1917, anarchista e tchekista, antimilitarista e commandante de divisão, ministro da Guerra e dos Transportes na Republica do Extremo Oriente, organisador da industria do Kuzbass, e *trusteur* do trigo em Kuban.

Respondi-lhe:

— Apresenta-me como um velho banqueiro.

Elle me olhou espantado mas fez como eu dissera.

Se tivesseis visto as cabeças desses velhos Senhores banqueiros!

Tomei a palavra, e eis o que disse:

— Cidadãos, eu sou de facto um velho banqueiro, e mesmo, provavelmente, um dos mais velhos dentre vós, pois durante a revolução de 1905, quando não tinha mais que 15 annos, expropriei, juntamente com um grupo d ecamaradas anarchistas, não poucos bancos da Ukrania, em consequencia do que, naturalmente, participei da gestão de seus fundos!"

(1) Industrial Workers of the World — Trabalhadores industriaes do mundo; agrupamento dos syndicatos revolucionarios dos Estados Unidos.

Bill Chatov é um homem de 44 annos, vigoroso como um touro, de labios carnudos, de grandes olhos á flôr do rosto e de nariz realista. Physicamente, um Falstaff judeu que falasse inglez com o accento do East-Side.

Elle nos convidou a tomar chá em seu quarto cheio de livros e de brinquedos russos coloridos, na tarde em que fômos vêr, ás portas de Novossibirsk, a nova ponte sobre o Obi que está sendo terminada, uma ponte de 1.000 metros que reune os dois ramaes da estrada Novossibirsk-Leninsk-Kuznietsk, uma ponte de dezesete pilares, que 3.000 homens vão construir em dez mezes, "a maior ponte do anno" — como diz Bill —, dos 1.100 kilometros de vias férreas que elle está collocando na Siberia.

— Está claro que sou tão engenheiro quanto era banqueiro. Se quizerdes, serei um "engenheiro social". O que faço? o seguinte. Chamam-me ao Comité central e me dizem:

— Ha um bilhão de rublos ouro para gastar em cinco annos, na construcção duma rêde ferroviaria na Siberia.

Então, pergunto:

— Haverá, pelo menos, bastante mão-de-obra?

— Até demais!

— Combinado!

Partimos em numero de quinze, tendo onze mezes na frente, e, para começar, 120 milhões de rublos para gastar nesses onze mezes. Ao chegarmos a Novossibirsk, eramos quarenta. O nucleo central da bola de neve. E é rolar!

Quando fizemos o *Turksib,* o mundo inteiro nos assistiu deslocar, em três annos, 21 milhões de metros cubicos de terra, construir 170.000 metros cubicos de betume e collocar 1.500 kilometros de trilhos. Desta vez, devemos deslocar 20 milhões de metros cubicos de terra, edificar 197.000 metros cubicos de betume e collocar 1.100 kilometros de trilhos, tudo em menos de um anno.

Todo o mundo disse: "Impossivel".

Impossivel? Olhe, veja minha oração da manhã e minha oração da noite.

Na parede, enquadrando a janella, duas grandes folhas de papel,

nas quaes estão caligraphados dois poemas em inglez, reinando como versiculos da Biblia:

There are thousands to tell you it cannot be done
There are thousands to prophesy failure
There are thousands to poin out to you, one by one
Theddangers that wait to assail you.

Sombody scoffed: Oh you'Li never do that
At least no one has ever done it!
But he took off his coad and he took his hat
And the first thing we knew de'd begun it.

— Ha gente aos milhares para dizer: é impossivel fazer isso — aos milhares para prophetisar a derrota — aos milhares para vos mostrarem os perigos que vos rodeiam.

— Alguem ria: Tu, fazeres isso? — Pois se nunca o fez! — Elle tirou o paletot e o chapéu — e antes mesmo que pudessem perceber... elle começára".

— Impossivel? Nós já conheciamos essa cantiga. Tranquillamente, começámos a fazer rolar a bola. Os quarenta homens se transformaram em milhares, e hoje, depois de nove mezes, já foram retirados 15 milhões de metros cubicos de terra e collocados 130.000 metros cubicos de betume.

"As difficuldades? Esperae um pouco... Sim, houve-as. As maiores? Palavra que foi alojar esses demonios desses quarenta primeiros que eramos, e encontrar um lugar onde pudessem trabalhar... O telephone. Com licença.

— Allo! Allo! Hein? Como?... Não... Não tem importancia... Faça assim mesmo.

"Em que ponto estavamos? As difficuldades? Sim, falemos sério. Houve coisa peór. Sabeis que ha duas maneiras de fazer a barba, á russa e a européa. A' européa, o barbeiro vos ensabôa durante cinco minutos e vos barbeia em um. O barbeiro russo vos ensabôa em um minuto e leva meia hora para vos barbear. E assim em tudo. E isso é que é absolutamente aborrecido. Para o futuro,

será preciso começar pelo começo, pelo ensaboamento, quer dizer, por prever os alojamentos, o material e a alimentação.

"Evidentemente, isso não é facil. A mão-de-obra? A gente a desenterra, e ainda falta uma bôa porção, e não ha meio de encontral-a. O material? Falta cimento — uma vez ficámos noventa dias sem receber um só barril. Faltam trilhos, faltam cavilhas, faltam pregos. E' que, aqui, em toda parte se necessita de homens, de cimento e de pregos, por isso que por toda parte se constróe.

"Estivessemos na America, e eu daria um telephonema á Bolsa do Trabalho:

— Allo! Enviem-me para o dia 30 de outubro 5.000 terraplenadores. E sem esquecer que faço questão que tenham cabellos ruivos.

—*All right!*

— E para o dia 15 de novembro, 50.000 typos de olhos azues.

— *O. K.! Combinado!*

"Pois bem, não só eu encontro meus ruivinhos e meus olhos azues, como ainda teria um conflicto deante de minha porta, porque nem todos poderiam ser aproveitados.

"Falta de cimento? Annuncio no jornal. No dia seguinte, presença certa em meu hotel de 250 representantes de todas as firmas de cimento dos Estados, com amostras e uma bôa commissão se eu quizesse dar a honra e o prazer á marca Z ou á marca W de a escolher.

"Pregos? Mas eu teria o dobro de pessoas para fazerem fila á minha porta e me dizerem:

— Sr. Chatov, dar-vos-emos todos os pregos que quizerdes, e mesmo, se vos agradar, a côr da cabeça dos preços será combinada com a côr de vossos phonographo ou a de vossas ceroulas.

Nos Estados Unidos, os engenheiros e os representantes se suicidam, por falta de trabalho.

Aqui, a gente tem que fazer tudo ao mesmo tempo. Os sabotadores se entenderam para crear uma desproporção tragica entre as necessidades em vias férreas e a constrlcção industrial. Eis porque não temos tempo de nos prepararmos. A gente constróe estradas, faz encommendas, a 4.000 kilometros do centro, e isso, onde? Isso na Siberia, em pleno tumulto da collectivisação, na Siberia do camponez rico, forte, individualista, na Siberia sem operarios onde é

preciso arranjar oitenta mil constructores, quer dizer, uma população de duzentas mil pessoas, contando suas mulheres e seus netos!

Na America ha os arranha-céu gigantes. Nós somos os arranha-chão. As proporções são as mesmas.

No local em que trabalhamos hoje e onde estabelecemos nossos campos de gypses, amanhã haverá sómente o deserto ou a floresta, e uma guarda-barreira cada trinta kilometros...

E entretanto, é preciso levantar ali cidades provisorias, onde possam dormir, comer, limpar-se, instruir-se e distrahir-se milhares de individuos. Ali, cada um de nós, responsaveis, tanto das Juventudes como do Partido e da administração, deve se transformar em não importa o que: radiotelephonistas, commerciantes de sôpa, cooperadores e pedagogos, actores e pagens, esportistas e gynecologos.

Chegam-nos rebanhos de typos sem a menor consciencia de classe, rapazes de todas as raças, de todas as côres, amigos e inimigos. E' preciso organisar tudo isso.

Elles são as ripas do tonel que é preciso ajustar — um tonel de 85.000 ripas.

Então começa o trabalho dos jovens: jovens engenheiros, jovens administradores, jovens marcineiros, jovens pedreiros, jovens terraplenadores, jovens ferreiros, *comsomols*, que formam os aros do tonel. Aros de ferro. De cinco a dez mil typos enthusiastas. E' o signal de partida para a competição esportiva do trabalho.

A média de terra que póde deslocar um homem e um cavallo num dia é de 10 metros cubicos? Os jovens proclamam: "Faremos doze! E vae-se vêr o que se vae vêr".

— Como, diz uma outra equipe, sómente doze metros cubicos? Nós faremos treze!

Ah! Outra vez o telephone! — Sim... Cimento? Mas eu não posso me transformar em cimento! Quantos wagons?... Combinado...

Os *komsomols* duma aldeia lançam uma palavra de ordem, e eis que o trabalho ideologico — o mais importante — entra em acção:

"Cada pasada de terra nos approxima mais da realisação do plano: Façamos quinze metros cubicos!"

Outros respondem: "Cada porção de terra approxima mais de nosso kolkhoze os tractores de que necessitam nossos campos: façamos dezesete metros cubicos!"

O verdadeiro *udarnik* é o "collectivo". Mas a honra de cada individuo está em jogo. E nada iguala a gloria dum *udarnik* victorioso. Então começa nosso trabalho, de nós, administradores: sustentar materialmente a emulação partida da base.

O *udarnik*, o operario de choque, terá uma alimentação mais abundante que os outros. Receberá em primeiro lugar productos manufactuados defficitarios. Ao melhor *udarnik* será conferido um diploma, ou premios, ou uma roupa nova, ou uma balalaika, ou uma viagem a Leningrado, ou uma estação no Caucaso. E sua photogrphia será publicada no jornal. E nós escreveremos ao Soviet de sua aldeia: "O Camarada Ivan Inanovitch Petrov, kolkhoziano empregado na construcção da estrada de ferro, trabalhou como *udarnik*".

As aldeias, que velhas rivalidades dividem, transportam suas rixas para o terreno da competição socialista: "Esses patifes de Serguievo fizeram dezoito metros cubicos! Não se dirá que nós, rapazes de Dobrinovo, fizemos menos!"

Emfim, competição de linha a linha e de rêde a rêde...

Mas para que tudo isso seja possivel, é necessario que os animadores trabalhem bem. Todo esse novo proletariado acampado no deserto quer ter seus restaurantes, suas créches, seus theatos, seus cinemas, seus clubes, suas escolas, seus correios, suas duchas e seus seis jornaes volantes, sem contar os milhares de jornaes muraes. Vistes nossa ponte? E' um detalhe: mil metros de armações e duas vias férreas, em 10 mezes. Quando construiamos Turksib, leváramos dezesete mezes para construir uma de quinhentos metros, com uma via férrea.

Sei que o proximo que construimos terminal-o-emos em cinco mezes e meio, mesmo que tenha 1.200 metros de comprimento.

Nossa ponte sobre o Obi estará terminada a 7 de novembro. Não porque seja o anniversario da Revolução, e sim porque depois de novembro o Obi gela. E' preciso concluir. E' absolutamente necessario, e sel-o-á!... Sete de novembro!"

Chatov se levantou. Elle esmurra o ar com um punho de boxer. O telephone sôa outra vez, Chatov lança três ordens a duzentos kilometros e volta:

— Tenho um sonho, diz. Construir uma usina e pol-a em movimento. Trabalhar, emfim, sobre um espaço bem pequeno. Concentrar forças em lugar de dispersal-as, sobre milhares de kilometros

Se tivesse uma empreza como o Kusnietzkstroi para montar, faria levantar no centro uma torre de madeira, de onde poderia tudo controlar, segundo por segundo....

...Allo! allo! Hein?... Sim... Partir esta noite para Alma-Ata? A' meia noite e meia? E' meia noite? combinado... Mande o automovel.

Até logo, camarada.

Ah! a proposito, saudae de minha parte os companheiros anarchistas da França. Dizei-lhes que se sou membro do TSIK, nem por isso adheri ao Partido Communista.

Apenas, continúo revolucionario.

A tragedia dos individualistas na época em que vivemos, é que, levantando-se contra nossa enorme empreza, elles servem — quaesquer que sejam suas intenções — a contra-revolução mundial".

VII — Micha, o pequeno delinquente, começa a comprehender as coisas

Vestido de rasgões ligados pelos trapos duma velha farda, um pé sem sapato mettido numa meia curta e esburacada presa por um fiapo, o outro enfiado num velho sacco amarrado com palha, uma aba da casquette cahida sobre os olhos o rosto absolutamente sujo e as mãos enlutadas escondidas em suas mangas muito compridas, Micha acorda dentro da lata de lixo da sala de espera de Novossibirsk. E' que o varredor precisa por o cisco nalgum lugar. Micha escarra, se assôa nos dedos, resmunga, e, com um andar balanceado de Carlito, se vae, afim de inspeccionar os montes de valises e embrulhos dos viajantes que enchem as salas. Infeliz daquelle que perder de vista por um segundo sua bagagem! Úa mão mais rapida que o raio, articulada com um corpo insequestravel e com pernas instantaneas, della se apoderará, e, esgueirando-se atravez da multidão, Micha desapparecerá dentro da noite, afrontando os gritos, as pernas e os tiros de revolver.

Micha tem dezeseis annos, mas a gente lhe daria doze.

Elle nasceu em Leningrado, dois annos antes da Revolução. Sua mãe era lavadeira. Elle nunca conheceu seu pae. Tinha 8 annos quando sua mãe morreu. Quando ella deixou o hospital, deitada em seu caixão de madeira fina, Micha ficou plantado no meio da rua, sósinho.

E a grande rua fria o engoliu, a rua á qual se segue uma outra rua, no fim da qual ha uma estrada e no fim da estrada uma estação, e na estação trens, e, sob os wagons, plataformas em que a gente se installa, entre os eixos, durante todo o percurso da estrada que vae de Leningrado a Vladivostok, e de Moscou a Bakú, e de Astrakan a Tachkent, e de Samara a Odessa. Historia eterna de tantas crianças, atravez das immensas terras de todas as Russias...

De que modo viver? E' verdade que ha o bazar com seus detrictos, as cascas de batatas, os talos de couve, as cenouras desgarradas e os pedaços de pão sujo: as migalhas da N. E. P. Mendiga-se, evidentemente:

— *Daitie kopeiku...*

Mas muito embora criança, a gente tambem tem sua honra, no mundo dos sem-tecto, dos *briezprisonie*, e quando se faz parte duma quadrilha de crianças, é preciso saber conservar sua posição, poder pagar de tempos em tempos uma rodada de *voditchka* aos amigos, jogar, offerecer uma pitada de cocaina e presentear as meninas com um lenço de sêda enfeitado.

E então a gente rouba. Ha cidadãos muito elegantes que tomam a gente a seu serviço e ensinam a cortar um bolso com uma lamina Gillete, a penetrar silenciosamente pelas janellas das villas, a forçar as fechaduras, a applicar a estrategia complicada do roubo organisado. E' preciso, ainda, saber luctar com as mãos, com as pedras, com o páu e com a faca. E' a vida difficil.Dorme-se em porões, em terrenos baldios, em casas abandonadas, em estações, em canos conductores, em fornos de tijolos, na rua, onde fôr possivel. No inverno, principalmente, a vida é penosa. Vanka morreu gelado no outro dezembro, Jenka foi cosido num forno de asphalto, Kolia assassinado com uma facada, na neve e Gricha cahiu do trem.

Mas é raro morrer-se de fome, pois os *biesprisornie* se sustentam uns aos outros e o chefe da quadrilha jamais perde o senso de sua responsabilidade. E depois, desde que voltam os bellos dias, quando os rios crescem, quando as betulas começam a se salpicar de botões, é a bôa vida...

De tempos em tempos, evidentemente, é-se apanhado pela milicia.

— Que ireis fazer commigo? Sou menor. Não podeis me condemnar!

Micha é enviado para um asylo de menores, catado, lavado, vestido, ensina-se-lhe a lêr, a escrever e a exercer uma profissão. Estamos em 1926. Uma profissão? E' a época do desemprego. Então, para que serve uma profissão? Fóra, é a *Nep*, com as lojas regorgitantes de productos, as vitrines pouco fiscalisadas, os nepmen de enormes carteiras, os kulaks de bolso recheiado, as mulheres dos especuladores de bolsas bem guarnecidas.

Como é tentador, o bom monturo quente da Nep!

Uma noite, Micha sahe do asylo de menores, como todos os dias, e não volta.

Encontrou rapidamente seus companheiros.

— Eh! *Ribiata!* é Micha que chega.

Elle bate nas coxas, avança com um calcanhar e úa mão para traz, e dansa.

Micha vende seu paletot, sua calça, seus sapatos, suas meias, e compra por alguns kopeks uma velha roupa piolhenta. Eil-o que partiu.

Para onde irá? Para as estações de aguas do Caucaso, "en brulant le dur". Elle trabalha, agora, por sua propria conta. Tornou-se um especialista do roubo nas estações e bazares de Jellesnovosk, Piatigorsk, Essentuki, Sukhun, Sotchi, Livadia.

O clima é agradavel e a vida facil, tanto no Caucaso como na Criméa. E caso se seja agarrado, o asylo de menores é agradavel como um sanatorio.

Os mezes passam, entrecortados de capturas, de estações nos refugios e de golpes mais ou menos felizes.

1930. O plano de cinco annos em 4 annos accende suas palavras de ordem em todos os muros. A collectivisação começa a esvasiar os bazares. O commercio de Estado se extende por toda parte.

Micha, que aprendeu a lêr, vê de todos os lados appellos em pról da industrialisação, da technica, da cultura. Ha cada vez menos companheiros com os quaes se associar. Os pequenos são raros, e

quanto aos grandes, não se sabe onde se meteram. O que é certo, é que a desocupação cessou...

Com essa já são oito vezes que Micha é detido. O "trabalho", agora, se tornou muito mais difficil que antigamente. São necessarios um sangue frio e um dominio de si mesmo especiaes, para se ser bem succedido. Se não houvesse os especialistas, os delegados extrangeiros e os turistas, então estaria tudo perdido.

Dizem nas ruas do Sul — são os operarios vindos do Norte, em férias, que dizem isso — que todo o mundo se precipita para a Siberia, que foram descobertas lá immensas minas de carvão e que vão ser construidas cidades e usinas gigantes. E' uma nova America

Isso dá vontade a Micha de mudar de ares. Em primeiro lugar, elle sempre sonhou com a America. Devem acontecer coisas e mais coisas num paiz desses, sem contar que deve ser bem interessante, esse tal de mundo novo.

Adeus, companheiros! Adeus, meninas! A caminho para a Siberia.

E eis o fim do verão, e o abandono, e a estação de Novossibirsk, onde, desde que ahi dorme, Micha não pôde pilhar a menor valise. E' preciso mendigar:

— *Daitie kopeiku...*

No meio dum grupo de viajantes somnolentos, Micha cantarola, acompanhando-se com uma caixa de phosphoros, sua canção triste e cynica de pequeno alcoviteiro:

Nossas senhorazinhas,
como pequenas mãezinhas,
usam chapéus da ultima moda,
e saias curtas,
com uma préga do lado:
e seus pobres maridos andam sem ceroulas.

Ri-se, mas não se dá nada.

A ultima empreza lucrativa de Micha data de quinze dias. No bazar de Omsk elle atracou-se com úa mulher — uma secretaria-dactylographa, provavelmente — que carregava maçãs e uma bolsa. Elle lhe disse:

— Dá tua bolsa ao biezprisorni!

— Vae-te embora ou eu chamo o miliciano!

Micha sabia perfeitamente que não havia milicianos pelas redondezas. Por isso insistiu, imperioso:

— Dá tua bolsa para o biezprisorni!

A cidadã continuou seu caminho apressando o passo. Então, Micha tirou de seu bolso uma caixinha cheia de piolhos, pacientemente collecionados, abriu-a, e jogou o conteúdo sobre a dactilographa, gritando:

— Toma, eu te dou meus piolhos!

A secretaria deu um grito e largou suas maçãs e a bolsa. Micha apanhou as maçãs e a bolsa. Dentro da bolsa havia cinco rublos, um baton de rouge com esponja de pó de arroz, um lenço e alguns papeis. Micha, como é de direito, jogou os papeis numa caixa do correio, vendeu o lenço e a bolsa no bazar e deu o baton de rouge e a esponja á sua amiguinha de Omsk, uma tartara...

Decididamente, a Siberia não é o que se diz. Se a America é assim, não tem nada de interessante. O que é verdade, é que aqui todo o mundo trabalha. Ainda agora mesmo, Micha reconheceu um antigo companheiro, mais velho que elle, Aliucha, que fazia parte de sua quadrilha em Rostov. Alexis Bogdanov, *komsomol*, estuda para engenheiro no Instituto do carvão.

Micha encontrou muitos como esse, e isso o aborrece. Aborrece-o e ao mesmo tempo o agrada. Isso o agrada porque honra o "meio", e porque prova que a vida difficil fórma verdadeiros homens.

A disciplina é uma coisa bastante conhecida nas quadrilhas. Mas o principal está em aprender nos livros.

Muitas vezes Micha pensou em aprender tudo, em saber tudo, mas isso leva tanto tempo! E' verdade que hoje as coisas se passam mais depressa; tem-se necessidade de trabalhadores qualificados, de especialistas. Os cartazes, os alto-falantes, gritam-no por todos os lados. O pedaço de jornal com o qual Micha está fazendo um canudinho para fumar a ultima *makhorka* do fundo de seus bolsos, é ainda um annuncio que reclama operarios e montadores para Kuznietskstroi.

Micha coça a cabeça e pensa: *Estamos em* 1931, *e não mais em* 1926. *E' isso.*

Micha percorre Novossibirsk: Por toda parte, vindos da estação,

caminhões transportando cimento ou fêrro e telégas carregando madeira e tijolos. Quantas casas bonitas se constróem! E que bellas casas se fazem para os operarios! Os andaimes envolvem predios em construcção e os marcineiros os recobrem para protegel-os da neve. O outomno está ahi...

Escolas... Escolas... Escolas... Na cabeça de Micha, dansa como um refrão que o obseca, a phrase:

Estamos em 1931, não estamos mais em 1926.

Ao lado das sete escolas superiores, constróem-se outras sete! Por toda parte ha institutos e escolas de fabricas. E os pequenos engraxates, com os quaes Micha tenta ligar conversa, são alumnos da escola de 9 annos que utilisam seus dias de folga para ganhar alguns rublos. Este quer ser montador, aquelle engenheiro, este outro ajustador.

— E eu? O que poderei ser eu? pensa Micha. *Agora estamos em 1931, não estamos mais em 1926.*

Micha olha suas mãos de dedos compridos, suas mãos espertas, desembaraçadas, feitas para todos os roubos. Serralheiro! Sim, é isso, elle será serralheiro! Vamos!

E elle se decide. Pergunta em que rua fica a *Casa das Crianças* e se dirige a ella.

Ao chegar, elle se atrapalha. Tem vergonha de entrar assim, sem mais nem menos. Senta-se na escada para reflectir mais uma vez no que vae fazer.

Atraz, abre-se uma porta. Elle se volta. E' o camarada director da casa. Micha o cumprimenta.

— Bom dia, tio!

— O que fazes ahi?

— Bem! vim vêr se me acceitam aqui.

— Estás farto de vagabundagem, hein? Ou será porque o inverno está perto?

Micha se levanta, como se o tivessem insultado, e orgulhosamente, diz:

— *Não, é porque hoje estamos em 1931, e não mais em 1926!*

. . . .

Foi nesse asylo de menores de Novossibirsk que encontrei Micha e muitos outros meninos como Micha, nas officinas de pelliças, de cortume e de metallurgia, onde trabalham 4 horas por dia, esperando as 4 horas de instrucção geral que completam sua jornada.

Um delles, Ivan Loguinov, secretario de seus pioneiros, nos precedia por toda a parte, e eramos recebidos por rostos illuminados e por hurras.

— Temos aqui 960 crianças de 5 a 16 annos, das quaes 158 meninas. Chegam-nos por intermedio da *Commissão de crianças*, nos diz o director. Entre elles, ha apenas 60% de *biezprisornie*. A infancia vagabunda, praga tradicional da Russia, agravada ainda mais pela guerra civil e a fome, está hoje quasi liquidada. 40% de nossos pensionistas são orphãos ou filhos de alcoolicos e de ladrões, que isolamos de seu meio. Nós os orientamos aqui num trabalho dado, depois dum exame da commissão medica. São livres de trabalhar ou não. Têm suas organisações de Pioneiros e de Juventudes, seus Soviets de officinas, seus cantos vermelhos e seu cinema. Evidentemente, elles têm liberdade de sahir depois do trabalho. 30%, mesmo, mora na cidade. Alguns se casaram, e nós já formámos, além de centenas de operarios qualificados e de chefes de officina, 8 engenheiros. Temos entre nossos meninos artistas e poetas. São todos alojados e alimentados gratuitamente. Ganham, por seu trabalho, de 20 a 50 rublos por mez, e só descontamos de seu salario a roupa e os pequenos gastos de manutenção. Nós os mandamos passar suas férias nos acampamentos de Pioneiros e nas estações da Criméa ou do Caucaso.

Facto novo: elles não fogem mais.

Naturalmente, no começo, nem tudo é facil. Ha alguns que possuem o habito de beber, outros que têm o facão muito prompto. Mas, ao fim de seis mezes, são já novos homens, enthusiasmados por sua nova vida e trabalhando em brigadas de choque. No fim de dois annos, são operarios.

— E Micha?

— Micha? E' um dos nossos melhores aprendizes serralheiros e um de nossos alumnos que tem mais vontade de aprender. Ainda lhe acontece, de tempos em tempos, beber um golesinho, lá fóra. Mas

cada vez menos frequentemente, e de cada vez elle se arrepende de tal modo que comove a gente.

Visitamos a officina dos brinquedos, onde dezenas de crianças, meninos e meninas, parecem brincar de fazer bonecas, e, no momento em que sahimos, vou pensando nesses milhares de meninos tragicamente seleccionados, que, como Micha, ou como Gratcho, o antigo *biezprisorni* arrebatado pela officina de mechanico, estão constituindo para a construcção socialista e a defesa da Revolução, quadros intemeratos, forjados na escola da mais feroz energia.

"*Não estamos mais em* 1926, *estamos em* 1931".

Não ha mais lugar, na nova Russia, na Republica dos Soviets de 1931, para o *biezprisorni* profissional. O sem-tecto encontrou o tecto da industrialisação. Os gigantes industriaes têm uma sêde de homens inextinguivel, e o antigo *biezprisorni,* de energia canalisada para o trabalho é para elle um alimento de categoria. E' um fermento precioso na massa da nova humanidade.

Hontem, o *biezprisorni,* que não via sahida para sua existencia de pequeno delinquente, ainda cantava sua cançãozinha desesperada:

Quando eu morrer,
serei enterrado,
e ninguem saberá
onde está meu tumulosinho.

E ninguem visitará
meu tumulosinho.
Sómente, na primavera,
o rouxinól ahi cantará.

Hoje, Micha, o *biezprisorni* de hontem, declama os versos de seu camarada Vassia Krabenikov, um dos poetas da *Casa das Crianças* de Novossibirsk:

A ti, manhã clara e fresca!
Vou construir andares.
Minhas mãos são valentes,
meu peito é forte.
Por cima de mim passam nuvens!
Esse trabalho é bem feito para mim.
e depois, é facil construir uma parede,
collocando os tijolos um sobre o outro;
a parede vae subindo para o céu.
Como é agradavel e alegre sobre os andaimes!
Os andaimes picam como espinhos!
Que os andaimes cresçam e sejam fortes!

Micha canta o orgulho do trabalho socialista.

VIII — Kuznietskstroi, ou as novas pyramides

Khitarov, secretario do comité regional, e Frankfurt, administrador communista do *Kuznietskroi* e membro do Tsik, ambos falando muito bem o francez, foi que nos receberam em Kuznietsk, depois de trinta horas de viagem.

Juntamente com Frankfurt, constructor inquieto e poderoso, subimos, atraz das betulas do *Sad* em direcção ás culminancias da "alta colonia".

Foi aqui, no mais fundo da Siberia occidental, aos pés do Altai, o planalto de Novo-Kuznietsk, um largo circulo de collinas á margem do Tom, onde 140.000 habitantes se installaram em 18 mezes, para construir uma cidade gigante de aço, um novo *Garry.* (1)

Ao longe, perdida nas brumas, do outro lado da represa, á beira duma collina, a velha cidade, um burgo siberianno, dominado por uma igreja branca. Em nossa frente — contornos enormes — a cidade nova, a cidade de madeirames, de chaminés, de betume e de fumaças, onde reinam dois altos fornos.

---

(1) Cidade americana do aço.

— Daqui — diz Frankfurt — podeis avistar nosso orgulho e nossa vergonha, o bem e o mal, o melhor e o peór.

"Ha 18 mezes, no lugar em que vedes nossos dois primeiros fornos e seus *Cowpers*, (1) essa enorme usina electrica e suas chaminés, as construcções gigantescas da fabrica de coke, as laminações, as fundições e as officinas de *Stalmost* — toda nossa gloria! — havia apenas valles ligeiros, cortados de bréjos.

"Foi necessario "fazer" primeiro o planalto, quer dizer, começar por nivelar, sobre dezenas e dezenas de hectares, o solo em que iamos construir. Depois, foi preciso rasgar esse terreno, para nelle collocar os alicerces. O velho Kuznietsk do outro lado da agua, não contava 5.000 habitantes. Começámos com 3.000 operarios. Elles são hoje 40.000!

"Mas o peór não é nivelar, cavocar e construir. E' preciso preparar.

"Aqui, a desgraça foi que não pudemos preparar nada. Essa nossa vergonha.

"No Ural ou em Stalingrado, existia uma industria; já havia, pelo menos, alguma coisa. A Siberia é uma velha conhecida minha. Fiz, perto de Tomsk, longos mezes de permanencia forçada, sob o Imperio. Antes da guerra, no maximo podia-se contar aqui, exceptuando os ferroviarios, 5.000 operarios industriaes. Não havia nem mesmo um marcineiro que pudesse enterrar convenientemente um prego, em primeiro lugar porque não havia pregos. Chamar os trabalhadores dos grandes centros? Os operarios não estavam nada enthusiasmados. Dizieis a alguem, em Moscou ou na Ukrania:

— Vaes trabalhar na Siberia!

Elle respondia:

— Mas que foi que eu fiz?

"Eramos, pois, obrigados a nos dirigir á mão-de-obra local das aldeias. O camponez siberiano chegava. Elle nunca vira coisa alguma. Uma locomotiva era, para elle, motivo de estupor. E eis que começava a ouvir martellar por cima de sua acbeça, e o vapor, ou o

(1) Recuperadores de altos fornos.

tubo oxhydrico assobiar de todos os lados. Elle tinha mais vontade de fugir que de trabalhar.

"Kuznietsk, repleto de camponezes atrapalhados, não era mais uma officina de construcção, era uma escola de aprendisagem para adultos atrazados!

"Entretanto, os dias passavam. Era preciso construir a usina de coke, a estação, os altos fornos, e, para montar tudo isso, a nova mão-de-obra chegava incessantemente. Essa mão-de-obra era preciso ser alojada. Para alojal-a, era preciso cimento, era preciso madeira, precisam-se de homens... Mas para trazer o cimento, a madeira e os homens, não havia mais que uma estrada de ferro, de uma unica via, sobrecarregada de machinas e de material de aço.

"E' verdade que havia a Cidade Socialista, que crescia ao mesmo tempo que as usinas. Vós a vedes, ao longe, a leste, toda vermelha, nos confins do planalto. Poderá conter 100.000 habitantes. Mas actualmente, não conta ainda mais de dez casas habitaveis de 4 andares e 32 alojamentos, sobre as 35 que estão em construcção. A' parte essas construcções e o quarteirão B, a "alta colonia", onde moram os technicos extrangeiros, não ha — e isso é o peór —, outra coisa senão essas cabanas de torrões de terra, que se alinham sobre a collina, e o "baixo quarteirão", essas barracas ou essas tendas que percebeis, agrupadas por toda parte. Madeira! Cimento! Homens!

"Ha 140.000 metros quadrados de alojamentos a construir. Não ha melhoramento possivel da vida cultural, sem melhoramento de alojamento.

"Já temos créches, jardins da infancia, um hospital, escolas, depositos de livros, um theatro, um aeroporto, clubes e edificios onde pódem dormir e se instruir 6.000 estudantes. Mas nós precisamos de pedreiros!

"Alimentamos diariamente 80.000 pessoas em nossos restaurantes. Em 18 mezes, trouxemos a agua do Tom pará este planalto; 130 kilometros de canalisação, repartidos em sete systemas, que vão desde a agua potavel até o vapor. Vêde, ao longe, essas construcções á margem do Tom, ao sudoeste. São nossas bombas. Para alimentar as usinas da cidade, precisamos, aqui, do dobro da agua necessaria á Moscou. Construimos estradas. Collocámos 137 kilometros de tri-

lhos communs, e só para o trabalho do "Planalto", utilisamos 40 locomotivas e 800 wagons.

"A construcção de nossa primeira central electrica está terminada, e dentro de dois ou três dias inauguraremos a primeira turbina.

"A primeira officina de nossa usina de coke, com suas duas baterias de 55 fornos e suas usinas auxiliares de productos chimicos, está quasi concluida.

"Sobre nossos quatro altos fornos, dois estão promptos para entrar em funccionamento. Nossos 15 fornos Martin, de capacidade de 175 toneladas por dia, estão sendo montados.

"Vedes essas longas officinas? São as officinas de laminação, offcinas-recordes, nas quaes laminaremos trilhos sobre uma extensão de um kilometro. Teremos ahi pontes moveis de 220 e 275 toneladas, e adelgaçadores de 1.170.000 toneladas de capacidade por anno, nos quaes bastará apertar um botão para achatar blocos de 8 toneladas de ferro fundido.

"Nossas officinas já nos fornecem 3.000 toneladas de peças de aço por mez, para nossa construcção.

"A seu lado, vedes a nossa fundição, que tratará, tanto em ferro fundido como em aço e bronze, 45.000 toneladas por anno.

"Lá ao longe, á beira do Tom, atraz da colonia baixa, está nosso *"Combinado"* da madeira. Do outro lado, ao norte, nossas tijolarias. E é do lado de lá, atraz dessa montanha, que se encontra nosso carvão explorado mais proximo, na mina de Aralitchevo.

"Ahi está, foi tudo o que pudemos fazer em 18 mezes. Teriam sido necessarios 4 annos num paiz capitalista. Fizemol-o graças ao esforço "collectivo" dos engenheiros communistas e ao trabalho dos *udarniks*. De que modo? Conversae com os operarios. Elles vol-o dirão.

"E' uma verdadeira epopéa de massas, um relato de batalha revolucionaria apaixonante, onde os homens se sacrificam sem vacillar, com um heroismo de todas as horas.

"Uma creação como esta, com suas difficuldades, que seriam irremoviveis em qualquer parte, absorve a gente, e não se vive mais senão por ella. A gente não descança mais, se esquece de dormir, se esquece de comer. Um engenheiro communista cospe sangue. Exijo que parta para o sanatorio. Elle me responde sorrindo, como a uma brincadeira absurda:

— Partir agora? Mas é impossivel!

"Poderia citar-vos cem exemplos identicos. As crianças de 8 annos se enthusiasmam tanto quanto os velhos e os adultos. Os camponezes assombrados de hontem, em poucos mezes se tornam operarios habeis, e os kulaks deportados, os proprios kulaks "deskulakisados" formam brigadas de choque.

— Os kulaks?

— Sim, vos os vereis...

. . . .

Descemos a collina no momento em que as janellas das casas da Cidade Socialista e da "colonia alta" já se illuminam.

Estrellas vermelhas brilham sobre a usina electrica, sobre os comilões dos altos-fornos e sobre os *cowpers*. Milhares de lampadas se accendem sobre os andaimes, onde o trabalho continúa.

Num terreno heriçado de vigas, de traves de ferro, atulhado de materiaes e cortado de trilhos e de fossos, penetramos no meio duma multidão compacta que se dirige seja para as officinas, seja para os clubes, restaurantes e cooperativas.

Circulam ordens pelos fios telephonicos, dispostos sobre dez vezes 5 casas.

Grandes gorros de carneiro, toucas siberiannas de pontas de pelle de esquilo, de cabra ou de cabrito, roupas de couro, *tulupas* (1) de colchetes, laptis, bottas e casquettes de mulher, mulheres de sais curtas e soldados vermelhos de longas saias. O branco da cal, o negro do carvão, o vermelho nos labios. Uma camponeza de *platok* de flores amarellas, de vestido azul, de blusa de bolinhas e de bottinas pretas: toda a aldeia. Moços e moças uniformisados de *Jovens Guardas*, mujiks de todas as partes com todas as barbas possiveis. Sibenos de dois metros carregando vigas, tartaros carregando saccos, mongóes carregando agua, babas carregando tijolos. Um regimento de pintores heriçado de grandes pinceis brancos. Terraplenadores á

---

(1) Tunica de pelle de carneiro, cuja lã fica interiormente, e que constitúe a roupa de inverno do mujik russo. (N. do T.)

sombra de suas pás. O homem! O homem! O homem! Duas filas de carroças estreitas e baixas como carros antigos, umas vasias, outras transportando um carreiro e terra. Vaccas e seus respectivos bezerros. Uma locomotiva. Todas as variedades de *tarantass*, (1) de *lineika* e de *telégas*, carregando ferro, madeira, canos, pão, melões, caixas, janellas, jarros, carne, pedras, machinas e funccionarios preoccupados, com seu prato sobre os joelhos. Um omnibus cheio a ponto de arrebentar. Tractores dansarinos. Uma carregação de americanos de *knickers* em cima dum caminhão verde. Um carregamento de allemães de *windjake* em cima dum caminhão cinzento. Correntes ininterruptas de homens, automoveis, cavallos, carruagens, num acotovelamento quente de circulação serrada, num e noutro sentidos.

Relinchos, ranger de rodas, arrôtos de klaxon, alaridos de sereia, estouros de motores, metralhar de martellos pneumaticos, gritos de flautas, apitos de locomotivas, bramidos de amassadores, ferro contra ferro, madeira contra ferro, vapor contra ferro.

Só a voz dos homens não se ouve. Seu immenso trabalho silencioso corre por entre as construcções gigantescas e as trincheiras monumentaes, como uma lava.

Aqui, é todo um povo que passa, construindo as Novas Pyramides de aço e de betume da industria pesada.

Mas elle as constróe para sua propria gloria, para sua propria defesa, e pela Revolução mundial.

IX — Os kulaks na casa de Dostoevski

Nossos cavallos andam á roda, depois duma corrida desabalada pela lama preta.

O camarada que nos acompanha diz:

— Aqui se levantava a fortaleza de Kusnietsk, onde Dostoievski foi encarcerado por sua participação no grupo de Petrachevski, o

(1) Especie de carruagem rustica de 4 rodas, usada na Russia. (N. do T.)

primeiro circulo socialista da Russia, em meiados do seculo XIX.

Sobre um outeiro que domina o Tom, ruinas de muralhas orladas de ouro, duma espessura de 5 a 7 metros, desenham um longo entrincheiramento regular. Aqui ficava o "Planalto dos Mortos", a "Casa dos Mortos" do tsarismo. No meio, entre a vegetação, insignificantes filamentos vermelhos e brancos são tudo o que resta da alvenaria das casernas. Sómente a igreja, com seu duplo campanario, ficou de pé, á entrada do bastião. Em sua base ella fórma uma porta monumental, a porta por onde passou Dostoievski.

Quando se esteve em prisão, sabe-se o que significa uma porta. Hoje, privada de seus batentes, esta porta não faz mais que communicar a liberdade com a liberdade, e a grande corrente de ar do vento do nordeste polúe seus enormes gonzos, inuteis e enferrujados.

Ao pé da fortaleza se extende, numa curva do Tom, o burgo todo de cruzes do velho Kusnietsk, com sua igreja caiada. Do outro lado do Tom fica o "Planalto", o planalto do socialismo, coberto de seus madeirames e de suas chaminés gigantes, o *Planalto dos Vivos*.

O Tom colloca seu canal de agua entre duas épocas.

Naquillo que foi o antigo pateo, pelo qual Dostoievski arrastou sua nostalgia de São Petersburgo, seu socialismo confuso, suas crises nervosas e seu genio de escriptor — ha crianças jogando bola, aproveitando um pouco de sól.

São filhos de kulaks "deskulakisados", dos antigos grandes arrendatarios e especuladores, que moram no "Arrabalde livre", em residencia especial, como se diz aqui, na terceira cidade de Kusnietsk.

E' preciso já ter estado na aldeia e ter ahi vivido, para saber á custa de que luctas, de que verdadeiras batalhas, o poder dos Soviets pôde tomar medidas geraes contra os kulaks e os intermediarios, inimigos encarniçados do socialismo no campo, afim de assegurar a victoria da collectivisação.

Escreveram-se, nos paizes burguezes, volumes inteiros sobre a deportação dos kulaks para a Siberia e as terras do Norte. Foi em torno delles que se fez nascer a lenda do "trabalho forçado", e que se retomou o velho thema das atrocidades bolcheviks. Pude verificar com meus proprios olhos a canalhice dessa lenda.

Para visitar uma cidade de kulaks, eu não podia cahir em lugar melhor que nos limites de Kusnietsk, enorme cidade nova do prole-

tariado, e em melhor tempo que neste principio de outubro, quando pesa sobre a Siberia a ameaça das primeiras neves.

Posso dizer que vi, aqui, o peór durante o peór dos tempos.

A chuva recomeçou a cahir sem interrupção. Com nossos capotes revestidos duma camada de lama preta, nossos rostos salpicados de barro, descemos de nossa carruagem na aldeia das tendas, a moradia provisoria dos que chegaram por ultimo á cidade. Samovares soltam fumaça por seus bicos, na soleira das portas, e nós chapinhamos na lama...

Um circulo de velhos, de crianças e de mulheres nos rodeiam, num concerto de lamentações.

Em poucos minutos, toda a aldeia das tendas se reuniu em torno de nosso grupo, onde, sósinho, desarmado, o camarada Kuzmine, commandante do *Guepeu*, nos guia e discute com todos.

Entro numa tenda. No centro, um fogão aceso. Sobre úa mesa, dois samovares e duas chicaras. Em redor, colchões, couros, mulheres e crianças deitadas, confundidos numa incrivel desordem humida. Penetrei aqui no coração do drama do Arrabalde livre: a transição cruel por que passam esses vencidos, que se negam a acceitar a morte de seu passado. As condições materiaes de seu acampamento provisorio aggravam o abatimento de sua moral.

Em barracas identicas moram, entretanto, os soldados, em barracas identicas moram até operarios, emquanto esperam receber um melhor alojamento. Mas os soldados vermelhos e os operarios, animados por sua consciencia de classe, sabem organisar a lucta cultural, e, sob a propria tenda, melhorar sua vida. Elles sobem uma encosta, caminham de baixo para cima. Ao passo que estes, camponezes ricos e especuladores, degringolaram do alto para baixo.

— No dia 21 de outubro, diz Kuzmine, nenhuma dessas familias viverá sob a tenda. Aqui estão as barracas de terra e de madeira que os homens da aldeia provisoria acabam deconstruir. Estas já estão terminadas e habitadas. Entrae onde quizerdes, podereis vêr um novo estagio da vida de nossa cidade.

Entro numa das barracas, ao acaso. Sobre sessenta metros de comprimento por quatro de largura, camas, mesas e samovares.

Perto da entrada, homens, mllheres e crianças, reunidos em torno duma lampada, tomam uma sôpa de couve. Elles nos cumprimentam e nos convidam a sentar. Aqui, a calma parece já ter retornado. A derrota parece acceita. Uma nova vida desponta.

Esse homem magro, barbeado de pouco e de mãos finas, tem uma physionomia de vencido. Esse grande camponez embrutecido (typo classico do arrendatario normando), que bebe num bello samovar de cobre, resto de seu antigo explendor, tem ainda uma physionomia de vencido. Mas esses rostos já não estão crispados, esses sêres humanos já não gemem, elles falam:

— Vivemos aqui em plena liberdade e não somos forçados senão á residencia.

— Sois obrigados a trabalhar?

— Não.

— Mas trabalhaes?

— Muitos dos nossos trabalham, seja no aplainamento de terrenos, seja em sua especialidade, nas usinas de Kusnietsk.

Interrogo Vassili, um ferreiro. Elle já ganha 150 rublos por mez na officina de mechanica. Seu salario é o de um operario da mesma categoria. Gosa dos seguros sociaes tanto quanto qualquer outro, mas não possúe direitos politicos, nem póde se syndicalisar.

— No fim de cinco annos de trabalho, prosegue Kuzmine, os kulaks que foram incorporados á construcção socialista adquirem todos os direitos dum operario e pódem residir onde quizerem. Os velhos de mais de 60 annos e as crianças de menos de 14 pódem voltar para a aldeia, caso alguem — parente ou amigo — os reclame. Os jovens de menos de 18 annos pódem recobrar seus direitos depois de 2 annos, se se mostrarem trabalhadores bons e leaes. E nada impede que, com o tempo, vamos mais longe, mais depressa.

Aqui, fazemos tudo para que os deportados possam viver em condições approximadas ás dos operarios e esquecer sua antiga situação. Sua cidade não é guardada. Fornecemos-lhe os materiaes para que constrúam suas casas. Abastecemol-os. Elles são isentos de impostos durante dois annos. Esta cidade foi começada ha dois mezes, e nella já temos um clube e um hospital de cem leitos. Evidentemente, o começo é difficil. Visteis as tendas, cujas condições de hygiene são más, principalmente para as crianças. Mas, pouco tempo depois dos kulaks se installarem, a situação mudará.

Aqui, não sómente elles gosam das mesmas vantagens que os

operarios, não sómente seus filhos recebem a mesma educação que os filhos dos operarios, como, até, quando são *udarniks*, aproveitam de todas as vantagens especiaes reservadas aos membros das brigadas de choque.

— E ha de facto *udarniks* entre elles?

— Certamente. Não ha duvida que existem alguns velhos, anti-sovieticos até a medula, que fazem systematicamente tudo o que pódem para prejudicar o plano.

"Mas ha outros, os jovens, rapazes e moças, que hoje combatem seus paes reaccionarios e renegam a classe em que nasceram. Entre esses, alguns ha que realisam 300%, 400%, 500% de seu plano. Archipov attingiu 509%, e Kozlov, um especulador da região de Moscou, 614%. Elle recebeu como premio uma casa de madeira, 100 rublos de mercadorias defficitarias e um par de botinas. Se ainda é obrigado á moradia, já foi, entretanto, reintegrado nos direitos de cidadão. Olhae, entremos aqui, vereis um exemplo de casas-premio reservadas aos bons trabalhadores.

"Esta é a casa daquelle que já foi o commerciante Astakov.

Dois bellos quartos, numa isba quente, limpa e conservada. Um fogão de tijolos. Nas paredes, um prato pintado, fragmento pathetico dum antigo interior burguez. Mas, aqui do mesmo modo que nas barracas, não ha nem esse retrato de Lenine, nem esses cartazes de propaganda que são a decoração habitual das casas de operarios ou de kolkhozianos. No quarto das crianças — uma grande moça e um rapaz — úa mesa que serve de penteador, com seus espelhos, suas escovas e seus vidros de perfume.

O antigo commerciante Astakov, deportado para Kuznietsk, tenta curar-se da tara da riqueza individual. Elle, o membro dessa classe que condemnou milhares e milhares de revolucionarios, procura, nesta terra da Siberia, perto da fortaleza em que Dostoievski esteve preso, conquistar a dignidade de operario.

A verdade sobre os *kulaks* da Siberia — eil-a!

A homens marcados com a nota degradante do aproveitamento contra-revolucionario, a homens politicamente mortos, a dictadura do proletariado dá a opportunidade de resuscitarem, de se rehabilitarem pelo trabalho livre, pela construcção do socialismo no "Planalto" do novo Kusnietsk, na *Casa dos Vivos*.

X — Emfim, o trabalho forçado!

Não é propriamente o trabalho forçado. O trabalho forçado, tal qual os jornaes burguezes o vulgarisaram, é uma parvoice identica ás fatias de doces apanha-Boches, ás fabricas de conservas de cadaveres, e outras tapeações da guerra.

Não. Aqui, no acampamento da mina de Aralitchevo, existem os "trabalhos forçados". O que não é a mesma coisa.

Esta é uma das três unicas minas da vasta bacia do Kuznietsk onde trabalham deportados.

Eu tinha visto os kulaks do "Arrabalde livre", quiz vêr os *zaklutchioniê*, os "detidos", como se diz aqui, do acampamento de Aralitchevo.

E isso me proporcionou a opportunidade de visitar uma dessas galerias de mina do Kuzbass, nas quaes o carvão começa sob a terra movel e onde as menores galerias têm a altura de barracas.

Logo ao entrar no acampamento, uma arranhadura sem importancia numa cêrca de arame farpado, e uma sentinella me detem.

— *Propusk?* (1)

Um telephonema á direcção do acampamento, e o camarada Baranov, operario metallurgico de Briansk, antigo guarda vermelho da guerra civil na Siberia, bolchevik de 1918, nos recebe. Enfiamos a vestimenta da mina, e, guiados por um enorme mineiro de dois metros, um gigante, entramos, por uma porta monumental onde brilha a estrella vermelha, na galeria que se mette no coração da montanha.

Em toda a extensão da via férrea de 60 centimetros de largura, pela qual circulam wagonetes carregados de carvão scintillante, os condemnados se cruzam e nos acotovelam. Reparo que Baranov não traz nenhuma arma visivel. Nossa corrente de luzes tenues caminha durante muito tempo. Visitamos a primeira galeria até os ultimos cortes de carvão. Depois percorremos a segunda, e subimos,

---

(1) Autorização.

por uma escada de madeira, á segunda parallela, onde nos detemos um momento.

Por cima de nossas cabeças, atravez do entrelaçamento das vigas, vêm-se pequenas estrellas que piscam numa corrente de ar onde impera um cheiro de dynamite.

Vozes abafadas, ruidos de passos, quédas de carvão, o ranger dum wagonete, o galope dum cavallo, o ruido da quéda duma gotta de agua. Toda a montanha de lantejoulas negras palpita. Toda a montanha vive. E essa vida que a anima, é a de centenas e centenas de condemnados, bandidos, reincidentes, officiaes brancos, burguezes sabotadores, escroques e assassinos, que nos rodeiam.

— Aqui temos de tudo, diz Baranov. Condemnados de direito commum, pessoas que nos combateram de armas na mão, organisadores de conspirações contra-revolucionarias... Temos com o que utilisar todas as habilitações, quasi mesmo a dos popes. E' verdade que esses ultimos acabam tambem por encontrar onde se estabelecer. Um de nossos chauffeurs é um antigo religioso, e temos aqui um bispo que se tornou um excellente marcineiro.

"Conheceis o principio da legislação sovietica em materia criminal, não é verdade? A intenção não é de castigar, é de reeducar o culpado. E isso, dentro dum espirito de classe nitidamente determinado. E' preciso dar aos "presos" o senso do trabalho e o senso da sociedade de sua época. E de que modo poderia o trabalho ser considerado um castigo sob a dictadura do proletariado? Homens que chegaram aqui sem qualificação, antigos burguezes ou camponezes, sahem operarios qualificados sempre que a Commissão medica os designou para entrarem numa cathegoria operaria. Evidentemente, no começo, o rendimento não é phantastico: 50% menos que o da mão-de-obra livre. Mas os "presos" se acostumam rapidamente. Sabeis que já temos, sobre nossos 1.000 mineiros, 225 *udarniks*, 225 membros de brigadas de choque! E ha apenas oito mezes que a mina trabalha!

"Veja. Esse que ahi está, Mamontov, ha um anno era camponez. Não é verdade, Mamontov?

O rapagão que nos acompanha vira a cabeça e sorri.

— De que modo vieste para cá, Mamontov?

Mamontov, depois de hesitar um instante, responde:

— Eu? Lavrava a terra no districto de Barnaul. Um dia, fiz um mau negocio com um cavallo. Meu pae sempre dissera: Os cavallos perderão esse rapaz. Devo dizer-vos que eu gostava muito dos cavallos. Um dia, falsifiquei um documento para comprar um cavallo, um bello animal. E depois souberam disso. Então fui levado perante o tribunal popular, e tomei dois annos. Foi assim.

Mamontov abaixa a cabeça.

— E agora?

— Agora sou chefe de brigada na mina de Aralitchevo.

— Quando terminares teu tempo voltarás para a aldeia?

— Ah! não, era só o que faltava! Talvez vá descançar em minha casa, mas morar ahi, nunca mais. A mina é muito mais interessante. A proposito de férias, camarada Baranov, será que eu poderia ir o mez que vem á casa de repouso do acampamento?

— Sim, é tua vez.

— Então está bem.

O "forçado" Mamontov irá em vilegiatura.

Sahimos da mina, pretos de carvão, depois de admirar esses veios de 3 m. 82, de 4 m. 18, de 4 m. 95 centimetros de altura, que fornecem sua linhite á usina electrica de Kusnietsk, e vamos lavar o rosto no escriptorio do engenheiro Kostenko, um homem ainda moço, mas de cabellos grisalhos e feições fatigadas.

O engenheiro Kostenko é um dos comparsas do processo de sabotagem de Chakhty. Terminado seu tempo de prisão, elle pediu para permanecer aqui e tornou a entrar para o syndicato. Nessas mesmos condições está Iurine, engenheiro principal, antigo sabotador posto em liberdade, e que não poderei vêr hoje, porque partiu para Novossibirsk afim de discutir o plano para 1932: perto de um milhão de toneladas, em lugar das 365.000 deste anno.

Atravessamos as salas dos desenhistas, onde "cavalheiros muitos distinctos", sentados em frente de mesas ou de pé deante de cavaletes — typos classicos da antiga "sociedade" russa —, trabalham em aguarellas, consultam livros ou traçam plantas.

Visitamos o alojamento dos technicos condemnados politicos. Quartos com 5 ou 6 camas, tendo, no centro, úa mesa com livros e chicaras de chá. Uma outra parte dos especialistas "presos" vive fóra do acampamento...

Visitamos as barracas de madeira, cujos alojamentos são aque-

cidos, e bastante semelhantes aos alojamentos provisorios dos operarios do Planalto, mas com úa maior densidade de occupantes. Em cada barraca, um canto vermelho com seus cartazes de propaganda, seus jogos de xadrez, o com que escrever e lêr. Sómente uma ou duas barracas estão manifestamente super-habitadas, com seus dois andares de camas. Mas constróem-se novas barracas.

— Salve, camarada!

E' assim que o forçado, que dirige a bibliotheca da barraca de cultura — 3.000 volumes — recebe o director do acampamento.

E' Kostia, um rapaz da Terra Preta. Elle trabalhava em Voronéje e era estagiario no Partido e thesoureiro duma cooperativa.

— O que foi que te aconteceu, Kostia?

Kostia está muito envergonhado pelo lhe aconteceu e não gosta de fallar a respeito.

— Fiz despesas excessivas, diz, enfim, e fui condemnado a cinco annos.

Kostia foi castigado mais severamente porque éra communista.

Em redor de nós se agrupam os forçados, a maior parte de uniforme de lã e de boné de panno sem estrella.

Interrogo-os:

— Diz-se nos paizes capitalistas, que sois torturados aqui.

Risos.

— Evidentemente, diz Kostia, passamos uma vida de acampamento. Somos condemnados, presos, e não é a mesma coisa que se estivessemos em casa.

— Qual é o regime?

— Semana de 5 dias, 7 horas de trabalho para os empregados e 6 horas para os mineiros, salarios pagos em "dinheiro do acampamento", e que vão de 20 a 30 rublos por mez, segundo o trabalho effectuado, além disso, podemos comprar o que quizermos na cooperativa. E os *udarniks* recebem bonus especiaes para as mercadorias defficitarias.

Percebo um detento de physionomia marcada de contra-revolucionario burguez. Lê uma obra technica.

Elle responde delicadamente, mas de má vontade.

— Que tal a alimentação?

— Sufficiente.

— Qual é a quantidade de pão?

— Não tenho direito a mais de 600 grammas por dia. E' verdade que posso comprar mais 200 grammas, por 11 kopeks; mas os mineiros recebem um kilo.

— Quantas refeições por dia?

— De manhã, chá com pão; ao meio dia, almoço com sôpa, milho cosido, dezoito vezes por mez peixe, e doze vezes por mez carne. De noite, ás 7 horas, sôpa.

— Não, não é só isso. Recebemos assucar, fumo, sabão e doces seccos, dis Kostia.

— E' exacto.

Esta é a "barraca dos elementos negativos", onde dormem os reincidentes empedernidos, que recusam trabalhar. Estas são as cellas nas quaes o director póde fechar, á noite e sómente por uma decada, os punidos. A repressão consiste, aqui, unicamente no isolamento.

A instrucção, e tudo o que diz respeito á vida cultural, dominam manifestamente a vida do acampamento.

Continuamos nossa visita pelo theatro, o terreno de esportes, a escola technica e politica, o cinema, os banheiros com seus chuveiros, suas banheiras e suas estufas, e seu tanque de lavar roupa.

No tanque trabalham as mulheres condemnadas, as reincidentes. Uma dezena de bellas moças, diabolicamente pintadas e tintinambulantes de collares e de brincos.

Approximamo-nos duma sahida do acampamento, depois de visitarmos a enfermaria e o deposito de viveres, onde se acaba de picar a couve, para o abastecimento do inverno.

— Este, me diz Baranov, é o hotel dos presos.

Do outro lado do arame farpado, perto dos bancos de visita de verão, uma grande casa de madeira, com pequenos quartos confortaveis.

— Nesta casa, que terminámos ha pouco, continúa Baranov, os presos mais bem comportados poderão viver, todos os annos, dois ou três dias em liberdade com suas mulheres. Aliás, depois de dois annos, aquelles que só têm mais um anno a cumprir pódem receber permissão para habitar fóra, com suas familias.

Voltamos ao acampamento e visitamos a cooperativa, onde o

sabão, os perfumes e as fructas seccas predominam. Depois, entramos num dos dois restaurantes.

O cosinheiro — que tem o aspecto dum antigo official da guarda imperial — nos persegue em torno dos fornos, com sua sôpa, seus bolinhos e sua *kacha*. Elle tem muito orgulho de sua cosinha, e faz absoluta questão que a experimentemos. E, de facto, essa refeição vale a de não importa qual hotel médio de Moscou, pela qualidade e pela quantidade.

Eis-nos agora no segundo restaurante, reservado mais especialmente aos "politicos".

No primeiro andar duma alta casa de madeira, numa sala bem illuminada, enfeitada de flôres e de plantas verdes, tomamos uma excellente sôpa com empadinhas, um prato de carne, verduras e sobremesa, ao lado de Borsenko, engenheiro mechanico de Chakty, que termina seus três annos.

Quando a noite cahe e nós tomamos á sahida do acampamento, depois de visitarmos o clube dos 204 operarios livres que trabalham ao lado dos 3.500 presos, alguns homens com uniforme do acampamento, vindos do exterior, se apresentam á sentinella.

— Presos que passaram fóra seu dia de repouso. Ha, nessas condições, de 20 a 30, por dia, me diz Baranov.

— Ha muitos que não voltam?

— Não tivemos mais que 7 fugas o mez passado.

— Dispondes, sem duvida, duma guarda importante?

— Não é possivel dar o effectivo. Mas interrogae esse rapaz de guarda deante da porta, de fusil no braço...

Approximo-me da sentinella, um rapagão timido, envolto num grande capote, e que enrubece ás minhas perguntas.

— Termino meu ultimo anno, diz elle.

— Teu ultimo anno de serviço militar?

— Não, de trabalhos forçados.

XI — Petrov, ou as competições no aterro

No crepusculo de julho, Morosov, brigadeiro terraplenador, sentado á sombra de betulas com três grandes siberiannos de sua brigada, examina os papeis que Petrov, um camponez de Pietukuvo, no Ural, chegado de pouco, lhe deu para lêr.

A barba hirsuta esparramada sobre sua blusa de côr, Ivan Vassilitch Petrov, plantado sobre seus *laptis*, escuta, como que bestificado, os ruidos que sobem das officinas.

— Diga-me uma coisa, Ivan Vassilitch, porque é que em teus papeis está escripto que tens quatro filhos? Tua *baba* não trouxe mais que três á barraca.

Petrov coça a cabeça.

— E' o seguinte, o porque da coisa. Eu tinha quatro filhos. O mais engraçadinho era o maior de todos, Piotr. Tinha cinco annos. Pois bem, durante a viagem elle morreu.

— O que foi que elle teve? Bebeu agua?

— Sim, elle bebeu muita agua.

— Chamaste o medico?

— Não.

— Quem foi que o tratou?

— A mãe e uma velha, que disse que se elle aguentasse tudo iria bem.

—E depois?

— Depois, Piotr passou sem comer pão seis dias. No setimo eu lhe disse:

"Escuta, Piotr, tu vaes aguentar, hein? E não vaes morrer, não é verdade?"

— "Sim papae — respondeu elle — eu não aguentarei, vou morrer". E no setimo dia, fez como dissera. Tinha cinco annos. E era muito engraçadinho.

Morosov guarda os papeis de Petrov dentro do jornal em que estão collocados, um numero do *Operario do Ural*, e, repentinamente, elle se detem:

— Eh! rapazes, olhem isto aqui!

Seu dedo e seus olhos estão fixados sobre um titulo de jornal, que elle mostra a seus companheiros.

— E então, o que é que está escripto?

— O que está escripto? Trata-se da reunião desta noite. E' precisamente o que se leu no "Operario de Kusnietsk, que os rapazes de Magnitogorsk, deslocaram no aterro 25 metros cubicos de terra, por pá e por dia!

— E' bastante.

— E' impossivel, diz Petrov. Sei o que é possivel fazer, e sei o que eu podia fazer na aldeia, quando trabalhava para mim mesmo. E aqui, tu comprehendes, ou em Magnitogorsk, é a mesma coisa. Eu sou do Ural, mas garanto que é impossivel que elles tenham feito isso em Maghitogorsk.

— Nunca se deve garantir assim!

— Precisamos vêr o que podemos fazer; não se irá dizer que em Magnitogorsk fizeram mais que nós!

Foi uma brigada de seis communistas que convocou o meeting. Um delegado faz declarações referentes ao recorde de Magnitogorsk, e a discussão começa, agitada.

— Isso são mentiras!

— Historias de jornal!

— Um homem e um cavallo não pódem fazer nem mesmo 20 metros cubicos!

— Antes de mais nada, a média official é de 6 metros cubicos e meio.

— E' impossivel que um individuo faça 25 metros cubicos!

E cada qual oppõe sua experiencia e suas objecções. E' a derrota; Morosov abana a cabeça.

— Estás vendo, diz Petrov a Morov, estás vendo?...

E elle pisca os olhos...

— Peço a palavra!

— E' Morosov.

— Dizem que é impossivel fazer 25 metros cubicos. Ha os que são contra, mas tambem ha os que são a favor. O que se deve dizer é que isso depende das condições, do lugar, da qualidade da terra, da força do homem, da organisação do trabalho na brigada e dos rendimentos.

— Bem, pois então porque não tentas?

Morosov olha a assistencia que o provoca, tira sua casquete, joga-a no chão e diz:

— Experimentarei! Vós vereis! Rapazes da brigada, está combinado?

— Combinado!

No dia seguinte, o jornal noticia que o desafio de Magnitogorsk foi acceito.

Na rua, deante da barraca, no restaurante, durante o trabalho, os rapazes das outras brigadas atracam Morosov.

— Diga uma coisa, Morosov, porque acceitaste?

— Pensas que nós tambem não poderiamos fazer tão bem como tu?

— Pensas que somos lama só porque não nos chamamos Morosov?

No fim de três dias, já não é só a brigada de Morosov que se propõe bater o recorde de Magnitogorsk, é tambem a brigada de Bielov, e é ainda a brigada de Bogutchaev.

Pela manhã dum dia torrido, quasi nús, os rapazes das três brigadas começam a emulação. Os corpos súam, mas não se detêm em seu trabalho furioso, uns no enxadão, outros na pá, revezando-se. Emfim, vem a noite e dá-se o balanço.

Primeiro: Bielov, com 25 metros cubicos. Segundo: Morosov, com 24 metros cubicos. Terceiro: Bogutchaev, com 23 metros cubicos.

Morosov fôra vencido!

E Petrov já de lhe dizer:

— Estás vendo, estás vendo! tú, que querias tudo!

— O que não impede que tú, Ivan Vassilitch, dissesses ser impossivel fazer 25 metros cubicos, e Bielov os fez.

— Sem duvida, meu pombinho, mas tu foste vencido por Bielov.

Morosov reuniu os rapazes de sua brigada e lhes perguntou:

— Deixamo-nos vencer?

Elles responderam: Não.

E a brigada Morosov lançou um desafio á brigada Bielov.

E, dessa vez, os Morosov bateram os Bielov, fazendo 30 metros cubicos em média.

No mez de agosto, não se falava em outra coisa no Planalto.

— Kuznietsk é mais forte que Magnitogorsk. Está demonstrado.

— E agora não deixaremos mais que nos tirem nosso recorde.

E eis que precisamente em fins de setembro começa um periodo de offensiva, de *sturn*, como se diz.

Tarta-se de construir um leito para uma nova linha de estrada de ferro, e de construil-o rapidamente. O terreno é bom. Eia, vamos! Bater-se-á o recorde de Bielov? Todas as brigadas de terraplenadores se inscrevem.

E Ivan Vassilitch na sua brigada, com os outros, pois então!

— O facto da gente ter vindo da aldeia não quer dizer nada, diz elle. Não nos deixaremos tratar como uns coisa atôa por um siberianno! Estas mãos, afinal de contas, são as dum sujeito do Ural!

A competição, recomeça, com uma organisação do trabalho aperfeiçoado, cada homem trabalhando uma hora na pá, successivamente.

Duas brigadas, Filippov e Qitchiukine, tomam rapidamente a dianteira.

Numa só jornada, na brigada Filippov, deslocou-se úa média de 34 metros cubicos, e na brigada Pitchiukine 36.

Todo o Planalto se apaixona, agora, pelo duelo das duas equipes. Fala-se nellas no clube. Fala-se nellas no restaurante. Fala-se nellas nas barracas. Os jornaes estão cheios de noticias a respeito. Chegam pessoas para ve-los. Não ha espectaculo esportivo que seja mais attentamente acompanhado. E vale a pena! A terra vôa em pazadas sobre o aterro. Apontam-se os azes do trabalho, os campeões do aterro! O recorde sobe diariamente. Eil-o em 40, depois em 50. 60 metros cubicos! Animo, Fillipov! Coragem, Pitchiukine!

Emfim, a 24 de setembro, os Filippov attingem 74 metros cubicos e os Pitchiukine 74,24. Numeros apenas criveis.

Termina o concurso.

Faz já muito tempo que Morosov foi ultrapassado, mas isso não tem importancia. E' elle o verdadeiro vencedor, pois foi elle quem, em primeiro lugar, tentou a aventura.

Quanto ao camponez Petrov, attingiu, em sua equipe, úa média conveniente, e se declarou *udarnik*.

— Evidentemente que não sou o *udarnik* dos *udarniks*. Mas, que diabo!, Tambem conquistei meu lugarzinho.

O camponez Ivan Vassilitch Petrov, velho individualista, conquistou seu lugar na collectividade operaria. Como os companheiros o ridicularizassem, chamando-o de Velho Crente, mandou cortar sua barba. Hoje usa uma casquete de operario de viseira dura e larga — á moda de Moscou — em lugar de seu velho bonet gorduroso. E sob essa casquete, tem um cerebro que despertou á consciencia de classe.

Agora, quando lhe falam de seus filhos, elle abana a cabeça e diz:

— Se meu homemzinho, o meu pequeno Piotr, não tivesse bebido tanta agua crúa, e se eu tivesse consultado um doutor em lugar de ouvir as velhas, elle não teria morrido.

Depois do concurso, as equipes do aterro que haviam alcançado a média de 118% de seu plano em agosto, realisaram em setembro 192%.

E assim é por toda parte. O que importa não é o recorde mundial, não são os 800%, os 1000% realisados aqui ou ali, excepcionalmente, em concursos enthusiastas... O que importa é que o rendimento se eleve por toda parte, e que os homens mudem tanto de mentalidade como de physico, transformando-se em novos homens.

Com esses homens transformados começa-se, ntão, a batalha pelo melhoramento da qualidade.

Um dia de verão, os collocadores de tijolos souberam que em Sverdlovsk uma brigada collocára 10.000 tijolos num dia de trabalho.

Baranikov levantou o desafio. Adoptou o methodo do Instituto de Trabalho: um ajudante prepara o reboque, um outro o colloca, outro passa os tijolos e outro o colloca. Assim, a divisão do trabalho augmenta a quantidade e a qualidade.

A brigada Baranikov, na primeira tentativa, collocou 11.000 tijolos num dia.

Samarine, Kapenkine, Kissilov, e Galaviov disseram: "Venceremos Baranikov!"

Viram como elle trabalhava e fizeram como elle.

E Samarine chegou a 16.000, depois a 17.000 tijolos. Contestaram-lhe seu ultimo recorde. Então elle se enfureceu. E agora acaba de attingir 22.000 tijolos, em 10 horas!

Em torno dos competidores, todos os collocadores de tijolos —, pedreiros da aldeia e amassadores de barro —, todos os Petrov do tijolo se puzeram a trabalhar pela quantidade e pela qualidade.

Vinte e cinco casas deviam estar promptas a 1.° de outubro na *Cidade Socialista*.

A emulação já construira, nesse dia, trinta e cinco...

XII — E a lucta de classe continúa...

Construir emprezas gigantes, fazel-o com collaboração de engenheiros do antigo regime, a cujo respeito diariamente se colhem novas provas de entendimento com o Partido industrial; construir, ten-

do — ao lado do devotamento dos novos quadros — o auxilio excessivamente interessado dos technicos e especialistas extrangeiros, ligados a seu capitalismo nacional, e segundo projectos de firmas americanas, francezas ou allemãs, já temerosas da concorrencia de amanhã; aliciar os camponezes atrasados de trinta raças diferrentes, para que venham formar úa mentalidade proletaria num meio fervilhante de antigos kulaks deportados e de detrictos sociaes de todas as especies; constituir, partindo dum nucleo insignificante, um Partido solido, ao abrigo do sectarismo e do opportunismo; crear syndicatos dignos desse nome, em lugares onde não existia nenhuma tradição proletaria e com elementos transplantados de todos os climas geographicos e politicos — são problemas que não dão a menor idéa das difficuldades com que têm que luctar os organisadores do Kuznietsk.

Nesta terra nova, onde os homens acabam apenas de se installarem, onde a ignorancia e a inconsciencia são os males menores, a lucta de classe trabalha as massas sob suas fórmas as mais surdas e as mais perfidas.

Aqui, lucta-se.

E não é apenas contra a terra, contra o tijolo, contra o cimento, contra os transportes, contra as inundações do Tom, contra o sól e contra o terrivel frio siberianno que se lucta. Bater-se contra tudo isso significa, antes de tudo, para o Partido que quer vencer, conduzir um paciente conglomerado de massas, sem jamais enfraquecer sua vontade offensiva.

Isso, dentro de condições absolutamente novas mesmo para os mais experimentados combatentes, dentro de condições impostas pelo parto dum gigante de ferro, de linha simples.

Kuznietsk é ainda uma frente de guerra civil, e é preciso que os operarios do mundo inteiro o saibam.

Inconsciencia. Camponezes chegados na vespera atiram ao chão isoladores ou peças de machinas, encanamentos frageis ou vidros... Vamos, descarregar! Como si se descarregassem achas de lenha. E são vidros quebrados, canos rachados, isoladores despedaçados, peças arrebentadas. Depressa, alguem que ensine a essa equipe que esperdiçar todas essas riquezas do proletariado, é o mesmo que esperdiçar seu proprio sangue.

Imprudencia. Cava-se num terreno movediço sem tomar as precauções necessarias, faz-se um meeting em cima dum andaime fragil ou sobre um tecto de madeira fina, deixam-se degraus quebrados numa escada de 30 metros de altura, atiram-se ao chão pedaços de metal incandescente; jogam-se taboas ao acaso, do quinto andar. Feridos, mortos. Os homens se empilham nas barracas, sem ordem e sem hygiene. Uma epidemia.

E' preciso realisar immediatamente uma reunião, votar sancções contra os chefes responsaveis e fazer um appello á consciencia de cada trabalhador para que elle proprio organise e controle a segurança de sua officina e a ordem de sua barraca. Lucta contra a indolencia e o fatalismo do nitchevó, lucta pela hygiene, lucta pela chegada na hora, lucta contra as ausencias injustificadas, lucta contra o alcoolismo, lucta contra o augmento do preço de producção, lucta contra a burocracia, lucta pela quantidade, lucta pela qualidade, lucta contra a quantidade em detrimento da qualidade, lucta pela technica, lucta pela economia, lucta pela emulação, — por meio da imprensa local, da imprensa de usina, do quadro vermelho, da caixa negra, do meeting, do rádio.

Pequenas sabotagens. Ha algumas machinas no cáes. Os caixões foram abertos, afim de examinal-as. Uma peça indispensavel está amarrada com arame á machina. E' bem facil cortar o arame e fazer desapparecer a peça, não?

Um motor está em descanço. Alguem passa pela officina e atira um prego num lugar que tornará necessario vistoriar tudo quando o trabalho recomeçar.

Uma equipe nocturna se apresenta ao trabalho. Quando se vão accender as lampadas e ligar a energia, verifica-se que os fios estão cortados.

Os kulaks passaram por ali...

Opportunismo. "Não teremos madeira, não teremos tijolos, não teremos wagons, não teremos operarios, não teremos abastecimento, não teremos alojamentos". Sobre a campanha de derrotismo dos kulaks, installa-se a campanha do opportunismo.

— E' impossivel fazer o que nos pedem, dizem elles. Não nos fixemos em médias muito altas.

Todas as derrotas, todos os *proriv* (1) são explicados pelas condições objectivas, e nada se faz para melhorar a producção até o dia em que, desmascarados os opportunistas, aniquilada sua influencia, a producção dá um novo passo para a prente. Exemplo typico: a historia do engenheiro communista Alenikov, que propunha como tarefa a collocação de 300.000 tijolos por decada. Seus operarios exigiram 600.000, e e chegaram a collocar 500.000. Alenikov foi excluido do Partido.

Ameaça de greve nas construcções *Stalmost*. Uma vaga de greves. O plano não é realisado systematicamente. O activo do Partido, reunido, só póde constatar que os operarios se desinteressam pelo trabalho. Os antigos partidarios vermelhos se reunem e conseguem descobrir o segredo: os tubos de ar comprimido são estragados, as correias cortadas, os instrumentos dos melhores operarios quebrados. E' impossivel trabalhar nessas condições. Os companheiros politicamente fracos estão desanimados e não dão mais rendimento. Menor rendimento, menor lucro. O descontentamento se alastra, já agora, a respeito de tudo, das barracas, dos salarios, da comida. Convoca-se uma reunião de toda a empreza, e os operarios, depois de exporem suas reivindicações, denunciam as origens da agitação, o inimigo de classe! Prendem-se três kulaks que haviam fugido dum acampamento munidos de falsos documentos de operarios agricolas, três kulaks que desde semanas trabalhavam o moral das officinas com todo um odio de classe que sabotava a machinaria.

Crime. No principio do ultimo inverno, um grupo de kulaks que trabalhavam nas fundações da estação electrica espalhava, entre os camponezes chegados de pouco, o boato de que podiam cobrir á vontade a officina e trabalhar com aquecimento — ainda assim tudo ficaria gellado, homens e materiaes. E a campanha era tão bem feita, que os operarios e responsaveis ficaram impressionados.

Apesar de tudo, a cobertura foi terminada e o trabalho se iniciava. Então os kulaks resolveram por fogo aos depositos de taboas. Felizmente, alguns kolkhozianos os denunciaram em tempo.

Kolodoi, um terraplenador que trabalhava nas fundações do

---

(1) Interrupção ou ruptura de produção.

alto forno, adheriu ás Juventudes. Como gostasse de escrever, contára seu trabalho, suas difficuldades, suas luctas contra os elementos hostis. E isso fôra publicado no jornal.

Kolodoi recebeu uma carta anonyma.

— "Attenção, canalha! Se nos tocas essa musica, nós te tocaremos úa marcha funebre".

Kolodoi respondeu por um poema, que foi publicado.

Amo o perigo que ameaça,
e continuarei a viver sem mêdo.
Veremos quem vencerá o outro,
para quem será o caixão.

Depois, propoz que se convocasse um meeting, e as Juventudes obtiveram 60 adhesões.

Tempo capitalista contra *tempo* bolchevik. Na fabrica de coke, foi a empreza *Desticoke* que forneceu os engenheiros, todos mais ou menos officiaes da reserva, francezes, para dirigirem a construcção dos fornos. Seu chefe é M. Louis. Um perfeito homem do mundo, um bom technico e um espirito curioso. Mas, entre a direcção da fabrica de coke e o grupo *Desticoke*, entre os engenheiros *udarniks* e os engenheiros francezes, processa-se uma lucta incessante pró e contra o rythmo bolchevista. E ante essa lucta a gente não póde deixar de pensar na significação internacional da edificação socialista...

Eis em que condições e em que atmosphera deve trabalhar o Partido, sobre quem repousa, em ultima analyse, a responsabilidade de toda a construcção do Novo-Kuznietsk, capital siberianna da industria pesada.

Quando se olha attentamente essa massa de 140.000 homens e mulheres que vivem aqui, vêm-se abysmos que se abrem, e por cima dos quaes, com uma applicação paciente e um devotamento de todos os momentos, os responsaveis pela edificação atiram pontes pelas quaes passa o exercito victorioso dos *udarniks*.

Diariamente o radio lança ao mundo os communicados de sua batalha. Cada dia que passa augmenta a força do Partido e das Juventudes. Os membros das Juventudes são, hoje, no Planalto, 7.000,

e o Partido, de junho a outubro, passou de 2.500 a 5.000 membros.

No Kuznietsk que cresce, cada mez traz sua parte de novos trabalhos e de novos sacrificios á guarda vermelha que combate no Planalto, a esses homens e a essas mulheres infatigaveis, a todos esses *udarniks*, a todos esses rabcors, (1) a todos esses jovens — desde Chitika, o pedreiro que realisou em três dias, no alto do forno, o trabalho de dez dias, até Ogdanov, o serralheiro que conseguiu quarenta adhesões ao Partido em um mez — desde Chilieva, a criada siberianna cuja pae foi morto pelos Brancos, e que, aos 22 annos, dirige a commissão cultural das Juventudes, até Anna Bielanova, operaria de Kiev, antiga partidaria vermelha, picadeira do exercito do Extremo Oriente e secretária do Comité do Partido na central electrica — até os animadores supremos do Planalto, Frankfurt, membro do Tsik, e Khitarov, antigo secretario da Internacional Communista dos Jovens.

Quando sahirá da terra sovietica o poeta operario que, levado pelo heroismo desses combates, tirará desse material humano a mais bella epopéa da historia, alliada da industria pesada socialista?

XIII — A celebre barraca 29

Na alta colonia do Novo Kuznietsk, era celebre a barraca 29.

E, entretanto, era uma barraca como as outras. Feita de madeira, e coberta com um revestimento de terra e barro. Com a primavera que se approximava, ella ficava naturalmente cheia de lama em seu interior, e essa lama subia pelas paredes, onde ia juntar-se ao ennegrecimento produzido pela fumaça e aos excrementos das moscas.

A vida que se levava ahi não era muito diversa da vida que se levava nas outras barracas: a vida dos camponezes transplantados, uma vida que corria entre o trabalho, o somno, as filas na cooperativa, as bebedeiras de vodka, os jogos de cartas, os sopapos nas crianças, as brigas e os conflictos.

(1) Correspondentes operarios ou camponezes dos jornaes na provincia. (N. do T.)

Esperava-se pacientemente que a cidade socialista estivesse concluida.

E, entretanto, a barraca 29 era celebre. Era celebre entre suas visinhas, plantadas á sombra das construcções gigantescas, porque em nenhuma outra parte, em nenhuma outra barraca se dormia tanto, se jogava tanto, se tinha tantas crianças assim tão sujas, se discutia tanto e se brigava tanto. E depois, na barraca 29, havia sujeitos que positivamente se embebedavam.

Deve-se accrescentar que quasi todos os rapazes da barraca eram carreiros. E os carreiros têm, geralmente, o habito de praguejar desboccadamente, de beber muito e de surrar sem dó. E as mulheres dos carreiros não ficam nada a dever a seus maridos, em todos esses assumptos.

— Cadella! Cadella e filha duma cadella!, hurrava Tania encarando Ialkar sob o nariz. Puzeste outra vez minha caçarola no chão e collocaste a tua em seu lugar no fogão, para que esse cão immundo de Tchuvarov venha enfiar seu focinho asqueroso em minha comida!

— Collocarei minha caçarola onde quizer! E para começar, sobre tua cara suja de puta!, hurrava Ialkar, dramatica, agitando seus brincos tartaros.

E todas as *babas* (1) tomavam partido na briga, com gritos espantosos de animaes bravios, emquanto as crianças se escondiam sob suas saias.

O grande Vanka não podia beber sem que ficasse carinhoso e sem que provocasse alguem a se bater com elle pelo seu amor. E Vanka sahia com Kolia, que estava tão bebedo quanto elle, e seus punhos cahiam mollemente dentro da noite, sobre seu nariz e sobre sua barba, até que os dois rolassem pela lama, chorando como criancinhas...

Estava-se justamente na época em que se iniciava a campanha cultural no Planalto. Todas as barracas estavam interessadas nella.

Na barraca 29 vivia a familia Barabuchkine: Barabuchkine pae, um velho operario com oculos de aço em frente duns olhos

(1) Mulheres.

azues de louça, sua mulher, suas nettas e seus filhos. E um de seus filhos era Alexandre, um *komsomol,* um jovem communista. E os Barabuchkine, que eram obrigados a viver ali, conservavam seu canto tão bem arrumado quanto podiam — eram operarios que se respeitavam a si mesmos — e diziam olhando em torno de si:

— Que desgraça, ter-se que viver numa estrebaria destas!

De modo que, quando se annunciou a abertura da campanha cultural, Alexandre Barabuchkine, o *komsomol,* propoz na barraca que ella se organissase afim de viverem melhor todos juntos, emquanto esperavam que fôssem terminados os alojamentos da Cidade Socialista.

Foi recebido como bem podeis imaginar.

Disseram-lhe que se elle quizesse viver como um burguez, não tinha mais a fazer que ir para outro lugar, que elles viviam daquelle modo ha dez mezes e não se achavam assim tão mal, e que se a barraca o incommodava tanto, elle que bebesse um golesinho de tempos em tempos que seu incommodo passaria!

No dia seguinte, três moças viéram á barraca fazer as mesmas propostas que Alexandre, em nome do *"Sector cultural"*.

Rodearam-n'as, escutaram-n'as com muita attenção. Para dizer a verdade, beberam-lhes as palavras! Mas, quando ellas partiram, depois de se terem dado palmadas nas coxas, se deitaram com suas bottas em cima das camas. Minaiev deduziu a moralidade dessa noitada, dizendo:

— Minha caminha! Minha caminha! E o que é que têm com ella essas senhoritazinhas? Se eu quizer, eu a arrumarei, se não quizer — que diabo! — não a arrumarei! Pois não é verdade, meninos?

As moças tornaram a voltar no dia seguinte, falaram novamente, e, como já se haviam acostumado a ellas, as linguas das *babas* se desembaraçaram...

Por que havia tanta sujeira na barraca 29? Pelo seguinte. Porque havia falta de agua, e porque o aquecimento era mau, e depois porque não se possuiam recipentes em numero sufficiente, e depois, desembaraçaram...

E depois, havia o jovem cachorro do jovem cocheiro Tchuvarov.

Esse cão sujo cheio de pulgas, que lambia todos os pratos, dormia em todas as camas e defecava em todos os cantos!

Como o caso se passou, ninguem poderia dizel-o. E Tchuvarov muito menos que os outros. O facto é que, três dias depois da ultima visita das três *kultarmietes* (1), os habitantes da barraca 29 decidiram, simultaneamente, excluir o cão de Tchuvarov da communidade, sendo que o proprio Tchuvarov explicou a elle, primeiro com um discurso affectuoso, depois a ponta-pés na bunda, que elle precisava transportar seus quartos-trazeiros para fóra da porta.

Esse cachorro era o genio máu de Tchuvarov. Desde que ficou sem elle, Tchuvarov se tornou um outro homem. Seu canto, que na vespera estava sujo como um covil, se tornou limpo a ponto dos Baravuchkine, agradavelmente surprehendidos, lhe proporem que elles se associassem para lançar a idéa de que se caiasse a barraca antes da Paschoa.

Discutiu-se. Mostrou-se que a barraca 29 era a mais inconveniente de todas, que as outras barracas estavam fazendo um esforço cultural, e que, além de tudo, se fosse na aldeia, toda *baba* se envergonharia de não ter seu interior caiado, e que aqui não havia razão para agir de modo diverso.

Accordou-se arranjar o material necessario.

E, uma bella manhã de primavera, todos os moveis foram postos para fóra: colchões, saccos de viagem, cobertores, malas, valises, balalaikas, caçarolas, panellas, louças, roupas e toda a porcaria e todos os vermes que havia lá dentro. Saccudiu-se tudo isso ao ar livre, e começou-se a trabalhar na barraca. Lavava-se o assoalho, lavavam-se as portas, lavavam-se as janellas. E eu te esfrego! e eu te raspo!

Sósinha no meio da barraca vasia, Chaguirova permanecia sentada em sua cama piolhenta, inabalavel como uma ilha maldita no meio de uma inundação.

— Por para fóra minhas coisas? Bando de canalhas! Por para fóra minhas coisas? Jamais! Não se poderá deixar tranquilla uma pobre mãezinha, que nunca fez nada a ninguem? Não, eu não me mexerei daqui! Não, não e não!

---

(1) Soldados da cultura.

Entretanto, o trabalho avançava. As mulheres lavavam as paredes sem se compadecerem de suas mãos, e os pinceis, presos na ponta de varas, deixavam cahir um pouco por toda parte sua chuva branca, assediando com salpicos o lugar onde Chaguirova continuava a resistir.

A situação se tornava insustentavel. Chaguirova se levantou.

— Evidentemente que tirarei minhas coisas, já que esses rapazes querem estragal-as. Tirarei minhas coisas, mas não farei mais nada. Nada, nada e nada!

Entretanto, quando chegou a noite, Chaguirova tornou a transportar todas suas mobilias e arrumou muito direitinho sua caminha na barraca. E' preciso dizer que era impossivel proceder de outro modo numa barraca tão branca. Ahi, tudo se via. Já agora não cheirava mais á roupa velha, á sôpa estragada, á immundicie azeda e á *makhorka*. Havia um cheiro bom de cal fresca. Cheirava bem. E todo o mundo dizia que era como se a primavera tivesse entrado na barraca.

Quando as *kultarmietes* voltaram, a barraca 29 não ficou pouco orgulhosa de lhes mostrar o que fizera, e, agrupados em redor da velha Barabuchkine, as *babas* exhibiam, como provas de seu enthusiasmo, suas mãos e suas unhas roidas pela cal.

Dessa vez, ficou resolvido que se creasse um circulo de liquidação do analphabetismo, que se publicasse um jornal mural e que se convidasse a barraca 27 á emulação.

As aulas tiveram inicio e o jornal appareceu...

Entretanto, havia alguem na barraca que era úa mancha no meio do bom humor geral.

Era úa mulherzinha deste tamanho, muito petulante e chamada Sitchinika.

Ella rosnava, resmungava, e explodia, indignada:

— Que coisas horrorosas! Se isso é coisa que se faça! Ha mezes que vivo aqui, e nunca tinha visto coisas tão horrorosas!

"Coisas horrorosas" era uma notinha insignificante publicada no *Jornal Mural* e concernente a ella, Sitchinika. Lia-se ahi que Sitchinika não queria aprender a lêr, recusava-se a tomar parte na vida social da barraca, e nunca ficava "de dia" quando chegava sua vez.

Sitchinika mostrava as unhas:

— Mas eu vou rasgar esse horror! A mim! A mim! Collocar a mim no jornal! A mim, a quem meu marido nunca disse uma palavra mais alta! A mim, a quem elle nunca levantou o dedinho! E agora ser exposta assim no jornal como a ultima das ultimas, por esses patifes, por essas pessoas grosseiras!

"E depois, perfeitamente, tenho orgulho de manter relações com as pessoas educadas. Frequentei a casa de pessoas ricas e nobres, perfeitamente! E essas coisas-atôa de *kultarmietes* não lhes chegam nem á sola dos sapatos! E depois, se pensaes que vou me sujar discutindo com os moradores desta barraca, estaes enganados, seguramente estaes enganados!

E Sitchinika confiava suas desgraças a Jdanov, brigadeiro dos carreiros, que tinha apenas uma phobia: "o jardim da infancia".

Desde que, na barraca, os Barabuchkine falaram em crear um "jardim da infancia", Jdanov não parava de falar:

— Em primeiro lugar, eu sou celibatario! Comprehendeis, portanto, que, quanto ao "jardim da infancia", eu quero que o diabo o carregue!

O *Jornal Mural* falou de Jdanov.

Quando Jdanov soube que o tinham exposto, pulou:

— Ah! puzestes-me no jornal! Corja de trahidores! quadrilha de demonios! Pois vão vêr o que acontece! Não sómente não construirei vosso jardim da infancia, como tambem o incendiarei! E quando elle estiver ardendo não darei um passo para extinguir o fogo!

Durante varios dias, tentou-se fazer com que Jdanov raciocinasse, mas foi impossivel, e por fim elle foi deixado de lado.

Uma noite que Timokhine estava lendo, deante da mesa, Jdanov se approximou e lhe disse, sem encaral-o, olhando o bico de seus sapatos:

— Sou membro do syndicato desde 1929, tu o sabes, Timokhine. Isso quer dizer que tenho uma vida social... Sim... a proposito do jardim da infancia, o jardim da infancia... pois bem, então, sim... pois eu trabalharei nelle! Sómente que eu tambem quero escrever no jornal sobre certas pessoas...

Timokhine disfarça sua alegria, desvia a conversa e convence

Jdanov a tomar a iniciativa de fundar nessa mesma noite um grupo de *Ossoviachim* (1) na barraca.

Emquanto isso, Sitchinika, e apesar de todos os progressos de Chaguirova, que aprende a lêr, não se dá por vencida. Ella grita:

— Nasci illetrada e morrerei illetrada!

Ella finge não se dar senão com as *babas* das outras barracas; conta-lhes, com o semblante consternado, os escandalos espantosos — *minha mãezinha!* — que se passam na barraca 29. E como seu marido é delicado com ella! E como é agradavel conversar com pessoas distinctas e não com vagabundos!

Entretanto, os "vagabundos" liquidam seu analphabetismo. Sob uma forte lampada electrica, á noite, aprende-se a lêr e a escrever, na barraca. Os dedos grossos se applicam em desenhar as letras, e as vozes grossas a soletrar as syllabas. O grande Vanka e Kolia não se embriagam senão excepcionalmente. Já não se briga mais sem motivo, e as cartas cederam lugar ao jogo de xadrez.

Approxima-se o 1.° de Maio. A barraca 29 se prepara activamente para a festa. Enfeitam-se as paredes com retratos e cartazes; cobre-se o chão com bandeiras vermelhas, redige-se um numero especial do jornal mural. Pinta-se a mesa de vermelho. Faz-se uma grande estrella vermelha para ser suspensa sobre a mesa vermelha. E por toda parte collocam-se grandes ramos de *larix* (2) siberianna, que perfuma toda a barraca. De manhã, as pessoas acordam sob um odor de floresta.

Naturalmente, no decorrer do tempo, ha dias bons e máus. Os máus são aquelles em que o "commandante das barracas" quer positivamente accrescentar mais um habitante a essa pobre barraca 29, já super-lotada, ou aquelles em que o administrador recusa colchões, tamboretes ou madeira. E então é que é preciso vêr aquelles que, ainda hontem, diziam: *"Cada um para si!"* Defendem a barraca palmo a palmo, e vencem!

---

(1) Sociedade para o desenvolvimento da aviação e da industria dos productos chimicos.

(2) Planta que attinge perto de 40 metros de altura e que dá terebentina. (N. do T.)

Ah! a madeira! Que batalha, a do jardim da infancia! O que não impediu que a barraca acabasse por ganhal-a. Formou-se uma brigada, composta de mulheres delegadas por cinco barracas, depois de se ter concordado em que as crianças ficariam melhor no jardim da infancia que se agarrarem ás saias das mães, ou a rolarem na bosta, entre as pernas dos cavallos — seu brinquedo favorito.

Durante cinco dias seguidos, ás delegadas que pediam madeira em todos os tons, respondeu-se em todas as repartições: *"Não ha madeira!"* Emfim, de tanto voltarem á carga, as mulheres das cinco barracas obtiveram o que desejavam. E os homens, com Barabuchkine á frente, fizeram o restante.

De pé antes de se levantar o dia, bem antes de irem para o trabalho, elles talhavam a madeira, e pregavam, e ajustavam as armações. Emquanto isso, as mulheres trabalhavam a terra, desenhavam flôres e legumes.

— Isso será para os pequenos, diziam. Quando as plantas tiverem crescido, elles poderão se divertir arrancando-as!

Era no dia 20 de maio que se devia verificar qual a barraca do Planalto que merecera o premio de esforço cultural. O concurso durára vinte dias. E foi a barraca 29 que conquistou o primeiro premio, um premio de 300 rublos!

. . . .

Ahi está o que me contou, na barraca 29, em frente ao retrato de Lenine, sob o alto-falante que cantava, deante duma mesa atulhada de livros, entre a familia Barabuchkine, entre Fassa Kusnodina, a bella enfermeira tartara, e o carreiro Ivanov, minha camarada *udarnik* Sophia Babitcs, historiadora da barraca 29.

Não é um conto moral, nem uma anecdota edificante. E' apenas um facto, tirado, ao acaso, entre mil, na grande historia sovietica do renascimento dos homens.

XIV — Rythmo de choque, rythmo de offensiva

Tac tac tac tac tac tac tac. Um canto de martello pneumatico daquelle tagarella do alto forno n.° 1.

Tac tac tac tac tac tac tac tac. Um segundo lhe responde dos flancos do recuperador n.° 2.

Depois, de todo o céu de folhas de ferro e de madeirames, *trrrrr, tac trrrrr tac tac tac tac tac,* em todos os tons, salvas estouram.

Será o despertar no front? Um toque de alerta?

E' de facto o ataque, um ataque de um mez, o mez que precede o 7 de novembro. *Trrrrra trrrrra trrrrra trrrrra tac tac tac tac tac.* A cabeça está toda occupada pelo nevoeiro espesso, intransponivel, do som. Os madeirames se prolongam atravez de meu cerebro, e fremem. Ando por toda a parte, e por toda a parte o fragor me persegue, e, — luzes de foguetes em pleno dia — por toda a parte silvam, e sibila, e chora, a serradora de metaes. O que o martello-pneumatico causa aos ouvidos, a solda autogenica causa aos olhos. Ella os mata com sua luz verde. Por toda a parte, homens mascarados trazendo o anteparo deante do rosto, manejam os electrodos e abrem sua brécha. Do alto das construcções e dos andaimes, as taboas retiradas das columnas de cimento que se vão descobrindo cahem como corpos no meio do formigamento dos homens, sobre a terra revolta.

Ataque sobre a usina electrica: o coração do Planalto. Os grandes amassadores de betume voltam sua bocca de minenwerfer para o céu, rosnam, se balançam, e arrojam suas salvas de barro.

Ainda não estão promptos os alicerces, e já fumega a primeira chaminé da primeira caldeira, que dá á primeira turbina suas 150 toneladas de vapor por hora. Em todo esse universo de terra, de pedras e de ferro frio, sómente os tijolos já estão quentes — quentes como o pello dum animal vivo.

Acompanhamos todo o processo da producção da energia electrica, atravez da concatenação de energias humanas das brigadas de ataque. Por toda a parte o homem se incorpora á materia, e as

brigadas de ataque estão de todos os lados, no transportador a carvão, nos bunkers e no triturador.

Uma equipe suspensa no vasio, entre rigidos cabos de aço, deposita com precauções maternaes as seis toneladas de úa machina trituradora sobre seu berço de cimento.

Tac taratac tac tac. Nosso zenith borbulha de martelladores de fogo, *frrrrr frrrrr.* O céu está repleto de fazedores de estrellas.

Entro na caldeira n.° 2, a caldeira fria. Columnatas e orgãos immensos — cathedral ou artilheria ante-lunar. Intestino monstro. E' o ventre do gigante. Aqui, o pó do carvão aspirado jogará para o alto sua chamma de 30 metros. Caminho sob as boccas convergentes dos lança-chammas de todos os calibres: encanamento de gaz, encanamento de naphta...

Esqueletos de madeira, esqueletos de ferro. Passadiço de navio, com seus assoalhos engradados e seus patamares de escada subindo os 45 metros do edificio. Sob a magistral das turbinas e os caracóes dos ventiladores, sobe-se, martella-se, parafusa-se, atarracha-se, cavilha-se. Ataque!

Bombas e encanamentos. Um rio enorme e perpetuo, um grande rio suspenso, correrá por aqui, entre suas margens de metal fundido, subindo incessantemente para sua fonte, do lago dos cem repuxos ao condensador de vapor, e do condensador de vapor ao lago dos cem repuxos.

Cumprimento, de passagem, o cidadão Gosse, montador de machinas em Belleville, com treze annos de aprendizagem e pilhas de annos de pratica. Gosse está installando uma turbina Rateau de 6.000 kilowatts para o serviço interno da usina. Desnorteado pelo rythmo de ataque, elle dá úa martellada, e se lamenta.

— Elles fazem as coisas muito depressa! Isso nem é mais trabalho! Não se faz nada direito! Um trabalho grosseiro! E' preciso tornar a apertar as cavilhas, refazer o que já se fez! Ah! patifes de russos!

Os *udarniks* sorriem, levantam os hombros, e recomeçam a batalha pela qualidade.

Gosse não comprehende. E como poderia comprehender? Elle está na linha de frente socialista, e entretanto raciocina como um pequeno-burguez mimoso do *Café du Commerce.* Apesar de tudo, o

turbilhão o envolve, e elle montou ao rythmo de choque a turbina, na qual o vapor vem bater sob as pás cada vez mais largas, e, distendendo-se, cahe de 28 a 8 athmospheras.

Aqui, a classe operaria aprende construindo, em lugar de aprender antes de construir. E como poderia fazer de outro modo?

O gasto, e mesmo o desperdicio do esforço estão na mesma escala gigantesca de todo o resto. Mas, haverá um limite ao dom de enthusiasmo? E poder-se-á construir o socialismo fazendo uma pequena economia das forças humanas quando os sabotadores da mais alta technica, ligados ao capitalismo mundial, fizeram o proletariado revolucionario perder os annos de sua mais bella juventude? Poder-se-á construir o socialismo sob o fogo de todos os imperialismos, com a lentidão artesanal dos velhos paizes sem pressa, que enfeitam sua morte com seus cem annos de aprendisagem?

— Bom dia, camarada Rostova. Qual é tua opinião?

Em frente aos quadros de distribuição electrica, entre os fios de cobre transportadores de raios, a camarada Rostova maneja os isoladores e as chaves dos contactos.

Este é o posto de commando, a grande sala aérea do estado-maior da Energia. Em taboas verticaes de marmore, a topographia da offensiva se inscreve em lampadas de côr, violeta, verde, amerello, vermelho, como bendeirolas fixadas num mappa.

A camarada Rostova é engenheira e montadora electricista. Uma communista de 33 annos, que carrega quatro annos de guerra civil. 12.° exercito, 44.ª divisão. Aprisionada pelos Brancos. Luctou na *Tcheka*, na frente de Kiev. Seu marido foi morto deixando-lhe uma filhinha. E depois de annos de estudo e de pratica no extrangeiro, ella mudou de frente de combate. Agora, bate-se aqui. Emquanto conta sua vida, todo o campo de batalha, com seus apitos, suas sereias, suas metralhadoras e o bombardeamento de seus martellos, lhe faz um acompanhamento heroico de ruidos. A aprendisagem de Rostova vale duas vezes a aprendisagem de Gosse. Rostova carrega, em seu rosto duma belleza severa, a fadiga jamais confessada de sua dupla aprendisagem. Rostova e Gosse possúem ambos o segredo das machinas e das correntes, mas sómente Rostova sabe o segredo da Revolução, a vontade dos proletarios.

Deante da porta do posto de commando, um velho operario de

barba branca, antigo partidario, monta a guarda do socialismo, de fusil em punho.

Tara tac tac tac.

Ataque!

Embaralhamento do esforço dos cavallos, dos homens, dos wagonetes — no fogo electrico e no ruido pneumatico.

Ras! dva! icho ras! (1)

Deante do Combinado, aos pés da fortaleza dos silos, dez homens apoiados arrastam uma enorme viga de ferro ao rythmo do grito, como se quizessem arrastar toda a terra.

Fabrica de coke. Subterraneos onde *bunkers* abrem suas guelas automaticas sobre o transportador. Carvão de Assinovska, de Prokopievsk, de Aralitchevo. Passo em revista o caminho ainda frio da hulha: em dois sectores, 1.200.000 toneladas de coke. E durante todo o tempo que dura a revista, os homens se movimentam. Andam pela passagem do triturador a carvão, pelo cume dos silos, e ponteiam o caminho da quéda da hulha desde o alto das torres, em taboas ligadoras. Alpinismo de assalto. Refluxo ao triturador-mesclador, da sala onde se fazem as misturas. Ascenção triumphal pelo plano inclinado, em "*tapis roulant*", até o ultimo andar da torre de carvão. *Taratata tac.* Prega-se. Prega-se. Quéda na carregadora por quatro orificios de enfornamento. Braseiro futuro, parto do coke. A desenfreadora corre para a torre de extinção.

Em baixo, gritos abafados. *Ras, dva, icho ras!* Erecção do aço. As immensas torres dos condensadores, que surgem para os milagres chimicos dos alcatrões e das aguas amoniacas, ameaçam o céu. Ida e vinda dos gazes.

Taratatata tac. A terra estremece sob os saturadores que se pregam. Formigas com rostos de homens se enfurecem em torno dum féto de aço de 50 toneladas e 30 metros. *Ras, dva, icho ras.*

Guerra de movimento, de escaramuças, antes da batalha decisiva para a qual está prompto o alto forno n.° 1. Bem no alto, alguns homens se interpellam no entre choques.

---

(1) Um! dois! Outra vez!

Escalada de entulhos, de cascalhos, de trincheiras, de fossos viscosos e de montes de taboas — e eis-nos aos pés dos dois torreões monumentaes do primeiro encouraçado terrestre de Kuznietsk, na coberta da officina de fundição, sob o passadiço automatico, que o liga ao cáes da estacada.

725 toneladas de fundição por dia, a partir de 7 de novembro. Um terço a mais que os maiores altos fornos da França. Por entre uma nuvem de ruidos, subimos verticalmente os obuzes gigantescos da primeira bateria de *cowpers*, o aquecedor do alto forno. Daqui, percebe-se toda a relojoaria monumental da fundição. Abarca-se a usina toda com os olhos, com úa mão. O combate dos homens, da madeira, do cimento, do ferro, da terra e do fogo, se desenrola agora por baixo de nós, panoramico. Vista aérea do campo de batalha: aqui, estamos entrincheirados; ali, avançamos; acolá, a posição foi tomada. Estallidos de electrodos, ao longe, perto, ali, por toda parte. vibrações de placas de aço sob o *taratatac* do martello, com seus reinicios, suas acalmias e seus paroxysmos. Milhões de passos, portadores das munições de tijolos refractarios. Quédas surdas de massas sobre as folhas de ferro. Ranger multiplo dos corrinhos de ferro, seguindo seus trilhos estreitos de taboas. Lamentação insistente do vapor, que escapa não se sabe de onde, entre os cubos compactos da central electrica, que despe seu gibão de madeira, e as fortalezas da fabrica de coke.

Em nosso redor está sentada uma familia de gigantes. Elles nasceram em 18 mezes. E no corpo desses gigantes, antes do sangue industrial da materia, circula a carne de todos esses homens e de todas essas mulheres, ligados estreitamente entre si, vivos ou mortos. Todo o drama organico do nascimento da industria pesada no planalto, sóbe até mim como um hymno.

Bem no fundo do *copwer* percebo homens minusculos, numa luz submarina, amontoando tijolos em taboleiros.

E, suspenso no vacuo, a 40 metros de altura, ao meu lado, sob a bandeira vermelha, um rapaz de 18 annos accende uma forja onde envermelhecem cavilhas. E' um desses *komsomols* que começaram o recuperador n.° 2 vinte dias mais tarde que o *cowper* n.° 1, e que terminaram sua montagem dez dias antes.

A chaminé da usina electrica, a nosso nivel, lança seu incenso negro em direcção da estrella vermelha que a corôa, por cima de todas as forças sumanas do Planalto, dirigidas para a offensiva de 7 de novembro de 1931.

Anniversario da revolução da industria pesada.

QUARTA PARTE

OS GIGANTES INDUSTRIAES

I — A geração dos constructores

Numa das salas do Instituto siberianno do Metal, onde quatrocentos e doze estudantes se formam afim de constituir os quadros das officinas do planalto de Kuzknietsk, estamos rodeados por um circulo de cabeças attentas.

Nada mais ardente, e mais gravemente poderoso, que essas physionomias de operarios russos já formados para a producção, que esse nucleo de intelligencias do trabalho, que se aperfeiçoam no proprio terreno em que vão combater. Tem-se a impressão de que sobre todos esses jovens pesa o senso de sua responsabilidade historica.

"Alcançar e ultrapassar os paizes capitalistas!" Estas são as mãos que vão supportar o peso da industria do mundo novo.

Elles têm de 18 a 35 annos. Viéram um pouco de toda parte, do norte e do sul, do leste e do oeste da immensidão sovietica, enviados, uns pelas usinas, outros pelas *Rabfak* (1), outros pelo Partido ou pelos syndicatos. Como fossem os melhores e os mais enthusiastas, quizeram ser os pioneiros destinados a abrir o caminho ao novo proletariado da nova Siberia.

Setenta e seis por cento dentre elles já eram operarios. Depois de quatro annos de estudos theoricos e praticos, entrarão na produ-

---

(1) Universidades operarias.

cção para os trabalhos de alta qualificação. Constituem o exemplo typico das facilidades que os operarios têm, na U. R. S. S., de passar a uma qualificação superior num tempo minimo — o que é uma correcção e um corolario de desigualdade dos salarios. Sua vida diz, melhor que tudo, o que levarão á producção em valor revolucionario, além da competencia que adquirem.

Alexandre Biessnossikov é membro do Partido desde 1926. Nasceu no districto de Nadjedjinsk, no Ural. Seu pae era operario. Quando veiu a guerra civil, seu pae partiu com os guardas vermelhos, e Alexandre ficou sósinho em sua casa.

— Quando os Brancos foram revistar nossa casa — elles procuravam armas — julgaram-me muito pequeno para valer a pena de ser morto. Então, tive mesmo que viver. Eu tinha duas irmãs mais moças, ás quaes devia dar de comer. Tornei-me latoeiro ambulante. Ia de aldeia em aldeia, e por um pouco de farinha concertava uma caçarola, um balde ou um samovar. Nesse tempo trabalhava bem minhas doze horas por dia. Quando papae voltou, em 1925, continuei a trabalhar, e depois parti para a fronteira como soldado. Foi no exercito que comecei a me instruir. Depois me aperfeiçoei nos cursos nocturnos, e agora tenho o orgulho de figurar entre os primeiros estudantes do Instituto de Kuznietsk.

Vera Baranovskaia é loura e timida. Fala conservando o tempo todo os olhos baixos, mas quando levanta suas palpebras, percebe-se nellas uma chamma.

— Tenho vinte e três annos, diz. Vim da Polonia muito pequena, com meus paes. Meu pae morreu de cholera em Kazan. Isso foi antes da guerra. Mamãe era cosinheira e membro do Partido. Trabalhava illegalmente. Um dia, viéram buscal-a e a transportaram para Tomsk, na Siberia. Meu irmão e eu ficámos sem casa. Partimos, então, em busca de aventura. Acabámos encontrando novamente mamãe em Tiumem, mas então começava a guerra civil. Os bandos de Brancos avançaram sobre a Siberia. E elles mataram mamãe. Então, junto com meu irmão, tornei a ganhar a estrada. Fomos recolhidos por uma casa de crianças. Foi ahi que fiz minha primeira aprendisagem e que adheri ás Juventudes communistas. Aperfeiçoei minha cultura geral no *Rabfak*, e aqui estou.

N. I. Nosov tem um rosto redondo todo esburacado e espinhento,

e, além do mais, dum vermelho de peonia. Fala com uma voz fanhosa, de intonações comicas. E' um homemzinho de vinte e um annos, pequeno, de hombros largos e agil. Nicolai Ivanovitch nasceu no Ural, mas já viu muitos paizes. E' um antigo *biezprisorni* (1), e guarda o accento do meio.

— Pois é, papae tinha sido morto como partidario. E mamãe morrera de doença. Que é que me restava fazer? Vêr outras terras. Foi o que resolvi fazer. Quiz vêr Moscou. Vi Moscou. Quiz vêr Kharkov. Vi Kharkov. Quiz vêr Tiflis. Vi Tiflis. Eramos três irmãosinhos deste tamanho! E não podiamos parar quietos. Viviamos como podiamos, roubavamos quando podiamos, e quando não restava outra coisa a fazer, entravamos para uma casa de menores.

Com uma expressão comica de vergonha, que torna ainda mais incandescente seu rosto vermelho, Nosov continúa, em seu tom fanhoso, abaixando os olhos:

— De 1922 a 1926, percorri trinta casas de menores. Eu não tinha sorte. Em toda parte me pegavam, mas de toda parte eu fugia. Emfim, em 1927, como tivesse acabado por aprender a lêr, quiz mudar de vida. Entrei para a escola de fabrica. Trabalhei nos laminadores durante um anno e meio, e agora a usina me mandou para cá. Sou estagiario no Partido.

A sala em que entramos agora, nas barracas da escola de aprendisagem visinha, se enche, num piscar de olhos, duma multidão de meninos de 13 a 17 annos, que accorrem atropelando-se para nos vêr.

A *Feseú* (2) se prepara para uma festa. O dia seguinte é o primeiro anniversario da fundação da escola.

Úa moça de 22 annos, uma judia enthusiasta e prophetica que ensina economia politica, nos mostra orgulhosa desenhos, os jornaes muraes e as bandeirolas preparadas por seus alumnos. Um dos desenhos representa os alumnos da escola banhando-se no Tom. Um outro mostra os alumnos fazendo fila deante dum torno, no qual trabalha um delles. Um terceiro representa uma forja installada ao ar livre.

---

(1) Criança abandonada.
(2) Escola de fabrica ou de usina.

— Ahi está, diz o ferreiro Zalaikine, um rapagão de 16 annos cinturado de vermelho, ahi está como começámos!

E todos se põem a explicar:

— Quando chegámos não havia barracas. E muito menos officinas.

— Acompanhavamos, sentados no matto, as aulas de physica e de mathematica.

— Subiamos nas arvores para acostumar as mãos, e mandavam-nos tomar banho nas horas das aulas praticas, porque não havia ferramentas.

— Depois, chegaram 3 tornos para 300 alumnos, e então foi necessario constituir 8 equipes, nas quaes cada alumno trabalhava um quarto de hora por dia.

— Puzemo-nos a construir barracas. Tivemos primeiro uma especie de granja, onde a chuva entrava com tanta sem cerimonia como se estivesse em sua casa.

— No começo do inverno construimos nossa casa de tijolos.

— Os cabellos gellavam em nossa cabeça, mas nós trabalhavamos cantando.

— Limpavamos as unhas tocando accordeon!

— Hoje somos 3.000 aqui, e em cima 2.000 membros das Juventudes communistas.

— E estaes vendo como é agradavel em nossa casa!

— De noite, toca-se, dansa-se e faz-se esporte.

— Fazemos excursões, successivamente a Leningrado, a Nijni-Novgord e a outros lugares. Tudo isso, sem gastar um só kopek. E ganhamos 30 rublos por mez.

— Levantamo-nos ás 7 horas e tomamos um chá bastante substancioso. Depois, almoçamos sôpa, carne e macarrão. Da uma hora até a sôpa das 5 horas, aulas theoricas.

— E a gente torna a tomar sôpa e a comer carne e macarrão!

Estouram risos. E' muito macarrão.

Agora, Liagut, aprendiz serralheiro, faz um discurso com uma voz de trovão:

— Trabalhamos aqui no meio do enthusiasmo porque queremos nos tornar independentes dos paizes capitalistas. Libertando-nos, libertaremos todos os operarios de todos os paizes. Nossos paes sabiam

a razão porque combatiam na guerra civil. Nós, na guerra industrial, tambem sabemos porque nos batemos.

Applaude-se, acclama-se, e, sem transição, o accordeon ataca uma dansa ukraniana.

Dolovobo, que tem 15 annos, pede desculpas por seus sapatos pesadões, e se põe a dansar magnificamente, saltando como um quadrilheiro do *Principe Igor*, no meio do circulo de vozes rythmadas e de mãos que batem.

Em seguida, numa communhão enthusiasta, cantamos em côro. E, dessa massa de meninos, onde se encontram todos os typos de 200 povos, dessa internacional viva de crianças, sobe uma canção da guerra civil, um alegre canto de combate das Juventudes, uma canção qle desce ao mais fundo de nossos corações de Occidentaes como um alcool, e que os queima:

Meu fusilsinho,
Atire e não tenha mêdo
De esperdiçar as balas.
Meu fusilsinho vermelho,
Não poupe os burguezes!

Os gigantes industriaes do planalto de Kuznietsk serão bem deservidos e defendidos. Aos jovens de nossos paizes, de se mostrarem dignos dos jovens de lá.

II — A descoberta de Magnitogorsk

O camarada Guguel nos recebe em seu escriptorio ornamentado com objectos de bronze, com objectos de pedra, de metal e objectos de arte, em frente a uma parede recoberta de graphicos.

Estamos em Magnitogorsk, no Ural, aos pés da Montanha Imantada.

O camarada Guguel, que dirige a construcção do Planalto de Magnitogorsk, é um antigo operario metallurgico que cursou as aulas da escola technica de Odessa.

Elle tomou parte na guerra imperialista e na fraternisação que a encerrou na frente russa, e depois combateu no Sul, durante a guerra civil. Em seguida á mobilisação, consagrou-se á organisação industrial, primeiro no Donbass, depois em Taganrog, em seguida em Constantinovka, e mais tarde em Mariupol. Hoje dirige aqui o exercito dos 60.000 trabalhadores que constroem o maior centro metallurgico do mundo...

Guguel é um homem duns quarenta annos, não muito alto, um *businessman* marxista, frio e preciso como um mechanismo bem regulado.

— Ha 18 annos, começa Guguel, um commerciante chamado Miasnikov pedia aos cossacos de Oremburgo, aos quaes pertencia o territorio de Magnitnaia, autorisação para explorar a montanha Atach, onde havia, ao que se dizia, muito mineral. O commerciante dizia ter a intenção de construir perto dali uma fabrica, patrocinada por São João Baptista. Nesse tempo, o Ural, o rio que passa por Magnitnaia, ainda se chamava Iaik, do nome dos cossacos que occupavam suas margens. Depois da revolta de Pugatchev, o Iaik foi desbaptisado, como medida repressiva, e só mais tarde tomou o nome da cadeia de montanhas.

Uma usina, destinada a tratar o mineral, foi fundada em Bielorietz, a 120 kilometros daqui. Durante a estação quente, que precedia a colheita, os operarios vinham extrahir os blocos de ferro da superficie e quebral-os, e centenas de telégas transportavam o mineral triturado a Bielorietz, mediante um pagamento de 5 a 7 kopeks cada 16 kilos. A viagem de ida e volta levava cinco dias.

"A industria do Ural, como o sabeis, continuou sua existencia morosa ainda mesmo depois da revolução, até o dia em que o XVI° Congresso resolveu crear o Combinado.

"Conheceis o principio da oscillação Ural-Kuzbass. Só o socialismo podia realisal-o. Naturalmente, a grande distancia que separa de producção mas esses gastos são compensados pelas condições o carvão siberianno do ferro do Ural determina um elevado custo de producção; mas esses gastos são compensados pelas condições excepcionaes de extração do carvão e do ferro. O ferro que enviamos a Kuznietsk, e o carvão que Kuznietsk nos manda, póde-se dizer que não custam nada para serem extrahidos. Os dois jazidos ficam ao ar livre e concentram uma enorme massa mineral numa superficie minima. E' o que torna a oscillação possivel e rendosa.

— "Nossa Montanha Imantada contem 300 milhões de toneladas de mineraes de diversas especies, que dão de 10 a 64% de ferro. E' esse mineral, depois de tratado na usina do enriquecimento, de triturado e de lavado, afim de se obter uma qualidade média, que será enviado aos altos fornos.

"Teremos primeiro 8 altos fornos, e mais tarde 10, duma capacidade de 1.200 toneladas cada um. Os planos foram fornecidos pela firma americana Mac-Kee. A Europa desconhece fornos desse tamanho. Na Allemanha, em Gutenhoffnungshütte, o maior alto forno attinge apenas 1.000 toneladas. Na America ha alguns — 7, ao que supponho — do tamanho dos nossos, mas nunca trabalharam em conjuncto. Nossa bateria gigante de altos fornos será, pois, unica no mundo. Nossa producção: 2 milhões e meio de toneladas para os primeiros 8 altos fornos. E nossas duas primeiras unidades darão, sósinhas, em sua producção jornaleira, o que produz no mesmo espaço de tempo o Ural inteiro, com 37 altos fornos.

"Vedes a amplitude da revolução technica que se processa aqui. Mas, na metallurgia, não é apenas pela quantidade que o metal se define. Intervem ainda a qualidade do mineral, a qualidade do coke e o grau de humidade do vento. Nossos esforços convergirão, pois, desde o começo, para a qualidade. Quando nossa bateria de 10 altos fornos estiver funccionando, contamos passar de 2 milhões e meio a 4 milhões de toneladas de producção, simplesmente porque de hoje até essa data, graças á organisação de nossa base de materias primas, teremos conseguido melhores rendimentos, e nossos altos fornos poderão produzir segundo toda sua capacidade, quer dizer, 1.200 toneladas.

"Nossa fundição, ainda incandescente, será, ao sahir do alto forno, transportada directamente para os fornos Martin. 42 fornos Martin — 3 baterias, de 14 fornos cada uma — fornecerão 150 toneladas de aço em cada fornada, e por forno, e darão duas fornadas por dia, quer dizer, 300 toneladas.

"Não ha uma só central metallurgica no mundo, que possúa uma tal bateria de fornos Martin.

"O projecto foi elaborado inteiramente na U. R. S. S. O aço

desses fornos, separado em blocos de 5 toneladas, passará pelos *bloomings*, os adelgaçadores, de onde será, emfim, dirigido para nossas officinas de laminação.

"Mas tudo isso é apenas uma parte de nossas installações. Sem duvida nenhuma elles constitúem o centro da actividade do Planalto. Mas representam, de facto, apenas 15% dos capitaes que empregámos em nossas despesas industriaes. A usina metallurgica, simples em seu processo technico, é complicadissima em seu processo de distribuição e em seu machinario. Calculae que estamos construindo, ao lado de nossos altos fornos, de suas machinas assopradoras, de seus fornos Martin e de suas laminações, uma enorme fabrica de coke, com usinas chimicas. Ella comprehende uma bateria de fornos de coke por alto forno, quer dizer, 8 baterias de 69 fornos.

"Já pensastes na quantidade de energia necessaria para o funccionamento de uma empreza de proporções tão gigantescas?

"Nossa usina electrica consumirá 1 milhão e 200.000 toneladas de carvão por anno, afim de poder nos fornecer os 350.000 kw que nos serão necessarios. Quando a usina metallurgica, com seus 10 altos fornos, estiver funccionando, a central electrica deverá produzir 550.000 kilowatts.

"E a agua? A agua é a questão vital. A barragem do Ural só nos dá actualmente 28 milhões de metros cubicos de agua, e nós teremos necessidade de 140 a 160 milhões de metros cubicos. Assim, desde o presente temos que pensar em nossas reservas.

"Ha duas hypotheses: construir um lago artificial, a 60 kilometros daqui, alimentado pela captação do Ural e de seus affluentes, — um lago de 75 kilometros quadrados, com 400 milhões de metros cubicos de agua — ou fazer, a 25 kilometros daqui, um lago de 30 kilometros quadrados, com 200 milhões de metros cubicos de agua. O Planalto consumirá 32 metros cubicos de agua por segundo.

"Nosas officinas de construcção, de modelagem, de montagem e de reparações e nosso combinado da madeira representariam, sósinhos, em não importa qual paiz, uma grande cidade industrial. Nossa usina de tijolos refractarios, destinados ás reparações communs, é, ella propria, com sua producção annual de 90.000 toneladas de tijolos, um gigante. Nossa usina de encanamentos, que será construida ao norte da central electrica, produzirá 500.000 toneladas por anno.

"Os transportes? Teremos aqui uma rêde ferroviaria extremamente complexa, com uma circulação que vae desde o transporte de pessoas até o do metal em fusão a 1.000 graus. E' um sector onde a menor falta póde ser desastrosa. Teremos sobre o Planalto, apenas para o serviço da usina metallurgica, 250 kilometros de vias férreas, 150 locomotivas e 800 wagons. Actualmente, sómente para nosso serviço interno, utilisamos 53 locomotivas, 450 wagons e 150 tractores e caminhões. E' preciso accrescentar ainda toda essa machinaria moderna, nossos 4.000 cavallos de tração e uma centena de camellos.

"Tudo isso não é muito, quanto se pensa que a usina cobre 16 kilometros quadrados, e que todo nosso territorio conta 45 kilometros quadrados! O que será o desenvolvimento do automovel aqui? Podeis sabel-o constatando que, para ir de um posto de sua actividade a outro, nossos engenheiros terão, ás vezes, que percorrer um ou mais kilometros dentro da mesma usina!

"Gastamos aqui, em nossas construcções, 600.000 rublos por dia, 25.000 por hora, 400 por segundo.

"Evidentemente, tudo isso não póde caminhar sem difficuldades. E se é verdade que visitastes a Siberia, deveis conhecer essas difficuldades. Ellas se referem ás dimensões do problema que deve ser resolvido, á rapidez que se exige em sua execução e aos meios materiaes de trabalho. E depois, é a primeira vez que se tenta uma experiencia destas.

"A dimensão e a rapidez constituem o principio mesmo de nossa construcção. Mas quaes são as forças humanas que nella tomam parte? Operarios de 35 nacionalidades trabalham no Planalto, e essa massa é composta por 65% de jovens. Ainda hontem, a maior parte delles eram camponezes. Temos, pois, que crear no proprio local nossas forças qualificadas. Graças á collaboração enthusiasta dos quadros operarios experimentados e dos technicos communistas, atingimos rapidamente esse fim.

"No que concerne ao material, aqui succede o mesmo que em Kuznietsk. Temos exactamente uma unica linha, de via simples, para alimentar o gigante. Por isso mesmo, esforçamo-nos por fabricar nós mesmos tudo o que podemos, afim de diminuir os transportes,

tanto em materiaes como em viveres. Possuimos nossa granja de verduras, nossa granja leiteira e nossa granja de trigo.

"E' que além de tudo ainda temos que alimentar 200.000 habitantes! E alojal-os! Construimos primeiro barracas de madeira, depois casas de tijolos. Na cidade socialista, 20 casas, de 32 alojamenots cada uma, já estão promptas. Agora vamos construir em blocos de silicato. Começando dentro de 8 dias esse genero de construcções, poderemos, a partir de janeiro, concluir uma casa por dia, e attingir um rythmo tal que não serão necessarios mais que 25 dias para terminar um de nossos grandes blocos de construcções!

"E não deveis esquecer-vos que vamos realisar esse plano em pleno inverno, sob 45° de frio, quando é necessario aquecer tudo, officinas, materiaes e homens.

"Os extrangeiros que trabalham aqui não acreditam em seus proprias olhos, quando vêm o que realisamos graças á consciencia enthusiasta das massas attrahidas á emulação.

"Com respeito ás difficuldades de transporte, acontece, por exemplo, que fique parado algum wagon que transporta machinas desmontadas. Que não seja por isso! Uma equipe sobe ao wagon, e começa a montagem. Quando o trem chega á officina, não se tem outra coisa a fazer que descarregar a machina, completamente montada.

Uma anecdota. Quando os engenheiros e montadores extrangeiros encarregados de assentar as machinas assopradoras chegaram, foram visitar immediatamente a officina. Ahi não havia mais que um immenso buraco, e os alicerces. Desci com meus hospedes ao fundo do buraco. Quando chegaram em baixo, os technicos sorriram e disseram:

— Não ha parede, não ha tecto; pelo que vemos, chegámos muito cedo. A montagem não tinha pressa.

Respondi-lhes:

— Sim, temos muita pressa.

— Mas como montar as machinas sem que haja parede nem tecto?

— Senhores, disse-lhes eu, trata-se agora de collocar as machinas sem alicerce, e de fazer os alicerces escorregarem por baixo das machinas, mais tarde, quando houver tempo.

Elles me olharam como se estivessem falando com um louco, se entreolharam, e comprehenderam. E começaram a montagem, sem parede e sem tecto".

Guguel fala ainda durante muito tempo, contando as difficuldades causadas pelos planos primitivos e pelo trabalho dos sabotadores. Como percebamos que são duas horas da manhã, e nos levantemos para nos despedirmos do camarada Guguel, elle nos diz:

— Tendes uma opportunidade. Escreveram-se tantas asneiras a resepito de Magnitogorsk, que já se torna necessario imprimir algumas verdades. Aliás, ainda é cedo, e minha divisão de tempo ainda comporta uma hora de trabalho...

III — As sentinellas de Magnitogorsk

Quando se procura, num mappa, o lugar em que está situada Magnitogorsk, encontra-se unicamente a Montanha Imantada e a aldeia do Iman. Ha, entretanto, entre as duas, uma cidade de 200.000 habitantes, e Magnitnaia possúe apenas 4.000. E' que Magnitogorsk cresceu nesse deserto no espaço de um anno e meio.

Quiz vêr Magnitnaia. Magnitnaia, ou a aldeia do Iman, é um pequeno burgo cossaco de ruas largas, de casas baixas agrupadas em redor duma velha igreja, que a gente percebe do alto dos rochedos que dominam a aldeia de Maio.

Descemos da Cidade Socialista para o rio Ural, e, atravessada a ponte, abaixo do Dique, nossa caléche vacillante, puxada por um cavallo de sangue, nos conduz atravez de ruas esburacadas e cheias de cavalleiros, de vaccas e de crianças, até a séde do Soviet, onde nos esperam antigos partidarios cossacos. Estão sentados em redor de Matvei Denissovitch Iemifov, que tem 76 annos, uma barba branca e um olho vasado, e de Alexei Ivanovitch Christov.

Christov, um enorme diabo de grande nariz chato, repuxa seu bigode de fios duros, e começa a contar de que modo os cossacos de Magnitnaia defenderam a montanha Imantada para o poder dos operarios e camponezes.

— Foi assim, diz elle. Quando o 16.° regimento dos cossacos de Oremburgo se dissolveu, em fins de 1917, entregámos nossas carabinas aos operarios de Ufa e voltámos para nossas casas, cada qual com seu sabre e seu cavallo. Formámos uma *"sotnia"*, uma "centena",

e ficámos promptos para qualquer acontecimento. Sabeis o que se passou... O atamam Dutov se sublevou e sua propaganda reaccionaria dividiu a população cossaca em duas partes: cossacos brancos e cossacos vermelhos. E a guerra começou.

"Aqui esteve Nicolau Kachirine com um destacamento de bolcheviks, e nós nos juntámos a elle. Formamos um comité revolucionario na *stanitsa*. A elle pertenciam Adriano Sodnikov, Garatchev Mikhail, Ivanov Timofei e muitos outros. Era nos primeiros dias de abril de 1918. Bem. Eis que, de repente, vindo lá de cima, Dutov cahe sobre nossas costas. Uma bella manhã, um esquadrão de brancos, vindos de leste, entra na cidade. A sua desgraça foi que nós o esperavamos. Eramos sesenta vermelhos, para guardar a *stanitsa*, tendo uma metralhadora e fusis. A metralhadora estava colocada em frente á igreja. Os atiradores aqui, no Soviet.

"O que foi que fizemos? Deixámos os Brancos avançarem, e, quando os vimos a bôa distancia, abrimos fogo. Elles se dispersaram como um bando de pardaes. Juntamente com Kachirine, começámos a perseguil-os. E nós os expulsámos de Navarinsk, os expulsámos de Trebiaitski, os expulsámos de Tchernigorsk!

Voltámos a Magnitnaia, tomámos folego e tornámos a partir em direcção de Oremburgo. Emquanto isso, os tchecoslovacos vermelhos, vindos de Oskarov, ficaram incumbidos de resistir aqui como pudessem. Mas os cossacos brancos voltam, em massa, prendem o comité revolucionario e installam o seu "bureau de aldeia". Roubam-nos um comboio de munições em Brailovski, e interrogam a seu modo os comboieiros. A alguns arrancam os olhos, a outro tiram a pelle das costas a golpes de *nagaika*. Fazem, emfim, com que se ajoelhem diante da igreja e implorem perdão a Deus. Depois, os obrigam a sahir e os acabam a tiros de metralhadoras...

"Nós voltámos em agosto de 1919, com a 14.a divisão de ferro, Murtasine, um bachkir, que estava ora do lado de Dutov, ora comnosco, passa para o nosso lado e ataca a Montanha das Betulas. Os Brancos fogem.

"Consequencia: tornamos a entrar e nos installamos definitivamente em Magnitnaia.

"Magnitnaia não via coisas assim desde a época de Pugatchev!

"Mas, hoje, que são todas essas historias? Contos de avós?

"Já vistes o que fizemos aqui, passastes pelo Dique? Estivestes na Cidade Socialista? Já é outra coisa, hein? Vistes os altos fornos?

"No local onde se construiu o Dique, havia um buraco no rio, e esse buraco tambem tem uma historia. Durante o inverno de 1918, os Brancos tinham feito doze prisioneiros tchecoslovacos. Depois de os terem torturado, — veja, nesta mesma sala em que estamos —, elles os despiram e os conduziram, completamente nús, sob 30 graus de frio, pelo gello, deante da cova. E lá executáram todos os doze. No lugar em que está a Cidade Socialista, um pouco á direita, contra a montanha, os cossacos de Dutov fusilaram ainda oito de nossos partidarios".

O Dique.

Dirijo-me a elle com Christov. Levanta-se numa extensão dum kilometros, com seus 100 arcos, sobre 7 metros e 50 de altura.

Em baixo do Dique, o Ural, um rio apenas um pouco mais largo que a Biévre, corre como um regato entre suas antigas margens.

Acima do Dique, um lago de 13 kilometros transformou a face da terra.

34.000.000 de metros cubicos de agua se accumularam alí desde a terminação da barragem, no mez de abril ultimo.

Do mesmo modo que seccaram o mar de Bibi-Eibat, perto de Bakú, os bolcheviks inundaram aqui a terra, afim de extrahir 28 milhões de metros cubicos de agua, necessarios á marcha de seus primeiros altos fornos gigantes.

Este dique, com sua linha nitida de eschema, é a vida mesma de Magnitostroi. O alto forno combina os quatro elementos: a terra, o ar, o fogo — mas a agua é mais necessaria que tudo á sua vida e á dos gigantes que a alimentam.

O dique devia ser o primeiro trabalho, o trabalho fundamental da construcção.

— No começo do ultimo inverno, conta Christov, as equipes de operarios se installaram á margem do regato. Barraram o curso da agua com pequenos saccos de areia, para o desviar, e o trabalho teve inicio nas duas margens.

"Havia pessoas que diziam: "Fazer isso no inverno? E' preciso estar louco!"; e, entretanto, era preciso fazel-o, sob pena de se perder um anno inteiro. A terra? Não era possivel abril-a com pica-

retas, pois estava gellada. Os proprios martellos pneumaticos não conseguiam grande coisa. Então, atacou-se a dynamite. Quando se iniciaram os alicerces, foi necessario cimentar; mas, para cimentar em pleno inverno, era preciso aquecer o cimento. Nunca teriamos imaginado o que se passou: construiram-se vastos hangares de madeira, onde se começou a trabalhar e a preparar o cimento. Fóra, a temperatura era de 30, 40 e 47 graus. Era necessario transportar o cimento a uma atmosphera de 60 graus, para que pudesse pegar antes de ficar gellado.

"As equipes que trabalhavam de um e outro lados do dique e nas comportas apostavam quem concluiria primeiro sua parte. Nas ultimas semanas, era necessario arrancal-as á força do trabalho, para que descançassem um pouco. Emfim, depois de 73 dias, a equipe da esquerda terminou seu trabalho. No 75.° dia, a equipe da direita concluia sua parte.

"A construcção apresentava um aspecto curiosissimo.

"No meio da planicie, onde corria um riosinho minusculo, levantava-se uma enorme parede. E então a agua começou a subir. Subia vagarosamente, de encontro ao dique. Uma poça, um charco, um açude. E a gente a olhava. E o que a comporta deixava passar parecia um miseravel repuxo. Afinal, a planicie começou a se inundar. Desappareceram os arbustos, depois os canniços, depois as plantas, depois as arvores, afogadas. Nós, que somos do paiz, já não reconheciamos os lugares os mais familiares. No lugar em que nos bateramos a sabre com os cossacos de Dutov, ao longo do rio, um cavallo teria perdido pé. E' que a agua chegára ao alto do dique. As antigas barracas, onde moravam os constructores da barragem, tinham sido transformadas em casas de repouso, e os operarios, que ahi passavam seus dias de descanço, esperavam com impaciencia que a agua começasse a cahir por cima dos arcos. Emfim, o facto aconteceu. Os peixes estavam completamente désorientados. Saltavam para baixo do dique, e as crianças corriam a apanhal-os".

O lago nascera sobre o proprio local em que os doze partidarios tchecoslovacos haviam sido fusilados pelos Brancos. O heroismo dos *udarniks* sommava-se ao heroismo dos defensores da montanha Imantada. Uns haviam guardado a montanha ainda adormecida, para o proletariado, os outros davam ao proletariado o meio de fazer a montanha despertar.

Christov e eu tornamos a subir em nossos cavallos.

Em frente ao Dique, na plata-forma da comporta, um soldado vermelho monta guarda, não longe duma torre de madeira coroada de projectores.

Acima delle, deante da construcção gigante, um busto de Lenine se levanta sobre seu pedestal conico.

As duas sentinellas velam no coração desta cidade gigante, nesse coração de onde parte e para onde volta a agua necessaria á sua vida. Lenine, armado de seu genio, que soube prever o combinado Ural-Kuzbass, e cuja doutrina, hoje, o anima e protege.

E, ao lado da sentinella de pedra, a outra sentinella, o soldado vermelho, bem vivo com seu fusil, prompto a defender a herança transmittida pelos tchecoslovacos massacrados e pelos partidarios cossacos da aldeia do Iman, o pequeno burgo anachronico que sobrevive a si mesmo aos pés do dique gigante, entre a Europa e a Asia...

IV — Sobre a Montanha Imantada

Os bolcheviks têm uma visão grandiosa a respeito de todas as coisas. A Montanha Imantada é de seu talhe. O Plano decidiu tritural-a e fundil-a.

Esta montanha Atatch, que obstrue o horizonte de Magnitogorsk, ao nordeste, é uma cadeia de ferro massiça, úa montanha toda de mineral, a cuja approximação a bussola enlouquece e o ponteiro dos relogios se desorienta. Trezentos milhões de toneladas de ferro, apenas um pouco misturados com terra, porphyrios e limonites. Uma immensa officina de fundição, surprehendida em plena fusão com suas escorias. Ha milhões de millenios, o vulcão devoniano preparou aqui os mineraes do alto forno socialista. E, desde as zonas de martites até as profundezas expessas das bases da montanha — dormem ali até as profundezas espessas das bases da montanha — dormem ali recursos para dezenas e dezenas de annos de exploração.

Dir-se-á: "Mas esses recursos se exgotarão rapidamente, a conti-

nuar o consumo dos altos fornos gigantes". Os bolcheviks respondem: "Nossa actual technica gigante já estará de muito tempo envelhecida, quando a montanha tiver sido engolida. Serão necessarios 50 annos para exgotar apenas o cume do Atatch!"

A montanha está, de alto a baixo, semeada de camadas mineraes — os são camadas cuja riqueza em ferro é tal, que póde-se mandal-as directamente aos altos fornos, para obter a fundição: 63 a 65%.

Quanto aos mineraes menos ricos e ás terras carregadas de ferro, passam antes pela usina de Aiderli, uma usina gigante, talhada na montanha a 40 metros de altura, onde poderão ser triturados, por hora, 500 toneladas de blocos de uma tonelada de mineral.

Nos laboratorios da mina, visiatmos uma usina-miniatura de beneficiamento, com seus lavatorios, seus trituradores, de onde o mineral sahe para o crivo, seus separadores hydraulicos, seus separadores magneticos, que atrahem o mineral a seus cylindros imantados, seu classificador de mesa, que separa o mineral de sua escoria sacudindo-o.

Laboratorios de analyses: analyses micro e macrographicas. Analyses physicas. Analyses quantitativas e qualitativas. Preparadores e preparadoras, physicos e chimicos, todos jovens, dosando os reactivos, pesando, alimentando os fornos electricos — altos fornos em reducção —, ou os fornos de mufla, em grandes salas scintillantes de balões de vidro, de tubos, de retortas, de provetas, de boccaes, de frascos multicores e de instrumentos de cobre.

Os gigantes de 1.200 toneladas viverão e prosperarão segundo o trabalho de toda essa cosinha de atomos, de milimetros e de milligrammas.

Aqui está a mina, ou melhor, o corredor. Porque, se é verdade que existe a galeria de mina, que entra pela montanha 370 metros, ella constitue mais uma sondagem que uma officina. Sondagem, aliás, bastante curiosa de se acompanhar, na qual o corte das camadas apparece como num mappa, e onde se colhe, a mancheias, as inconsistentes pyrites de ouro, as hematites partidas, pedras brilhantes cuja fractura tem o aspecto e a contextura da fundição, e pedregulhos que são imans.

Fóra, na montanha, em frente a Magnitogorsk, de 10 em 10

metros se cava uma plataforma. O horizonte 590 está prompto para ser explorado. O horizonte 580 e o horizonte 570 estão sendo preparados. Em cada patamar, ha uma estrada de ferro, que sobe para os patamares superiores um kilometro, depois 600 metros, depois 400 metros. A montanha comporta, até a usina Aiderli, 12 kilometros de vias férreas, que serão servidas por machinas de grande poder, que puxarão seis wagons. Haverá na officina 90 dump-cars (wagons de descarregamento automatico), dos quaes 20 já estão montados. E, para desmontar a montanha, ao lado de centenas de perfuradoras pneumaticas, ha os ultimos modelos de perfuradoras Armstrong e Sanderson.

Enormes excavadoras — Bucyrus de 3 toneladas — movidas a electricidade, trabalham, já, nos horizontes superiores. Subimos ao longo da linha ferréa, de horizonte em horizonte, caminhando sobre um lastro que não é outra coisa que mineral, e chegamos em frente á machina — enorme pá montada sobre pernas: o Bucyrus. Está em repouso.

Atraz de nós, Magnitogorsk se extende sob as nuvens, á margem de seu lago, rodeando seus altos fornos gigantes com o anteparo de suas chaminés, de suas construcções e de seus madeirames monumentaes.

Repentinamente, o Bucyrus começa a roncar. Sacode-se um pouco sobre suas grandes patas de ferro, e bufa. Kolia, um mechanico ainda criança, o cerebro do Bucyrus, toca ligeiramente as alavancas de commando. O Bucyrus alonga seu pescoço e mostra seus dentes. Passeia durante um momento sua cabeça, que não é mais que uma bocca aberta, por cima de nós. Fareja-nos. Isso feito, abaixa o pescoço, para poder pastar um pouco. Pasta a terra espalhada á margem da estrada.

Bruscamente, para e olha firme para a frente. Ha, ali, uma enorme crosta de mineral, do qual não se percebe mais que uma superficie lisa e cinzenta, enfiada na montanha. O Bucyrus se prepara para atacal-a.

Encolhe o pescoço. Depois toma um impulso, e, com a mandibula inferior crispada, morde a montanha pela base, roncando. De todos os lados, em redor de sua bocca, a terra se desmorona e cahe. Seixos de ferro, do tamanho de homens, rolam numa pequena avalanche.

O Bucyrus enche a bocca, procura um lugar conveniente, e vo-

mita, numa nuvem de poeira vermelha. Estalla duas vezes sua lingua, e ataca novamente. Desta vez, elle espixa seu pescoço para o alto. Verifica a solidez da massa que quer desprender. Vae atacal-a por cima. Colloca sobre ella seu queixo adunco, e dá um arranco para traz. A massa negra e vermelha resiste. O Bucyrus recúa, e novamente atira seu pescoço para a frente, com uma decisão furiosa. O esforço que emprega fal-o gemer e estremecer. Mas a massa ainda resiste. Então, o papão Bucyrus, com dentadinhas certeiras, começa a roer á direita e á esquerda, animal intelligente e paciente.

Emfim, elle julga o momento opportuno. Investe.

Dessa vez, a massa de mineral foi vencida. Ella vacilla, e o Bucyrus a recebe em sua bocca, como uma presa. Elle volta. Balançando-se, dá uma volta completa — um volta de honra — em torno de si mesmo, e deixa cahir sua preza ao lado de outras, no lugar em que os homens as vêm partir.

O Bucyrus limpa o lugar do massacre da montanha, e recomeça seu serviço, com sua bella tranquillidade monstruosa.

Kolia, o mechanico-menino, seu cerebro, sabe que cava o tumulo do capitalismo.

Tornamos a descer para a planicie...

E emquanto os cavallos rapidos de Karine, o director da mina, nos conduzem num só galope até a usina monumental de Aiderli, eu fico pensando, obsedado pela lembrança dum aviso que li na Montanha Imantada...

Elle foi posto ali, ingenuamente, para uso dos engenheiros americanos. E elle lança em inglez — muito menos aos trabalhadores da officina que aos imperialistas do mundo inteiro — essa advertencia incontestavel:

ATTENÇÃO!
AQUI DYNAMITA-SE!
AS PEDRAS VOAM PARA TODOS OS LADOS!
A MORTE VOS AMEAÇA!

V — No paiz das dimensões perdidas

— Com o oxygenio que consumiremos diariamente, seria possivel fazer respirarem 200.000 pessoas.

"Com o calor desprendido pelo coke dum só carregamento de um de nossos altos fornos, poder-se-ia fazer evaporar 10.000 toneladas de agua, quer dizer, o valor da tonelagem dum navio de guerra.

"Com a agua que nos será necessaria, seria possivel abastecer toda a U. R. S. S. durante um dia, á razão de um litro por pessoa.

"Diariamente, em cada alto forno, teremos que empregar 175 wagons de coke, de mineral e de calcareo. Cada vinte minutos chegará um trem a nossa estação.

"Com o gaz produzido por um só alto forno, poder-se-ia carregar quatro trens e meio de cincoenta wagons de vinte toneladas cada um, todos os dias.

"Se se introduzisse esse gaz num tunnel dum metro quadrado, seria necessaria, para contel-o, uma construcção que iria de Paris a Varsovia.

"Com o gaz produzido por nossos oito altos fornos, poder-se-ia fazer uma cintura de um metro de largura que rodeasse a terra ao nivel do Equador.

"Se se fizesse um cubo com a producção jornaleira de nossos oito altos fornos, esse cubo massiço de fundição teria o tamanho de uma casa de dez metros de altura por dez de largura.

"Cada um de nossos altos fornos terá 42 metros até a altura da abertura, e para chegar a seu cume será necessario subir uma escada de 290 degraus. Nossa plataforma, de cento e onze metros, é a maior desse genero do mundo.

"A producção annual de nossos oito altos fornos será igual á producção de toda a fundição da França em 1919.

"Quando estiverem funccionando nosos dez altos fornos, e estivermos produzindo 4 milhões de toneladas, ultrapassaremos Garry, a maior usina siderurgica da America, em um milhão de toneladas.

"O que produzir nossa estação daqui até o fim do plano de cinco annos, representará um terço da producção allemã, dois quintos da franceza e metade da ingleza.

"A U. R. S. S. terá então o segundo lugar na producção de fundição do mundo, com 17 milhões de toneladas.

"Nossa industria pesada estará, então, em proporção com este paiz, cujas dimensões são taes, que se um homem quizesse percorrel-o a pé em sua parte mais larga, levaria quatro annos.

"Nossos dois primeiros altos fornos começarão a trabalhar no fim do anno. Os dois segundos deverão estar promptos em fevereiro, os dois seguintes em julho, os dois ultimos em outubro.

"Para se obter 1.100 toneladas de fundição e 500 toneladas de escorias, — a producção média que esperamos tirar por fornada e por alto forno é necessario jogar na bocca de nosso gigante 1.800 toneladas de mineral, 1.100 toneladas de coke e 500 toneladas de pedra calcarea. E' preciso accrescentar a isso, ainda, o "vento", 3.500 metros cubicos de ar em cada carregamento".

Sorrindo, o camarada Skobelef, engenheiro chefe dos altos fornos de Magnitogorsk, nos faz caminhar pelo futuro proximo das construcções gigantes, como atravez dum conto de fadas. O engenheiro Skobelef tem 46 annos, mas seus cabellos estão quasi completamente brancos. E' um sem-partido, o typo do engenheiro leal dos velhos quadros. Affecta um tom desinteressado para falar de todas essas coisas, mas sente-se que se entrega apaixonadamente a seu trabalho. Sua historia é uma exhumação jocosa das tradições estudantinas burguezas. E isso parece estar tão longe...

— Fiz uns estudos muito engraçados, diz elle. Fui estudante durante dez annos, antes da guerra. Terminei brilhantemente meu primeiro anno. E o segundo? O segundo durou oito annos! Eu não assistia uma aula, mas não perdia um só baile de mascaras. Emfim, um bello dia, resolvi mandar os bailes irem passear, e terminei meus dois annos em um anno e meio. Posso dizer que passei alguns annos, muito, mas muito divertidos. Em 1924, eu era engenheiro nas usinas de Kertech. Depois, trabalhei em Mariupol. Quando começou a revolução, pensei que estivesse tudo perdido, e que nunca mais veriamos metal em fusão. Fechava-se tudo, quebrava-se tudo... Eu era engenheiro na usina Lenine, em Dniepropetrovsk, quando vi a primeira fornada do primeiro forno Martin reposto em actividade. Pois bem! chorei como uma criança! Desde então, servi o melhor que pude a revolução.

"Cheguei aqui no mez de março deste anno, num dia que estava perfeitamente de accordo commigo: a jornada internacional das mulheres. Fui immediatamente vêr meu alto forno. A steppe estava cheia de buracos, de fossos de margens completamente gelladas, e como proletariado eu tinha a meu serviço, um brigadeiro, um caldeireiro, o serralheiro de dia e o bombeiro de serviço. Podeis vêr o ponto em que estamos hoje. Um alto forno terminado, outro que vae sel-o.

"Ha 5.800 operarios e operarias trabalhando na construcção: russos, russos-brancos, ukranianos, polacos, judeus, tartaros, bachkirs, kirghizes, tchovaches, moldavios, buriates, sartes, mongoes, tchecoslovacos, lithuanos, esthonianos, lettões, allemães, yakutas, americanos, francezes, belgas, italianos e chinezes. E eu ainda devo ter-me esquecido de algum!

"E vejam o que acontece a um pobre dum velho engenheiro! Ninguem contesta que o proletariado é á vanguarda que lucta contra a burguezia para libertar todos os opprimidos. E que a U. R. S. S. é a vanguarda do proletariado, não é mesmo? E que a metallurgia pesada é a vanguarda da U. R. S. S.... E que Magnitogorsk é a vanguarda da metallurgia. E que o alto forno n.° 1 é a vanguarda de Magnitogorsk. Pois então, desde que me puzeram á frente da equipe desse alto forno, eis que eu, o antigo estudante burguez de segundo anno, por uma singular ironia das coisas, sou a vanguarda do proletariado!"

Ri-se de bom grado. Estou admirado da perfeita cordialidade que liga os operarios do Partido a Skobelef. Aqui — se, por um lado, é verdade que se vigiam os sabotadores — não se eliminam os especialistas por systema, mas applica-se, numa collaboração intelligente, as directrizes que Stalin dava a esse respeito em seu discurso aos dirigentes de emprezas.

Emquanto conversavamos com Skobelef, na barraca de madeira da direcção, a noite cahiu. Sahimos, e encontramo-nos no coração da mais extraordinaria paysagem que se possa imaginar...

A gente ás vezes tem sonhos assim. Dormindo, sobe-se em construcções que, positivamente, não sãas reaes. Caminha-se em escadas de agua e em passadiços de nevoas. A gente anda a passos lentos, ou dansa sobre uma corda que não é mais queimaginação, e depois

caminha sobre uma trave que não é mais que um raciocinio, logico... Sonhos em que o cerebro tem uma influencia tanto maior que os pés, quanto a gente tem a impressão de estar de cabeça para baixo e com os pés no ar. Aqui, qual é a funcção dos pés? Evitar os pequenos buracos. Mas, e a cabeça? A cabeça torna-se desmesurada, de tanto se encher das visões das construcções gigantes. Aqui, tem-se a vertigem de baixo para cima. E os ruidos — pistoletes automaticos, martellos, vapores, apitos, solda autogenica, devastam o ouvido, e depois o liquidam.

Os muros de cimento armado, os madeiramentos, as chaminés, as tubuladuras verticaes de ferro são as columnas da noite. A gente não sabe mais de que altura partem esses jactos de luz branca de mil e de duas mil velas, nem se são cumes de pharóes fixos ou supportes de luz.

Na sala das machinas assopradoras, no ultimo andar, onde a gente chega não se sabe bem porque, a gente é agarrado pelos reflectores, que nos cingem de alto a baixo com sua intensidade pallida. A gente caminha por um vasio luminoso no fundo do qual motores massiços e as assopradoras parecem caramujos, em redor dos quaes se mexem pulgas de areia. Os planos inclinados e as escadas de claraboia tapam e mostram visões de aeroplano. A sala das machinas assopradoras, com sua carapaça de vidro, será um aquario? Estamos no ar ou na agua? Este cano de gaz, que circula vagarosamente na ponta duma corrente de guindaste, quem foi que o pescou? E esta escada, vae para o céu ou até as entranhas da terra? E, antes de mais nada, onde é que fica, neste alpinismo de taboas de andaimes, o nivel da terra? Como, um cavallo? E porque está elle no terceiro andar? Não, de facto, talvez seja o subterraneo. Que medida o dirá, neste paiz transtornado de agua suspensa e de ar encerrado? Que trincheira! O fundo? Será o nivel do planalto, ou é que vamos, por ali, até o nivel do mar?

Os altos fornos.

O angulo de dobramento das vertebras do pescoço é perfeitamente insufficiente. Para se vêr bem os gigantes, seria necessario a gente deitar na terra. Mas isso é imposivel, porque a terra é um emmaranhado de madeiras e de ferros.

O alto forno n.º 1 faz um gesto oratorio com seu braço direito que se ajusta a sua orelha direita.

O alto forno n.º 2 tem úa mão no quadril. Os *derricks* sobre trilhos gyram em torno dos *cowpers* — mantos religiosos de trinta metros sob um sól artificial — e acariciam o cume das csapas de ferro com suas pernas finas. Aqui, perde-se completamente o senso das dimensões. Um alçapão. E o alçapão esconde uma estação. Uma estação com seu trem, sua locomotiva, seu chefe de estação, seus apitos e suas agulhas. Um trem carregado de tijolos segue uns trilhos perfeitamente rectilineos no *no mans land* de Verdum. E a gente o transpõe.

Cortejo de ornamentação antiga, eis as carregadoras de tijolos. Camponezas. Sobem, descem, avançam, recuam, em toda a extensão dum tunnel de madeira, num bailado silencioso que vale mais que todos os *Krasny Mak* de Moscou.

Os *udarniks* collocam os tijolos do *cowper* no rez do chão. Primeiro andar, retratos de *udarniks* ornam o passadiço do escriptorio. Segundo andar, os *udarniks* trabalham na bocca dos fornos. Terceiro andar, os *udarniks* demolem os madeirames. Quarto andar, os *udarniks*. Quinto andar, os *udarniks*. Sexto andar, os *udarniks*. Setimo andar, os *udarniks*...

E, bem no alto, suspenso não se sabe onde, ha ainda um *udarnik*. A gente não o vê, mas elle deve estar reparando um cabo electrico preso ao cume dum *derrick*, bem perto duma enorme lampada de reflector. A gente não o vê, mas vê sua sombra. Uma sombra de sete metros, que se balança sobre as chapas de ferro do alto forno n.º 2, gesticulando.

Essa sombra está na proporção de Magnitogorsk.

E essa é a verdadeira dimensão dos homens daqui...

VI — Koksachim, ou as novas maravilhas do mundo

A usina de coke de Magnitogorsk é a mais poderosa e a maior do continente Asia-Europa.

Ella consumirá, por dia e por bateria, 1.500 tonelladas de carvão do Kuzbass e, eventualmente, do Kasakstão. 12 trens de carvão para as oito baterias de 69 fornos.

Sua producção será de 1.000 toneladas de coke, por bateria e por dia.

Suas intallações para a fabricação de amoniaco synthetico lhe permittirão uma producção que nenhuma usina similar allemã póde attingir.

Mas a usina de coke não é apenas uma maravilha industrial. Ella é, ao lado dos altos fornos e de suas dependencias, a mais attrahente das maravilhas architecturaes, o *Koksachim*, como se o chama.

Em Kuznietsk, as proporções dos gigantes não são tão chocantes porque elles estão amontoados uns junto aos outros. E' úa multidão de gigantes.

Aqui, cada monstro com sua cadeia de construcções e de armações de aço, se destaca no horizonte do lago, formando um todo compacto. E *Koksachim* é particularmente impressionante por seus silos, suas chaminés e as tubuladuras de seus *scrubers*.

Koksachim é uma cidade de torres, de torreões e de torres ôcas. Ora finas, ora grossas, ora espaçadas, ora serradas umas contra outras, ellas dominam as vastas construcções dos fornos que cercam a Torre do carvão ou a plataforma.

A belleza de *Koksachim* deixa longe a fortaleza ou mesmo a cathedral, cujas linhas elevadas e poderosas faz lembrar.

Aqui, a elevação da linha não exprime nenhuma mystica. Exalta tão sómente as exigencias physicas ou chimicas da materia em transformação, e a força da linha não exprime a dominação duma classe parasitaria sobre uma classe explorada, mas a victoria global do trabalho intelligente.

Sobre a Torre do carvão, o duplo torreão de suas enormes chaminés solta a fumarada dos primeiros fogos.

As folhas de ferro cylindricas de *scrubers* amontoadas formam um muro deante da amurada do transportador, suspenso em suas columnas de aço como uma ponte levadiça, entre a Torre do carvão e a Torre onde se fazem as misturas, proxima dos silos cujo apice ainda está corôado com os revestimentos de taboas.

E essas torres têm suas cryptas e suas naves.

Na semi-obscuridade da Sala dos Accumuladores, onde 33 grandes funis automaticos descarregarão o carvão vindo do alto da plataforma para o transportador que o conduzirá ao triturador, Barmasov, secretario do Partido, nos fala das performances attingidas na construcção pelas brigadas Buchovtsev, Iakolew, Smanov, Lovotkine...

O transportador foi montado em quinze dias.

— Elle possúe dois kilometros, diz o engenheiro Weissblat, um camarada que trabalhou durante muito tempo em Paris, na Sociedade Geral de Electricidade, na Westinghouse e em Clichy, e que morava na avenida Gambetta. Foi feito ao rythmo de choque, por 100 companheiros, dos quaes 40 das Juventudes e 37 do Partido. Se soubesses a alegria que possúe a gente, quando se sabe que emfim se está trabalhando para si mesmo e para o proletariado mundial, depois de se ter gasto 20 annos de sua vida com o patronato! Ides vêr nosso trabalho. Ainda não está muito reluzente, mas anda!"

Num entrechocar de cylindros, desamarra-se a corrente do transportador, enchendo-se a longa sala escura dum rebombo que nos obriga a gritarmos aos ouvidos uns dos outros para nos entendermos:

— Quando penso em Paris, continúa Weissblatt, nas manifestações do Muro, digo, vendo o que fazemos, que isto é a revanche da Communa! E nós nunca faremos tudo o que devemos para apressar a revolução mundial!

Ao pé dos silos enormes, onde serão misturados os carvões de Prokopievsk e de Leninsk, um camarada rumeno me conta a competição dos betoneiros das juventudes com duas outras brigadas, no alto das três torres.

— Era um de nossos trabalhos de armação mais difficeis, e estavamos atrazados... As três brigadas começaram a emulação a 20 de setembro. No principio, as coisas iam mal. Era preciso por-se em dia. No segundo dia, a brigada das juventudes — composta de kolkhozianos — tomou a dianteira. No terceiro dia, a primeira brigada passou na sua frente, deixando-a para traz.

A brigada das juventudes se sentiu humilhada e decidiu estudar immediatamente todos os detalhes de organisação do trabalho proprios a fazerem com que fôsse recuperado o tempo perdido. Quando uma brigada ia almoçar, a outra delegava logo um observador para vêr o tempo que ella levava. Se a brigada n.° 3 levava uma hora, a brigada n.° 1 resolvia não levar mais que meia hora. A brigada n.° 1 tinha melhores carpinteiros que a brigada n.° 2, mas a brigada

dos komsomols possuia os trabalhadores mais habeis em armação. Cada brigada empregava o maximo de seu esforço em reforçar seu ponto fraco, e procurava tirar todos os beneficios da organisação da outra.

Houve duas semanas de verdadeiro delirio de emulação entre as brigadas.

Cada uma dellas possuia seu homem "de dia" especial, cujo trabalho era — desde que os materiaes ameaçavam faltar ou que era necessario uma ferramenta — telephonar afim de obtel-os. Telephonava-se, de toda a parte, á direcção, naturalmente, mas não sómente á direcção. Telephonava-se aos altos fornos, á central electrica, á officina mechanica, á cidade socialista, a todas as officinas.

— *Allo! Pregos?*

— *Allo! Madeira?*

— *Allo! Cimento?*

— *Allo! Serrotes?*

E as brigadas de komsomols mantinham ligações atravez de todo o planalto, afim de encontrarem o que seus campeões pediam e enviar-lhes com urgencia.

Os homens "de dia", aprovisionados pelos *udarniks* das outras brigadas, distribuiam cigarros aos competidores, os refrescaravam, os tratavam com cuidados verdadeiramente esportivos.

E os silos cresciam como cogumelos. Os actos de heroismo se multiplicavam.

Um pedaço de páu cahe de mau geito na cabeça dum *udarnik*. Elle desmaia. Transportam-o para a ambulancia. Um automovel da Cruz Vermelha vem buscal-o. Exactamente nesse momento, elle volta a si. Vê a enfermeira, a padiola, as physionomias circumstanciadas de seus camaradas. Elle se levanta, e, furioso, diz:

— Hein? O que? Quereis me levar embora? E o silo? Quem é que vae fazel-o? Podeis ir-vos! Quanto a mim, volto para a officina. Não tenho tempo de ficar ferido.

Como Kalotchnika, úa moça de 18 annos, não quizesse abandonar o trabalho feito. Os komsomols ganharam o match. De 20 de setembro a 5 de outubro, foram levantados por elles 13 metros e 50 de silo, e os outros chegaram a um tamanho quasi igual...

E todos os jovens que ainda não estavam organisados adheriram ás Juventudes communistas!

— Estaes vendo essa amassadora de cimento?, prosegue o engenheiro. Foi com elle que organisámos nossas Olympiadas... Sim, as Olympiadas do cimento... Duraram umas semana, e se realisaram em principios de setembro.

— Diversas equipes, no mesmo lugar, com a mesma machina, nas mesmas condições, fizeram um concurso de qualidade, de quantidade e de organisação. Controlava-se tudo, chronometro em mão.

"Nos primeiros dias, a machina esperava o homem. Então, cada qual estudava a economia de seus movimentos, a concordancia de seus movimentos com os dos outros e a machina. E as brigadas trabalharam tão bem, que em breve foram os homens que tiveram que esperar a machina. O rendimento attingiu 312%. O movimento que iniciáramos se espalhou por toda a U. R. S. S. E hoje é a União que detem o recorde mundial, com 1.196 misturas de cimento em 8 horas.

— Naturalmente, conclúe o engenheiro, essas cifras são excepcionaes, mas a média — graças á organisação socialista do trabalho, vae sendo agora por toda parte sobrepujada. Tanto e tão bem, que nossas machinas, que são machinas construidas para o rythmo capitalista, se tornam, para os camponezes de hontem que formam o novo proletariado de nossos gigantes industriaes, para nossos kolkhozianos arrastados ao rythmo socialista — instrumentos imprestaveis cuja substituição se impõe!

Esse é, effectivamente, um dos aspectos do problema de toda a industria socialista na U. R. S. S.

No mundo novo, o progresso caminha tão depressa, a Revolução justificou a tal ponto o nome de "*locomotiva da historia*" que lhe dava Marx, que tudo o que o capitalismo lhe lega, apparecerá dentro em pouco, sobre os trilhos do socialismo, como um trem jocoso de diligencias, de caléches e de carros de bois...

E o mais curioso é que isso já seja tão sensivel aqui, onde, ao lado das maravilhas modernas das construcções gigantes, subsistem

ainda os meios primitivos dos constructores dos dolmens (1) e dos menhirs... (2)

O homem socialista é a verdadeira nova maravilha deste mundo. E, atravez elle, apparece toda a differença entre a racionalisação capitalista partida do alto para a super-exploração dos homens, e a racionalisação socialista, organisada por baixo, pela propria massa, para a libertação do proletariado mundial; toda a differença que separa o automatismo assassino das victimas, da consciencia enthusiasta dos vencedores.

VII — Escrevei aos udarniks de Magnitogorsk!

Se, no decorrer de minha viagem, faço todo o possivel por mostrar a U. R. S. S. atravez de seus homens, é, em parte, porque espero firmemente que os trabalhadores da França não deixarão de aproveitar a occasião que se lhes offerece, para pedir aos operarios e operarias que povoam minhas viagens, que se correspondam com elles. Cada um desses personagens é real. Cada um desses camaradas espera impacientemente saber o que pensam os operarios francezes de seu trabalho, e cada um delles arde do desejo de informar e de ser informado, afim de melhor poderem exercer em commum seu trabalho revolucionario.

Numerosas indagações se apresentam, effectivamente, aos operarios francezes. E, em primeiro plano, a da differenciação dos salarios na U. R. S. S. Que não seja por isso! Os operarios russos responderão. Qual a razão porque um operario não-qualificado recebe, ainda, apenas 70 ou 80 rublos, quando um operario qualificado ganha 300 ou 500? Pela razão muito simples de que a U. R. S. S. tem necessidade immediata e inadiavel do maximo de operarios qualificados, e que é necessario obrigar o operario não-qualificado a se qualificar o mais rapidamente possivel.

(1) Monumento megalithico, formado por uma grande pedra horizontal, sobre outras duas menores e verticaes, formando úa mesa. Vem do celtico, **tolman**, mesa de pedra. (N. do T.)

(2) Grande pedra fixada verticalmente no solo. São muito abundantes na Bretanha. (N. do T.)

Um simples operario permanece sem qualificação um tempo extremamente curto. Ou é operario de estação, e então, quando elle termina, volta para a aldeia, ou então — e essa é a esmagadora maioria dos casos — adquire rapidamente uma qualificação. Todos os meios são empregados para se obter esse resultado: cursos nocturnos, escolas de aprendisagem, organisações de aperfeiçoamento technico, imprensa, radio, etc. "Armae-vos technicamente", disse Stalin. A massa dos operarios está em perpetuo movimento na U. R. S. S.

O trabalho de aprendiz é, de certo modo, o vestibulo pelo qual não fazem mais que passar os milhões de camponezes que entram na industria. Emquanto que no mundo inteiro a racionalisação capitalista tende a fazer o operario regredir a aprendiz, na U. R. S. S., a industrialisação gigante exige a multiplicação dos operarios qualificados.

Será isso, e serão muitas outras coisas, que os operarios sovieticos explicarão aos operarios francezes que lhes escreverem.

Ahi vão algumas pequenas biographias, que poderão servir de ponto de partida a uma correspondencia a se effectuar entre os trabalhadores francezes e os *udarniks* das emprezas gigantes da Asia uraliana.

Trata-se de camaradas que trabalham na construcção dos altos fornos de Magnitogorsk.

Alexandre Michailovitch Kolbine nasceu em 1897, na região de Leningrado, districto de Vijegorod. Seu pae era operario numa fabrica de calçados. Toda a familia habitava um porão no fundo do terreno da fabrica. O proprio Alexandre Michailovitch começou a trabalhar ahi aos 12 annos, depois de ter seguido, durante três annos, a escola elementar. Elle era aprendiz. Quando fala dessa época, elle diz, melancholicamente:

— Eu estava então no fim de minha infancia.

Então recomeçaram para elle as reprehensões e os maus tratos na officina. Elle trabalhava no começo de 14 a 16 horas por dia, sem receber nenhum salario. Depois deram-lhe 3 rublos por mez. Aos 18 annos foi encostado na officina de admissão. Em 1916 — tendo

19 annos — o exercito tsarista o obrigou a entrar para suas fileiras e elle foi para a frente.

Estourou a Revolução de fevereiro. Seus camaradas nomeiam Kolbine presidente de seu Conselho de soldados. Quando Kerenski quer desencadear a offensiva de julho, exigida pela Entente, Kolbine recusa enganjar o regimento que representa. Os soldados se desmobilisam por si mesmos. Em suas fileiras, progridem as palavras de ordem bolcheviks: a terra e a paz. Dissolvido o regimento, Kolbine volta a Petrogrado. Entra para a usina e participa da revolução de outubro. Adhere ao Partido e se torna presidente do comité de sua usina. Entretanto, os francezes e os inglezes ameaçam Arkhangel. O Partido appella para os deffensores da Republica. Kolbine levanta 450 operarios, constitúe um destacamento de partidarios e parte para o Norte.

— Nós combatiamos, diz Kolbine, com bayonetas e com hurras!

Repellida a intervenção, Kolbine leva seu destacamento para combater Denikine, depois Yudenich, e, por duas vezes é ferido.

Terminada a guerra civil, Kolbine passa para a frente industrial. Recebe o commando do 5.° batalhão de engenheiros, encarregado de resuscitar as usinas, as minas e as fabricas do Ural devastado. Desmobilisado, se transforma em funccionario do Partido, depois em estudante na Universidade Sverdlovsk, até 1930. Hoje é secretario da cellula dos altos fornos, em Magnitogorsk. Escrevei-lhe!

Yakov Togutchev é um tartaro muito moreno, de olhos rasgados. Seu pae era docker no porto de Astrakan, na emboccadura do Volga. Elle tem 25 annos. Está syndicalisado desde 1922, e é membro das Juventudes desde 1926. Foi operario confeiteiro, depois trabalhou no arsenal, em seguida no porto.

— Quando cheguei aqui com cinco outros camaradas, perguntei a mim mesmo o que ia fazer. Receberam-me primeiro como aprendiz, depois como carpinteiro. Em seguida, aprendi o officio de betoneiro. Minha brigada(com sua machina, chega a fazer 440 misturas de betume, em lugar das 250 da média. Em quatro horas, uma vez, conseguiu 360 misturas.

A brigada de Yakov Togutchev, o tartaro, recebeu a bandeira vermelha. Escrevei a Togutchev!

Yekine é um sem-partido, um camponez de Kaluga de olhos azues. Tem 37 annos. Quando menino, foi pastor. Depois dirigiu-se para a cidade. Antes de 1914, ganhava 37 kopeks na industria textil, em Narofaminski. Tomou parte na guerra imperialista na Polonia, depois na guerra civil no exercito vermelho, contra Denikine e contra Wrangel. Durante dois annos trabalhou como martellador nas usinas de wagons de Mittich, depois montou armações de cimento em Moscou, no edificio do *Ttik*, na usina *Amo* e em Stalingrado. Emfim, veiu para Magnitogorsk, começou a montar o alto forno ao rythmo de choque. Uma vez, encarniçado em seu trabalho, trabalhou 32 horas seguidas. Ganha 380 rublos por mez.

Elle realisou em agosto 184% de seu plano. Escrevei-lhe!

Germano Cérebrenny tem 31 annos, olhos marrons e sardas. Seu pae era um empregado que trabalhava em Moghilev-sobre-o-Dnieper. Estudou no collegio, mas, para poder viver, dava lições á noite. Entrou para o instituto das estradas de ferro, e, durante as férias, ia trabalhar nas officinas como operario. Reparava as pontes destruidas pelos Brancos. Em 1925, tendo terminado seus estudos, foi nomeado ajudante-mechanico em uma locomotiva.

Entretanto, o que o interessava era a construcção. Em 1919, tendo lhe sido offerecida, como premio ganho num concurso, uma viagem de um anno á America, elle recusou:

— E', diz elle, porque eu acabára de ouvir falar em Magnitogorsk. Meu companheiro Schmidt e eu não sabiamos, nem um nem outro, o que era, mas sabiamos que era uma empreza gigante. Conseguimos entrar na primeira commissão encarregada de ir estudar o terreno, e partimos.

"O que havia então aqui? Exactamente algumas barracas, os alicerces dos escriptorios e duas tendas para os viveres. De Sverdlovsk á estação de Magnitogorsk, tinhamos levado 11 dias. Para ir á cidade, subia-se a uma charrette atrelada a dois dromedarios.

"Fiz meu relatorio a Moscou, voltei, e desde então tenho trabalhado aqui um pouco em toda parte: na barragem, nos altos fornos, na central electrica.

"O primeiro inverno nos apanhou como a ratos na ratoeira.

"De que modo fazer o cimento sem que gellasse? Esquentavamos

a agua; mas, de que modo racionalisar essa operação? Arranjámo-nos com uma velha locomotiva, da qual nos servimos como de uma especie de samovar de cimento, e que nos dava seu vapor. A mistura? Nós a faziamos em cima duma chapa de ferro collocada sobre um fogão de tijolos, onde entretinhamos um fogo de inferno. Collocámos o cimento e elle pegou. Ficámos bastante surprehendidos por ter realisado uma pagina de technica unica no mundo. Mas, que heroismo, o dos camaradas! Seria preciso cital-os a todos, porque são centenas como os rapazes da brigada Kozlov, que trabalhavam em plena chuva de neve, em plena burane, no quinto andar da central electrica, e que não consegui fazer com que parassem antes das duas horas da manhã, pois queriam absolutamente terminar seu serviço. Quanto a mim, sou apenas um dos homens dessa collectividade.

Escrevei a Cérebrenny, chefe dos trabalhos de cimento dos altos fornos.

Escrevei a Georges Petrovitch Rudi, operario de Tula, terraplenador de 30 annos, um louro de olhar dissimulado, que ultrapassa seu plano permanentemente de 18 a 40%, e que ganha 206 rublos.

Escrevei ao sem-partido Sergio Vassilevitch Romanov, kolkhoziano do burgo do Yeltse, na provincia de Tver, antigo camponez médio, que durante a guerra soffreu um choque traumatico e foi envenenado com gaz, carpinteiro desde a idade de 13 annos. E' *udarnik* e ganha, em Magnitogorsk, 250 rublos por mez.

Escrevi a Demian Ivanovitch Permen, um enorme diabo louro siberiano, nascido em Baltach, e que aos 9 annos já trabalhava como operario agricola, e que foi successivamente vendedor de crême, palafreneiro e terraplenador e que assignou um contracto aqui até o fim da construcção. Escrevei á camarada Mikova, das Juventudes communistas.

Todos trabalham nos altos fornos, e cada um delles vos poderá contar os milagres da emulação socialista em sua brigada, e o modo como os operarios não qualificados se qualificam em poucos mezes de construcção.

E notae que nenhum delles é um heróe excepcional. São simplesmente operarios da nova época, operarios que já são outra coisa que simples operarios, homens a caminho duma sociedade sem classes.

São homens que justificam as palavras de Engels, no Anti-Dühring:

Desde que a humanidade se liberte da dominação da classe parasitaria, ella seguirá o caminho do progresso com uma velocidade jamais attingida.

Essa é toda a historia das construcções gigantes e toda a historia dos homens que as constróem. (1)

VIII — Caçadores de calorias

"O Communismo é o poder dos Soviets mais a electrificação".

Essa enorme inscripção, rodeando um Lenine monumental que encima uma tribuna embandeirada de vermelho, me recebe na officina da central electrica de Magnitogorsk.

Hoje será posta em movimento a primeira turbina da nova construcção gigante.

Meu amigo Skobelev, que foi outr'ora encarregado pelo Commissariado dos Negocios Extrangeiros de importantes missões diplomaticas e commerciaes no Occidente, é quem dirige em Magnitogorsk a organisação do serviço energetico.

Elle nos conduz de sala em sala, na immensa construcção onde a primeira turbina — uma turbina allemã de 12.000 kw — no meio dum circulo compenetrado de engenheiros, montadores e operarios, vem de accender sua primeira lampada.

Esta é uma noite particularmente solemne. Esta pequena lampada é o primeiro movimento do gigante siderurgico, a primeira manifestação de vida do monstro de cimento armado, que milhares de homens construiram sobre a steppe em quatorze mezes. Póde-se imaginar a emoção que devora esses homens.

Deve-se dizer que o papel de que Skobelev se encarregou convem perfeitamente a seu enthusiasmo. E essa carga que repousa sobre

---

(1) Escrevei-lhes, seja directamente, seja por intermedio de seu jornal: "O Operario de Magnitogorsk-Ural".

seus hombros — ser responsavel pela Energia e controlar o cerebro gigantesco duma usina e duma cidade operarias — elle a carrega com uma serenidade scientifica que não exclúe a paixão e o lyrismo.

Depois de visitar as caldeiras, a sala das bombas de alimentação e os 80 postos dos quadros de distribuição, depois de vêr os ventiladores, os aquecedores de ar, os ventiladores, os caldeirões de distillação, subimos acima das turbinas, até o tecto, a 42 metros de altura.

Em baixo de nós, na immensa sala, emquanto a primeira caldeira fumega e distribue seu vapor, a segunda vae sendo terminada, a terceira montada, e collocam-se os alicerces da quarta.

Em nosso redor, no circulo do horizonte, extendem-se a Europa e a Asia. A leste, a Asia, a oeste, a Europa, separada pela espinha dorsal de seu Ural.

Entre a Europa e a Asia, invenção geographica dos homens, o lago. E, desde o lago até a Montanha Imantada, desde o sovkhoze e seu elevador até o kolkhoze de Magnitnaia, as officinas, os altos fornos, os silos, os reservatorios, as usinas, as construcções envidraçadas, os escriptorios, as barracas e as casas da cidade socialista, numa extensão de 45 kilometros quadrados!

Em todo o redor da estação enfileiram-se como tentaculos os trilhos da estrada de ferro, os canaes, os tunneis, os cabos e as trincheiras.

— Do lago, diz Skobelev, deverão sahir, para alimentar a central electrica e os altos fornos, 32 metros cubicos de agua por segundo. Cada segundo se evaporarão e ficarão perdidos três metros cubicos de agua. Uma interrupção de 20 minutos no fornecimento de agua significaria uma verdadeira catastrophe para a central e o planalto. O que equivale a dizer que um dos controles que devemos fazer aqui, é o da agua.

"Em seguida vem a alimentação em carvão, quer dizer, em vapor, gaz e naphta. Sómente em carvão, a central consumirá, sósinha, 1.200.000 toneladas e as machinas 500.000.

"Daqui podeis vêr a abertura dum tunnel que ainda não foi recoberto. E' por esse tunnel, de 1.000 metros de comprimento, de um metro e cincoenta de largura e de dois metros de altura, que irão passar os cabos de alta tensão que alimentarão os altos fornos. Nossos betoneiros deslocaram 24.000 metros cubicos de terra e collocaram

6.000 metros cubicos de cimento em três semanas. E' um recorde mundial.

"Nossa central terá uma corrente de 10.500 volts. Mas ha em nosso territorio motores que empregam voltagens de 3.500 e de 380 volts, donde, seria necessario abaixar nossa corrente? Teremos 16 estações de transformadores no combinado metallurgico.

"Para levar as correntes ás minas e á cidade socialista, necessitaremos de uma outra central principal, que elevará nossa corrente de 10.500 a 37.000 volts.

"Para mandar ás usinas de Bielorietz, que ficam a mais de 100 kilometros daqui, a força que lhes é necessaria, ser-nos-á necessario transformar nossos 10.500 volts em 110.000 volts.

"Quando Magnitogorsk der quatro milhões de toneladas de fundição, em lugar de 300 ou 350.000 kw, teremos que produzir 550.000 kw.

"Construir-se-á, então, uma nova central, nos limites da cidade. No inverno ella fornecerá calor e luz. No verão, deveremos por-nos em communicação com as outras centraes do Ural, e, para isso, montar um transformador que fará com que nossa voltagem passe de 10.500 a 220.000 volts.

"Para obter a energia que nos será necessaria no começo, para a alimentação tanto da Central como dos oito primeiros altos fornos e de suas dependencias, teremos dois aggregados de 12.000 kw., um tubo-gerador de 24.000 kw. e cinco aggregados de 50.000 kw., quasi todos de fabricação sovietica.

"Uma central electrica como a nossa, produz, além da electricidade, o calor, e o excedente de vapor de suas caldeiras póde ser utilisado para as usinas. Aqui, não levaremos a pressão a mais de 25 ou 30 atmospheras, mas, na central da cidade Socialista, nossas caldeiras darão de 100 a 130 atmospheras. Assim, além de abastecerem as turbinas, garantem o aquecimento dos apartamentos operarios.

"E' uma verdadeira symphonia de vapor e de gaz que temos que dirigir. Vapor na estação electrica, gas nos altos fornos, gaz nos fornos Martin, gaz nos laminadores, gaz nas usinas de coke. Por

toda parte ha energia a recuperar, e essa energia deve ser distribuida por toda parte, afim de engendrar novas energias.

"Somos os caçadores de calorias, e devemos descobril-as em toda parte, inclusive no banho de coke incandescente.

"O aquecimento exigido pelo clima da Siberia não permitte que percamos uma só.

"Ah! E é preciso não esquecer que, entre carvão metallurgico e carvão energetico, necessitamos aqui de 3 milhões de toneladas de carvão por anno. Se conseguirmos organisar com precisão nossa symphonia de vapor, e capturar todas as calorias em todos os lugares por onde circulam e por que se evadem, teremos economisado um milhão de toneladas de hulha.

"Comprehendeis o que isso significa, quando temos que mandar buscar nosso carvão a 2.000 kilometros daqui!

"Esse aspecto do problema, a caça ás calorias, tinha sido systematicamente suffocado pelos sabotadores do Partido industrial, com Ramsine á frente. Hoje arrependidos, elles nos ajudam a resolvel-o.

"Daqui a 5 annos, nesta cidade industrial que levantará suas cem chaminés no horizonte do Ural, espero que já tenhamos realisado uma symphonia ideal de forças".

A's palavras de Skobelev, a gente se sente tomado pelo lyrismo novo da industria socialista. Nada mais detem o impulso do progresso industrial. Um extraordinario enthusiasmo intellectual arrasta a gente a perspectivas vertiginosas.

E é esse mesmo enthusiasmo que me possúe, quando, novamente ao nivel dos homens, na tribuna onde devo falar em nome dos trabalhadores da França, aos montadores da primeira turbina, encontramo-nos em frente a milhares de olhos attentos, heroicos, serrados aos pés do Lenine monumental.

Luzes vermelhas, rebrilhar de olhos, alvura de faces, clarões de cobre. Pharóes, cantos, silencios, palavras de fogo. Sereias. Uma locomotiva marca o compasso do coração da multidão enthusiasta. Eloquencia collectiva dessas forças, que servem a força central do Planalto. Metallurgia, industria e defesa.

No céu verde e rosa, a chaminé da primeira caldeira envia, sua fumaça, como uma mensagem revolucionaria, para o Occidente.

IX — A Cidade Socialista

Os cavallos, em Magnitogorsk, vivem seus ultimos tempos de gloria.

Cavallos puxando wagonetes. Cavallos atrelados a esses carrinhos de duas rodas que servem para transportar terra, cavallos de fiacre, cavallos de sangue — elles são, como os camellos queixosos, as ultimas recordações da steppe.

Do mesmo modo que as carregadoras de tijolos, os manejadores de alavancas, os torneiros de cabrestante e os laçadores, são as sobrevivencias do antigo trabalho barbaro que edificou as Pyramides.

Dia a dia, a technica moderna os arremessa um pouco mais para o passado.

Dois cavallos nos levam a galope, de tarantass, á *Cidade Socialista*, construida para o tramway, o automovel e o aeroplano.

Aqui, num pedaço de terreno, num valle que se levanta acima do Ural, em lugar bastante afastado das usinas, o socialismo constróe uma cidade para 150.000 habitantes.

A *Cidade Socialista* não tem nem igreja, nem cemiterio. Deus é abolido e os mortos são postos em sua devida posição. Os vivos têm seu clube e os cadaveres seu forno crematorio.

A cidade antiga aggrupava suas casas baixas em torno do campanario. A *Cidade Socialista* aggrupa seus altos predios em torno da escola. E tudo é escola, desde a usina até o clube, o theatro, o cinema e o parque de cultura. O radio, emfim, difunde a sciencia por toda parte...

As cidades antigas possuiam seu mercado ou sua feira.

A *Cidade Socialista* não tem mercado.

A anarchia capitalista ponteava a cidade de lojas, luxuosas, decentes ou cavernosas, levantadas para a concorrencia, umas em frente ás outras. Essas lojas subsistem ainda nas cidades antigas, adaptadas tanto quanto possivel, ao commercio socialista...

Aqui não ha nada disso. Substituem-nas, no Plano, os *Armazens Universaes*, as padarias, os restaurantes.

A cidade antiga era feita de ruas e de passeios escravisados ás

portas ou aos muros que cercavam a cidade. Era uma fortaleza habitada por uma guarnição, uma fortaleza de trincheiras tortuosas, nas quaes os automoveis e os tramways parecem, hoje, intrusos estorvantes.

A *Cidade Socialista* não possúe ruas. Possúe praças. E suas crianças pódem passeiar entre as casas sem risco de serem esmagadas.

Era deante do mercado ou da igreja que os homens se reuniam nas cidades velhas, sob o signo do dinheiro ou da religião.

Aqui, no centro da cidade, reservou-se um lugar para a *Praça das Demonstrações*, onde a massa se homenageia a si mesma, na exaltação da vida e do trabalho collectivos.

A *Cidade Socialista* se compõe duma série de quarteirões autonomos, cuja população vae de 8.000 a 10.000 habitantes.

Eis aqui um quarteirão já construido e já habitado por 4.800 trabalhadores. E' constituido por uma série de blocos de construcções, chamados aqui "completos". Cada "completo" se compõe, em média duma casa de apartamentos de 32 alojamentos, repartidos em quatro andares. Cada casa é flanqueada por um resturante, um jardim da infancia e uma créche.

Entre cada "Completo", uma praça com seus jardins, um quadrado.

Cada quarteirão possúe sua *Escola de nove annos*, cuja disposição é escolhida de a que nenhuma criança tenha que andar mais de 500 metros para chegar a ella, seu *Armazem Universal* e seu posto de correio. A escola deste quarteirão tem 250 metros de fachada. Projectam-se onze quarteirões de pedra, em tijolos ou granito, e seis quarteirões de madeira. As fabricas alimenticias, as fabricas-cosinhas e as fabricas de farinha são relegadas á peripheria, do mesmo modo que os hospitaes e a Faculdade de medicina.

O centro é occupado pelos theatros, pelo Circo, pelos clubes, pela Casa dos Soviets, a Casa dos Syndicatos, pelo *Armazem Geral Universal* e pelas garagens. Lá se encontra, tambem, *a Praça das Demonstrações*.

A *Cidade Socialista* possúe, além dum estadio, dois parques de culturas de 25 hectares — com sanatorio e casa de repouso — quatro piscinas e quatro lavanderias centraes.

A estação, destinada a servir a cidade, fica situada ao norte, á

margem dum enorme lago artificial, alimentado pelas aguas de lavagem dos mineraes.

Os tramways e os omnibus, que só devem circular pelas arterias principaes, serão dispostos de modo a que nenhum ponto da cidade um trabalhador terá que percorrer mais de 400 metros para ir de sua casa a uma estação.

O aquecimento de toda a cidade será assegurado por uma Central electrica de 100.000 kilowatts, que distribuirá seu excedente de vapor, ao mesmo tempo que dará a illuminação.

A agua potavel virá do Ural, de muito alto, em declive.

Um tunnel de 15 kilometros transportará as aguas dos exgotos para os campos de dispersão.

Em cada quarteirão ha varios typos de alojamentos, que vão do menos collectivo ao mais collectivo. Um appartamento com três salas e cosinha, water-closet e banheiro. Esse é o primeiro typo. Segundo typo: quarto individual, com fogão a gaz para esquentar a comida trazida da fabrica-cosinha. Esse alojamento comprehende um banheiro para cada quatro quartos...

Emfim, terceiro typo, a *Casa commum*, que é uma especie de vasto hotel, com quartos e banheiros, mas na qual o restaurante faz parte da casa, em lugar de ser separado.

Acompanhados de Chedlovski, um dos organisadores dos trabalhos, entramos numa casa do segundo typo, construida segundo os planos do engenheiro allemão May.

Um estylo agradavel e simples, com grandes janellas e um mobiliario intelligente. Moveis largos, envernizados, pretos, grandes e uteis. Num canto, o alto-falante da estação de T. S. F., accessorio já agora indispensavel da casa sovietica.

Os operarios que nos recebem elogiam o tamanho das peças e o conforto do mobiliario. O alojamento representa, incluindo todos os gastos e impostos, menos da decima parte do salario médio dum operario metallurgico.

Observo meus hospedeiros. Esses camponezes transplantados se sentem perfeitamente á vontade, nesse meio novo para elles. O meio contribue poderosamente para sua evolução ao typo do homem socialista.

Pergunto a Chedlovski a razão pela qual a construcção da

Cidade Socialista está em atrazo sobre a dos estabelecimentos industriaes.

A razão essencial é que o projecto primitivo de Magnitogorsk comprehendia uma producção de apenas 650.000 toneladas de fundição, o que correspondia a uma população bastante reduzida.

Quando se resolveu construir para uma producção que ia de 2.500.000 toneladas a 4 milhões de toneladas, foi necessario construir apressadamente o com que alojar a mão-de-obra provisoria. Foi então que se levantou uma série de cidades de barracas, em lugar de edificar immediatamente a *Cidade Socialista.*

— Agora, á medida que chega o material e em que ha mão-de-obra, diz Chedlovski, fazemos todo o possivel por recuperar o tempo perdido. A questão da moradia está no primeiro plano das cogitações do Partido, aqui no Planalto. Construimos ao rythmo da emulação socialista. Cada uma dessas casas de tijolos, de 4 andares, 62 metros de comprimento por 11 de largura, foi construida, em média, em 60 dias. Hoje, com os progressos da organisação do trabalho e os novos materiaes, póde-se prever a construcção dessas mesmas casas em 36 e mesmo 25 dias! Uma casa de madeira do typo standard póde ser montada em 12 dias. Em dois dias, com uma equipe de 5 operarios revezando-se por postos, monta-se o esqueleto.

E' verdadeiramente ao rythmo socialista que se constróe a *Cidade Socialista*. Quando estiver terminada, ella será o typo da Cidade nova, sonhada ha tanto tempo por milhões de homens, em toda a superficie da terra; e, no immenso territorio da U. R. S. S., centenas de *Cidades Socialistas* surgirão com o segundo Plano Quinquennal!

Nella viverão os homens novos, nas alegrias alternadas do trabalho e do repouso, os homens que se sentirão, cada um, o elemento caloroso duma collectividade mundial, os homens para os quaes o conhecimento não será mais uma divindade longinqua, mas uma comensal de todos os dias.

Entre os montes do Ural, o Kazakstão e a Siberia, no lugar em que viéram rebentar as vagas humanas que desbordavam da Asia ou da Europa, no lugar onde turcos, tartaros, normandos, russos e bachkirs, vindos de todos os pontos cardeaes, se disputaram ferozmente a montanha e a steppe, no lugar em que Pugatchev se levantou e succumbiu, no lugar em que existiram os desterros tsaristas, no lugar onde, depois da Revolução de Outubro, Brancos e Vermelhos combateram, numa lucta de vida e de morte pró e contra o novo mundo, nesse lugar, sobre o proprio terreno onde foram fusilados nove partidarios vermelhos de Magnitnaia, aos pés da Montanha Imantada, viverão emfim, os CIVILISADOS!

F I M

INDICE

Primeira parte

TERRA DE PÃO, CAMPOS DE TRIGO

Pags.

Prefacio 5
1 — Na terra preta, no front socialista 9
2 — O kolkhoze mediocre e a aldeia resuscitada 13
3 — Khokhol, aldeia socialista 17
4 — Zernograd, fabrica de trigo 23
5 — Selmachstroi, arsenal de pão 27
6 — Entre os Tcherkesses libertados 32
7 — Anna-Makharevna, a enthusiasta 38
8 — O plantador de soja e o vinhateiro do Tsar 43
9 — Maria a Governante, ou os ciganos lavradores 47
10 — Porque Djimuran quer um mullah... 52
11 — O kolkhoze pauperrimo e o kolkhoze riquissimo 56
12 — Ismail, o kulak tchetchéne 61
13 — As aldeias da paz 64

Segunda parte

CAMPOS DE PETROLEO

1 — Grosny e os assassinos do petroleo 69
2 — Como vivem e o que dizem os operarios de Grosny 74
3 — Visita a Buniat Zade, rapaz da construcção 77
4 — Barinov, operario mechanico e director do Azneft 81
5 — Uma noite de lucta contra o Proriv 86
6 — Porque o comsomol Batoline deixou de ser um bom operario 89
7 — Encontro com engenheiros francezes 94
8 — L'Humanité, patrono dos poços de Surokhani 99
9 — Prova pelos ares — (Bakú-Moscou) 103

Terceira parte

NO PAIZ DE TAMERLÃO

1 — Regresso á Asia 109
2 — De trem, pelo caminho de Tamerlão 115
3 — Primeiro encontro com os "Bassmatch" 120
4 — ...e então a Estrella vermelha se levantou sobre a aldeia de Chatrud 126
5 — Stalinabad, a cidade pioneira 132
6 — A festa dos "Bastões Vermelhos" em Koktach 138
7 — Ibrahim Bek, "bassmatch" da Sociedade das Nações 143
8 — A noite de Koktach 146

Pags.
9 — A vanguarda do Varsopstroi........................ 150
10 — A lamentação do alphabeto latino.................. 155
11 — Entre os voluntarios do algodão.................. 160
12 — O drama do Vakchstroi.............................. 164
13 — 3.000 = 9.000...................................... 169
14 — Os assombros do deserto............................ 173
15 — O exercito vermelho entre os tigres................ 178
16 — Represa, cadeia, escolas, bazar, caravanas......... 184
17 — Na primavera da liberdade.......................... 191
18 — Samarkand, ou os repteis em "proriv"............... 198
19 — Tachkent, ou a obcessão do véu..................... 202
20 — A noite dos poetas, em Tachkent.................... 210
21 — O jogo da sombra e da luz.......................... 214
22 — Onde se fala de Coty, nos jardins das mil e uma noites 218
23 — Khodjent, cidade chrysalida e cidade de sêda...... 223
24 — Para Moscou, por cima das searas.................. 226

A NOVA SIBERIA

1 — Ural-Siberia, ou os emmigrantes-Gentlemen.......... 231
2 — Ekaterineburgo a morta, e Sverdlovsk a viva......... 235
3 — Uralmachinostroi, floresta de homens................ 240
4 — Siberia, terra da promissão......................... 245
5 — As surprezas de Novossibirsk........................ 251
6 — Bill Chatov, brigadeiro dos arranha-chão............ 255
7 — Micha, o pequeno delinquente, começa a comprehender as coisas... 261
8 — Kuznietskstroi, ou as novas pyramides............... 269
9 — Os kulaks na casa de Dostoievski.................... 274
10 — Emfim, o trabalho forçado.......................... 280
11 — Petrov, ou as competições no aterro................ 284
12 — E a lucta de classe continúa....................... 289
13 — A celebre barraca 29............................... 294
14 — Rythmo de choque, rythmo de offensiva.............. 302

Quarta parte

OS GIGANTES INDUSTRIAES

1 — A geração dos constructores......................... 309
2 — A descoberta de Magnitogorsk........................ 313
3 — As sentinellas de Magnitogorsk...................... 319
4 — Sobre a Montanha Imantada........................... 323
5 — No paiz das dimensões perdidas...................... 327
6 — Koksachim, ou as novas maravilhas do mundo.......... 331
7 — Escrevei aos udarniks de Magnitogorsk!.............. 336
8 — Caçadores de calorias............................... 341
9 — A Cidade Socialista................................. 345

D. RIAZANOV

(Diretor do Instituto Marx-Engels, de Moscou)

A DOUTRINA COMUNISTA SOBRE O CASAMENTO

No momento atual, em que a Humanidade passa por uma fase de transição, a caminho de novas formas de vida, não é preciso ressaltar a importancia da obra de Riazanov. Para se construir uma sociedade nova sobre bases cientificamente solidas, necessario se torna estudar a uma de suas faces basicas, o casamento, através das diferentes epocas da historia do mundo, como tambem o seu delineamento na sociedade futura. E' o que fez D. Riazanov, cuja competencia está fóra de duvida, no livro: A DOUTRINA COMUNISTA SOBRE O CASAMENTO.

I. TUMENEFF

HISTORIA DO TRABALHO

Com o progresso das ciencias, tambem a Historia começou a ser estudada de um ponto de vista mais objetivo. Os autores que se dedicaram ao estudo dos moveis reais dos acontecimentos historicos, descobriram que a causa da maior parte dos fenomenos não deve ser atribuida aos herois ou a méras casualidades, e sim aos fatores economicos que os provocam. Aplicou-se, então, o metodo do materialismo historico, e surgiu uma outra historia que explica cientificamente todas as epocas da Humanidade de acordo com suas causas reais. E' o que fez I. Tumeneff, na Historia do Trabalho em que nos leva a um passeio desde os tempos primitivos até hoje através da idade media. Aprendemos o que foi a economia primitiva, a artesanato, a manufatura e como surgiu a grande industria moderna. Parte do livro o autor dedicou ao estudo dos principios de economia politica, analisando as diversas teorias do valor, etc.. O imperialismo, como forma superior do capitalismo é estudado com profundeza. Especial atenção mereceu a origem e desenvolvimento das organizações proletarias e seus metodos de luta. Os estudiosos dos assuntos politicos-sociais encontrarão no livro bastante material para meditação.